



**I Congresso de Psicologia
da Região Meio Oeste,
Oeste e Extremo Oeste
de Santa Catarina**

ANAIS

***Psicologia:
Olhares e Práticas Interdisciplinares
na Formação Acadêmica e
Atuação Profissional.***

05 a 07/10 de 2017

Unoesc São Miguel do Oeste



© 2017 Editora Unoesc

Direitos desta edição reservados à Editora Unoesc

É proibida a reprodução desta obra, de toda ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios, sem a permissão expressa da editora.

Fone: (49) 3551-2000 - Fax: (49) 3551-2004 - www.unoesc.edu.br - editora@unoesc.edu.br

Editora Unoesc

Coordenação

Débora Diersmann Silva Pereira - Editora Executiva
Copidesque e Revisão Eletrônica: Bianca Regina Paganini
Projeto gráfico: Jessica Albuquerque

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C749a	<p>Congresso de Psicologia da Região Meio Oeste, Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina (1. : 2017 : 05 e 07 out.: São Miguel do Oeste, SC). Anais do Congresso de Psicologia da Região Meio Oeste, Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina / Universidade do Oeste de Santa Catarina. – Joaçaba, SC: Unoesc, 2017. 161 p. ; 30 cm</p> <p>ISSN 2594-8490 Inclui bibliografia Psicologia: Olhares e práticas interdisciplinares na formação acadêmica e atuação profissional.</p> <p>1. Psicologia – Congressos e convenções. I. Título.</p> <p>CDD 150.63</p>
-------	--

Universidade do Oeste de Santa Catarina

Reitor

Aristides Cimadon

Vice-reitores dos Campi

Campus de Chapecó

Ricardo Antônio De Marco

Campus São Miguel do Oeste

Vitor Carlos D' Agostini

Campus Videira

Ildo Fabris

Campus Xanxerê

Genesio Téo

Pró-reitor de Graduação
Ricardo Marcelo de Menezes

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e
Extensão
Fábio Lazzarotti

Diretora Executiva da Reitoria
Lindamir Secchi Gadler

Comissão Organizadora
Lisandra Antunes de Oliveira
Aline Bogoni Costa
Ana Paula Risson
Amanda Saraiva Angonese

SUMÁRIO

Eixo 1	11
A adoção tardia: uma relação entre razão e emoção	12
A construção das relações sociais sobre a perspectiva de artistas circenses	13
A finitude da vida permeando a rotina de trabalho: a visão da morte para os profissionais da unidade de terapia intensiva (UTI)	14
A fragilidade nas relações amorosas modernas	15
A imposição da cultura da produção na subjetividade do adolescente.....	16
A influência do abandono afetivo paterno no desenvolvimento psicológico da pessoa abandonada e as contribuições da psicologia frente a essa temática	17
A integração da prefeitura com a associação de catadores de são miguel do oeste (ACOMAR).....	18
Adolescência e a difícil escolha profissional na modernidade líquida	19
Agressividade, raiva na direção, erro e violações de motoristas jovens	21
Amor: a fantasia do objeto que completa.....	22
As possibilidades de atuação psicológica com pessoas idosas na abordagem centrada na pessoa	23
Cognição e neuroticismo: um estudo com dependentes químicos em abstinência.....	24
Consciência e trabalho na perspectiva coletiva: uma análise das percepções de uma visita ao assentamento conquista da fronteira	25
Cuidador de idoso: relação que envolve afetividade	26
Empresas familiares: dificuldades e facilidades que permeiam a relação de casais empresários na contemporaneidade.....	27
Estresse ocupacional: a saúde do trabalhador em debate	28
Fluidez dos laços e o enfraquecimento das relações sociais.....	30
Incidência da Síndrome de Burnout em policiais militares	31
Mudanças na qualidade de vida após a cirurgia bariátrica	32
O cuidador e o fim da vida do idoso.....	33
O uso de psicofarmacos e as queixas trazidas para o atendimento de psicoterapia na clínica-escola	34
Oficinas de arte na promoção de saúde mental com adolescentes privados de liberdade.....	35
Oficinas de escrita e leitura: uma intervenção possível com pacientes psiquiátricos	36
Perdas e reações psicológicas de vítimas do tornado em Guaraciaba, SC, no pós-desastre.....	37
Prazer e sofrimento no trabalho de motoristas da saúde	38
Psicologia social do trabalho sujo: relato de experiência acadêmica com um agente funerário.....	39
Psicologia – três abordagens: cognitivo-comportamental, psicanalista e humanismo	40
Relato de experiência: a psicologia transpessoal e a visão holística na autodescoberta e no	

desenvolvimento do ser integral.....	41
Repercussão da traição na vida da mulher	42
Saúde mental no trabalho do funcionalismo público: um espaço para repensar as relações institucionais	43
Violência contra a mulher e a cultura do machismo: relato de uma atividade acadêmica em psicologia social.....	44
O impacto da figura paterna no desenvolvimento emocional e da personalidade dos filhos... 45	
Eixo 2	55
A atuação em saúde mental nos nasfs da macrorregião de saúde do grande oeste de santa catarina.....	56
A inserção do psicólogo no programa saúde em casa: um relato de experiência.....	57
A percepção de agricultores familiares sobre o seu fazer no campo e o adoecimento psíquico.....	58
A percepção de estudantes sobre a interdisciplinaridade em saúde: experiências do pet – saúde	59
A singularidade do espectro autista	60
Acesso e atenção à saúde dos imigrantes haitianos em unidades básicas de saúde de chapecó, SC	61
Além do que se vê: a atuação dos profissionais do Instituto Médico-Legal (iml) em um ambiente onde a vida começa, transcorre e termina	62
Aspectos psicossociais da hanseníase	63
Atuação do psicólogo na atenção básica de saúde: relato de experiência em um curso de Psicologia.....	64
Campanha de sensibilização acerca da profissão psicólogo 2017	65
É preciso apostar no adolescente: possibilidades de intervenções em espaços públicos.....	66
Estratégias de cuidado e suporte em saúde mental entre mulheres agricultoras de Saudades, SC	67
Facilidades e dificuldades de estagiários de psicologia na condução de grupos com os usuários de um centro de atenção psicossocial do Extremo-Oeste Catarinense	68
Fórum psicossocial: a aproximação entre as políticas públicas com a formação acadêmica ...	69
Grupo com gestantes no âmbito da saúde coletiva: dispositivo de prevenção e promoção da saúde mental.....	70
Grupo de estudos da proteção social especial da microrregião de Itapiranga, São João do Oeste, Iporã do Oeste e Tunápolis	71
Grupo de orientação profissional realizado com adolescentes de um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos de um município do Extremo-Eeste Catarinense	72

Idosos asilados: análises a partir de histórias de vida.....	73
Imigrantes no território: a importância do trabalho das agentes comunitárias de saúde	74
Implicações do trabalho de equipes de apoio à saúde da família na constituição da rede de atenção psicossocial	75
Intervenção de grupo com crianças vítimas de abuso sexual no creas	76
O adolescente frente ao corpo infantil perdido	77
O cuidado humanizado no hospital: reflexões a partir do filme patch adams: o amor é contagioso	78
O cuidador é cuidado? Uma análise sobre a relação entre o exercício do cuidado e o cuidador	79
O movimento migratório e a psicologia: relato de intervenções psicossociais em uma clínica-escola.....	80
O que sustenta o relacionamento amoroso de adolescência no ciberespaço?	81
O teatro como possibilidade de ação de prevenção à violência sexual contra crianças e adolescentes: um relato de experiência.....	82
Os processos psíquicos dos atletas de tênis de mesa do oeste de santa catarina.....	83
Percepção do psicólogo atuante no sus: reflexões sobre a prática profissional	84
Perfil identitário da mulher residente em Pinhalzinho, sc	85
Plantão psicológico na unidade de pronto atendimento leonardo weissheimer no município de São Miguel do Oeste, sc	86
Políticas públicas e a importância da atuação do psicólogo nesse contexto	87
Prevenção do suicídio com a população rural do município de Maravilha, sc.....	88
Processo de triagem e avaliação do serviço de reabilitação da apae de São Miguel do Oeste .	89
Relação entre a depressão e a adesão ao tratamento medicamentoso no meio rural	90
Relato de experiência de uma prática de estágio em psicologia realizada no centro de referência em assistência social de um município do oeste de Santa Catarina	91
Saúde mental e atenção básica: a psicologia no campo da prevenção das doenças e da promoção da saúde	92
Sentimentos e atitudes dos profissionais de enfermagem ao cuidar de pessoas pós-tentativa de suicídio: revisão narrativa	93
Sentimentos experimentados por mulheres que realizaram mastectomia.....	94
Um trabalho possível da psicologia no contexto das políticas públicas: ações de saúde mental no contexto escolar	95
Autópsia psicológica familiar: compreendendo o perfil epidemiológico e biopsicossocial do suicídio	96
Grupo terapêutico com mulheres com câncer de mama	105

Eixo 3	113
A construção da identidade e autonomia no contexto da educação infantil.....	114
A criança e o aprender: relato de uma experiência acadêmica em psicologia escolar	115
A medicalização da educação: o saber e o poder na produção de sujeitos.....	116
A monitoria no contexto de avaliação psicológica: um relato de experiência.....	117
A organização dos espaços na educação infantil: o desenvolvimento de um ambiente acolhedor por meio da prática docente	118
A percepção de alunos de um programa de educação ambiental sobre as serpentes (squamata, serpentes): uma abordagem a partir da ofidiofobia.....	119
As diferentes linguagens do beijo	120
As possibilidades da psicologia escolar em uma universidade da terceira idade: atividade prática acadêmica	121
Ateliê de arte: ressignificando histórias.....	122
Avaliação de habilidades sociais em professores engenheiros do curso de graduação em engenharia civil	123
Clínica-escola: espaço de criação, escuta e silêncio	124
Controle de dados do núcleo de apoio às escolas (NAE)	125
Cuidados com a higiene corporal, bucal e mental.....	126
Dependência de internet: estudo com jovens do último ano do ensino médio na região oeste de Santa Catarina	127
Desenvolvimento do brincar pode não pode.....	128
Desenvolvimento psicomotor infantil: estímulos por meio do brincar, liberdade como porta para a criatividade	129
Empatia e depressão em estudantes de medicina: um estudo em duas universidades de santa catarina	130
Escolha profissional de jovens no brasil: revisão integrativa de artigos científicos entre 2006 E 2016.....	131
Experiência docente de professores de psicologia em turma da universidade da terceira idade	132
Grupo de orientação profissional com adolescentes: um relato de experiência.....	133
Implantação de ludoterapia para crianças com deficiências nas APAES: um relato de experiência	134
Influências no processo de escolha profissional: um relato de experiência	135
Intervenção em grupo de familiares de crianças participantes do laboratório de aprendizagem – significativa valente: um relato de experiência	136
Memórias da minha infância.....	137

Multiculturalismo: a diversidade cultural	138
Na escola.....	138
O adolescente e sua busca pelo mundo adulto: reflexão sobre a escolha profissional.....	139
O brincar favorecendo o processo de aprendizagem	140
O desenvolvimento da criatividade em usuários da APAE em Santa Maria, RS.....	141
O dia da família na escola retratada pelas lentes da fotografia.....	142
O processo de aprendizagem e a importância da atividade de estudo para o desenvolvimento infantil em uma perspectiva histórico-cultural	143
O que pensar da educação na atualidade?	144
Oficina de arteterapia em uma associação de pais e amigos dos excepcionais	145
Os ataques ao corpo na adolescência: uma reflexão sobre a violência autoinfligida	146
Prevenção de violência nas escolas:	147
Prevenindo o bullying.....	147
Programa de prevenção ao bullying na escola municipal de modelo	148
Programa prevenção às deficiências na apae de são miguel do oeste, sc, como potencial de humanização.....	149
Projeto núcleo de apoio às escolas (NAE).....	150
Relação família e escola: uma parceria fundamental no processo de ensino-aprendizagem.....	151
Relato de inclusão escolar de uma menina com deficiência intelectual	152
Sobre a arte de ensinar: a importância da avaliação psicológica no contexto docente.....	153
Transtorno de ansiedade infantil na terceira infância: uma revisão bibliográfica.....	154
Um olhar diferenciado sobre uma abordagem educacional em ambientes abertos: relato de experiência com uma criança autista.....	155
Uma escola: diversas violências	156
Valente – intervenções em aprendizagem: como funciona o laboratório de aprendizagem significativa.....	157
A relação professor-aluno na docência superior:	158
Influências no processo de ensino e aprendizagem	158
A tendência atualizante dos educandos em laboratório de aprendizagem.....	169
Atividade principal, atividade de estudo e a mediação do professor na teoria histórico-cultural	176
Eixo 4	185
As diretivas antecipadas da vontade e o direito fundamental de morrer com dignidade.....	186
As percepções de casais adotantes acerca da adoção tardia.....	187
O adolescente conflitante diante da lei como figura de autoridade.....	188
O ato de proferir mentiras sob a ótica da psicologia evolucionista	189

Violência contra a mulher: um estudo sobre a percepção do agressor.....	190
---	-----

APRESENTAÇÃO

Para iniciar as comemorações dos 15 anos da graduação de sua primeira turma do Curso de Psicologia da Unoesc (*Campus São Miguel do Oeste*), foi realizado o *I Congresso Internacional de Psicologia e I Encontro de Psicologia da Região Meio Oeste, Oeste e Extremo Oeste de Santa Catarina, "Psicologia: olhares e práticas interdisciplinares na formação acadêmica e atuação profissional"*. A posição geográfica da cidade sede deste evento, São Miguel do Oeste, é estratégica, localizada próxima às fronteiras da Argentina e dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná. É a maior cidade do Extremo-Oeste catarinense, possuindo em torno de 40.000 habitantes, sendo considerada cidade polo em termos de desenvolvimento regional.

A região Meio-Oeste, Oeste e Extremo-Oeste de Santa Catarina possui nove cursos de graduação em Psicologia, de quatro universidades diferentes e, aproximadamente, 2.000 psicólogas(os) inscritas(os) no 12º Conselho Regional de Psicologia. Além disso, no decorrer destes 15 anos foram formados 345 psicólogas(os) pela Unoesc, Campus São Miguel do Oeste. No entanto, mesmo com este contingente de estudantes e profissionais de Psicologia, o último evento de ampla abrangência realizado no grande oeste catarinense foi em 2008, intitulado de XII Encontro Regional Sul da Abrapso: As Práticas da Psicologia Social com (o) Movimentos de Resistência e Criação.

Este cenário nos sinaliza para a oportunidade de realização de um evento que reúna profissionais, pesquisadores e estudantes da área da Psicologia e áreas afins. Considerando que a Psicologia possui ampla possibilidade de espaços de inserção e atuação, este evento está organizado em quatro grandes eixos temáticos, sendo eles: 1) Psicologia Social e Trabalho, 2) Psicologia e Políticas Públicas, 3) Psicologia e Educação e 4) Psicologia e Judiciário. Assim, o evento conseguiu abarcar interesses de um grande número de profissionais, pesquisadores e acadêmicos de Psicologia e áreas afins.

Por fim, além dos impactos positivos para a Psicologia e áreas afins nesta região, o evento aumenta a visibilidade da cidade de São Miguel do Oeste e da Unoesc.

Destaca-se que este Congresso se caracteriza como evento de natureza científica, envolvendo, em sua programação, minicursos, conferências, modalidades de apresentações oral, relatos de pesquisa, relatos de atividades de extensão, relato de práticas profissionais e apresentação de pôster e trabalhos científicos/acadêmicos, via comunicação oral e apresentação de pôsteres publicados em anais *on-line* do evento, considerando os seguintes eixos temáticos: Psicologia e Educação; Psicologia e Políticas Públicas, Psicologia Social e Trabalho e Psicologia e Judiciário.

Comissão Organizadora

EIXO 1

A ADOÇÃO TARDIA: UMA RELAÇÃO ENTRE RAZÃO E EMOÇÃO

Ângela Maria Bavaresco

Caroline Griebler

Bruna Leticia Lemes de Lima

Elienay Brandão de Oliveira

Stefani Vanessa Konig

A adoção é um processo demorado, pois tem que ser feito com muito cuidado. Não basta apenas o casal ter paixão e vontade de adotar, é preciso que seja uma escolha racional. No presente trabalho propôs-se estudar questões como a filiação adotiva no Brasil, os aspectos psicológicos e sociais no processo de adaptação e adoção tardia de crianças e adolescentes, bem como levantar dados de pesquisas que demonstrem os perfis mais buscados no processo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de cunho científico, tendo como base livros e artigos científicos que permitem a apresentação do tema sob uma ótica crítica e fundamentada. Segundo Weber (2000), o termo “pesquisa” é epistemologicamente amplo, pois cada área de conhecimento, ou, ainda, diferentes linhas metodológicas de cada área, podem sustentar uma maneira própria de buscar respostas de questões do cotidiano. Assim, tratar da importância da pesquisa pode remeter a diversos ângulos da questão. De acordo com Weber (1996), foi revelado que das adoções, 69% eram bebês de até três meses de idade, e 16,66% dos adotados tinham mais de dois anos de idade. Os pais adotivos menos privilegiados também foram os que fizeram menor número de exigências em relação à criança e adotaram mais frequentemente crianças maiores e de cor. Os que mais realizaram adoções sem o interesse próprio de “não ter filhos” fizeram isso porque havia uma criança precisando de ajuda. A adoção precoce e a tardia são ambas as fontes de realização familiar, portanto, para as duas é preciso ter um coração aberto e uma mão estendida. A grande diferença é que na adoção precoce prevalece o coração e na tardia os braços abertos protetores e firmes. É o dever se antepondo ao amor. Tarefa não fácil, mas compensadora, fruto da vontade, experiência de vida e maturidade. O número de pesquisas esperadas sobre adoção é muito pequeno. Isso revela como ainda a adoção, apesar de ser uma prática frequente na sociedade brasileira, é considerada um tema “mais ligado ao coração do que à razão”.

angela.bavaresco@unoesc.edu.br

carolinegriebler@gmail.com

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PERSPECTIVA DE ARTISTAS CIRCENSES

Micheli Carla Bortolotti
Itamara Scariot Brutscher
Ângela Maria Bavaresco

O circo vive em constante mudança, nessa sua constante mobilidade vários contatos, laços e comunicações são criados. Diante disso, o presente estudo abordou questões referentes a artistas circenses, face à mobilidade e itinerância desses profissionais, analisando suas relações sociais. Não podemos esquecer que esses artistas têm sentimentos, porém, sua vida foge de um contexto que se julgue normal em decorrência do tempo em que ficam em cada município. Dessa maneira, dirige-se uma visão a esses indivíduos que participam e também constituem nossa sociedade, utilizando para tal o método qualitativo, seguindo o modelo de análise de conteúdo de Bardin (2000). Constatou-se que independentemente do modo de vida, da cultura, dos costumes e do local onde se está inserido, as relações sociais manifestam-se, constroem-se e desconstroem-se como um processo natural da vida humana; artistas circenses, de modo geral, são pessoas com facilidade de comunicação. Existem barreiras na construção desses relacionamentos: o preconceito, a aceitação e a distância. Porém, a vida nômade aliada às tecnologias e aos diferentes meios de comunicação gera amizades e relações concretas e de longo prazo. Fica claro que as construções das relações sociais se sobrepõem a certas limitações, e que o ser humano é um ser social, capaz de criar maneiras e ser flexível na formação e no estabelecimento de seus relacionamentos.

Palavras-chave: Circo. Artista circense. Relações sociais.

michelibortolotti@hotmail.com

itamara_mha@hotmail.com

A FINITUDE DA VIDA PERMEANDO A ROTINA DE TRABALHO: A VISÃO DA MORTE PARA OS PROFISSIONAIS DA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI)

Fernanda Unser
Amanda Saraiva Angonese

A morte é uma companheira diária entre profissionais da saúde, causando sofrimento para quem a presença em sua rotina. Assim, neste trabalho teve-se como objetivo saber o que é a morte e o morrer na visão dos profissionais da Unidade de Terapia Intensiva (UTI); as estratégias de enfrentamento; a presença ou ausência de qualquer abordagem das diferentes disciplinas presentes no aprimoramento da profissão sobre essa temática; bem como a existência de uma relação do trabalho realizado no setor com a percepção sobre a morte e o morrer. A pesquisa foi realizada com roteiro não estruturado e foram entrevistados 13 profissionais: dois médicos, uma nutricionista, uma assistente social, uma fisioterapeuta, uma psicóloga, quatro enfermeiros e três técnicas de enfermagem, que trabalham na UTI de um hospital do Extremo-Oeste catarinense. A abordagem utilizada para explicar os dados foi a qualitativa, focando no método História de Vida. A partir da análise dos relatos foi possível perceber a dedicação, o profissionalismo, o cuidado no trabalho e o sofrimento gerado pela morte, pontos-chave e constantes dos profissionais e suas rotinas. Por meio desta pesquisa compreendeu-se que é de fundamental importância voltar o olhar para o profissional, seu sofrimento e suas estratégias de enfrentamento para poder desenvolver seu trabalho. Assim, constata-se a importância de suas estratégias de enfrentamento serem adaptativas como uma forma de prevenção da sua saúde e busca de equilíbrio, bem como a existência de um espaço e do psicólogo para que os profissionais da UTI possam expressar sentimentos e temores e elaborá-los.

Palavras-chave: Morte. Unidade de Terapia Intensiva. Profissionais. Estratégias de enfrentamento.

feunser@hotmail.com

amanda.angonese@unoesc.edu.br

A FRAGILIDADE NAS RELAÇÕES AMOROSAS MODERNAS

Yuri Matheus Godoy Brutti
Luis Henrique Ramalho Pereira

Ao se falar de relações amorosas na modernidade, depara-se com um cenário marcado por insatisfação e desencontros, tem-se acesso a uma situação que salienta a solidão, a individualidade, a instabilidade, o receio de na atualidade se entregar ao sentimento, ou seja, um cenário no qual a vida amorosa é permeada por diversos fatores e o principal deles é a tendência ao que não se “encaixa”. Neste trabalho tentou-se compreender os vínculos amorosos modernos, período permeado intensamente pela cultura do consumo, pela busca incessante pelo estado de prazer e conseqüentemente pela intolerância ao estado de desprazer; com vínculos cada vez mais fragilizados, egocêntricos e insustentáveis, os sujeitos buscam a segurança em vínculos amorosos, mas se ressentem pela perda da liberdade e pela responsabilidade do compromisso. O amor é ainda muito importante, mas se torna cada vez mais difícil de acontecer. No mundo atual, em que se valorizam sobremaneira aspectos como o desenvolvimento da autonomia, a vivência da liberdade, a permissividade, torna-se importante entender ideais e práticas amorosas presentes na contemporaneidade. Os sujeitos examinam a si mesmo e ao parceiro sem questionarem a própria maneira de se viver a relação amorosa. O sentimento do insucesso amoroso é acompanhado de culpa, baixa autoestima, mas dificilmente se contestam as maneiras como amamos. Na atualidade homens e mulheres ocupam e experimentam novos papéis em suas relações cotidianas; fatores que intensificam as ocorrências dessas mudanças podem ter início com a incidência da mulher no mercado de trabalho, a divergência do status de “dona do lar”, ocupando, assim, outros papeis mais ativos e presentes dentro da esfera social em todos os sentidos. O papel do homem também sofre modificações. A imagem do provedor e protetor, capaz de oferecer segurança no casamento não é mais suficiente em grande parte dos casos, isso faz com que a identidade do homem, no que se refere à posição diante da mulher, torne-se incerta. Percebe-se a existência de mudanças no cotidiano das relações amorosas entre homens e mulheres, com o surgimento de novas subjetividades, considerando, então, que as relações amorosas são cercadas de grandes expectativas como uma maneira de realização pessoal ou de felicidade em meio às incertezas e, ao mesmo tempo, são vistas como um estorvo frente ao exercício da liberdade. É preciso olhar para as fragilidades e encontrar soluções para as dificuldades intersubjetivas que caracterizam o cenário amoroso contemporâneo.

Palavras-chave: Relacionamento. Fragilidade. Moderno.

yuri_brutti@hotmail.com

A IMPOSIÇÃO DA CULTURA DA PRODUÇÃO NA SUBJETIVIDADE DO ADOLESCENTE

Thainá Bastos Silveira
Luis Henrique Ramalho Pereira

A adolescência situa-se como uma espécie de momento intervalar e o corpo do adolescente como um corpo entre dois corpos. A mudança no corpo aparece como prova da sua transitoriedade, perda do corpo infantil e momento do ainda não sou um corpo adulto. Muito dos clichês do discurso social e cultural depende de uma sensação: o sono. Ele é o estatuto de maior importância de herança cultural, portanto, sua falta acarreta um estado de extremos desamparo e submissão, ou seja, faz desaparecer a realidade do dia e da noite. Neste trabalho teve-se como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da imposição da perda do sono na adolescência por meio de pesquisas bibliográficas visando à articulação entre psicanálise e literatura, com a proposta de acolher aquilo que os textos permitem aceder a diferentes registros da adolescência e da perda do sono. Eis a importância do corpo, da imagem e do olhar da cultura, pois os adolescentes possuem sintomas que envolvem o corpo e sua relação com o espaço/tempo, também indicam onde se encontra o gozo contemporâneo entre eles o sonhar.

O sono do adolescente constrói as precondições do exercício significativo, de algo que possa representá-lo simbolicamente, o que constrói o enlace entre um dentro e um fora; para a subjetividade, o sono é imagem sobre a qual o poder opera com a menor resistência política possível e uma condição que não é passível de ser instrumentalizada ou extremamente controlada, que evade ou frustra as demandas da sociedade de consumo global. Não se pode desprezar a condição de um invariante, que independe dos movimentos de representação cultural, pelo menos naqueles até agora constituídos, em ter de suportar em seu corpo essa passagem de criança para adulto. Os rituais sociais normalmente veem no lugar dos vazios de representação uma saída singular. É também nesse sentido que se menciona o sono do adolescente como lugar do vazio, uma ligação entre fantasia e troca de endereço, ou seja, a possibilidade do enlace entre o sonho e o real. A adolescência prepara, em certa medida, a possibilidade do estabelecimento de um lugar singular para sua abordagem, no entanto, a perda do sono acarreta um estado de extremo desamparo e submissão. Para a sociedade de consumo global, a fragilidade dos adolescentes é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável, é um tempo alinhado com as coisas inanimadas, inertes ou atemporais.

bastosthaina29@gmail.com

luishp7@yahoo.com.br

A INFLUÊNCIA DO ABANDONO AFETIVO PATERNO NO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA PESSOA ABANDONADA E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FRENTE A ESSA TEMÁTICA

Flávia Cristina Mattje Kemmer

Álvaro Cielo Mahl

O termo abandono afetivo é relativamente novo e está sendo conceitualizado como a ausência de afeto dos pais ou de um deles com os filhos, ocasionando, assim, danos psicológicos que vão de distúrbios de comportamento a conflitos sociais e déficits no desenvolvimento cognitivo. Neste estudo teve-se como objetivo pesquisar artigos científicos produzidos no período de 2006 a 2016 referentes à influência do abandono afetivo paterno no desenvolvimento psicológico da pessoa abandonada, bem como conceitualizar o abandono afetivo e elencar as contribuições da Psicologia para a minimização dos danos que esse abandono pode causar para os filhos abandonados. Como método de pesquisa se desenvolveu uma pesquisa qualitativa operacionalizada por meio de uma revisão bibliográfica. Esta foi realizada nas bases de dados BVS e Google Acadêmico entre abril e julho de 2016, com associação dos descritores: abandono afetivo, figura paterna, desenvolvimento psicológico e danos psicológicos. Assim, foram selecionados quatro artigos sobre a temática investigada. Por meio deste estudo, pôde-se verificar que a ausência paterna está diretamente ligada a diversos problemas no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, estendendo-se inclusive por toda a vida, uma vez que a figura paterna é parte indissociável da construção do ser humano. Ainda, identificou-se que a exploração do tema entre profissionais da Psicologia é escassa, o que compromete a sua essência, uma vez que vem sendo discutido com maior fervor pelo campo do Direito como passível de indenização pecuniária dessa ausência.

Palavras-chave: Abandono afetivo. Figura paterna. Desenvolvimento psicológico. Danos psicológicos.

fla_mattje@hotmail.com

alvaro.mahl@unoesc.edu.br

A INTEGRAÇÃO DA PREFEITURA COM A ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE SÃO MIGUEL DO OESTE (ACOMAR)

Emanuel Natã da Silva
Lisandra Antunes de Oliveira

A integração da Prefeitura Municipal de São Miguel do Oeste no processo de transformação e garantia de direitos fundamentais da Associação de Catadores de São Miguel do Oeste (Acomar) torna-se benéfica para assegurar todas as leis garantidas pelos trabalhadores. A coleta de materiais recicláveis foi reconhecida como profissão em 2002 pelo Ministério do Trabalho e, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações, catadores são aqueles que “catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.” O fortalecimento da organização produtiva dos catadores em cooperativas com base nos princípios da auto-gestão, da economia solidária e do acesso a oportunidades de trabalho decente representa, portanto, um passo fundamental para ampliar o leque de atuação dessa categoria profissional, em especial na cadeia produtiva da reciclagem, traduzindo-se em oportunidades de geração de renda e de negócios, entre os quais, a comercialização em rede, a prestação de serviços mundial, a logística reversa e a verticalização da produção. A participação da Psicologia como voz atuante nesses processos é de extrema importância para a garantia de direitos dessa população trazendo uma forma de atuação necessária social frisando uma psicologia crítica. Momento de ação global para os seres humanos e o Planeta rumo à agenda do desenvolvimento sustentável, esse é um projeto global da ONU que tomou decisões que determinam o curso global para acabar com a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar para todos, proteger o meio ambiente e enfrentar as mudanças climáticas. As ações tomadas em 2015 resultaram nos novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que se baseiam nos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), tendo, assim, o Planeta cerca de 30 anos para se modificar nas áreas ditas pela organização. Os lixões são definidos pelo IBGE como “locais utilizados para disposição do lixo, em bruto, sobre o terreno sem qualquer cuidado ou técnica especial, sem medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública.” O processo de exclusão social vai muito além da dimensão material e econômica, pois abrange a dimensão ética e subjetiva (ético-psicossocial), considerando que na gênese desse sofrimento está o sentimento de desvalorização social e o desejo de ser “considerado gente”. Nesse sentido, para superar a exclusão, defende-se que a potência de ação é o direito que cada um tem enquanto condição ontológica de se expandir em busca da liberdade.

emanuelnemanuel2@gmail.com
lisandra.oliveira@unoesc.edu.br

ADOLESCÊNCIA E A DIFÍCIL ESCOLHA PROFISSIONAL NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Naiane Beatriz Chaves de Sá
Vanessa Galvão Lima
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Na presente pesquisa de caráter teórico teve-se como objetivo promover uma reflexão sobre como acontece a escolha profissional a partir do referencial da modernidade líquida de Bauman. O interesse ocorreu após identificar na literatura as principais demandas de quem procura o trabalho do psicólogo orientador profissional. Dessa forma, tomou-se como base o conceito de modernidade líquida em que a contemporaneidade pode ser caracterizada, em grande parte, pela imposição de vivências aceleradas, dinâmicas, fluidas e efêmeras. A idealização de um futuro gera grande ansiedade nos adolescentes, aliada aos conflitos como a insegurança, a imaturidade para a escolha, o desconhecimento do mercado de trabalho, entre outras razões gritantes que podem tornar a escolha profissional penosa. O indivíduo é um ser sócio-histórico, ou seja, sua subjetividade é construída a partir do material cultural, e ao apropriar-se dele, o indivíduo considera o que e como a sociedade está consumindo, lembrando que a sociedade de consumo está marcada pelo imediatismo, o qual, certamente, influenciará as escolhas dos adolescentes. Estes são cobrados a fazerem uma escolha assertiva, projetarem um futuro financeiramente estável e de sucesso, e acabam transferindo isso para suas relações, expressando, assim, sua frágil condição subjetiva. Fazer uma escolha é abdicar-se de outras, elaborar a castração, desligar-se da autoridade dos pais e apropriar-se de algo. Ainda nesse momento, algumas vezes, o jovem precisa lidar com a interferência do professor na escolha profissional, pois mesmo não sendo sua intenção, o professor acaba por influenciar de maneira equivocada o processo de escolha profissional. Por esses e outros motivos, frequentemente o adolescente busca uma escuta psicológica, pois o psicólogo, ao lançar mão de seu conhecimento e instrumentos necessários ao processo de orientação profissional, auxiliará o jovem na busca por autoconhecimento, identificação de seus desejos e até possíveis limitações, todos aspectos necessários para que possa refletir sobre que é e o que quer de seu futuro, ampliando, assim, seus horizontes. Dessa forma, as demandas podem aparecer de diversas formas, requerendo uma intervenção específica para a situação. Considera-se que as angústias presentes no momento da escolha profissional precisam ser faladas e compartilhadas com um profissional da Psicologia que conduzirá de forma cuidadosa todo o processo de autoconhecimento, priorizando o respeito, a individualidade e a subjetividade do jovem.

Palavras-chave: Adolescência. Escolha profissional. Modernidade líquida.

naianechavesdesa@gmail.com

vanessa.gsus@gmail.com

Bibliografia

ABADE, Flávia Lemos. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 15-24, jun. 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio De Janeiro: Zahar, 2001.

SZAJDENFISZ, Bela Malvina. **O adolescente e suas escolhas**: contribuições da psicanálise para a escolha profissional / Bela Malvina Szajdenfisz, 2008. 118p. ; 30 cm. Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Prática Psicanalítica, Rio de Janeiro, 2008.

TAILLE, Y. DE LA; OLIVEIRA, M.K.; DANTAS, H. **Piaget, Vigotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

AGRESSIVIDADE, RAIVA NA DIREÇÃO, ERRO E VIOLAÇÕES DE MOTORISTAS JOVENS

Gabriela Polli
Álvaro Cielo Mahl

Os acidentes de trânsito, pelas suas consequências, caracterizam-se como um problema de saúde pública nos dias atuais que demanda investigações para auxiliarem o seu enfrentamento. A partir disso, neste estudo objetivou-se compreender a relação entre variáveis individuais e os comportamentos inadequados (erros e violações) de jovens motoristas. A amostra foi constituída de 104 sujeitos (63 mulheres e 41 homens) com idades entre 18 e 29 anos, os quais responderam a escalas de agressividade, de violações e erros de motorista e de raiva na direção. Resultados apontam que variáveis como gênero, nível educacional, agente identificado como responsável pelo aprendizado do motorista e frequência que dirigem se associam a erros e violações de motoristas. Os erros e as violações cometidos associam-se ao envolvimento em acidentes e sua gravidade. O conjunto dos fatores de raiva na direção coaduna-se com erros e violações de motoristas, e o incremento nos índices de agressividade relaciona-se com maiores índices de erros e violações no trânsito.

Palavras-chave: Agressividade. Raiva na direção. Erro. Violações. Motoristas.

gabi.polli@hotmail.com

alvaro.mahl@unoesc.edu.br

AMOR: A FANTASIA DO OBJETO QUE COMPLETA

Yuri Matheus Godoy Brutti
Luis Henrique Ramalho Pereira

A história da psicanálise, pode-se dizer, é construída no amor e no desejo. O amor se faz cotidiano por ser uma busca da plenitude, da forma como se entende rotineiramente, é da ordem da fusão e pretende fazer dois virarem um. Contudo, a psicanálise vem atestar justamente, nos termos do desejo, a impossibilidade da completude para o humano, pois ela ensina que o amor não pode eliminar a falta, já que a falta faz parte da constituição psíquica. Mediante as literaturas, tenta-se mostrar que o neurótico quer resgatar a completude perdida por meio do amor, tornando-o um objeto que o completaria, no entanto, diante da impossibilidade, o sujeito fantasia, e a fantasia é uma tentativa de resposta ao desejo, portanto, é essencialmente fantasia de completude. As primeiras experiências de satisfação estão ligadas ao seio materno, podendo-se dizer que os lábios da criança se comportaram como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite é a origem da sensação prazerosa. Pode-se pensar que esse seria o objeto perdido que leva a buscar por um reencontro. Sabe-se que um bebê não vive se não for amado por alguém que, na função materna, acolha-o, alimente-o, deseje-o e o insira na linguagem, o amor então humaniza e civiliza o indivíduo. Se o objeto é reencontrado, isso leva à ideia de que ele foi mesmo perdido; de fato, para a psicanálise, ele nunca foi tido. Lacan formula o conceito de objeto *a* que é o que se coloca como o representante dessa falta. O objeto *a* é representado pela presença de um vazio, uma vez que não há um correspondente para ele na realidade. O objeto é o que causa o desejo, portanto está sempre atrás dele. O caráter faltoso surge quando o sujeito supostamente reencontra o objeto, o que caracteriza todo encontro, e conseqüentemente o amor, como um encontro faltoso. Portanto, o desejo é o anúncio da falta, da incompletude que nos estrutura como humanos. Nessas considerações, o amor busca preencher uma falta que no campo do desejo é impossível de ser preenchida, e uma das funções da fantasia é a constituição dos seus desejos, portanto, fantasia-se o amor idealizado, o que irá suprir e levar ao suposto estágio primitivo e alienado. Por isso que o amor nunca se extingue nos discursos dos amantes e suas demandas nunca cessam.

Palavras-chave: Amor. Objeto. Desejo. Fantasia.

yuri_brutti@hotmail.com

AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO PSICOLÓGICA COM PESSOAS IDOSAS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Samuel Sampaio Castro
Sidinei Farias

No artigo analisam-se as possibilidades de atuação e intervenção psicológica a partir da Abordagem Centrada na Pessoa com idosos. O trabalho focaliza um estudo de caso de uma casa de acolhida no Município catarinense de Cunha Porã. O método fenomenológico-qualitativo ajuda na compreensão dos fatores que impedem o bem-estar e um ambiente saudável na casa de acolhida. A relação psicológica e a demanda por terapia envolvem tanto os idosos quanto os colaboradores que manifestam desgaste emocional e afetivo. É interessante perceber que um número expressivo de idosos apresenta baixa autoestima e dificuldades sentimentais. As análises das visitas e questionários apontam para a relevância do psicólogo no atendimento e na criação de condições para o desenvolvimento da saúde mental e física. Tais resultados indicam que essa fase da vida requer cuidados específicos e estratégias terapêuticas que ajudem no avanço da qualidade de vida e na reelaboração das histórias de vida. A Abordagem Centrada na Pessoa demonstra eficiência ao possibilitar uma visão mais integral e global do ser Pessoa. Ao término da pesquisa, verifica-se a necessidade de superação de dilemas e paradigmas que dificultam a construção de novas experiências com a geriatria no Brasil.

Palavras-chave: Envelhecimento. Psicoterapia. Qualidade de vida. Bem-estar. Abordagem centrada na pessoa.

castro.samuel@bol.com.br

fariaspedagogo@hotmail.com

COGNIÇÃO E NEUROTICISMO: UM ESTUDO COM DEPENDENTES QUÍMICOS EM ABSTINÊNCIA

Karina Quioca
Natália Brandini Zampieri
Scheila Beatriz Sehnem

A compreensão da psicologia referente à dependência química implica uma ampla avaliação, pois é um transtorno com desdobramentos na adaptação, na funcionalidade e na vida diária dos usuários. A proposta deste estudo foi investigar as condições cognitivas e as características de neuroticismo de dependentes químicos em período de abstinência. Os dados foram obtidos em sessões individuais mediante uma entrevista e testes psicológicos: Neupsilin: Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve; EFN: Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo; e Palográfico, analisados qualitativa e quantitativamente. Os dados coletados com a entrevista foram pouco utilizados na análise em decorrência da limitação das informações fornecidas pelos avaliados. Participaram desta pesquisa nove sujeitos internados em uma clínica de reabilitação de Santa Catarina, todos com mais de 60 dias de internação, com formação mínima no ensino fundamental e idade média de 35 anos. Todos possuíam transtornos mentais e comportamentais em razão do uso de substâncias psicoativas com diagnósticos embasados na Classificação Internacional de Doenças (CID-10). O grupo foi caracterizado com traços padrões para a dimensão de neuroticismo, sendo percebidas maiores alterações no subfator da ansiedade. Os dados coletados indicam que os fatores ansiedade, vulnerabilidade e depressão tiveram maiores inadequações das pontuações. Faz-se uma correlação direta entre eles, pois são interdependentes, associam-se e induzem à estruturação de perfil de personalidade mais neurótico, introvertido e com maior propensão ao neuroticismo. Um aspecto proeminente nessa avaliação é que implica o tratamento dos usuários corresponde ao comprometimento da memória, uma vez que o aprendizado de novos padrões de comportamento requer a funcionalidade cognitiva para armazenamento e assimilação. As alterações cognitivas identificadas nesta pesquisa foram prevalentes nas funções de memória e percepção, invariavelmente relacionadas às distorções na vivência de emoções, compreensão do meio e mudança de comportamentos. O comprometimento identificado no fator cognitivo percepção correlaciona-se às disfunções nos traços de ansiedade, pois essas alterações na vivência da emoção implicam distorções no entendimento da realidade. Os usuários que apresentaram maior frequência de alterações em todo o processo avaliativo correspondem aos dependentes com transtornos oriundos do uso de cocaína e seus derivados. Este estudo identificou que em abstinência e em acompanhamento terapêutico integral os participantes apresentaram a maioria dos aspectos avaliados sem comprometimento, entretanto as alterações específicas encontradas são úteis no direcionamento da abordagem dos profissionais da saúde, uma vez que podem causar prejuízos sociais aos usuários, influenciando na reincidência.

Palavras-chave: Dependência química. Cognição. Neuroticismo.

karina_quioca@hotmail.com

CONSCIÊNCIA E TRABALHO NA PERSPECTIVA COLETIVA: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE UMA VISITA AO ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA

Caroline Sidineia Kochenborger
Fernanda Luiza Bühring
Tânia Regina Aosani

Na perspectiva social o homem é tido como um ser de relações sociais que incorpora normas, valores da cultura e da família. Logo, a formação da identidade do ser humano advém, segundo Savoia (1989, p. 54), “de um processo de socialização, no qual intervêm fatores inatos e adquiridos.” Na realidade do Movimento sem Terra há várias gerações inseridas na busca coletiva por melhores condições de vida e de sobrevivência, por uma condição mais humana e paritária, criando-se uma cultura de valores e normas próprias substanciadas a partir da educação trabalhista construída a partir das demandas sociais peculiares desse Movimento. Nessa proposição, a visita ao Assentamento Conquista da Fronteira objetivou o conhecimento da percepção dos representantes do local sobre a experiência de grupo vivenciada quando na formação e organização social, cultural e econômica do assentamento. A atividade foi desenvolvida a partir de uma proposta do componente curricular Psicologia Social do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste, tendo como foco principal a observação da experiência de grupo vivenciada no assentamento. Essa observação participante foi desenvolvida a partir de um roteiro construído previamente por meio de discussões e tutorias em sala de aula e também contou com a produção de diário de campo. O cenário da observação foi uma visita realizada ao Assentamento Conquista da Fronteira que contou com a socialização de experiências e com a apresentação da realidade sociocultural e econômica da comunidade, realizada por parte dos seus representantes. Como resultados, pode-se perceber a forma de educação e relação com o capital por meio do trabalho coletivo de forma diferenciada, sendo produzida pela forma de organização específica do Movimento, em suas múltiplas áreas. No Assentamento Conquista da Fronteira o ponto-chave se caracteriza na educação, não no simples ensino, mas na moralidade construída pelos seus integrantes e na perseverança dos ideais em favor comum, sem manifestar o detrimento de qualquer esfera da sociedade, apenas buscando afirmar seu lugar participativo nela.

Palavras-chave: Social. Consciência. Educação.

Referência

SAVOIA, M. G. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

carolinesk@hotmail.com

CUIDADOR DE IDOSO: RELAÇÃO QUE ENVOLVE AFETIVIDADE

Ângela Maria Bavaresco

Daniela Bueno

Joscelaine Cristiane Cardoso Lima

O ato de cuidar é uma tarefa que exige estrutura, motivação e prática qualificada para que o cuidado seja humanizado. O presente estudo objetivou analisar a função do cuidador de idoso e os aspectos envolvidos na relação cuidador-pessoa idosa, sob a ótica do cuidador. Investigou-se, ainda, o papel do cuidador; as dificuldades enfrentadas no seu exercício profissional e a importância que o cuidador atribui à afetividade. Para a coleta dos dados foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com cuidadores de idosos, sendo três cuidadores informais (familiares) dos quais dois são cuidadores do gênero feminino e um, do gênero masculino, e três cuidadores formais, dos quais dois são do gênero feminino e um, do masculino. Os dados foram interpretados por meio da análise de conteúdo. Para melhor visualização do material obtido, a análise foi disposta em três categorias: o papel do cuidador; as dificuldades enfrentadas no exercício profissional, e a importância que o cuidador atribui à afetividade. Este estudo alcançou seus objetivos iniciais, transcendendo as expectativas, pois foi possível verificar que, além da sobrecarga do trabalho, muitas vezes o cuidador precisa lidar com situações familiares conflitantes, negligências para com o idoso fragilizado, bem como com seus conflitos pessoais e o medo do próprio sofrimento em sua velhice. Quanto à afetividade, os cuidadores concordam com a sua importância na relação de cuidar e ser cuidado, a maioria dos cuidadores familiares relatam aspectos negativos da afetividade, como o estresse sofrido ao lidar com problemas comportamentais e teimosias do idoso, mas, ao mesmo tempo, sentem-se bem em poder ajudar. Os cuidadores formais escolheram essa atividade por gostarem de cuidar, uma vez que se sentem realizados nessa profissão; sua remuneração é colocada como consequência do trabalho prestado. Também afirmam ter um bom envolvimento afetivo com os idosos, o carinho é recíproco e o idoso é valorizado nessa relação. Os resultados desta pesquisa são importantes para a Psicologia, pois, à medida que se percebem as dificuldades e necessidades encontradas pelos cuidadores de idosos, podem ser traçadas formas de trabalho mais efetivas a essa população muitas vezes esquecida que carece de auxílio e apoio tanto da psicologia quanto dos meios públicos.

joscelainecl@yahoo.com.br

EMPRESAS FAMILIARES: DIFICULDADES E FACILIDADES QUE PERMEIAM A RELAÇÃO DE CASAIS EMPRESÁRIOS NA CONTEMPORANEIDADE

Daiane Fernanda Salvi
Amanda Saraiva Angonese
Caroline Estéfani Zanin

Quando o sistema familiar e organizacional é unido, deve-se redobrar a atenção, pois há grandes chances de ocorrerem conflitos em razão da interferência do aspecto familiar, que viabiliza o relacionamento informal entre os envolvidos, podendo tornar-se um obstáculo em diversas ocasiões na empresa. Este estudo teve como objetivo verificar as dificuldades e facilidades que permeiam a relação de cônjuges que trabalham no mesmo ambiente empresarial, analisando a influência do trabalho no convívio íntimo do casal e vice-versa. Buscou-se, ainda, compreender quais são os aspectos emocionais e comportamentais existentes nessa dupla relação. A pesquisa foi realizada por meio de um roteiro semiestruturado com oito casais empresários das cidades de São Miguel do Oeste e Paraíso. A pesquisa é de abordagem qualitativa e de caráter descritivo. Para a interpretação e análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin. Embora os resultados apontem a comunicação, divergências de opiniões, ciúmes e falta de elogios e reconhecimento pelo casal como principais dificuldades no dia a dia de trabalho, os entrevistados manifestaram uma preferência e agrado por essa dupla relação. Como pontos positivos destacam-se a confiança na tomada de decisão pelo cônjuge e no desempenho das tarefas empresariais, bem como a união e o foco para o mesmo objetivo. Quanto ao saber discernir entre relações íntimas/afetivas e relações profissionais, os entrevistados trouxeram que as situações ocorridas no espaço íntimo familiar influenciam no ambiente de trabalho, contudo, em suas percepções, as situações ocorridas no ambiente de trabalho não interferem na relação íntima do casal. Quanto ao fator de trabalharem juntos, os oito casais entrevistados relataram que no início apresentaram indecisão, mas hoje destacam a decisão como um marco positivo em suas vidas. Percebeu-se, também, que a busca do casal pelo equilíbrio nessa relação de afetividade e profissionalismo é constante. Assim, sugere-se a atuação do Psicólogo como uma excelente intervenção nas empresas familiares, de modo a atuar como facilitador na comunicação entre o casal e na mediação de conflitos, evitando, assim, danos na relação pessoal do casal e em seus negócios.

daiah_@hotmail.com

ESTRESSE OCUPACIONAL: A SAÚDE DO TRABALHADOR EM DEBATE

Paula Corrêa
Jackson Fábio Preuss

O objetivo deste estudo foi discutir o tema, sob a ótica do autor, baseada em uma experiência profissional. Trata-se de um levantamento feito com os servidores públicos do Estado de Santa Catarina, por meio da análise do Boletim Estatístico expedido pela Diretoria de Saúde do Trabalhador do Estado e uma revisão da literatura entre trabalhos que tratam do assunto. Considerando a saúde do trabalhador como uma área da saúde coletiva, a relevância do tema reside no fato de que o grupo dos servidores públicos estaduais está adoecendo de forma alarmante (CUNHA, 2007). Identificar a situação da saúde-doença dos servidores públicos instrumentaliza os gestores e instituições para uma adequada aplicação de políticas de saúde, baseadas em propósitos de prevenção e com abordagens específicas aos agravos identificados como mais frequentes. O trabalho de Cunha (2007) analisa o adoecimento dos servidores públicos de Santa Catarina e traz como principal causa de afastamento os transtornos mentais e comportamentais (25,30%), segundo o capítulo CID-10. Inúmeros trabalhos pelo Brasil trazem o estresse ocupacional como causa de adoecimento e afastamento do trabalho. De acordo com Carvalho e Serafim (1995), o estresse está ligado diretamente a fatores psicológicos, a pessoa estressada não dá conta da carga emocional e dos descontroles fisiológicos por ela causados, tendo como consequência a perda de suas respostas psicológicas. O estresse envolve desgastes físicos e emocionais, podendo desencadear desânimo, ansiedade e manifestações físicas mais graves, como úlcera, infarto e até mesmo tendência ao suicídio. De acordo com o Boletim Estatístico Estadual de 2010-2013, a Licença para Tratamento de Saúde está entre as principais formas de afastamento (acima 60%), uma média de 9.605 servidores/ano, e a principal causa são os transtornos mentais e comportamentais (SANTA CATARINA, 2015). O estresse ocupacional está diretamente ligado ao absenteísmo; segundo Dejours (1987), quando o trabalhador tem seus limites de tolerância ao estresse ultrapassado, surge o absenteísmo, quando o funcionário tem sofrimento mental – sintomas que não se mostram claramente como uma doença –, criando um círculo de esforços para conter os sintomas e se manter em equilíbrio. A partir dessas observações, sugere-se que novas pesquisas aprofundem os estudos sobre o estresse ocupacional, utilizando instrumentos que avaliem detalhadamente os estressores organizacionais. Durante o processo da pesquisa, foi possível perceber uma mudança de perspectiva em relação ao estresse ocupacional do servidor público e adquiriu-se um novo olhar, mais científico e criterioso em relação aos problemas que permeiam o ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Estresse. Saúde. Trabalho.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. V.; SERAFIM, O. C. **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Thomson Pioneira, 1995, v.2. 212 p.

CUNHA, J. C. C. B. **Adoecimento e afastamento do trabalho de servidores públicos estaduais de Santa Catarina, 1995 a 2005**. Dissertação (Mestrado em Ciências na Área de Saúde Pública)–Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2007.

DEJOURS C. A. **Loucura do trabalho**: Estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Oboré Editorial, 1987.

SANTA CATARINA. **III Boletim Estatístico de Benefícios de saúde do Servidor 2010 a 2013**. Santa Catarina, 2015.

paulinhac_d2@hotmail.com

FLUIDEZ DOS LAÇOS E O ENFRAQUECIMENTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Jhonathan Pavoni
Paulo Ricardo Bavaresco

Este trabalho teve como objetivo a busca por entendimento no já observado significativo aumento dos casos de divórcio depois do advento das novas tecnologias e, se tem corroborado para fragilizar os laços entre indivíduos. Para chegarmos a uma possível resolução, contamos com bibliografias que nos permitiram elucidar de forma abrangente sobre o tema, bem como questionários elaborados para que pudéssemos positivar nossas pesquisas. Para responder a tal questionário foram selecionadas pessoas de ambos os sexos que já passaram pela experiência do divórcio. Tais resultados nos mostram que em sua grande maioria os divórcios aconteceram depois do novo milênio. Esse novo evento social há muito tem despertado a atenção de pesquisadores, e para observar tal mudança, a base familiar é o ponto de partida. Em decorrência do novo modelo de capital e consumo o casamento também se tornou sinônimo de negócio, pessoas são vistas como objetos e vendem-se como produtos, são trocadas e descartadas na medida em que deixam de atender à necessidade do outro.

Palavras-chave: Casamento. Divórcio. Laços fluídicos.

jhonatanpavoni@yahoo.com.br

INCIDÊNCIA DA SÍNDROME DE *BURNOUT* EM POLICIAIS MILITARES

Ana Paula Pereira
Fernanda Daniela Andreis

A síndrome de *Burnout* afeta trabalhadores que estão em constante contato com pessoas por longas jornadas de trabalho, levando a uma exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional; o indivíduo sente-se infeliz e insatisfeito com sua vida profissional e pessoal. Este estudo propôs-se verificar a incidência da Síndrome de *Burnout* em policiais militares, identificando variáveis responsáveis pelo seu desencadeamento, analisando as consequências que essa Síndrome pode trazer para a qualidade de vida do profissional no trabalho. Este estudo é quantitativo de caráter descritivo. O instrumento utilizado para a avaliação da síndrome foi o formulário do *Maslach Burnout Inventory (MBI)*, elaborado por Maslach e Jackson em 1978. Concomitantemente, utilizou-se um questionário semiestruturado para melhor compreensão dos fenômenos abordados. A coleta de dados foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2017. Participaram da pesquisa 72 policiais militares operacionais de três companhias das cidades de Herval d'Oeste, Campos Novos e Capinzal que compõem um batalhão do Meio-Oeste catarinense, totalizando 90% do quadro de policiais. Destes, 90,3% são do sexo masculino, e 9,7% do sexo feminino. Sobre a carga horária trabalhada semanalmente, 73,6% trabalham 40 horas, enquanto os demais trabalham mais. Os resultados obtidos por meio do MBI apontam nível baixo de exaustão emocional (40,3%), nível médio de despersonalização (48,6%) e nível baixo de realização pessoal (69,5%). Os resultados principais não indicam a incidência de *Burnout*, visto que para o diagnóstico dessa síndrome é necessária a obtenção de nível alto para exaustão emocional e despersonalização e nível baixo para realização profissional. Entretanto, os resultados alertam para o risco de manifestação da Síndrome, pois se apresentam 34,7% de nível médio e 25% de nível alto de exaustão emocional, além de 40,3% de nível alto de despersonalização. Fatores como pressão por resultados, risco de morte, trabalho noturno, sono, estresse, ansiedade, falta de valorização profissional, leis que não são cumpridas, bem como trabalhar em feriados e finais de semana estão relacionados com o risco de desencadeamento de *Burnout* e podem contribuir para que não haja qualidade de vida no trabalho. Este estudo demonstrou que há uma necessidade de atenção no gerenciamento da situação de saúde dos policiais operacionais. Observou-se que a dinâmica organizacional do trabalho de policiais operacionais gera sobrecarga e tensão ocupacional, sendo necessário monitorar periodicamente a saúde mental e física desses trabalhadores, a fim de desenvolver estratégias que possam reorganizar o processo de trabalho diminuindo as fontes de estresse.

Palavras-chave: Síndrome de *Burnout*. Policiais Militares. Qualidade de vida.

ana.pereira@unoesc.edu.br

MUDANÇAS NA QUALIDADE DE VIDA APÓS A CIRURGIA BARIÁTRICA

Patrícia Aparecida Stürmer
Álvaro Cielo Mahl

A obesidade hoje se tornou um dos maiores problemas de saúde pública, é considerada uma doença crônica, multifatorial, caracterizada pelo acúmulo excessivo de tecido adiposo no organismo. A obesidade traz como consequência para as pessoas uma baixa qualidade de vida, além de uma série de doenças decorrentes. Existem diversas maneiras de intervenção para perda de peso, contudo, quando estas não são eficazes, a cirurgia bariátrica é recomendada. Vale ressaltar a importância do psicólogo nesse processo tanto no pré quanto no pós-operatório. Por meio deste estudo visou-se mostrar as mudanças na qualidade de vida de pacientes submetidos à cirurgia bariátrica; investigar as expectativas que levaram à busca pela cirurgia; verificar se há diferença na relação com a comida antes e após a cirurgia; analisar as mudanças e os resultados obtidos após a cirurgia nos aspectos sociais, familiares, sexuais, profissionais e psicológicos; verificar as principais dificuldades enfrentadas após a realização da cirurgia bariátrica; e investigar a qualidade de vida atual desses indivíduos. Os dados foram coletados por meio de entrevista autorizada e gravada com cinco pacientes submetidos à cirurgia bariátrica, no período de março a abril de 2011. Mediante os resultados pode-se perceber uma melhora significativa na qualidade de vida dos entrevistados, o que pode ser destacado pela melhora nos aspectos sociais, familiares, sexuais, profissionais e psicológicos, bem como uma redução significativa de comorbidades inerentes à obesidade.
Palavras-chave: Obesidade. Cirurgia bariátrica. Qualidade de vida.

patriciasturmer@yahoo.com.br

O CUIDADOR E O FIM DA VIDA DO IDOSO

Joscelaine Cristiane Cardoso Lima

O objetivo desta pesquisa foi verificar como o cuidador vivencia e enfrenta os últimos dias de vida e a morte do idoso cuidado. Buscou-se compreender quais os sentimentos e pensamentos despertados no cuidador ao saber que o idoso estava na eminência da morte, identificar se a experiência com a morte do idoso trouxe alguma reflexão que provocou alguma mudança na vida do cuidador e verificar a importância do apoio psicológico para o cuidador. Para melhor compreensão deste assunto foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de entrevista semiestruturada com duas cuidadoras que passaram por essa experiência. Após análise das entrevistas e leitura sobre o assunto pôde-se concluir, entre outros fatores, que os cuidadores de idosos, ao perceberem que o idoso está muito fragilizado e que sua morte chegará em breve, demonstram coragem, carinho e respeito pela pessoa idosa, apesar da tristeza e abalo emocional ao ver essa pessoa chegar ao fim da vida. Ambas as entrevistadas afirmam ter feito o melhor para proporcionar à pessoa cuidada bons momentos em seus últimos dias de vida, sendo bem presente o mecanismo de negação da possibilidade de morte do idoso, bem como um sentimento de impotência por não poder impedir esse acontecimento. Entre as estratégias de enfrentamento da dor utilizadas pelas cuidadoras entrevistadas, observou-se o fato de ver a morte como um descanso, como o término do sofrimento dos idosos cuidados, como passagem e fato natural da vida. Outro aspecto positivo foi que ambas tiveram apoio social informal, apoio familiar e espiritual, que auxiliaram bastante no enfrentamento do estresse nesses momentos. Verificou-se que em cuidados paliativos, o cuidador pode começar a ver a vida de forma diferente, mudar suas prioridades e valores, compreender que a vida é finita e que a morte é real e passar a valorizar mais a vida. As participantes se ressentem por não estarem presentes no momento da morte do idoso, mostrando que tinham uma relação de afeto com eles e que gostariam muito de ter estado presente nesse momento e dado seu apoio. Quanto ao acompanhamento psicológico, as cuidadoras entrevistadas não buscaram, mas acreditam ser muito importante, o que mostra que a Psicologia precisa mostrar mais seu valor e importância perante a sociedade.

jocelainecl@yahoo.com.br

O USO DE PSICOFARMACOS E AS QUEIXAS TRAZIDAS PARA O ATENDIMENTO DE PSICOTERAPIA NA CLÍNICA-ESCOLA

Tanise Severo
Márcia dos Santos
Andressa Mayer

O uso de medicamentos, especialmente psiquiátricos, está crescendo na sociedade. Consultórios, clínica-escolas e serviços públicos recebem indivíduos com queixas persistentes e uso crônico de psicofármacos. Este trabalho trata do uso de psicofármacos juntamente com psicoterapia por mulheres atendidas na clínica-escola de psicologia ULBRA Santa Maria. Teve-se como objetivo verificar a prevalência do uso de medicamentos pelas pacientes, relacionando o uso de medicamentos e suas queixas. Trata-se de um estudo descritivo e retrospectivo, com base nos prontuários das pacientes atendidas entre 2013 e 2015 na clínica de estudos e práticas em psicologia (CEPPSI). Foram selecionadas mulheres maiores de 18 anos atendidas pelos estagiários da clínica, que faziam uso de medicamentos, psiquiátricos ou não. A abordagem foi quantitativa, descritiva e correlacional. No banco de dados da CEPPSI constam 165 prontuários no período de 2013 a 2015. A partir dos critérios de inclusão (mulheres maiores de 18 anos) e de exclusão (não residentes na cidade) foram selecionados 23 prontuários. Entre os prontuários selecionados obtiveram-se 60,9% do ano 2013, 26,1% de 2014 e 13% de 2015. Verificou-se que a amostra possui média de idade de 39 anos e 3 meses, variando de 18 a 71 anos. O uso de medicamentos mostrou-se significativo, a maioria possuía histórico de tratamentos anteriores. O maior uso de medicamentos foi de antidepressivos, caracterizando 31,6%, seguido de 23,7% de uso de ansiolíticos, 7,9% de anticonvulsivantes e 5,3% de antipsicóticos. Os demais medicamentos aparecerem com uso inferior. Além disso, consta uma porcentagem de 5,3% para medicamentos não especificados, pois apenas é relatado no prontuário o uso ou não de medicamentos. Os antidepressivos mais utilizados são fluoxetina e sertralina, e os ansiolíticos de uso mais comuns foram rivotril e diazepam. As queixas mais comuns trazidas para atendimento foram problemas de relacionamentos interpessoais (22,2%). Outra queixa muito comum é a ansiedade (18,5%), envolvendo sintomas de pânico com dificuldades de adaptação (7,4%), por perda do emprego ou término de relacionamento, medo de ficar sozinha (7,4%), incertezas sobre o futuro e queixas envolvendo sintomas depressivos (11,1%), como tristeza. A união da psicoterapia com psicofármacos é questão de divergências na área de psicologia.

Palavras-chave: Mulheres. Psicoterapia. Medicação.

marciavieirasantos39@gmail.com

OFICINAS DE ARTE NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL COM ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE

Andressa Baggio Mayer
Sara Peres Dornelles Almeida
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda
Luís Henrique Ramalho Pereira

Este trabalho trata-se de um relato de experiência a partir de oficinas de arte realizadas em instituição socioeducativa com adolescentes privados de liberdade. A condição norteadora dessa prática é baseada em ações conjuntas, com adolescentes, objetivando fomentar a promoção da saúde mental em espaços privativos. Apresentando a arte como possibilidade de intervenção, as oficinas acontecem todas as sextas-feiras, com quatro turmas com média de sete participantes cada, com idades de 13 a 19 anos, nos períodos da manhã e da tarde. As oficinas foram pensadas a partir do interesse dos adolescentes, procurando trabalhar com temas que se aproximassem da realidade deles, utilizando-se de diversos recursos, como pintura, desenho, artesanato, documentários e filmes. Configura-se como um espaço de criação e como uma forma de acesso a eles para, a partir disso, promover uma interação e discussão sobre elementos da vida de cada um. Dessa forma, as oficinas possuem um plano de fundo, que implica a presença, na suposição, emprestando palavras, não considerando talentos e aptidões, pois se parte da ideia da criatividade, como principal recurso, em que ações que representam o sujeito sejam bem-vindas, podendo, assim, discutir ou não sobre as criações. Procurou-se trabalhar com os adolescentes, priorizando suas vontades e iniciativas, desconsiderando qualquer obrigatoriedade ou penalidade caso não desejassem participar. Esse cuidado foi tomado exatamente para promover experiências significativas e construções subjetivas, além de sentimentos de pertencimento e reconhecimento. Do contrário, se houvesse obrigatoriedade de participação, impossibilitaria o vínculo e o compartilhamento de experiências. Dessa forma, acredita-se que a arte possa ser pensada como um instrumento importante na promoção de saúde e a favor da criação de habilidades sociais e pessoais, capaz de oferecer ao adolescente a possibilidade de engajar-se em uma atitude mais proativa e reflexiva, buscando favorecer o desenvolvimento e o potencial criador, provocando transformações singulares a fim de ampliar percepções e visão de mundo. Ao pintar uma tela, uma folha ou até mesmo uma parede, o adolescente amplia sua relação com o mundo de forma espontânea, desenvolvendo sua sensibilidade e capacidade de lidar com outras expressões. As oficinas caracterizam-se como um possível instrumento para socioeducação, promovendo a saúde mental por meio da formação de vínculos entre os integrantes. A promoção de saúde mental faz com que os sujeitos se sintam ativos e capazes de se relacionar em grupo, flexibilizando suas conflituvas e atuando também na promoção da saúde frente a seus pares, tornando o meio um espaço facilitador para futuras escolhas.

Palavras-chave: Adolescentes. Oficinas. Socioeducação. Saúde mental.

andressabm@yahoo.com.br

OFICINAS DE ESCRITA E LEITURA: UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL COM PACIENTES PSIQUIÁTRICOS

Andressa Baggio Mayer

Catiele dos Santos

Karla Drehmer Pereira

Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as oficinas terapêuticas de leitura e escrita realizadas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I), na Cidade de São Pedro do Sul, Rio Grande do Sul. As oficinas tinham por objetivo estimular a leitura e a escrita, além da reflexão sobre as produções, estimulando a expressão de sentimentos e pensamentos dos pacientes. Os encontros do grupo aconteciam semanalmente no turno da manhã e contavam com cinco a oito participantes, coordenados pela psicóloga e estagiária de psicologia da instituição. Estes eram pacientes com diagnóstico de retardo mental leve a moderado, esquizofrenia e quadros depressivos e que frequentam o CAPS na modalidade intensiva ou semi-intensiva. Optou-se por um grupo misto no que diz respeito ao diagnóstico por haver uma variabilidade no número de participantes, pois este depende da adaptação e do horário disponível pelo usuário no centro de atendimento. As oficinas possibilitavam a cada sujeito formular um registro próprio, de acordo com sua singularidade e possibilidades. Estas se caracterizaram como um grupo de criação e reflexão, envolvendo elementos como interpretação de livros, textos, poemas, música e, ao final de cada encontro, reflexão. Foram criados textos sobre temas específicos, suas histórias de vida, cartões de mensagens, utilizando-se datas comemorativas, além de cartas para si e para outros, possibilitando a reestruturação de alguns vínculos. É visível o crescimento e o progresso dos pacientes, principalmente nos quesitos de interpretação e criação e, mais além, relacionamentos. A leitura estimulava a interpretação e ajudava no desempenho de funções cognitivas, como, por exemplo, atenção e memória. Observou-se que pacientes depressivos, com risco de suicídio, apresentaram melhoras dos sintomas em razão da possibilidade da fala e de reflexão dos temas propostos. Pacientes muito retraídos, com afeto embotado, obtiveram melhora significativa no quadro, conseguindo interagir com os demais colegas. Pacientes muito dispersos, com dificuldades de concentração nas tarefas propostas, melhoraram a atenção e concentração nas atividades; além disso, ampliou-se o repertório discursivo, pois havia pacientes que em decorrência do transtorno tendiam a permanecer em uma circunscrição de seu discurso ou este ser muito sugestível. Dessa forma, as oficinas terapêuticas, juntamente com outras atividades no CAPS, tornaram-se importantes dispositivos de atenção a um cuidado integral, oferecendo oportunidades de maneira criativa ao sujeito em sofrimento mental.

Palavras-chave: Oficinas. Pacientes psiquiátricos. Atenção psicossocial.

andressabm@yahoo.com.br

PERDAS E REAÇÕES PSICOLÓGICAS DE VÍTIMAS DO TORNADO EM GUARACIABA, SC, NO PÓS-DESASTRE

Gabriana Maldaner
Ângela Maria Bavaresco

Os desastres naturais vêm afetando cada vez mais pessoas em todo o mundo, causando preocupação frente às consequências psicológicas provocadas por eles às populações atingidas. Este estudo objetivou investigar quais foram as perdas vivenciadas por essas pessoas e as consequentes reações psicológicas decorrentes do tornado ocorrido em 2009, bem como as estratégias encontradas para enfrentar o acontecido. A realização deste trabalho ocorreu por meio de pesquisa de campo, com entrevistas qualitativas, individuais e semiestruturadas com quatro mulheres com idade acima de 18 anos e que foram vitimadas pelo evento, tendo sofrido perdas de diferentes naturezas. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin. Com o alcance dos objetivos, percebeu-se que as perdas materiais eram munidas de valor simbólico e sentimental, mas consideradas menores que as perdas de vidas. Pode-se entender como a perda das suas histórias, de parte das suas vidas. Passaram a sentir-se incompletas. As reações psicológicas identificadas nas entrevistas foram o medo sentido tanto durante o acontecimento do desastre, bem como no pós-desastre, o sentimento de vulnerabilidade frente a novos eventos semelhantes, além do estresse ocasionado também pela ameaça de um novo desastre mediante situações que lembrem o vivido. As perdas sofridas geraram um luto contínuo nas vítimas, ocasionando um trauma tanto pelas perdas quanto pela vivência do desastre. Essas mulheres utilizaram estratégias de enfrentamento e esforços subjetivos para lidar com as demandas provocadas pelo evento estressor, como a busca por ajuda na comunidade, na família e nas crenças religiosas, tornando-se resilientes para conseguir reerguer-se e suportar o sofrimento provocado.

gabriana.maldaner@yahoo.com

PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE MOTORISTAS DA SAÚDE

Caroline Estéfani Zanin
Amanda Saraiva Angonese

Além de possibilitar transformação, satisfação, segurança, independência pessoal e financeira, autonomia, crescimento pessoal e profissional para o indivíduo, e ser fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, o trabalho e sua dinâmica também podem ocasionar insatisfação, estresse, irritabilidade, insônia e doenças físicas e psicológicas. Compreender as peculiaridades e significados do trabalho para os trabalhadores é um desafio importante para gestores e psicólogos do trabalho em razão de inúmeras transformações no ambiente de trabalho e adoecimentos constantes. No caso dos motoristas da saúde, vários são os fatores do ambiente de trabalho que podem influir direta e negativamente em suas vidas, como características do veículo, trânsito, condições das vias, fatores climáticos, duração da jornada de trabalho, poluição sonora e visual, poluentes químicos e o contato com pacientes em estado crítico e/ou com risco de vida. O objetivo do trabalho foi identificar as características que o trabalho representa para os motoristas da saúde dos setes municípios que compõem a Agência de Desenvolvimento Regional de São Miguel do Oeste, SC. A pesquisa é de abordagem qualitativa e de caráter descritivo na qual se utilizou como procedimento a realização de entrevistas semiestruturadas com 14 motoristas da saúde. Para análise e interpretação dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo de Bardin. Entre os resultados encontrados, pode-se inferir que o trabalho para esses profissionais está causando mais desprazer do que prazer, ele está sendo internalizado como fonte causadora de estresse, insatisfação, desânimo e tristeza e sendo definido como jornada excessiva de trabalho e plantões. Associados às vivências de prazer, destacam-se o conhecimento geográfico e de saúde adquiridos e as novas relações sociais. Observou-se, a partir das falas dos profissionais, que a dinâmica do trabalho gera intenso sofrimento, assim, é necessário monitorar periodicamente a saúde mental e física desses trabalhadores. Sugere-se a adoção de estratégias organizacionais, individuais e de grupo que promovam o aumento da qualidade de vida do profissional. As secretarias de saúde às quais os motoristas estão vinculados devem acompanhar os conflitos existentes na dinâmica de trabalho do profissional, disponibilizando espaços para discussões e ajuda, de modo a diminuir o estresse do trabalho. Os gestores devem dar atenção especial ao favorecimento de condições de trabalho adequadas que fomentem a saúde e o bem-estar dos motoristas da saúde. Mostra-se igualmente necessária a disponibilidade de horários e psicólogos para a realização de psicoterapia individual com esses motoristas para auxiliá-los no enfrentamento das situações vivenciadas, por meio do desenvolvimento e aprimoramento de habilidades emocionais e comportamentais positivas.

zanin.caroline@hotmail.com

PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO SUJO: RELATO DE EXPERIÊNCIA ACADÊMICA COM UM AGENTE FUNERÁRIO

Alana Suevelin Weber

Natalia de Oliveira

Willian Gemelli

Aline Bogoni Costa

O presente trabalho consiste em um relato da atividade realizada no componente curricular Psicologia Social por acadêmicos da quarta fase do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), tendo por temática central a Psicologia Social do Trabalho Sujo. O trabalho sujo se refere a tarefas e ocupações percebidas como degradantes ou que provocavam alguma forma de repulsa e que somente existem por exigências de manutenção das condições de produção e consumo do modelo capitalista. Na sociedade contemporânea, tais trabalhos são delegados a grupos que atuam como agentes dessa mesma sociedade, mas são, geralmente, estigmatizados. Estão nesses grupos aqueles que trabalham com o lixo e com a morte, por exemplo. A metodologia consistiu em entrevista individual com um agente funerário, objetivando identificar aspectos de seu processo de trabalho e de sua identidade profissional. O trabalho sujo não deve ser confundido com outras formas de trabalho estudadas pela Psicologia Social, contudo mantém sua crítica frente aos estigmas sociais. O participante da atividade detalhou sua experiência profissional como algo prazeroso, gratificante e encantador. Em relação à identidade, relatou o prestígio social e o reconhecimento pelo desempenho de sua função, entretanto, as contradições que vive estiveram presentes ao comentar sobre diversas piadas em relação à profissão, fazendo relação com a falta de empatia referente ao trabalho de agente funerário, questão essa criticada pelo entrevistado. Evidenciaram-se, em diversos momentos da entrevista, estresse emocional decorrente de seu ambiente de trabalho e dificuldades em desempenhar seu empreendimento familiar, bem como as limitações em relação às atividades sociais, descanso e lazer, por exercer serviço 24 horas. Conclui-se que o trabalho sujo é caracterizado de modo estigmatizado, embora, para os trabalhadores, como foi o caso do entrevistado, possa ser realizador e significativo. Tal constatação aponta para a necessidade de maior evidência e debate social. Considerou-se relevante a experiência para formação acadêmica.

Palavras-chave: Psicologia social. Trabalho sujo. Relato de experiência. Agente funerário.

williangemelli@hotmail.com

PSICOLOGIA – TRÊS ABORDAGENS: COGNITIVO-COMPORTAMENTAL, PSICANALISTA E HUMANISMO

Ângela Maria Bavaresco

Arnaldo Rasche Júnior

Sirley Schunemann

O presente trabalho teve como objetivos definir as principais abordagens teóricas e investigar a escolha da linha teórica pelo profissional da Psicologia, como Psicanálise, Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC) e Humanismo. Foram entrevistados três psicólogos, um de cada linha teórica, os quais relataram sobre suas carreiras e a forma como trabalham. Realizou-se uma entrevista semiestruturada relacionada à escolha da linha teórica escolhida de cada entrevistado, bem como às facilidades e dificuldades encontradas por eles nesse processo. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. A Teoria Cognitivo-Comportamental é direcionada a resolver problemas atuais e a modificar os pensamentos e comportamentos disfuncionais, propondo que o pensamento distorcido ou disfuncional seja comum a todos os distúrbios psicológicos. A avaliação realista e modificação no pensamento produzem uma melhora no humor e no comportamento. Para tornar isso duradouro, é necessário modificar crenças disfuncionais básicas do paciente (BECK, 1997). O psicólogo atuante na linha cognitivo-comportamental relata que sua escolha por essa linha ocorreu em razão de gostar de organizar-se e por existir a possibilidade de programar-se antes do atendimento ao paciente; ele parte da premissa de que os pensamentos do paciente estão associados aos seus sintomas. Já a psicanálise objetiva livrar os pacientes das memórias reprimidas e aliviar o sofrimento mental, atua por meio de insight sobre conflitos psíquicos inconscientes e efetua tratamento de problemas de natureza crônica, cuja origem se situa em dificuldades ocorridas no passado, apresentando-se através de sintomas (COLLIN et al., 2012). Na entrevista com o psicólogo, notou-se a influência de seus professores de graduação, escolhendo a psicanálise por encontrar nela sua visão de como pretendia estudar e trabalhar. A psicologia humanista procura conhecer o ser humano, humanizando seu aparelho psíquico, em detrimento da visão do homem como um ser condicionado pelo mundo externo, compreendendo as fraquezas do cliente sem julgamentos, estabelecendo uma relação segura que permita explorar sentimentos e condutas que o paciente necessitar (MARTINS, 2009). O psicólogo escolheu essa linha por gostar dos teóricos, da relação com professores humanistas e por fazer psicoterapia com um profissional que utilizava esta abordagem.

REFERÊNCIAS

BECK, J. S. **Terapia Cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

COLLIN, C. et al. **O Livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.

MARTINS, A. M. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 26, n. 1, 2009.

arnaldo_rasche_junior@outlook.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL E A VISÃO HOLÍSTICA NA AUTODESCOBERTA E NO DESENVOLVIMENTO DO SER INTEGRAL

Neiva Santi

Este texto trata-se de um relato de experiência profissional em Atividade Curricular Complementar desenvolvido com alunos de graduação do Curso de Psicologia da instituição Unoesc Campus de São Miguel do Oeste e Pinhalzinho. Considerando a importância e a necessidade dos acadêmicos em ampliar horizontes na área do saber da psicologia, o projeto teve por objetivos oferecer conhecimento teórico e prático da visão holística, quântica e transpessoal, e por meio dessas fundamentações, proporcionar a compreensão da autodescoberta e do desenvolvimento do ser integral. Além disso, buscou-se avançar nos aspectos referentes à pesquisa, no desenvolvimento de ações com vivências terapêuticas e na desmistificação de alguns mitos existentes na área. O Paradigma Holístico representa uma revolução científica, epistemológica e transdisciplinar, e a Psicologia Transpessoal é uma ciência que concebe o indivíduo em sua totalidade, buscando transcender o nível da personalidade. Seus princípios baseiam-se na física quântica, que considera o ser humano e o universo energias em transformação, em um todo indivisível, formando uma rede de inter-relações. Participaram da atividade sete turmas de Psicologia entre os anos 2010 e 2017. A atividade foi desenvolvida por meio de exposição teórica e vivencial, interativa, reflexões grupais e individuais, práticas dinâmicas, dança circular, relaxamento e meditação em espaço previamente preparado, em círculo e com utilização de recursos audiovisuais e colchonetes. O encontro de Autodescoberta e Desenvolvimento do Ser Integral, por meio da Visão Holística e da Psicologia Transpessoal, proporcionou aos participantes a ampliação de consciência e reflexões acerca de si mesmos e de suas inter-relações e situações vivenciais nas diversas áreas da vida, produzindo estado favorável para viver com mais saúde, bem-estar e qualidade de vida, contribuindo para a vida pessoal, acadêmica e para o exercício profissional, considerando que a Psicologia Transpessoal contempla os aspectos transcendentais e profundos da personalidade humana, atendendo às demandas biopsicossociais e espirituais do ser humano. A atividade foi avaliada de forma positiva no sentido de que proporcionou autoconhecimento, despertar e ampliação de consciência por intermédio das vivências terapêuticas e maior integração entre os alunos, esclareceu dúvidas e ampliou áreas do saber e conhecimentos teóricos e práticos da Quarta Força da Psicologia. Essa corrente vem despertando interesse entre os acadêmicos, os quais têm solicitado uma carga horária maior para a atividade e a inclusão na grade curricular na formação acadêmica do psicólogo.

neiva@neivasanti.com.br

REPERCUSSÃO DA TRAIÇÃO NA VIDA DA MULHER

Daiana Denize Nicloti
Daiane Fontanari Scheible
Marisete Camini

O presente trabalho objetivou verificar a repercussão da traição na vida de mulheres que possuíam relacionamento amoroso. Como objetivos específicos, procurou identificar os sentimentos vivenciados pelas mulheres após a separação, verificar os motivos apresentados às mulheres para a traição, analisar as decisões tomadas pelas mulheres a partir da ocorrência da traição e avaliar a recorrência da traição nos relacionamentos amorosos das mulheres. Utilizou-se no estudo a pesquisa qualitativa, com entrevista, e como instrumento de coleta de dados, o questionário semiestruturado. Como participantes têm-se quatro mulheres de 20 a 50 anos, e utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin. A infidelidade é um tema muito complexo que gera sentimentos e atitudes diferenciados em cada indivíduo. Constatou-se que algumas pessoas traem seus parceiros como forma de fortalecer seu ego, sua autoestima, e outras traem para satisfazer algo que está incompleto na relação com o parceiro. Foi possível, ainda, identificar que as participantes, inicialmente, constituíram um vínculo amoroso com seus parceiros com o desejo de serem felizes e de novas realizações pessoais e conjugais. Porém, com a ocorrência da traição, esses planos foram rompidos, gerando angústia, sofrimento, dor e baixa autoestima. Percebeu-se que essas mulheres devem enfrentar esse processo de perda, porque é necessário que a pessoa conviva com esses momentos de “luto” para posteriormente se recuperar. Porém, sabe-se que esse processo não acontece de imediato, mas requer tempo e paciência. Conclui-se que a vida dessas pessoas é repleta de sentimentos negativos, mas com a busca por um tratamento psicológico que engloba, também, a resiliência de cada indivíduo, poderá haver um alívio das tensões, medos e angústias relacionadas à infidelidade, principalmente no que se refere às participantes que relataram serem “injustas” com seus atuais parceiros em decorrência da traição que sofreram nos relacionamentos anteriores.

day_gba@hotmail.com

SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DO FUNCIONALISMO PÚBLICO: UM ESPAÇO PARA REPENSAR AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Thainá Bastos Silveira
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Pensar a saúde dos trabalhadores na esfera pública parece extremamente importante, já que esse espaço pode comprometer a saúde psíquica dos sujeitos por muitos motivos. Contudo, em se tratando de Brasil, qual seria a situação dos funcionários públicos em relação à saúde mental? Este trabalho teve o objetivo de apresentar um grupo de reflexão e acolhimento ao sofrimento psíquico do funcionalismo público da Secretaria de Desenvolvimento Social de Santa Maria, RS. Ainda, propõe uma estratégia de atenção à saúde mental que se caracteriza pela participação de elementos externos e internos à instituição, organizando um projeto de intervenção psicossocial em saúde mental. Para sua realização, utilizou-se a pesquisa-ação que possibilitou a caracterização das relações institucionais por meio de levantamento sócio-histórico da instituição e identificação das necessidades do local. Para tanto, foram realizadas visitas semanais, observações das atividades e identificações de demandas. Após um mês de observação, iniciaram-se os encontros com cerca de 10 funcionários de ambos os sexos. O grupo de reflexão teve sete encontros, com estratégias capazes de mobilizar o quadro de funcionários. Os resultados indicaram o uso preponderante da cisão, do recalçamento e da negação como mecanismos defensivos dominantes do coletivo grupal. Ainda, destacou-se a vivência de sofrimento psíquico oriundo da impossibilidade de encontrar a ressonância simbólica na prática profissional. Diante de tantas transformações na organização do trabalho, vê-se que a competitividade externa generalizada tem levado a competição para dentro das instituições, reforçando o sentimento de hostilidade entre os trabalhadores, na luta por se manterem e se destacarem em sua atividade profissional. O cenário atual no qual se desempenha o trabalho a serviço público é consequência de sucessivas mudanças sociais e políticas, as quais têm consequências diretas na saúde dos trabalhadores, comprometendo sua saúde e qualidade de vida. O acolhimento ao sofrimento psíquico permitiu a discussão dos entraves institucionais e a distinção entre a singularidade do sofrimento dos trabalhadores e o aparelhamento de defesas na relação com o trabalho. Considera-se que por meio do projeto de intervenção psicossocial pode-se mobilizar os trabalhadores para o enfrentamento do cotidiano institucional, figurando como elemento terapêutico ao acolher vivências depressivas e delimitando espaços de ancoragem para as manifestações.

bastosthaina29@gmail.com

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A CULTURA DO MACHISMO: RELATO DE UMA ATIVIDADE ACADÊMICA EM PSICOLOGIA SOCIAL

Karolina Ida Martins Neu

Claudia Backes

Aline Bogoni Costa

O presente trabalho caracterizou-se pela construção de um documentário referente à Psicologia Social e Violência, com os temas violência contra a mulher e cultura do machismo. Foi desenvolvido no segundo semestre de 2017, por acadêmicas do quarto período do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, no componente curricular Psicologia Social. Para a elaboração do documentário foram entrevistadas 11 pessoas, homens e mulheres, de faixas etárias e áreas de atuação profissional distintas, os quais assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem e consentiram a prática, tendo suas identidades preservadas. As entrevistas foram orientadas por problematizar como a mulher é vista na sociedade e sua autopercepção, bem como compreender a atuação da Psicologia em situações de violência. Discutiu-se o que é ser mulher em uma sociedade na qual o machismo ainda é uma realidade e, historicamente, caracteriza-se como um tipo de violência naturalizada. Outra problemática possibilitada nos diálogos foi a desigualdade da mulher frente ao homem em termos da empregabilidade. Nas participações dos entrevistados, destacaram-se, ainda, vários tipos de violência: física, sexual, moral, psicológica e financeira e a dificuldade de efetuar denúncias e cessar com as violências, geralmente recorrentes. Evidenciou-se, a partir dos depoimentos, que a mulher está submissa ao homem, visto como “macho” e chefe da família, algo impregnado à cultura regional, trazendo a necessidade de atuação em diversos campos da Psicologia para orientar, prevenir e romper com os paradigmas dessa cultura. Concluiu-se, por meio da atividade, que o machismo continua, sim, e muito, presente na sociedade, limitando os espaços que a mulher ocupa, oprimindo, violentando e matando. A busca por igualdade, no entanto, deve persistir, e o empoderamento da mulher necessita ser pauta das diversas atuações da Psicologia e, interdisciplinarmente, de outras ciências.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Cultura do machismo. Psicologia Social. Relato de prática acadêmica.

karolneu@hotmail.com

O IMPACTO DA FIGURA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E DA PERSONALIDADE DOS FILHOS

Diele da Silva Santos¹
Amanda Saraiva Angonese²

RESUMO

Para que uma criança possa se desenvolver física e psicologicamente de maneira saudável, além de um ambiente propício, a presença e atuação da família se tornam indispensáveis. Não existe forma de falar sobre figura paterna sem relacionar todos os membros da família, pai e mãe são e sempre serão distintos, mas a função de um complementa a do outro. O presente artigo buscou compreender qual a real importância da figura paterna e qual seu impacto no desenvolvimento emocional e de personalidade de um indivíduo, por meio de entrevista com 22 participantes, divididos igualmente em dois grupos caracterizados pela presença ou ausência paterna durante seu desenvolvimento. Também foi aplicado a eles o teste psicológico Bateria Fatorial de Personalidade, de Nunes, Hutz e Nunes (2010), para verificar as características da personalidade dos participantes dentro do modelo dos Cinco Grandes Fatores. Percebeu-se como as diferentes configurações familiares impactarão emocionalmente no desenvolvimento dos filhos, possibilitando o surgimento de algumas características, como baixa autoestima, insegurança e dependência, bem como relacionamentos sociais fragilizados. Ainda, compreende-se que a separação dos pais não é necessariamente sinônimo de ausência paterna, já que muitas vezes a convivência entre pais e filhos melhora após o divórcio.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Personalidade. Figura paterna.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento emocional da criança, assim como o desenvolvimento de sua personalidade, diante da presença ou falta de um pai é o tema principal desta pesquisa, pois se compreende que para que uma criança possa se desenvolver física e psicologicamente de maneira saudável, ela precisará da ajuda de um indivíduo mais experiente que a instrua em suas necessidades, desde as mais básicas até as superiores.

Para isso, os pais entram com o papel principal nesta etapa. Para Bee e Boyd (2011, p. 309), deve haver uma sincronia entre os pais e os filhos, mas o que acontece com essas crianças quando não têm uma figura paterna para lhes guiar e orientar ou quando são rejeitadas por seus pais? De acordo com o indicado por Bee e Boyd (2011, p. 323), “após repetidas tentativas de obter aceitação de seus pais, crianças desistem e tornam-se socialmente retraídas.” Essa constatação instiga a investigação de alguns aspectos da realidade dessas crianças.

Estes são alguns aspectos do funcionamento infantil que geram problemas de comportamento e emocionais que podem perdurar ao longo da adolescência e até mesmo durante a vida adulta. Crianças que passam por conflitos familiares têm a probabilidade de ter o desenvolvimento de sua personalidade comprometida; conforme Maciel e Rosemburg (2006, p. 100), para “uma criança pequena, que possui

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; dhielly_spz@hotmail.com

² Pós-graduada em Saúde Mental Coletiva pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; pós-graduanda em Avaliação Psicológica pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; amandaangonesesmo@gmail.com

um aparelho psíquico ainda em desenvolvimento, circunstâncias persistentes de extrema frustração e estresse podem afetar mais marcadamente a constituição de sua personalidade.” Portanto, a presença paterna mostra-se tão fundamental como a figura materna para um bom equilíbrio emocional.

Para tanto, nesta pesquisa busca-se refletir o atual papel do pai, usando como objetivos específicos: investigar a percepção dos filhos frente à separação dos pais; verificar qual o impacto da ausência paterna no desenvolvimento emocional dos filhos em idade adulta; e pesquisar qual a influência da ausência paterna na constituição da personalidade dos filhos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para Mota (2005, p. 106), “o desenvolvimento humano envolve o estudo de variáveis afetivas, cognitivas, sociais e biológicas em todo o ciclo da vida.” Muitas teorias surgiram para ajudar a reconstituir as condições de representação de mundo. Influências como hereditariedade, ambiente e maturação são interesses de pesquisadores sobre o desenvolvimento, como citado por Papalia, Olds e Feldman (2010, p. 14): “Aqueles que estudam o desenvolvimento querem saber sobre as diferenças individuais, tanto suas influências sobre o desenvolvimento quanto sua consequência.”

Acredita-se que o desenvolvimento infantil pode ocorrer em estágios ou de forma contínua. Papalia, Olds e Feldman (2010, p. 30) afirmam que “para os teóricos mecanicistas, o desenvolvimento é contínuo, como andar e escalar uma rampa.” Alguns autores acreditam em mudança, sendo que o desenvolvimento da criança aconteceria em uma série de diferentes etapas. Em cada uma delas, as pessoas aprendem a lidar com diferentes tipos de problemas, bem como desenvolvem diferentes habilidades.

2.2 FAMÍLIA E FIGURA PATERNA

Para um crescimento e desenvolvimento saudável do filho, a presença e atuação da família em sua vida mostram-se indispensáveis. Quando se pensa na socialização da criança, ela “inicia e tem seu fundamento na família, cresce através da interação com os companheiros, se desenvolve e cria corpo na escola, continua a se expandir na adolescência e juventude, para culminar na vida adulta.” (BRAGHI-ROLLI et al., 2007, p. 156). Diante disso, para se fornecer uma boa educação aos filhos, os pais devem possuir um misto de qualidades, em momentos específicos serem rígidos, autoritários, e em outros serem mais permissivos, pois, conforme citado por Feldman (2007, p. 348), “Os pais permissivos dão a seus filhos orientação indulgente ou inconsciente e, embora carinhosos, exigem pouco deles. Por outro lado, os pais disciplinadores são firmes, determinam limites para seus filhos.”

A forma como os pais interagem com seus filhos poderá fazer a diferença quando estes se tornarem adultos. As brincadeiras mais agressivas podem moldar a personalidade da criança, que precisa de uma figura masculina para se “espelhar”, entender como os homens se comportam. Ter um pai presente na família é fundamental, pois ele é “necessário para dar à mãe apoio moral, ser um esteio para a sua autoridade, um ser humano que sustenta a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança.” (WINNICOTT, 1979, p. 56).

2.3 PERSONALIDADE

Personalidade é o conjunto das características marcantes de uma pessoa; o pensar, o sentir e o agir. São todos traços formados a partir dos genes particulares que herdamos, das situações que vivenciamos e das percepções individuais e únicas que temos. Características relativamente persistentes, que dão consistência ao comportamento das pessoas, quem pode ter influência genética em sua constituição, bem como ambiental, uma reforçando a outra (DAL-FARRA; PRATES, 2004).

O lugar onde o indivíduo vive pode colaborar na formação de sua personalidade, bem como sua religião, os valores e a educação que recebe, tudo fará com que a pessoa alcance determinados recursos. Conforme afirmam Dal-Farra e Prates (2004), as principais características da personalidade estabelecem-se na infância, isto é, as experiências, essencialmente no meio familiar, são decisivas para o desenvolvimento da personalidade.

Entre tantas teorias sobre a personalidade existe o modelo dos Cinco Grandes Fatores que propõe que diferentes traços de personalidade se agrupam em cinco fatores principais: extroversão (sinaliza a forma como a pessoa interage com os demais e o quanto é comunicativa), socialização (indica qualidade das relações interpessoais dos indivíduos), realização (descreve o grau de organização, persistência, controle e motivação das pessoas), neuroticismo (fornece o nível de ajustamento e instabilidade emocional do sujeito) e abertura a experiências (refere-se aos comportamentos exploratórios e ao reconhecimento da importância de se ter novas experiências) (NUNES; HUTZ; NUNES, 2010).

3 MÉTODO

Para a realização deste trabalho, utilizou-se o método qualitativo. A pesquisa qualitativa é uma tentativa de buscar “explicar, apontar para um sentido da realidade, do fenômeno ou do processo estudado”, sugerindo-se que conforme a ação vai sendo construída, ela já pode ser interpretada (PINTO, 2004, p. 74).

Para tanto, na coleta de dados, realizaram-se três encontros com os participantes, que totalizaram 22 pessoas. No primeiro encontro, foi utilizada uma entrevista semiestruturada com 11 jovens adultos, todos matriculados em algum curso superior, que puderam contar com a presença paterna durante o seu desenvolvimento, bem como com outros 11 jovens adultos, todos inscritos em algum curso superior, que não puderam contar com a presença paterna em seu desenvolvimento. Todos os participantes possuíam entre 17 e 33 anos de idade, entre homens e mulheres, e foram selecionados por conveniência. Após o contato inicial, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que apresentava informações a respeito deste estudo e garantia o sigilo e a preservação de suas identidades, aceitando participar do mesmo. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Já no segundo encontro, aplicou-se o instrumento psicológico de avaliação da personalidade, Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), desenvolvido por Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes, Cláudio Simon Hutz e Mariana Farias Oliveira Nunes (2010), de maneira coletiva; a correção destes foi realizada individualmente, assim como a entrevista devolutiva dos resultados, no terceiro encontro.

Utilizando-se da análise de conteúdo para analisar os resultados desta pesquisa, seguiram-se os estudos de Bardin (2009, p. 31), que indicam que “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, a qual pode ser explorada na amplitude de suas possibilidades.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a apresentação dos dados, optou-se por utilizar nomes fictícios, para que as identidades dos participantes fossem preservadas. Os jovens que tiveram a presença dos pais em seu desenvolvimento são: Robson, Laiane, Julia, Sofia, Camila, Sara, Luana, Jonas, Alice, Bianca e Júnior. Já os entrevistados que não contaram com a presença dos pais são: Laura, Diego, Laís, Murilo, Luci, Alex, Igor, Alissa, André, Ana e Ayla.

A seguir apresentamos os resultados da aplicação do teste Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) realizado pelos participantes, bem como seus significados principais, referentes às características da personalidade, de acordo com a teoria dos Cinco Grandes Fatores. Os itens expostos são aqueles que se distanciaram dos resultados referenciados utilizados pelo teste.

Quadro 1 – Resultado do teste Bateria Fatorial de Personalidade

PRESENÇA PATERNA		
Fator	Classificação	Significado
N1 – Vulnerabilidade	Muito alto	Podem representar baixa autoestima significativa e grande medo de que pessoas importantes a deixem em decorrência de seus erros. Com frequência, é capaz de ter atitudes que vão contra a sua vontade, com o objetivo de agradar os outros. Relata insegurança, muita dependência das pessoas próximas e muita dificuldade em tomar decisões, mesmo em situações triviais do dia a dia.
N2 – Instabilidade	Médio e Alto	Médio: indica um padrão comportamental dentro da média no que se refere a como cada pessoa se percebe irritável e nervosa, apresentando poucas variações de humor em determinadas situações. Alto: tendência de agir impulsivamente frente a algum desconforto psicológico e pode levar a pessoa a tomar algumas decisões de forma precipitada. Indivíduos com esse perfil geralmente alternam de humor com mais facilidade, apresentando baixa tolerância à frustração.
S1 – Amabilidade	Baixo e Médio	Baixo: sugere pessoas com tendência a serem mais autocentradas e pouco sensíveis às necessidades dos outros. Costumam se preocupar menos com o bem-estar das pessoas, podendo ser um pouco inconvenientes ao tratarem de assuntos delicados. Médio: indica um padrão comportamental dentro da média no que se refere a quanto atenciosa, compreensiva e empática a pessoa procura ser com as demais. Além disso, indica quanto agradável a pessoa busca ser com os outros, observando suas opiniões, sendo educada com elas e se importando com suas necessidades.
S2 – Pró-socialidade	Baixo	Indica uma pessoa com tendência a se envolver em situações de risco, discordando de algumas leis e regras sociais. Geralmente tem facilidade para manipular os outros, obtendo deles o que deseja. Pode ser um pouco hostil.
AUSÊNCIA PATERNA		
Fator	Classificação	Significado
N4 – Depressão	Alto	Podem indicar baixa autoestima e algum medo de que pessoas importantes venham a deixá-los em decorrência dos seus erros. Podem mostrar-se capazes de atitudes que vão contra a sua vontade, com o objetivo de agradar os outros. Tendem a relatar insegurança, dependência de pessoas próximas e certa dificuldade ao tomar algumas decisões, mesmo em situações triviais do dia a dia.
E4 – Interações Sociais	Médio e Muito baixo	Médio: indica um padrão comportamental dentro da média no que se refere ao desejo e à necessidade por interações sociais, indicando o quanto as pessoas buscam ativamente situações que permitam tais interações, como festas, atividades em grupo, etc. Muito baixo: geralmente prefere ficar sozinho ou em grupos pequenos e demora mais para desenvolver novas relações sociais. Tende a apresentar uma necessidade reduzida de viver situações mais intensas, de frequentar lugares mais ricos em termos de estímulos e possibilidades de contatos sociais.
S1 – Amabilidade	Baixo	Sugere pessoas com tendência a serem mais autocentradas e pouco sensíveis às necessidades dos outros. Costumam se preocupar menos com o bem-estar das pessoas, podendo ser um pouco inconvenientes ao tratarem de assuntos delicados.

Fonte: os autores.

4.1 CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Diante das mudanças nas configurações familiares é importante que se tenha um ambiente estruturado, pois um ambiente desestruturado pode impedir o desenvolvimento de um sujeito em encontrar seu potencial, causando prejuízos futuros. Scherer (2009, p. 139) elenca os fatores ambientais que “incluem os desajustes familiares, a negligência, os abusos físicos, emocional e sexual, a pobreza extrema, a educação de má qualidade, e a falta de vínculos significativos”, fatores esses que influenciam na constituição das famílias. Pode ser observado esse ambiente desestruturado em alguns relatos dos participantes:

A gente já vinha sofrendo com as brigas constantes do meu pai e da minha mãe e por qualquer motivo, a gente já sentia que algo ia acontecer. (Laura).
O pai não tinha paciência, se ele tinha se estressado com alguma coisa ele descontava em nós, né. (Murilo).
Nenhum dos sete dias ele tava em casa, ele não tirava férias, feriado, até porque a firma de [...] é dele entendeu, e aí sábado e domingo ele não tava igual, era como se fosse uma segunda-feira um domingo. Era difícil.” (Igor) (informações verbais).

Além desse contexto conturbado vivenciado pelos participantes, a separação pode ser um fator de extremo estresse para todos que constituem a família, mas principalmente para os filhos, quando são omitidos de qualquer explicação. Stein (2014, p. 8) afirma que o divórcio dos pais interfere psicologicamente no desenvolvimento humano, contudo “o sofrimento da criança ou adolescente não é visto como prioritário, e muitas vezes, acaba sendo negado.” De acordo com os relatos, esse momento delicado da família foi tratado apenas pelos adultos, sem haver uma conversa esclarecedora, o que pode contribuir para os altos índices do fator depressão, analisado no teste aplicado, que indica o forte medo de que pessoas importantes os abandonem em decorrência dos seus erros, justamente pela falta de explicação no momento devido. Esse fato pode ser ilustrado pelas falas a seguir:

Simplesmente um dia eu acordei, [...] meu pai saiu, me deu um abraço e daquele dia em diante minha avó disse que meu pai e minha mãe tinham se separado e aquilo não ficou bem claro assim pra mim, porque eu imaginava que ele iria voltar alguma hora, como se ele tivesse saído pra trabalhar, alguma coisa. (Alissa).
Sempre fui uma criança muito confiante, extrovertida, pois tinha muito apoio em casa. Aí um dia isso tudo acabou. De repente me vi sozinha, perdida e confusa. De uma hora para a outra eu não tinha mais uma família. Foi uma época que me marcou demais. (Ayla) (informações verbais).

Chalita (2001, p. 20) afirma que “a família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais”, sendo nela que se observam os primeiros convívios e experiências, constituindo-se o lugar onde o sujeito tem capacidade de alcançar a sua maturidade emocional. Portanto, a família deve ser um lugar de confiança, que possibilite a existência do diálogo entre seus membros. De acordo com o depoimento da participante Laura, podemos ver o quanto a falta da presença de seu pai no seu crescimento afetou, inclusive outros relacionamentos, o que pode colaborar para os índices muito baixos no fator interação sociais analisado pela Bateria Fatorial de Personalidade, que indica uma demora maior para desenvolver novas relações sociais. Também, conforme a colaboração de Diego, percebemos o quanto a falta de contato com a figura paterna impacta na própria relação agora estabelecida com esse pai.

Muitos dos meus comportamentos que hoje eu tenho, alguns receios pode ser disso, que eu tenho alguns medos ainda, em relacionamentos, em questão do meu pai também [...] A gente tem muita coisa que não foi resolvida ainda, apesar de ter se passado mais de praticamente 10 anos, até hoje a gente não se mantém contato, a gente conversa, mas não é... não é contato de pai e filho. (Laura).

Eu culpo ele por muitas coisas, considero ele como um tio, tio bem distante. Nunca nos falamos, quando ele vem pra cá é como se nada tivesse acontecido, entendeu? Queria falar muitas coisas, mas não, não tenho oportunidade [...] (Diego) (informações verbais).

Já a participante Sofia nos ofereceu o contraponto de que ser pai nunca foi uma tarefa fácil, ao mesmo tempo em que se tem o papel de demonstrar segurança, amparo, atenção e afago, também deve ser a representação da regra, estabelecer princípios e limites. Este se mostra como um dos maiores desafios dos pais e responsáveis: possibilitar o entendimento de seus filhos da necessidade do cuidado. Contudo, pode também ser um fator que contribui para os altos índices no fator vulnerabilidade, que indica insegurança e dependência das pessoas próximas, demonstrando grande dificuldade em tomar algumas decisões, já que possivelmente são pessoas que foram acostumadas a ter alguém que fizesse isso por elas. “Minha educação sempre foi muito rígida, regrada. Cresci com pais querendo me proteger o tempo todo, até do que era positivo, como uma viagem da escola, por exemplo.” (Sofia) (informação verbal).

Marinoff (2005) alerta que o amor deve ser passado, mas não em demasia, uma quantidade grande demais de uma coisa boa também faz mal para a formação do ser humano, como ser supervalorizado, amado e querido. Alguns participantes relataram o que essa figura paterna representa para suas vidas:

Representa segurança, proteção, a lei, com certeza também o afeto. (Luana).

Foi muito importante essa figura masculina na minha vida assim pra, pra desenvolver as potencialidades, as capacidades que, que eu levo hoje [...] (Jonas).

Ele sempre buscou tá perto da gente, tá sempre presente, sempre dando conselhos para ser alguém na vida, pra seguir a vida como uma pessoa honesta. Sempre era esse o lema dele, e eu tenho ele como um espelho hoje. (Bianca).

Meu pai esteve presente em toda minha vida, desde que planejou em ter filhos, esteve presente nos momentos difíceis e nos momentos ruins [...] (Laiane).

No começo ele não estava presente, depois ele teve um papel bem importante, né? [...] Por mais que ele tenha sido um exemplo nessa questão de se esforçar pelo que tu quer, ele não foi um exemplo de pai que tenho pra mim. (Camila).

Ele é presente né, mesmo estando distante ele é um pai presente. Eu sinto que ele se importa e tal e é isso, só que eu gostaria de ter ele junto comigo. (André).

O meu pai pra mim é o meu herói, [...] me criaram, me educaram, me deram amor, comida, roupa, educação, então, eu tenho orgulho, tenho admiração. (Júnior) (informações verbais).

4.2 IMPACTOS EMOCIONAIS

Goleman (2007, p. 213) afirma que todas as interações realizadas entre pais e filhos conterão algum “tema emocional, e com a repetição dessas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de sua perspectiva e aptidões emocionais.” Ajudar em um dever de casa ou em situações em que a criança tem necessidade, acompanhar o dia a dia do filho, participar dos momentos de lazer, todos esses contatos passam a se constituir em um padrão entre a criança e os pais, moldando a expectativa emocional da criança a respeito de relacionamentos, perspectivas que caracterizarão o comportamento dela em todas as áreas da vida. Também, essas influências podem contribuir para os índices baixos no fator amabilidade da BFP, que sugere uma tendência de os participantes serem mais autocentrados e pouco sensíveis às necessidades dos outros, conforme podemos perceber na fala de Robson:

Eu me remeto a poucas lembranças boas, foco mais nas ruins, e isso infelizmente me faz ser quem sou hoje. Entendeu? Esse olhar um pouco mais cético, a ausência de empatia, uma dificuldade muito grande pra isso, eu posso até sentir o que os outros sentem, entende? Mas eu olho tudo com maior frieza, e aí tu vê, refletem em ene situações né? Inclusive nos relacionamentos que constitui, comumente não são muito longos. (informação verbal).

Para Oaklander (1980, p. 290), “a criança (ou adulto) que sente a necessidade de apegar-se fisicamente aos outros possui um senso tão vago de si própria que se sente bem apenas quando pode fundir-se com outra pessoa.” Essa necessidade da presença do outro, bem como da baixa autoestima, vem ao encontro do que já afirmamos sobre os fatores analisados de depressão e vulnerabilidade.

Sou muito insegura em minhas decisões e dependente no sentido de ter alguém passando a mão na cabeça o tempo todo, alguém para dividir comigo as responsabilidades das minhas escolhas. (Sofia).

Sei lá... mais tímida ainda, sabe, de não se desenvolver assim, né? Não saía e ficava sempre em casa. (Lucy).

Tu sente falta de um carinho, de um abraço masculino ou tipo assim “ah, eu vou com a minha filha, vou pegar na mão da minha filha, vou em tal lugar, vou levar fazer isso e aquilo”. (Laís).

Hoje a gente perdeu esse contato, não sei se foi porque eu comecei a namorar, não sei, mas a gente assim dificilmente tem aquele contato de abraço. (Julia).

Sou insegura, desconfiada, indiferente e insensível, em muitas ocasiões não deixo transparecer, mas eu sei o que sinto e o porquê. (Ana) (informações verbais).

Se a saída do pai for traumatizante, os filhos podem sentir-se abandonados, o que no futuro poderá levar à perda de confiança nas pessoas e dificultar futuros relacionamentos afetivos, como também pode ser visto nos resultados da análise dos fatores de depressão, vulnerabilidade e interações sociais do teste aplicado nos participantes. Para Bauman (2004, p. 18), “no caso da morte, o aprendizado se restringe de fato à experiência de outras pessoas.” O autor comenta, ainda, que a morte, assim como o nascimento, acontece somente uma vez e não se deve esperar por uma próxima oportunidade que não existirá para fazer o certo. Percebemos no relato de Alice como a perda de seu pai, há aproximadamente dois anos, ainda está impactando emocionalmente no dia a dia familiar: “A gente não percebe que tem essas coisas até que não tem mais. Agora a gente briga pra tentar manter esses dias assim legais, mas é muito difícil.” (informação verbal).

Nesse processo de paternidade aparecerão muitos obstáculos, aqueles que estiveram presentes e contribuírem para a formação e educação são vistos como espelhos, mas todos já foram filhos e sabem onde seus pais erraram e o que mais estimaram. Em relação às expectativas quanto ao futuro, muitos buscam não seguir os passos do pai quando passam por situações de aperto em sua nova família:

Pode-se dizer que o que eu levo de bom do meu pai é os erros que ele fez pra eu tentar não imitar ele, basicamente é isso. (Alex).

Eu não, não, não sigo ele de exemplo, sabe? [...] tudo o que eu vi de erro do meu pai, os exageros dele, eu procuro não fazer hoje com meu filho. (Murilo) (informações verbais).

Podemos notar que, apesar de suas vivências (ou por causa delas), os participantes desta pesquisa têm uma visão de buscar fazer diferente daquilo que vivenciaram, têm uma abertura maior e passaram a ser pessoas mais resilientes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, com os resultados desta pesquisa, compreender o quão importante é o sentimento, o afeto de um pai para com seu filho e a importância para a criação e o desenvolvimento da personalidade. Por meio dos relatos dos participantes, mostrou-se claro que presença não é sinônimo de convivência, pois dependendo muito de como será a relação do sujeito com seu pai, em algumas situações será como se não o tivesse. Assim como não é porque os pais estão separados que a figura paterna deixa de existir na vida dos filhos, ou, pelo menos, não deveria ser assim. Muitos dos participantes conseguiram manter

contato com seus pais mesmo após o divórcio, o que colaborou para que sua personalidade não sofresse um impacto tão grande com a mudança na constituição familiar.

As famílias hoje estão mais ligadas a uma estrutura familiar socioeconômica do que efetivamente de instrução familiar, instrução para que o sujeito repense suas atitudes. O que se vê é a luta para oferecer aos filhos condições melhores que aquelas que os pais tiveram. Diante disso, parece-nos que a ideia que se tem atualmente é que para tornar a vida o mais confortável possível, não se pode mais ter tempo para se dedicar integralmente a família, uma instituição que exige dedicação integral para que os filhos não cresçam tendo dificuldades emocionais. Portanto, ao buscarem melhores condições financeiras, os pais não conseguem se fazer presente na vida de seus filhos.

Mediante as experiências vivenciadas, que não podem mais ser reconstituídas ou modificadas, nossa essência vai continuar sempre sendo moldada, assim como nossa personalidade, que constantemente está sendo influenciada por tudo aquilo que nos acontece. Cabe à família possibilitar com que essas experiências se tornem emocionalmente seguras para seus membros, procurando orientação e auxílio profissional quando necessário e evitando, assim, o surgimento de tantos sofrimentos psicológicos desnecessários, causados, na maioria das vezes, pela falta de uma boa e franca conversa elucidativa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEE, H.; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRAGHIROLI, E. M. et al. **Psicologia Geral**. Porto Alegre: Vozes, 2007.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2004.

DAL-FARRA, R. A.; PRATES, E. J. A psicologia face aos novos progressos da genética humana. **Psicologia Ciência E Profissão**, v. 1, n. 24, p. 94-107, 2004.

FELDMAN, R. S. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGrawhill, 2007.

MACIEL, R.de A.; ROSEMBURG, C. P. A relação mãe-bebê e a estrutura da personalidade. **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 96-112, maio/ago. 2006.

MARINOFF, L. **Pergunte a Platão**. Rio de Janeiro: Record 2005.

MOTA, M. E. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 105-111, 2005.

NUNES, C. da S.; HUTZ, C.; NUNES, M. O. **Bateria Fatorial de Personalidade**: manual técnico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PINTO, E. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 1-2, p. 71-80, 2004.

STEIN, D. **Divórcio dos pais interfere psicologicamente no desenvolvimento humano**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, 2014.

WINNICOTT, W. **A criança e seu mundo**. Harmondsworth: Penguin Books, 1979.

EIXO 2

A ATUAÇÃO EM SAÚDE MENTAL NOS NASFS DA MACRORREGIÃO DE SAÚDE DO GRANDE OESTE DE SANTA CATARINA

Paula Cristina Tasca
Sirlei Fávero Cetolin

Com o objetivo de apoiar o trabalho da Estratégia Saúde da Família (ESF) e ampliar a abrangência e o escopo das ações da Atenção Básica (AB), o Ministério da Saúde criou, mediante a Portaria GM n. 154, de 24 de janeiro de 2008, os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF), que devem atuar por meio do trabalho compartilhado e do Apoio Matricial. O Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) pode se constituir como estratégia de gestão para a construção de uma rede ampliada de cuidados em Saúde Mental no nível de território, a partir de uma equipe multidisciplinar, atuando em uma perspectiva interdisciplinar. Neste trabalho teve-se como objetivo analisar a atuação dos profissionais do NASF na atenção à saúde mental, dos municípios da Macrorregião de Saúde do Grande Oeste Catarinense. O estudo apresenta caráter exploratório e descritivo, de natureza quantitativa e qualitativa. A pesquisa de campo foi realizada com um profissional de cada uma das 36 equipes do NASF, por meio da aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas. Participaram profissionais da Psicologia, Farmácia, Nutrição e Professores de Educação Física. Para a análise e tabulação dos dados quantitativos utilizou-se a Plataforma Google Drive e o Programa Excel para a elaboração dos gráficos. Em relação à análise qualitativa, o texto descritivo do questionário foi interpretado a partir da análise lexical proposta por Camargo e Justo (2013), utilizando como ferramenta o Software Iramuteq e, posteriormente, a interpretação dos dados. Evidenciou-se que os NASF pesquisados desenvolvem ações de atenção à saúde mental, sendo a mais desenvolvida a atividade em grupo, ainda muito centralizada no Psicólogo. Outro item importante refere-se à prática dos atendimentos individuais, os quais são expressivos e realizados pelas categorias profissionais investigadas no estudo. As equipes de NASF desenvolvem ações de saúde mental em rede, articulando-se com a APAE, a Polícia Militar, o CRAS e o Conselho Tutelar. Entretanto, a educação permanente, o apoio matricial e os projetos terapêuticos singulares nessa área ainda são desafios a serem superados pelos NASFs pesquisados. Outra observação se refere à interdisciplinaridade, entendida por alguns profissionais como importante, porém com atuações limitadas desenvolvidas pelos NASFs. Nesse sentido, considera-se fundamental que os NASFs adotem a prática interdisciplinar para o desenvolvimento das ações em saúde mental e a realização de trocas de saberes, capacitação e responsabilidades, na perspectiva de gerar mais experiências aos profissionais envolvidos.

Palavras-chave: Saúde mental. Atuação profissional. NASF.

paulacristinatasca@yahoo.com.br

A INSERÇÃO DO PSICÓLOGO NO PROGRAMA SAÚDE EM CASA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gessi Terezinha Borowicc

O Serviço de Atenção Domiciliar (SAD), de acordo com a Portaria n. 825, de 25 de abril de 2016, é um “serviço complementar aos cuidados realizados na atenção básica e em serviços de urgência, substitutivo ou complementar à internação hospitalar, responsável pelo gerenciamento e operacionalização das Equipes Multiprofissionais de Atenção Domiciliar (EMAD) e Equipes Multiprofissionais de Apoio (EMAP).” Entende-se por Atenção Domiciliar um conjunto de ações de prevenção e tratamento de doenças, reabilitação, cuidados paliativos e promoção à saúde prestadas em domicílio. O SAD tem como principais objetivos: redução da demanda por atendimento hospitalar; redução do período de permanência de usuários internados; humanização da atenção à saúde, com a ampliação da autonomia dos usuários; e desinstitucionalização e otimização dos recursos financeiros e estruturais da Rede de Atenção à Saúde. O SAD no Município de Chapecó, SC está intitulado como Programa Saúde em Casa, e nele atuam duas EMADs, compostas por médico (a), enfermeiro (a), técnicos de enfermagem e fisioterapeuta e uma EMAP, composta por fonoaudióloga, nutricionista, psicóloga, fisioterapeuta e eu, psicóloga, que atuo em conjunto com os demais profissionais como apoio, tanto às Equipes Multiprofissionais de Atenção Domiciliar quanto aos usuários do serviço e seus familiares. Minha experiência nesse serviço é recente, iniciei em 03 de maio de 2017 e meu objetivo é compartilhar um pouco sobre esse novo desafio na saúde pública, já que sou a primeira profissional psicóloga a fazer parte da equipe. O Programa Saúde em Casa também é um serviço recente em Chapecó, iniciou em meados de 2014 e foi apresentado oficialmente em 08 de agosto daquele ano.

Palavras-chave: Serviço de Atenção Domiciliar. Equipe Multiprofissional. Humanização na Saúde.

gessitb@gmail.com

A PERCEPÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES SOBRE O SEU FAZER NO CAMPO E O ADOECIMENTO PSÍQUICO

Tânia Regina Aosani
Jaíne Stein

Nesta pesquisa teve-se por objetivo conhecer a percepção de agricultores familiares sobre o seu fazer no campo e o adoecimento psíquico, compreendendo as principais dificuldades vivenciadas e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas em relação ao seu trabalho cotidiano. A pesquisa foi realizada por meio do método qualitativo, no qual se busca compreender os significados e as características situacionais, bem como descrever e analisar experiências mediante reflexões, discutindo-se as vivências pessoais e coletivas. Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, elaborada previamente pela pesquisadora. Os participantes da pesquisa foram 10 agricultores, de ambos os sexos, com idades entre 45 e 50 anos que residem e trabalham em suas propriedades rurais em um município do Extremo-Oeste catarinense. Por meio desta pesquisa compreendeu-se que a percepção dos agricultores sobre o seu trabalho no campo é positiva, a maneira como enfrentam as suas dificuldades diz respeito às estratégias por eles inventadas ao longo de suas histórias de vida e de adversidades enfrentadas no campo. Existe a dificuldade de reconhecer e relacionar questões emocionais com o adoecimento psíquico, questões estas decorrentes de um contexto histórico de vida e de formação subjetiva. Palavras-chave: Agricultura familiar. Adoecimento psíquico. Qualidade de vida.

tania.aosani@unoesc.edu.br
jainestein@yahoo.com.br

A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE EM SAÚDE: EXPERIÊNCIAS DO PET – SAÚDE

Ana Cristina Costa Lima

Maria Elisabeth Kleba

Tânia Regina Aosani

Este texto trata-se de um relato de experiência de observação participante de um grupo de PET – Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). A atividade foi desenvolvida a partir de uma proposta da disciplina de Políticas e Práticas de Ensino em Saúde do Mestrado em Ciências da Saúde da Instituição. Teve-se como objetivo conhecer a percepção de estudantes sobre o trabalho em equipe interdisciplinar na perspectiva de ações em rede a partir da experiência de PET – Saúde. A observação participante foi desenvolvida a partir de um roteiro construído previamente por meio de discussões e tutorias em sala de aula. O processo de observação também contou com a produção de diário de campo. O cenário da observação foi um encontro de socialização de experiências e de apresentação dos resultados de pesquisa do grupo PET – Vigilância em Saúde da Unochapecó. Participaram do encontro os estudantes e preceptores do grupo. Para os estudantes o trabalho interdisciplinar precisa ser construído na Universidade; essa percepção ocorreu a partir das aproximações entre cursos das áreas da saúde proporcionadas pelas pesquisas desenvolvidas durante a experiência de PET vigilância e pelos espaços de integração com os serviços. A integração entre os cursos fez os estudantes perceberem a distância entre as áreas de saúde e conhecer sobre o papel de cada profissão envolvida, também os fez questionar sobre as dificuldades dos serviços de saúde como o trabalho em equipe, multidisciplinar e em rede e que a experiência de aproximação interdisciplinar na Universidade foi fundamental para essa compreensão. A rede parece estar envolta desse distanciamento entre profissões e da dificuldade de comunicação entre as áreas, dificuldades estas também sentidas pelos estudantes durante a graduação. A experiência de PET possibilitou aos estudantes aproximações interdisciplinares e com os serviços relacionados aos seus temas de pesquisa em Vigilância em Saúde. Ocorreu uma ampliação do conceito de SUS e do trabalho em equipe. A experiência possibilitou aos estudantes se visualizarem nos serviços de saúde e perceberem as necessidades do trabalho interdisciplinar que começa na universidade e posteriormente é ampliado para as práticas de saúde nos serviços.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. PET – Saúde. Rede de Atenção à Saúde.

lima.anac@gmail.com

lkleba@unochapeco.edu.br

A SINGULARIDADE DO ESPECTRO AUTISTA

Tais Cristina Zanatta Lermen
Lisandra Antunes de Oliveira

No presente artigo se retratará a trajetória do desenvolvimento da concepção do autismo. A origem da doença muito se tem estudado, porém, não existe nenhuma afirmação concreta do que pode gerar o transtorno; para alguns pesquisadores ela pode estar relacionada a causas genéticas, para outros, a causas ambientais, abuso de antibióticos, poluição do ar, entre vários outros fatores. “O que se sabe ao certo é que algumas conexões do cérebro apresentam falhas.” (CAMPBELL, 2009, p. 119). O Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Autismo é um transtorno de desenvolvimento caracterizado por três sinais e sintomas específicos para a sua identificação: dificuldades de interação social, problemas de comunicação social e comportamentos repetitivos e restritos. A apresentação desses sintomas varia intensamente entre os portadores e se expressa normalmente desde o início da vida até os oito anos, mas de forma mais comum e marcante, antes dos três anos de vida. Um filho sempre gera muita expectativa na família, porém, o que nunca se imagina é que esse filho nasça com algum tipo de transtorno. Segundo Penna (2006), o nascimento de um filho com algum tipo de transtorno altera os sonhos e as expectativas dos pais e da família. Essas expectativas, quando não satisfeitas por causa das limitações e das imperfeições do filho, acabam gerando ansiedade nos pais, levando-os a atravessarem um período de luto. Se para a família do autista já não é um processo fácil de aceitação, imagina para a sociedade, que é desinformada sobre o assunto. O autista necessita de atenção e acompanhamento especial para o seu transtorno, mas a família não pode ser deixada de lado. Diante disso, é necessário que a família passe por acompanhamento de profissional qualificado para exteriorizar o seu sofrimento, pois se sabe que ela passa por uma morte social, afastando-se e sendo afastada dos seus afazeres rotineiros, de amigos, enfim, da vida social. Palavras-chave: Autismo. Família. Sociedade.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, S. I. **Múltiplas Faces da Inclusão**. Rio de Janeiro; Wak Ed., 2009.

PENNA, E. C. G. **Qualidade de Vida de Mães de pessoas com o diagnóstico de Autismo**. Caderno de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, 2006.

tais.zanatta@unoesc.edu.br
lisandra.antunes@unoesc.edu.br

ACESSO E ATENÇÃO À SAÚDE DOS IMIGRANTES HAITIANOS EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DE CHAPECÓ, SC

Ana Paula Risson
Ana Cristina Costa Lima
Regina Yoshie Matsue

Neste trabalho abordam-se dados de uma pesquisa de mestrado e tem-se o objetivo de analisar o acesso e o cuidado em saúde dos imigrantes haitianos na atenção básica em Chapecó, SC. A cartografia, realizada a partir da visão dos trabalhadores da saúde, foi utilizada para mapear a atenção em saúde dos haitianos residentes na Cidade. O cenário de pesquisa foram seis Unidades Básicas de Saúde (UBS), localizadas nos bairros que concentram o maior número de moradores haitianos. Nas UBS, a produção de dados consistiu em três etapas. Primeiramente, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com as coordenadoras das UBS. No segundo momento, realizaram-se seis rodas de conversa com os trabalhadores de cada uma das UBS participantes da pesquisa, e, por último, cinco oficinas de grupo com os trabalhadores de cada uma das UBS participantes da pesquisa. Cada um desses momentos foi guiado por um roteiro semiestruturado. No total, a pesquisa contou com a participação de 172 trabalhadores da atenção básica do SUS, incluindo agentes comunitários de saúde, auxiliares administrativos, auxiliares de enfermagem, auxiliares de saúde bucal, dentistas, educadores físicos, enfermeiras, farmacêuticos, médicos, nutricionistas, psicóloga e técnicos de enfermagem. Além dessas estratégias, realizaram-se observações no cotidiano (registradas em diários de campo) e uma pesquisa documental (realizada no portal eletrônico da Secretaria Municipal de Saúde de Chapecó). Os dados da pesquisa foram organizados em formato de rizoma, entendido como um conjunto de linhas ou lineamentos, que não tem início nem fim, é aberto, conectável em todas as suas dimensões. Na realidade observada, os haitianos têm garantia legal de acesso e atenção aos serviços do SUS, no entanto, a partir das percepções e práticas dos trabalhadores da saúde, percebeu-se que não estão sendo consideradas as necessidades e especificidades dessa população migrante. Tais descon siderações interferem negativamente na criação e no estabelecimento de vínculo entre haitianos e trabalhadores. Nesse sentido, para superar os desafios trazidos pela população haitiana aos serviços de saúde, é imprescindível a criação de estratégias conectadas, de esforços coletivos e de ações planejadas que busquem atender de maneira integral os imigrantes haitianos. Cuidar e pensar em um acompanhamento integral implica abandonar o atendimento fragmentado, isolado, voltado apenas para as demandas pontuais, como necessidade de realização de vacina e acompanhamento de pré-natal ou tratamento de alguma dor. Entende-se que para atender de maneira integral esses novos usuários é necessário que os trabalhadores tenham uma postura livre de juízos de valor e uma compreensão macro dos imigrantes.

ana.risson@unoesc.edu.br
lima.anac@gmail.com

ALÉM DO QUE SE VÊ: A ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO INSTITUTO MÉDICO-LEGAL (IML) EM UM AMBIENTE ONDE A VIDA COMEÇA, TRANSCORRE E TERMINA

Chancarlyne Vivian
Amanda Saraiva Angonese

A morte e a violência fazem com que as pessoas fiquem mais sensíveis à vida. Assim, neste artigo tem-se o objetivo de compreender como esses profissionais se posicionam frente ao exercício que realizam em prol da justiça, verificar a saúde mental e as condições gerais de trabalho, bem como conhecer as estratégias de resiliência utilizadas pelos colaboradores para lidar com situações de violência e morte sem carregar fatos que causem algum dano psíquico. A pesquisa foi realizada por meio de roteiro semiestruturado com cinco profissionais, dois médicos legistas e três auxiliares que atuam nos Institutos Médico-Legais (IMLs) das cidades do Extremo-Oeste catarinense e da região central do Rio Grande do Sul. O método utilizado para explicar os dados foi o qualitativo, que busca compreender os significados e características situacionais. A partir da análise dos relatos pôde-se perceber que o cuidado, a coerência e o profissionalismo são os pontos fundamentais que permeiam suas atuações na instituição. As situações presenciadas e o enfrentamento exigem trabalhadores resilientes que adquiram estratégias de minimização dos fatos para que suas atividades profissionais não tragam agravos futuros. Por meio desta pesquisa compreendeu-se que é fundamental que esses colaboradores vivam em equilíbrio para que possam desenvolver seu trabalho eticamente a fim de garantirem a integridade e a segurança dos indivíduos. Assim, constata-se a importância da atuação do profissional da Psicologia para facilitar o processo de compreensão desses profissionais acerca da importância de suas atuações diante da busca pela justiça mútua.

Palavras-chave: Instituto Médico-Legal. Profissionais. Justiça. Sentimentos. Resiliência.

chancarlyne_mh@hotmail.com

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA HANSENÍASE

Caroline Estéfani Zanin
Sirlei Favero Cetolin

A hanseníase conhecida desde os primórdios como lepra foi descrita ao longo da história como uma doença que causava horror em razão das deformidades físicas relacionadas ao doente não tratado. Assim, o preconceito, a autoestigmatização, os conflitos familiares e sociais e a incapacidade de autopercepção corporal podem se intensificar e dificultar o enfrentamento da doença. Inclusa no rol das doenças negligenciadas e estigmatizantes, a hanseníase é uma doença infectocontagiosa com evolução lenta e de baixo poder patogênico, sendo a maior forma de contágio o contato inter-humano. A hanseníase ainda representa um problema de saúde pública que pode causar no indivíduo consequências psicossociais. O objetivo da pesquisa foi avaliar abordagens psicossociais desenvolvidas no tratamento da hanseníase a partir de uma pesquisa realizada com profissionais da saúde em municípios da área de abrangência da Comissão de Intergestores Regional (CIR) do Extremo-Oeste catarinense com casos de hanseníase diagnosticados nos anos de 2010 a 2013. A pesquisa se enquadra nas categorias exploratória e descritiva, utilizando-se de uma abordagem qualitativa para responder ao objetivo proposto. Participaram da pesquisa seis psicólogos. O papel da Psicologia, atuando com a equipe multidisciplinar, é de extrema importância para a aceitação dos pacientes e seus familiares no processo de tratamento da hanseníase. A participação do profissional da Psicologia nas consultas e ao longo de todo o caminho de procedimento para a cura é essencial na adesão do paciente ao tratamento, facilitando o contato médico-paciente, realizando uma escuta diferenciada e qualificada, promovendo maior qualidade do atendimento. A pesquisa bibliográfica evidencia a importância do apoio psicossocial, pois o impacto do diagnóstico e o estigma social excludente da doença geram uma sensibilidade emocional, ocasionando sentimentos de desvalia, tristeza e depressão; todavia, o estudo empírico demonstrou que na maioria dos municípios esse acompanhamento se apresenta frágil e incipiente necessitando ser melhor estruturado. Contudo, o trabalho com os aspectos educacionais, comportamentais, psíquicos e sociais com o paciente hanseniano, seus familiares e a sociedade é indispensável para o tratamento eficaz e para a inclusão dele na sociedade.

zanin.caroline@hotmail.com
sirleicetolin@gmail.com

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA ATENÇÃO BÁSICA DE SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM CURSO DE PSICOLOGIA

Ana Paula M. Gauer

Fátima Ferretti

Letícia de Lima Trindade

Lucimare Ferraz

Tânia Regina Aosani

Na formação profissional é importante propor atividades em sala de aula que possibilitem a sensibilização e a discussão do estudante para essa prática. Problematizar por meio de uma aula sobre a atuação do psicólogo nas equipes de Atenção Básica é uma oportunidade de aproximação entre ensino e serviço e de integrar o estudante nesse cenário. Diante disso e a partir de uma proposta de trabalho integrada das disciplinas de Ensino, Inovação em Saúde e Políticas e Práticas de Ensino do Mestrado em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), foi desenvolvido e ministrado um plano de aula que teve por objetivo apresentar e discutir a atuação do psicólogo na Atenção Básica de Saúde. A experiência ocorreu a partir da inserção das alunas, autoras deste relato, na disciplina de Psicologia e Políticas Públicas, ministrada ao sétimo período do Curso de Psicologia da Universidade. O plano de aula foi desenvolvido a partir de metodologias ativas de ensino e aprendizagem. A aula desenvolveu-se em três momentos, o primeiro foi constituído de discussões e reflexões iniciais acerca do conhecimento prévio dos alunos sobre o tema. No segundo houve a problematização do texto de Dimenstein e Macedo (2012) que aborda a temática da atuação do psicólogo na Atenção Básica de Saúde, o qual foi encaminhado com antecedências pelas estudantes responsáveis pelo seminário. E no terceiro, foi constituído por um estudo de caso “Dona Ana”, que se passou em quatro cenas, cada uma representando uma fase da busca por tratamento nos serviços de saúde em formato de itinerário terapêutico. Para finalizar foi realizada uma atividade avaliativa da dinâmica de aula “Deixe aqui a sua sugestão” sobre a contribuição dessa aula para a sua formação profissional. O espaço proporcionado para a discussão sobre a atuação do psicólogo no SUS possibilitou a visualização da psicologia enquanto prática nesses serviços. Uma atuação que demanda intervenção interdisciplinar por meio de equipes multiprofissionais, com ações diferenciadas do setting terapêutico da clínica, como as atividades na comunidade, escolas e clubes, as visitas domiciliares, o encontro com os usuários no seu cotidiano e com viés de práticas de prevenção e promoção de saúde. A avaliação da aula foi positiva, alcançou os objetivos propostos e possibilitou aos alunos pensar e ampliar o conhecimento sobre a prática, bem como a se visualizarem nos serviços enquanto espaços de atuação possível para a psicologia.

Palavras-chave: Psicologia. Atenção Primária de Saúde. Formação profissional.

tania.aosani@unoesc.edu.br

CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO ACERCA DA PROFISSÃO PSICÓLOGO 2017

Janaina de Fátima Haas

Diante de um cenário regional no qual a Psicologia cresce a passos ainda lentos e existem certas distorções acerca da profissão dos psicólogos, origina-se o desejo de realizar ações de sensibilização que proporcionem um esclarecimento e uma aproximação maior da população com o profissional da Psicologia e seus serviços. De 21 a 29 de agosto de 2017 foi desenvolvida a Campanha de Sensibilização acerca da Profissão Psicólogo no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Iporã do Oeste. A campanha teve o intuito de aproximar a população e a rede de atendimento da profissão, conhecendo-a e entendendo principalmente o que faz um psicólogo e como ocorre sua atuação nos diferentes setores, além da comemoração do psicólogo, em 27 de agosto, em que foram realizadas ações de orientação e informação e distribuição de material informativo. As ações foram realizadas nas oito turmas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), abrangendo crianças e adolescentes de seis a 17 anos de idade, em forma de rodas de conversa com distribuição de material informativo. Foi desenvolvida ação de orientação sobre a profissão do psicólogo, orientações sobre autoestima e distribuição de material informativo nos três eventos do Ônibus Lilás da campanha Mulher, Viver sem Violência, em parceria com o Governo do Estado. Para encerrar a campanha foi realizada a roda de conversa para os principais representantes da rede de atendimento do Município, visando, principalmente, à aproximação da rede para interferir positivamente no seu funcionamento, facilitando os processos de encaminhamentos e o entendimento acerca das singularidades do trabalho psicológico em cada setor, bem como saber sobre os desafios dessa rotina. Durante os eventos, os materiais informativos distribuídos foram encaminhados pelo Conselho Regional de Psicologia, o qual apoiou essa campanha e divulgou a programação completa. Atuar na promoção da universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão é princípio fundamental para os psicólogos, tornando fundamental a realização dessa campanha, bem como sua continuidade. Percebe-se, ainda, grande resistência tanto da população quanto da rede de atendimento em se aproximar da profissão psicólogo, porém, sabe-se que arduamente os frutos podem ser conquistados e é preciso valorizar aqueles que já se engajam nessas propostas inovadoras.

janainahaas@hotmail.com

É PRECISO APOSTAR NO ADOLESCENTE: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Sara Peres Dornelles Almeida
Jana Gonsalves Zappe

A adolescência modifica o estatuto do outro, desqualifica os pais e transtorna o eu, o mundo da infância e as suas ideias. Decepcionado diante das promessas edípicas, que se mostraram enganadoras, o adolescente deixa a família e sai em busca de novos laços identificatórios. Para que consiga dar esse passo rumo a uma ampliação das interações sociais, o adolescente precisa ter vivenciado suportes propositalmente suficientes na infância, por meio da relação com os objetos, o que será ressignificado. Nesse processo, o adolescente vai ocupar diferentes espaços públicos nos quais experimentará e criará percepções e habilidades de relacionamento. Esses espaços serão interessantes à medida que o adolescente for reconhecido como parte significativa deles, tendo liberdade para ocupá-los, porém, se isso não ocorrer, o refúgio em contextos nem sempre saudáveis para seu desenvolvimento psicossocial pode acabar ocorrendo. Restringir experimentações, impossibilitando que o adolescente produza algo sobre si, o outro e os ambientes em que interage, pode se traduzir em formas violentas de contenção. Partindo disso, este trabalho propôs uma discussão sobre possibilidades de ocupação de espaços públicos com oferta de atividades a adolescentes, criando espaços facilitadores de trocas de experiências e de promoção do desenvolvimento psicossocial. Esta discussão se baseia em textos de teóricos e profissionais que estudam e atuam com adolescentes. Os espaços públicos em questão podem ser lugares já ocupados por adolescentes, como praças, escolas, parques e centros de convivência. Assim, é preciso oferecer ações que considerem o desejo do adolescente, possibilitando que ele reflita sobre suas ações e escolhas futuras, de forma que suas subjetividades e singularidades sejam o principal veículo de trabalho. À medida que a comunidade se apropria desses espaços, ocupando-os com atividades dirigidas, são ampliadas as possibilidades de interações saudáveis e diminuídas as brechas para as violências, como bullying, brigas e depredações aos patrimônios públicos. Apontar limites também é necessário, porém sem pressionar ou intimidar, mas oferecendo condições para o adolescente fazer escolhas e encontrar alternativas e oportunidades para a promoção de atividades positivas nos espaços públicos. Em conclusão, acredita-se que é necessário fazer apostas, sem pretensão de acerto, mas uma aposta no sujeito. Apostar no adolescente é romper com o cronológico, pois os espaços fazem parte da atemporalidade que constitui os sujeitos, desse modo não se considera a concretude dos lugares, mas a infinidade de brechas no espaço que faz com que os sujeitos se encontrem, se inventem e apostem uns nos outros para que algo aconteça.

Palavras-chaves: Adolescentes. Espaços públicos. Intervenção psicossocial.

sara@trapps.com.br

ESTRATÉGIAS DE CUIDADO E SUPORTE EM SAÚDE MENTAL ENTRE MULHERES AGRICULTORAS DE SAUDADES, SC

Álvaro Cielo Mahl
Jaíne Stein

A pesquisa teve por objetivo investigar as estratégias de cuidado e suporte psicossocial ofertadas às mulheres agricultoras familiares de Saudades, SC, identificando a incidência de transtornos mentais comuns e verificando o acesso à rede de atenção à saúde para tratar questões relativas à saúde mental. Esta pesquisa foi realizada com abordagem metodológica qualitativa e foi desenvolvida em duas fases. Na primeira, rastrearam-se casos indicativos de transtornos mentais comuns entre todas as mulheres da população investigada, nomeadamente, agricultoras familiares de Saudades, SC. Para o rastreamento em saúde mental, foi utilizado o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20). Na segunda fase utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada com questões abertas. Participaram da primeira fase desta pesquisa 362 mulheres que responderam ao questionário, e para a segunda fase foram cinco mulheres entrevistadas, com idades entre 21 e 59 anos, de forma individual, na casa de cada participante. Por meio desta pesquisa compreendeu-se que as principais estratégias de enfrentamento utilizadas pelas mulheres agricultoras de Saudades, SC ocorrem pela religiosidade, seguida pela procura do médico e o uso de medicamentos.

Palavras-chave: Mulheres agricultoras. Estratégias de enfrentamento. Transtornos mentais comuns.

jainestein@yahoo.com.br

FACILIDADES E DIFICULDADES DE ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA NA CONDUÇÃO DE GRUPOS COM OS USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DO EXTREMO-OESTE CATARINENSE

Amanda Saraiva Angonese
Sirlei Favero Cetolin

A utilização do grupo terapêutico como estratégia de assistência mostra-se importante alternativa para o trabalho em serviços da saúde pública brasileira. De acordo com o Ministério da Saúde, o trabalho com grupos associados ao campo da saúde mental deve superar o aspecto da normalização do cuidado com pacientes com sofrimento emocional significativo, evitando-se a formação de grupos por tipologia de sofrimento psíquico, enfatizando o grupo como um lugar de encontro entre sujeitos, buscando o aspecto comum a partir da diversidade. Esta pesquisa está sendo desenvolvida como parte de uma dissertação para o Curso de Mestrado em Biociências e Saúde da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Joaçaba, vinculado ao Grupo e Linha de Pesquisa Promoção e Gestão em Saúde, e diz respeito a uma pesquisa qualitativa para análise das facilidades e dificuldades encontradas por estagiários de Psicologia que conduzem grupos com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), de um município pertencente à Região de Saúde do Extremo-Oeste de Santa Catarina. Os participantes da pesquisa foram três acadêmicos do décimo período do Curso de Psicologia que estão realizando estágio supervisionado em CAPS de tipo I, conduzindo atividades em grupos com os usuários do serviço os quais foram submetidos a uma entrevista semiestruturada; o projeto de pesquisa se encontra aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Como resultados preliminares, identifica-se o número elevado de usuários em cada grupo como um dos fatores que dificulta a condução por parte dos estagiários, além de conversas paralelas entre os participantes e a dificuldade de os usuários ouvirem o que o outro está compartilhando no momento. Já como fatores facilitadores, os estagiários elencaram a alta adesão às atividades propostas, bem como a participação dos usuários nos momentos de empatia e acolhimento com os demais participantes. Conclui-se, com este recorte de pesquisa, que a realização de grupos terapêuticos com os usuários dos Centros de Atenção Psicossocial exige preparo técnico por parte de seu condutor, para que este possa lidar com as dificuldades e facilidades que estarão presentes. Percebe-se, ainda, que o grupo tem efeito terapêutico nos usuários que dele participam, pois é um espaço de troca, em que cada um pode falar e ser ouvido, conforme sua necessidade.

Palavras-chaves: Saúde mental. Prática de grupo. Psicoterapia de grupo. Grupo de apoio.

amanda.angonese@unoesc.edu.br

FÓRUM PSICOSSOCIAL: A APROXIMAÇÃO ENTRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS COM A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Karol Elli Fehn
Thainá Silveira Bastos
Catiele dos Santos
Andressa Baggio Mayer
Giully Nunes Pinto
Bruna de Rocco Guimarães
Kelen Braga do Nascimento
Fernanda da Silva Machado da Luz
Luis Henrique Ramalho Pereira

No intuito de possibilitar uma aproximação das políticas públicas com a formação acadêmica surge o Fórum Psicossocial. Este se caracteriza como um dos eixos de trabalho do Curso de Psicologia da Ulbra, campus de Santa Maria, com o CinePsi, o Clube do Livro e estudos teóricos. O Fórum Psicossocial pode ser visto como um espaço de intercâmbio, como tradutor que possibilita interação, discussão e troca. O objetivo de acolher e pensar humanamente a singularidade entre os sujeitos, principalmente quando se assume a dimensão da saúde mental, visa assumir ética e tecnicamente a não dissociabilidade entre saúde psíquica e subjetividade. Nesse viés, pensar olhares singulares e multifacetados sobre a adolescência, tema de estudo do Curso de Psicologia para o ano 2017, é um modo de debater abordagens, mas, sobretudo, as práticas atuais com adolescentes e os dilemas apresentados por eles, pensando, assim, o cuidado e a atenção à saúde deles, com a finalidade de articular formas de atenção mais humana e práticas menos estáticas quanto à adolescência. O Fórum Psicossocial é organizado por acadêmicos e docentes do Curso de Psicologia da Ulbra de Santa Maria. Imbuídos da mesma ideia, no sentido de espaço coletivo de compartilhamento, o Fórum Psicossocial propõe convidar profissionais da psicologia e áreas afins, objetivando a apresentação de diferentes intervenções/práticas a partir da temática da adolescência. O fórum pretende constituir um espaço para os acadêmicos conhecerem e discutirem a respeito da temática da adolescência, a partir de diversas áreas do saber, não apenas da psicologia, mediante os encontros propostos pelo fórum, em um viés da atenção psicossocial e interdisciplinaridade, produzindo saberes e discussões sobre as políticas públicas. O primeiro fórum realizado contou com a presença dos profissionais do CAPS AD Companhia do Recomeço, falando sobre o tema juventude, drogas e sexualidade. No segundo encontro, foram discutidos alguns elementos sobre a socioeducação e os adolescentes em privação de liberdade, quando estiveram presentes a psicóloga e a assistente social do CASE/SM e a assistente social do CASEMI/SM. O terceiro encontro trouxe a psicóloga, a assistente social e os oficinairos de Capoeira e Grafite do CRAS de São Pedro do Sul, que realizaram uma fala sobre adolescentes em vulnerabilidade social. Todos os convidados puderam trazer um pouco sobre sua prática e as intervenções possíveis em cada área. Essa aproximação da prática é importante na formação do psicólogo para poder se pensar as políticas públicas antes de adentrar profissionalmente esses lugares.

karolfehn@gmail.com

GRUPO COM GESTANTES NO ÂMBITO DA SAÚDE COLETIVA: DISPOSITIVO DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Catiele dos Santos
Andressa Baggio Mayer
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Este estudo visa ressaltar as contribuições do trabalho grupal como instrumento de promoção da saúde mental à gestante, bem como evidenciar a importância do acompanhamento psicológico a essa população no contexto da saúde coletiva. Estruturou-se, por meio do método de revisão de literatura ampliada, a partir de pesquisa nos portais Pepsic e Google com os indexadores *grupo e gestantes, saúde pública e psicologia, promoção da saúde e atenção básica*, sendo selecionados, entre os resultados, três artigos sobre a referida temática. Verificaram-se, nesta revisão, alguns apontamentos manifestando a demanda por acompanhamento psicológico à gestante na saúde coletiva. Essa população, ainda hoje, é atendida de modo assistencial em instituições que apresentam práticas embasadas, expressivamente, no atendimento clínico (médico) individual. A gravidez, no entanto, é uma transição que envolve a necessidade de reestruturação em várias dimensões, sendo, para muitas mulheres, o momento existencial mais importante de suas vidas e de seus familiares, pois em todos os seus aspectos significa mudança, e como tudo que se transforma, necessita de um tempo para ser reconhecido e assimilado. Além disso, é a fase de maior incidência de transtornos psíquicos na mulher, a qual necessita, assim, de atenção especial para manter ou recuperar seu bem-estar e prevenir dificuldades futuras para o filho, visto que a intensidade das alterações psicológicas varia conforme os fatores familiares, conjugais, sociais, culturais e da personalidade da gestante. Nesse sentido, revela-se demanda para as mais plurais formas de acompanhamento, e entre elas a modalidade de grupo terapêutico se configura como relevante. O grupo, enquanto uma estrutura de vínculos e relações que canaliza, em cada circunstância, suas necessidades individuais e/ou interesses, pode ser entendido como um espaço de compartilhamento e coconstrução de sentidos que, ao se tomar a produção de sentidos como processo dialógico, a intervenção grupal tem por objetivo facilitar a emergência de novas percepções sobre fatos e acontecimentos. Desse modo, o grupo se constitui como espaço, acolhimento e troca de experiências que possibilita o surgimento de sujeitos ativos frente às mudanças oriundas desse momento, tornando-se, ainda, o meio pelo qual essa população pode ter acesso a acompanhamento psicológico, visto que essa é uma prática em ampliação nas instituições de saúde coletiva. Em vista disso, o acompanhamento em grupo, aliado aos demais serviços prestados às gestantes, estabelece-se como instrumento para a promoção da saúde, compromisso social da psicologia.

Palavras-chave: Gestante. Grupo. Saúde coletiva.

andressabm@yahoo.com.br

GRUPO DE ESTUDOS DA PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL DA MICRORREGIÃO DE ITAPIRANGA, SÃO JOÃO DO OESTE, IPORÃ DO OESTE E TUNÁPOLIS

Janaina de Fátima Haas
Aline Sabino da Silva Paloschi
Karine Dellbrügger
Kelly Valduga
Girvane Pigosso Viapiana
Mara Oro
Claudia Wolschick Lenz
Cleonice Yess

A inquietação com a qualidade dos serviços e das semelhanças nas demandas de proteção social especial dos municípios de Itapiranga, Iporã do Oeste, São João do Oeste e Tunápolis instigou as profissionais assistentes sociais e psicólogas que trabalham na Política de Assistência Social e suprem essas demandas à criação de um grupo de estudos. A finalidade é a discussão de casos e demandas, visando ao aperfeiçoamento profissional por meio de conexões interpessoais, bem como o estudo de textos, documentos, livros e outros escritos para compartilhar o conhecimento agregando valor e qualidade, contribuindo decisivamente para o desempenho dos profissionais do grupo, nos diferentes municípios em que estão atuando. Os encontros do grupo são embasados pelo sigilo profissional, o que facilita a compreensão dos fenômenos vivenciados e também proporciona a criação de vínculos de confiança, resultando em um grupo altamente eficaz em que as possibilidades de intervenções com os usuários se agigantam. O grupo existe desde o mês de maio de 2016 e realiza encontros aproximadamente uma vez por mês, sendo flexível para mudanças de acordo com as necessidades ou limitações dos profissionais envolvidos. O grupo restringiu-se aos municípios supracitados por sua proximidade geográfica e semelhança de demandas, contando com um número limitado de participantes para oferecer maior integração e possibilidade de compartilhamento, no qual as vivências pudessem ser mais intensas para cada um e houvesse um comprometimento dos participantes de forma a estarem ávidos por influenciar significativamente a vida das pessoas e se deixar ser igualmente impactados. Os gestores, secretários e coordenadores apoiam as equipes no desenvolvimento desse grupo de estudos, autorizando a participação nos encontros em horários de serviço, visando à qualidade das contribuições para a política de assistência social e a prestação de serviço público qualificada. Esporadicamente o grupo recebe outros profissionais que venham a contribuir no desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessárias para o momento, visto que as demandas costumam ser bastante variadas e existem inúmeras dificuldades na execução dos trabalhos. Os resultados atingidos pelo desenvolvimento desse grupo de estudos giram em torno dos benefícios para as equipes no sentido de estarem fortalecidas para o desempenho do trabalho e melhor preparadas de forma teórica e técnica, visto que a necessidade de formação continuada perpassa todas as áreas de atuação conhecidas, principalmente diante da evolução do mundo atual. Conclui-se que o grupo de estudos se constitui em uma poderosa intervenção na qualificação das equipes e no desenvolvimento profissional de cada participante.

anainahaas@hotmail.com

GRUPO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL REALIZADO COM ADOLESCENTES DE UM SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS DE UM MUNICÍPIO DO EXTREMO-OESTE CATARINENSE

Ediane Buratti
Amanda Saraiva Angonese

Escolher faz parte da vida de qualquer pessoa, deparamo-nos sempre com aquilo que é ou que pode vir a ser. Frente a esse cenário, esbarramos constantemente com adolescentes confusos quando se refere à iniciação de uma carreira profissional. Sabe-se que é na fase inicial da adolescência que os jovens precisam de um lugar seguro para entender suas transformações e, quanto mais cedo eles receberem informações, melhor será o seu desenvolvimento e bem-estar. Este projeto teve por objetivo principal auxiliar o jovem adolescente no seu processo de escolha profissional. Ainda, como objetivos específicos, procurou discutir os processos que permeiam a escolha profissional bem como os principais fatores que podem influenciar nessa escolha; proporcionar aos adolescentes atividades que estimulem o autoconhecimento e a informação profissional; mostrar a eles as diversidades profissionais, bem como as condições de trabalho das profissões escolhidas pelos próprios adolescentes. O presente projeto está sendo realizado no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) ofertado pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de uma cidade do Extremo-Oeste de Santa Catarina, contando com o apoio da Secretaria da Assistência Social do município e da Unoesc campus aproximado de Pinhalzinho, pois faz parte da intervenção de Estágio Supervisionado II do Curso de Psicologia. O projeto é realizado semanalmente com os adolescentes que frequentam o SCFV e, ao final, totalizará 15 encontros. Durante a realização dos encontros com os adolescentes são utilizados textos informativos, dinâmicas de grupos, exibição de filmes associados com debates, visitas em locais de trabalho de interesse dos adolescentes e contato com profissionais de diversas áreas, conforme planejamento a seguir: a) Descobrimo você mesmo; b) Trajetória de vida; c) Presente da alegria; d) A influência do outro; e) A vivência do papel do pais; f) Informação profissional de maneira descontraída; g) Fazendo o melhor para mim e para o meu público; h) Imaginando atividades que eu gostaria de desempenhar; i) Viagem ao Futuro; j) Apresentando a minha profissão; k) Visita a um local de trabalho; l) Conversa com um profissional; m) Exibição de filme; n) Avaliação; o) Encerramento do projeto. Até o presente momento, conclui-se que este projeto de orientação profissional com adolescentes tem metas e ações claras, considerando fatores que interferem no dia a dia desses jovens para, então, trabalhar suas dúvidas e dificuldades. As atividades realizadas com os adolescentes instrumentalizam-nos a realizar uma escolha mais segura e consistente, baseando-se naquilo que conhece de si mesmo e de suas possibilidades.

edi_pzo13@hotmail.com

IDOSOS ASILADOS: ANÁLISES A PARTIR DE HISTÓRIAS DE VIDA

Jéssica Cristina Weiler Kegler
Ana Paula Risson

O envelhecimento da população, de modo geral, é uma conquista irrefutável da humanidade, mas traz consigo grandes desafios a serem superados. Este trabalho apresenta dados parciais de uma pesquisa de TCC, em andamento, sobre idosos asilados. O objetivo da pesquisa foi analisar as relações familiares, saúde física e psicológica e condições de permanência na instituição asilar do idoso, bem como conhecer sua história de vida e os fatores que influenciaram seu ingresso na instituição. Optou-se pela pesquisa de campo qualitativa, e para a coleta de dados utilizou-se o método de história de vida. Participaram da entrevista quatro idosos moradores do Lar Santo Antônio da Cidade de Pinhalzinho (SC), a partir de um roteiro semiestruturado, para facilitar a conversação entre pesquisado e pesquisando. Os idosos foram indicados pelos coordenadores do Lar, considerando-se o interesse deles e suas condições emocionais e cognitivas de participar do estudo. As entrevistas foram realizadas no ambiente asilar para preservar o conforto do idoso, gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise. Para análise dos dados coletados foi utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin. Inicialmente a proposta da pesquisa era entrevistar apenas um idoso morador da casa Lar. Entretanto, as visitas à instituição instigaram as pesquisadoras a incluírem mais participantes, a fim de conhecer mais histórias, agregando, assim, maiores valores ao trabalho. Como resultados parciais a pesquisa constatou que os idosos ingressaram na instituição por condições físicas e psicológicas deficitárias e por decisão de seus familiares, os quais os visitam em alguns momentos. No relato dos entrevistados foi possível perceber que, independentemente do tempo que usufruem das instalações do asilo, das amizades que fizeram e de se sentirem bem cuidados pelos funcionários, donos, médicos e enfermeiros, quase todos gostariam de poder voltar para suas casas e ter sua independência, apenas uma pessoa disse que preferia continuar no Lar. Torna-se necessário ressaltar a importância de investimentos e das políticas públicas, afim de contribuir com as instituições asilares governamentais e não governamentais, para que estas possam, por meio das ajudas, melhorar seus espaços adequando-os à realidade dos idosos, facilitando o trabalho dos seus colaboradores e trazendo mais conforto, aconchego e qualidade de vida a esses idosos que necessitam das instalações para sua sobrevivência. Também deve-se chamar a atenção para a importância e necessidade do profissional de psicologia fazendo parte da equipe multidisciplinar da instituição.

jess.kegler@hotmail.com

IMIGRANTES NO TERRITÓRIO: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS AGENTES COMUNITÁRIAS DE SAÚDE

Ana Paula Risson
Ana Cristina Costa Lima
Taina Gabriela Bedin Slevinski
Natalia Starke Höfs

Apresentam-se dados parciais da pesquisa de iniciação científica Políticas públicas de saúde, marco legal de migrações e a perspectiva de haitianos sobre o acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS) em Chapecó, SC, desenvolvida em 2015 e 2016. A questão de partida foi lançada na pesquisa de mestrado Cartografia da atenção à saúde de imigrantes haitianos residentes em Chapecó, SC, em que se evidenciou a dificuldade de inclusão plena do usuário imigrante, especificamente de haitianos, diante da imigração de aproximadamente 3.000 haitianos para a Cidade de Chapecó em 2015 e 2016. As agentes comunitárias de saúde (ACS) mostram em vários estudos disponibilidade de compreensão das questões humanitárias, por isso, surgiu a ideia de acompanhá-las às casas de haitianos para conversar sobre o acesso ao SUS, em especial à ABS. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, a partir da estratégia de cartografia, com a seguinte produção de dados: pesquisa documental (na legislação vigente sobre saúde e imigração no Brasil), entrevistas semiestruturadas (com haitianos usuários do SUS) e observação participante (realizada no acompanhamento às ACS na residência dos haitianos). Ao todo foram realizadas cinco entrevistas em visitas domiciliares, realizadas por ACS. Foram observadas algumas características comuns nessas visitas: os haitianos dividem a residência com outros haitianos com vistas a reduzir os custos com moradia; há muita inventividade, por parte dos haitianos e ACS, para o estabelecimento do diálogo e superação da barreira linguística; e todos os haitianos visitados demonstraram vínculos de proximidade com as ACS. As necessidades de saúde apresentadas pelos haitianos (dores osteomusculares, atualização do quadro vacinal, acompanhamento gestacional e de recém-nascido) participantes desta pesquisa não diferem das demandas apresentadas por brasileiro nas UBS, no entanto, isso não significa que sua especificidade de condição de vida no Brasil não deva ser observada. No processo de acesso e cuidado à saúde na atenção básica, as ACS mostraram-se comprometidas com seu trabalho e com a condição de vida dos haitianos no Brasil. O trabalho das ACS reforça duas grandes temáticas dentro da área da saúde pública: a importância de nos atentarmos às especificidades dos usuários (considerando sua condição social e de vida) para a garantia de um atendimento realmente integral e como está garantido pelas diretrizes do SUS; e a importância do ACS no território, considerando-o como um agente que aproxima os demais trabalhadores do SUS e a UBS dos usuários.

ana.risson@unoesc.edu.br

IMPLICAÇÕES DO TRABALHO DE EQUIPES DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA NA CONSTITUIÇÃO DA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Ana Cristina Costa Lima

Tânia Regina Aosani

Este relato de pesquisa apresenta uma análise sobre a implicação do trabalho de Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) na Rede de Atenção Psicossocial de municípios da região de saúde do Extremo-Oeste Catarinense. O objetivo da pesquisa foi destacar, por meio de ações de equipes do NASF, a dimensão psicossocial no contexto da Atenção Básica em Saúde, no trabalho com grupos de usuários a partir da perspectiva interdisciplinar que propõe o SUS. A pesquisa conta com o aporte teórico da psicologia social e saúde coletiva. Como método de pesquisa qualitativa foi utilizada a abordagem da cartografia e de dispositivos de produção de dados como rodas de conversa, observação participante com produção de diário de campo, pesquisa documental e questionário avaliativo. O foco foram as ações de NASF na RAPS em grupo e suas potencialidades para efetivar coletivos de usuários e suas vivências sob uma perspectiva psicossocial em saúde. Os resultados apontam que as equipes têm dificuldade de sair de práticas institucionalizadas na Atenção Básica de Saúde, sobretudo no trabalho com os grupos; o trabalho de NASF acaba sendo percebido como uma extensão das equipes de referência, com dificuldades de realizar o apoio, principalmente o apoio técnico-pedagógico, e de reconhecer o usuário como sujeito e a sua realidade psicossocial nos territórios. Fica o desafio de constituir espaços de Educação Permanente em Saúde, sobretudo para as equipes de NASF no contexto da Atenção Básica.

Palavras-chave: Atenção básica de saúde. Atenção psicossocial. Grupo de apoio.

lima.anac@gmail.com

INTERVENÇÃO DE GRUPO COM CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL NO CREAS

Mariana Silva de Quevedo
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

A violência sexual contra crianças é o envolvimento destas em atividades sexuais com um adulto em que o menor é usado como objeto sexual para gratificação das necessidades ou dos desejos do adulto, sendo aquele incapaz de dar um consentimento consciente em razão do desequilíbrio no poder ou de alguma incapacidade. O objetivo deste estudo foi apresentar as contribuições de intervenções em grupo de crianças vítimas de violência sexual, realizado em um CREAS na Cidade de Santa Maria. Foi elaborado um projeto de pesquisa e extensão na disciplina Estágio Básico V no Curso de Psicologia da ULBRA. Inicialmente foi realizada uma avaliação com um grupo de crianças por meio de dinâmicas de grupo. Essa avaliação pretendia avaliar o estado emocional dos participantes. Em média, oito crianças com idade de três a nove anos, de ambos os sexos, participavam dos encontros semanalmente por duas horas. O grupo foi desenvolvido durante um ano e meio de estágios curriculares e supervisionados na área de Promoção e Prevenção em Saúde. Optou-se pela intervenção de grupo aberto como modalidade de trabalho, já que busca promover um espaço de escuta e acolhimento das crianças vítimas de violência sexual. Nesta pesquisa foram respeitados os preceitos éticos baseados na Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012, que revogou a Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Logo no começo das intervenções, as crianças mostravam-se bastantes receosas, desconfiadas, isoladas, envergonhadas, não permitiam qualquer aproximação corporal e algumas eram mais agressivas. Percebia-se baixa autoestima, habilidades sociais empobrecidas, ansiedade e capacidade de confiar prejudicada. Mas o trabalho desenvolveu-se mediante diversas atividades de arte, utilizando-se de desenhos, histórias e dinâmicas de grupos com muitos recursos a fim de facilitar a adesão das crianças. Embora não se possa dizer que essas crianças serão capazes de quebrar o ciclo da multigeracionalidade, acredita-se que o fato de lhes oferecer um espaço acolhedor no qual puderam falar e se expressar frente às suas experiências e sentimentos foi de grande valia. Sugere-se que outros estudos dessa ordem sejam realizados, utilizando-se outras modalidades de grupos. Além disso, entrevistas com os cuidadores e pessoas próximas seriam interessantes para que fosse traçado um panorama mais abrangente das crianças. Adicionalmente, estudos longitudinais seriam aconselháveis para monitorar a criança e observar os efeitos da intervenção em longo prazo. Sabe-se que o abuso prolongado pode prejudicar seriamente o desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental da criança, particularmente no caso do incesto.

Palavras-chave: Crianças. Abuso sexual. Grupo.

cristiana.rezende@ulbra.br

O ADOLESCENTE FRENTE AO CORPO INFANTIL PERDIDO

Francieli Rodrigues de Freitas
Luis Henrique Ramalho Pereira

Este trabalho objetivou refletir acerca do adolescente e sua relação com corpo infantil perdido e abranger o importante trabalho psíquico de ressignificação que lhe é atribuído. Com as pesquisas bibliográficas, a proposta é acolher o que os textos nos apresentam para realizar um estudo teórico das problemáticas da adolescência e as questões do corpo. Na neurose, o recalçamento indica uma operação simbólica que consente a elaboração do luto pelo corpo infantil, a estranheza inicial logo é substituída pela angústia frente ao olhar dos outros. Esse sintoma na adolescência se refere mais à preocupação com a rejeição do semelhante da imagem e o medo da perda do amor do Outro. A omissão/mutismo diante da angústia do adolescente conduz a uma situação em que a emergência do pulsional torna o corpo um fardo para o seu portador, que não compreende muito bem o que acontece ali nem dispõe de recurso para poder entender o que é essa estranheza em relação ao corpo (HAMAD, 1999, p. 25). A ferida narcisista, o mal-estar em relação ao corpo, mostra-se no culto ao espelho – à imagem –, tanto no cuidado excessivo com o corpo quanto no descuido, no culto à moda ou no seu desprezo, etc. Muitos deles intervmem no próprio corpo na tentativa de defender-se do estranhamento causado pelo novo corpo. Perde-se, também, o papel de criança protegida para adotar outro espaço. As primeiras experiências de separação do objeto acontecem na relação mãe-bebê, permitindo ao sujeito se reconhecer separado dessa mãe, é a partir dessa relação que são constituídos o corpo próprio e a unidade narcísica. O adolescente precisa, então, assimilar o seu novo corpo ao nível psíquico, mas, para isso, é necessário que tenha estruturado adequadamente o luto das perdas/objetos infantis. A adolescência é uma etapa que impõe ao jovem um trabalho psíquico de ressignificação de um tempo passado e de sua identidade. Lacadée (2010, p. 4) afirma que o adolescente, “para salvar sua pele, faz pele nova.”

REFERÊNCIAS

HAMAD, N. O sauvageon não tem medo do lobo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES: O ADOLESCENTE E A MODERNIDADE. I., 1999. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 99-107.

LACADÉE, P. Da pele saturada de inconsciente ao mal-estar na pele. **CIEN-Digital**, v. 9, 2010.

luishp7@yahoo.com.br

O CUIDADO HUMANIZADO NO HOSPITAL: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME *PATCH ADAMS: O AMOR É CONTAGIOSO*

Helen Junara Balbinotti Zangrande

Loridane Meotti

Ana Paula Risson

Sirlei Favero Cetolin

Este artigo realiza reflexões a partir da inserção do psicólogo no campo da saúde, mais especificamente no hospital geral, utilizando como dispositivo de análise o filme *Patch Adams: O amor é contagioso*. A proposta da atividade foi realizar reflexões críticas, sob a ótica da Psicologia Hospitalar e Saúde Coletiva, a partir do enredo do filme, proporcionando, assim, uma revisão conceitual e discussão sobre temas pertinentes à inserção da Psicologia no ambiente hospitalar. Trata-se de uma revisão teórica, estruturada em três grandes eixos. O primeiro abordará a instituição hospitalar; o segundo, os profissionais da saúde e suas práticas; já o terceiro inclui o olhar da Psicologia como uma possibilidade de ações e intervenções. Tais reflexões tornam-se pertinentes para pensarmos os limites e possibilidades de atuação no contexto hospitalar. Este contexto exige dos profissionais uma prática interdisciplinar e olhar íntegro sobre o ser humano.

Palavras-chave: Hospital. Psicologia hospitalar. Humanização. Interdisciplinaridade.

helenbalbinotti@hotmail.com

O CUIDADOR É CUIDADO? UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O EXERCÍCIO DO CUIDADO E O CUIDADOR

Álvaro Cielo Mahl
Karine Aparecida Dellbrügger

Com o constante avanço da ciência e da medicina estamos conseguindo a cada dia que passa ultrapassar os limites da expectativa de vida, porém é possível perceber que grande parte das vezes essa longevidade está associada a uma vida com doenças, limitações e necessidade de cuidado e auxílio, o que pode acarretar o adoecimento precoce de quem precisa desempenhar essa função. Esta pesquisa teve como objetivo investigar a qualidade de vida de cuidadores familiares de idoso bem como a presença de sintomas ansiosos e depressivos nessa população. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada, da aplicação das Escalas Beck de depressão e ansiedade e do inventário de qualidade de vida WHOQOL. No decorrer da pesquisa pôde-se constatar que a função de cuidador é atrelada a aspectos positivos e negativos e que os cuidadores, grande parte das vezes, acabam readaptando sua vida, rotinas e sonhos para se dedicar à pessoa cuidada, contando com escassez de auxílio familiar e oportunidades de lazer e privacidade. As cuidadoras que fizeram parte da amostra, embora no momento não apresentem aspectos significativos que sugiram o seu próprio adoecimento, demonstram estarem inseridas em processos que o causam, possuindo estratégias protetivas escassas de prevenção, sendo possível supor que, em caso de não intervenção de políticas públicas e amparo familiar e social mais eficaz, elas podem vir a desenvolver patologias decorrentes de sua função em um futuro próximo. Palavras-chave: Cuidador familiar de idosos. Cuidado. Depressão. Ansiedade. Envelhecimento.

karine_ad12@hotmail.com

O MOVIMENTO MIGRATÓRIO E A PSICOLOGIA: RELATO DE INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

Ana Paula Rosa
Scheila Beatriz Sehnem
Mirian Gregorio Ferreira

O processo de imigração é um fenômeno complexo e está inter-relacionado com a história do Brasil. Na atualidade percebe-se um aumento significativo na entrada de imigrantes haitianos em solo brasileiro. A chegada dos haitianos ao Brasil se transformou em uma situação única, impondo desafios para a sociedade e o Estado. O presente trabalho aborda essa realidade vivenciada no Meio-Oeste catarinense, apresenta dados histórico-culturais, trata sobre direitos humanos e imigração, relata as intervenções psicossociais realizadas com os imigrantes haitianos, além de apresentar relatos vivenciados pelos próprios imigrantes que evidenciam peculiaridades do fenômeno migratório. O processo de imigração é um fenômeno complexo que acarreta grandes riscos aos imigrantes, expondo-os a situações de vulnerabilidade, pois no intuito de buscar uma vida melhor em outro país eles têm seus direitos, frequentemente, violados. A partir dessas reflexões observou-se a pluralidade de variáveis que envolvem o fenômeno migratório e a importância da configuração de políticas solidárias em defesa dos direitos humanos e respeito às diferenças. Percebe-se que a falta de instrumentos legais adequados à essa demanda faz com que a chegada desses imigrantes se transforme em uma situação única, impondo desafios para a sociedade brasileira como um todo. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, a partir dos relatos, percebeu-se que eles reconhecem que a situação do Brasil ainda é melhor do que a vivenciada em seu país de origem, onde a violação dos direitos humanos acontece de forma explícita e massificada. O diálogo entre direitos humanos, imigração, políticas públicas e psicologia e a troca de experiências com os imigrantes são enriquecedores, pois proporcionam uma visão mais abrangente sobre o processo de migração, facilitando a identificação de fatores adaptativos, contexto socioculturais e aspectos psicológicos a este relacionados. Para o psicólogo é importante conhecer o histórico, perfil, potencialidades e limitações, expectativas e direitos dos imigrantes, a fim de poder intervir adequadamente, deixando de reproduzir o modelo puramente assistencialista e envolvendo-se ativamente na elaboração de políticas públicas que promovam os interesses dessa população e garantam seus direitos. Essas implicações tendem a promover autonomia, impactando diretamente na qualidade de vida desses sujeitos e, de certo modo, favorecendo a adaptação e permanência dos haitianos na região. O envolvimento dos acadêmicos de psicologia com as demandas sociais possibilita aprendizado, aprimoramento das técnicas e procedimentos e desenvolvimento de competências e habilidades para o exercício profissional compatível com a realidade regional.

miriangregorioferreira@gmail.com

O QUE SUSTENTA O RELACIONAMENTO AMOROSO DE ADOLESCÊNCIA NO CIBERESPAÇO?

Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Caroline da Rosa Freitas

Vanessa Cristina Nascimento Coelho

A era tecnológica trouxe grandes avanços no processo de comunicação do mundo. A comodidade e a facilidade da internet propiciam novos modos de relacionamentos interpessoais e amorosos sem a necessidade de sair de casa, e, dessa forma, o número de adeptos aos diversos modos de relacionamentos virtuais é cada vez maior. As novas tecnologias de comunicação influenciam a subjetividade, assim como mudam hábitos de vida e os modos de as pessoas se relacionarem, incluindo as relações amorosas. A busca pelo parceiro amoroso tem recorrido a tais instrumentos tecnológicos e impactado no imaginário das pessoas, sobretudo dos adolescentes. Este estudo teve como finalidade contribuir para a compreensão da modalidade virtual de relacionamento amoroso na adolescência. De natureza bibliográfica e articulada com a experiência clínica da pesquisadora, pretende-se fazer conexões entre internet, adolescência e construção das relações amorosas. Compreender-se, aqui, como relação virtual aquela que se restringe ao campo do virtual, em outras palavras, um relacionamento que tem lugar somente no ciberespaço. Na clínica com adolescentes percebe-se o quanto essa forma de relacionamento, quase que exclusiva, tem interferido na dinâmica escolar e familiar dos jovens. Pais que relatam experiências dolorosas com os filhos em decorrência das relações sociais estabelecidas a partir do ciberespaço. Através de espaços virtuais, alguns tabus, como contatos de cunho sexual, vão se dissolvendo. Invisíveis, os adolescentes se permitem conversar, seduzir, realizar fantasias e trocar experiências em áreas antes proibidas. É considerado uma nova forma de sexo seguro, em que os jovens ensaiam os primeiros contatos com o sexo oposto e realizam fantasias sem culpa. Através do ciberespaço a iniciação afetivo-sexual parece ser facilitada, pois os adolescentes podem dar maior vazão às fantasias e se sentir mais livres, destituídos das barreiras que dificultam as relações face a face. O espaço virtual permite as pessoas explorarem facetas de sua personalidade que têm expressão limitada nas relações presenciais, em razão do anonimato e da impessoalidade, o que facilita a desinibição. A ilusão de proximidade, conhecimento e intimidade também sustenta essa forma de relacionamento que não condiciona a relação social ao contato face a face, mas a um sentimento coletivo, à lógica do estar-junto, mesmo em um espaço desterritorializado. Considera-se que a forma como ocorre o laço social tem passado por mudanças e nesse sentido a era tecnológica enriqueceu as relações sociais, mas dificultou o controle, além de acrescentar uma dimensão nova aos prazeres pela velocidade, liquidez e anonimato.

Palavras-chave: Adolescência. Amor. Ciberespaço.

carolfreitas97@outlook.com

O TEATRO COMO POSSIBILIDADE DE AÇÃO DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tânia Regina Aosani
Bruna Cristina Tomazeli
Carla Regina Buratti Ferreira
Karin Cristiane Corradi
Karolina Ida Martins Neu
Cleusa Aline Schuh
Jaine Stein
Marcia Aparecida Einsweiler Del Sant
Jucilane Gorczveski
Neivadete Bormann
Sara Jane Noal
Vanessa Aparecida Alves

Este texto apresenta o relato de experiência de uma ação de prevenção à violência sexual contra crianças e adolescentes, realizada no ano 2017, por estudantes do Curso de Psicologia da Unoesc Campus de Pinhalzinho, SC. Trata-se de um projeto-piloto de intervenção na comunidade em parceria com o Fórum Bem-me-quer deste mesmo município. A apresentação teatral intitulada a “História da Lua” teve por objetivo trabalhar com crianças e pré-adolescentes no sentido de orientá-los sobre o que é a violência sexual, como ela pode ocorrer, quais são as atitudes de um possível agressor, como a criança pode buscar ajuda, como identificar pessoas de confiança e serviços que podem auxiliá-la. A ação de prevenção foi desenvolvida em uma escola do município de Pinhalzinho e contou com a participação de todos os alunos do 1º ao 9º ano. As crianças foram divididas em pequenos grupos a fim de possibilitar que ao final da apresentação de teatro fosse realizada uma roda de conversa para discutirmos com as crianças sobre o tema. Essa ação foi avaliada de forma positiva, o teatro adentra ao universo lúdico da criança proporcionando aprendizagens ativas e mais significativas.

car_linhax3@hotmail.com

OS PROCESSOS PSÍQUICOS DOS ATLETAS DE TÊNIS DE MESA DO OESTE DE SANTA CATARINA

Carla Regina Buratti Ferreira
Amanda Saraiva Angonese

Este projeto teve por objetivo analisar os processos psíquicos percepção, pensamento, motivação e emoção de atletas de tênis de mesa do Oeste de Santa Catarina. Procurou-se identificar quais são os desafios enfrentados e a perspectiva dos atletas diante desse esporte, antes e durante a competição. Os processos psíquicos dos seres humanos desenvolvem múltiplos fatores cognitivos, como percepção, linguagem, pensamento, raciocínio e memória. Além disso, apesar de os cinco sentidos dos seres humanos serem visão, audição, paladar, olfato e tato, as capacidades sensoriais humanas vão muito além destes. Neste âmbito, o tênis de mesa é um jogo repleto de conflitos e tensão psicológica, em um contexto em que um jogador procura descobrir quais são as intenções do adversário sem revelar as suas, em um contínuo esforço para tomar iniciativa no jogo e vencê-lo. A partir desse contexto, a Psicologia do Esporte trata do estudo científico do comportamento de pessoas no contexto esportivo e de exercícios, bem como das aplicações práticas de tal conhecimento. Para a realização desta pesquisa qualitativa de caráter descritivo foram entrevistados quatro atletas do grupo de alto rendimento do tênis de mesa, na faixa etária de 16 a 20 anos. Os dados coletados foram analisados conforme análise de dados de Bardin. Os processos psíquicos de cada ser humano mudam constantemente, dessa forma, a maneira de agir e a tática de jogo também incidem em transformações. Por isso, projetou-se saber qual a percepção, os pensamentos, a motivação e a emoção que o atleta apresenta antes e durante a competição.

Palavras-chave: Processos psíquicos. Psicologia do esporte. Tênis de mesa.

car_linhax3@hotmail.com

PERCEPÇÃO DO PSICÓLOGO ATUANTE NO SUS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PROFISSIONAL

Alessandra Ludwig
Ana Paula Risson
Jéssica Cristina Weiler Kegler
Paula Cristina Tasca

Atualmente se sabe que a maior parcela dos profissionais psicólogos trabalha em instituições públicas, vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, no presente estudo teve-se como objetivo compreender a atuação do profissional da Psicologia frente ao SUS, suas dificuldades encontradas, o conhecimento acadêmico para a execução das atividades na área da Saúde Pública e a interdisciplinaridade das equipes. Foi realizada uma pesquisa com abordagem descritiva, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas com questionário semiestruturado, com psicólogas atuantes no SUS, sendo as interpretações baseadas na análise de conteúdo. Com base nos resultados coletados, aponta-se que a atuação do psicólogo ainda predomina na clínica; as profissionais relataram possuir pouco embasamento teórico sobre o SUS durante a graduação e discorreram ter uma boa interdisciplinaridade. Percebe-se que a prática clínica ainda precisa ser superada e que os cursos de graduação devem se aperfeiçoar para suprir as necessidades de conhecimento diante da atuação profissional no SUS.

Palavras-chave: SUS. Psicólogos. Atuação. Saúde pública.

alessandra_lud@hotmail.com
ana.risson@unoesc.edu.br

PERFIL IDENTITÁRIO DA MULHER RESIDENTE EM PINHALZINHO, SC

Marcia Rosano Henn
Álvaro Cielo Mahl

No ano 2014 o Município de Pinhalzinho criou o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (Comdim) por meio da Lei n. 2400, que tem a finalidade de formular diretrizes e promover, em âmbito municipal, políticas públicas que contemplem a equidade de gênero e a eliminação do preconceito e da discriminação, ampliando o processo de controle social sobre as referidas políticas. No entanto, para propor, formular e/ou implementar políticas públicas para as mulheres pinhalenses, é necessário haver um diagnóstico que possa traçar o perfil do público-alvo. Portanto, em parceria com o Comdim, este estudo teve como objetivo principal conhecer o perfil identitário da mulher residente de Pinhalzinho, SC, para propor políticas públicas e elaborar ações que contemplem todos os segmentos. Também possui como objetivos específicos: identificar dados sociodemográficos que caracterizam a mulher pinhalense; identificar suas ocupações; verificar como se configuram suas relações familiares; compreender na visão da mulher pinhalense quais suas necessidades; e averiguar os elementos que nortearão as ações a serem propostas às políticas públicas direcionadas à mulher pinhalense. Para tal, aplicou-se um questionário estruturado a 979 mulheres residentes no Município. Os dados permitiram caracterizar a população investigada quanto às características sociodemográficas, condições de moradia, transporte, trabalho e renda, saúde, sexualidade, violência e relacionamentos sociais e familiares. Ainda, identificou-se como prioridade na percepção das mulheres investigadas o desenvolvimento de programas voltados para a saúde feminina e os cuidados da vida e programas que foquem na educação e elevação da escolaridade. Para tal, é importante lembrar que “o conceito de gênero estrutura-se a partir da ênfase nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais, etc. entre os sexos, uma vez que sinaliza as condições de desigualdades presentes entre homens e mulheres, sobretudo, relações hierárquicas e de poder” (SPM, 2012), atrelados e somados a outros contextos em que esta desigualdade impera. Assim, ao se desenvolverem políticas públicas “de gênero”, é fundamental que se tenha claro as mudanças que se pretende atingir, no intuito de buscar a emancipação e autonomia das mulheres. Reconhecendo a diferença de gênero, torna-se possível a implementação de ações diferenciadas dirigidas às mulheres. Para tanto, é imperativo que se compreenda que tais políticas públicas não devem apenas considerar e incluir mulheres (centralizar as mulheres em ações) que repitam e reforcem o papel delas na sociedade, mas é preciso o desenvolvimento de políticas que tenham a perspectiva da igualdade de gênero, ou seja, que tenham um enfoque na construção da igualdade e no combate às discriminações.

marcia-rosani@auroraalimentos.com

PLANTÃO PSICOLÓGICO NA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO LEONARDO WEISSHEIMER NO MUNICÍPIO DE SÃO MIGUEL DO OESTE, SC

Josiane Romancini
Lauren Mezzomo Alba
Verena Augustin Hoch

O Plantão Psicológico teve seu registro inicial no Brasil em meados dos anos 1960, quando foi implantando o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) no Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) pela professora Rachel Rosenberg, coincidindo com a época em que se tornava necessária a profissão do psicólogo e também com a introdução da Psicologia Humanista no País. Desde o início, os serviços de plantão se fundamentaram principalmente da Abordagem Centrada na Pessoa, cujo autor principal é Carl Rogers (TASSINARI, 2003). O Plantão Psicológico é um tipo de atendimento psicológico que acolherá a pessoa no exato momento de sua necessidade, ajudando-a a lidar com suas angústias e sofrimentos. O objetivo do Plantão, portanto, é prestar atendimento emergencial à demanda, acompanhando a pessoa em busca do sentido da sua existência por meio da compreensão do seu sofrimento. A atividade desenvolvida pelas pesquisadoras é um caso prático de atendimento de Plantão Psicológico na Unidade de Pronto Atendimento Leonardo Weissheimer do Município de São Miguel do Oeste, SC. Este trabalho é pioneiro nesse local, pois é a primeira vez que são aceitos acadêmicos do Curso de Psicologia para realizar estágio na UPA-24h. O trabalho desenvolvido se pauta no acolhimento, encaminhamento do paciente para a Rede quando necessário, bem como escuta e humanização dos funcionários, pacientes e familiares que ali se encontram, princípios esses trabalhados e fundamentados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil. Além disso, as estagiárias ficam de plantão para atendimentos de urgência e emergência quando a equipe (médicos, enfermeiras e assistente social) achar necessário o atendimento a pacientes com crises de ansiedade, tentativas de suicídio, crises de casais, pacientes recorrentes na UPA-24h e necessitam de uma atenção diferenciada, entre outros, fora do horário proposto para o estágio.

REFERÊNCIA

TASSINARI, Márcia Alves. **A clínica da urgência psicológica: contribuições da Abordagem Centrada na Pessoa e da Teoria do Caos**. 2003. 231 p. Tese (Doutorado em Psicologia)– Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

jromancini@uol.com.br

POLÍTICAS PÚBLICAS E A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NESSE CONTEXTO

Ana Paula Risson
Cleusa Aline Schuh
Jaíne Stein

Este resumo apresenta reflexões sobre a importância do profissional psicólogo no contexto das políticas públicas, bem como a importância de equipes multidisciplinares e a atuação do psicólogo no Sistema Único de Saúde (SUS). Trata-se de uma pesquisa acadêmica, que exporá uma atividade realizada no componente curricular Psicologia das Políticas Públicas e Direitos Humanos do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de Pinhalzinho. O objetivo do trabalho foi refletir sobre a importância da atuação do psicólogo nas políticas públicas. Para atender a esse objetivo, utilizou-se entrevista semiestruturada com uma enfermeira de uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Atendendo aos compromissos éticos, a participante da pesquisa leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevistada ressaltou a falta do profissional psicólogo na UBS e a importância dele para as políticas públicas, salientando a qualidade da saúde mental da população e dos profissionais que trabalham na UBS. A população e toda a equipe de saúde precisam desse profissional, entretanto podem não saber como e por meio de quem é possível encontrar essa ajuda. Percebeu-se que o psicólogo ainda precisa conquistar seu espaço e questionar os seus direitos como profissional. “As intervenções do psicólogo em uma instituição de saúde devem levar em conta a interface da cultura e do social, no processo de construção da identidade e da inserção da pessoa na vida.” (ANDRADE; SIMON, 2009). A interdisciplinaridade envolve ações em comum, mas não nega as especificidades, pelo contrário, é no campo destas que ela se desenvolve. Assim, é necessária a inclusão de outros profissionais na equipe mínima, dentre eles o psicólogo (BÖING; CREPALDI, 2010).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliane F. S. M.; SIMON, Cristiane P. Psicologia na atenção primária à saúde: reflexões e implicações práticas. **Paideia**, v. 19, n. 43, p. 167-175, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n43/04.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BÖING, E.; CREPALDI, M. A. O Psicólogo na atenção básica: uma incursão pelas políticas públicas de saúde Brasileiras. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, DF, v. 30, n. 3, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300014>. Acesso em: 10 set. 2016.

jromancini@uol.com.br

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO COM A POPULAÇÃO RURAL DO MUNICÍPIO DE MARAVILHA, SC

Taize Hollas

O sofrimento do suicida é privado e inexprimível, deixando membros da família, amigos e colegas para lidar com um tipo de perda quase insondável, assim como com a culpa. O suicídio traz como consequência um nível de confusão e devastação que está, na maioria dos casos, além da descrição. (SADOCK; SADOCK, 2007).

O suicídio é um sério problema de saúde pública e vem aumentando com passar dos tempos. Analisando os dados das mortes ocorridas por suicídio no Extremo-Oeste de Santa Catarina, o projeto “Prevenção do suicídio com a população rural do município de Maravilha, SC” visa implantar um trabalho de mapeamento do suicídio direcionado à população rural do Município e desenvolver técnicas objetivando a prevenção, considerando que o Município tem altos índices de tentativas e de casos consumados, principalmente entre os agricultores. Entre os anos 2010 e 2015 foram registrados pelo Instituto Geral de Perícias e pelo Instituto Médico Legal de São Miguel do Oeste, SC, 25 casos de suicídio em Maravilha, classificando o Município em 11º lugar se considerado o percentil populacional e em 1º lugar se considerado o número de suicídio entre as cidades do Extremo-Oeste de Santa Catarina. Sadock e Sadock (2007) enfatizam que nos grupos de risco devem ser observados os fatores de raça, religião, estado civil, ocupação, clima, saúde mental (transtornos depressivos, esquizofrenia, dependência de álcool e outras substâncias e transtornos de ansiedade), saúde física, comportamentos suicidas anteriores, bem como fatores sociológicos, biológicos e genéticos. Estas podem ser condições agravantes do risco de suicídio. Considerando a necessidade dessa população específica, é fundamental que ocorra a detecção precoce e o tratamento adequado, que as equipes de saúde que receberão os pacientes estejam bem preparadas, que os familiares e amigos que convivem com indivíduos em risco sejam informados sobre as suas condições e as formas de ajudá-los, além disso, também é muito importante o auxílio das terapias grupais para que a prevenção do suicídio seja efetiva e que muitas vidas possam ser salvas.

REFERÊNCIA

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Tradução Claudia Dornelles et al. Porto Alegre: Artmed, 2017.

taizehollas@scnet.com.br

PROCESSO DE TRIAGEM E AVALIAÇÃO DO SERVIÇO DE REABILITAÇÃO DA APAE DE SÃO MIGUEL DO OESTE

Marisete Camini
Juliana Camini Oliveira
Cristiane Magrini Dutra

O Programa de Reabilitação de pessoas com Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista (TEA) da APAE, SMOeste, avalia indivíduos que apresentam essas particularidades para posterior ingresso na entidade para reabilitação. Azevedo (2007) esclarece que a triagem é um processo de avaliação de pacientes envolvendo uma relação de pré-requisitos clínicos, sociais e afetivos que viabilizarão seu ingresso no serviço terapêutico/reabilitação oferecido. Ela é o primeiro contato físico entre o usuário e o serviço de saúde e tem por objetivo realizar uma avaliação inicial, seleção e encaminhamento às áreas específicas que estão correlacionadas às queixas trazidas na triagem. O objetivo é encaminhar a pessoa ao atendimento considerando as necessidades e queixas associadas ao desenvolvimento neuropsicomotor, bem como a avaliação das áreas para considerá-la apta para frequência. O cenário da reabilitação é amplo, e a triagem possibilita definição dos recursos e classificação. Na APAE, inicialmente, é agendada entrevista com os responsáveis pela pessoa com a assistente social, para a coleta de informações e verificação das condições clínicas, queixas e dinâmica familiar. Esse profissional localiza a rede de apoio disponível para a pessoa e viabiliza benefícios assistenciais. Após a decisão da equipe sobre o processo avaliativo, o profissional comunica os familiares, explicando a dinâmica do serviço. A Psicologia indaga quanto ao histórico da pessoa, desenvolvimento, as expectativas do processo de reabilitação e dos familiares e se esta condiz com o prognóstico de saúde, bem como realiza a avaliação cognitiva e intelectual da pessoa a fim de definir se esta atende aos requisitos para público da entidade. A triagem e a avaliação são instrumentos importantes em vista da necessidade de se ter maior precisão no processo avaliativo. A APAE é referência no atendimento de pessoas com deficiência. Para isso, conta com uma equipe composta por assistente social, psicólogo, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, neurologista, psiquiatra e pedagogo. A triagem nos serviços de reabilitação é a garantia do melhor uso do recurso terapêutico, desse modo, os matriculados para tais serviços receberão atendimentos de saúde nos problemas que apresentam, e todos recebem o serviço especializado educacional. Conclui-se que o processo de triagem e avaliação é uma ferramenta imprescindível que viabiliza recursos e serviços, os quais priorizam as particularidades de cada um e indicam o tratamento, e o resultado favorece a todos, pois corrobora para a celeridade no atendimento precoce e melhora o prognóstico da condição de saúde dos beneficiados.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Triagem. Avaliação.

marisete.camini@unoesc.edu.br

RELAÇÃO ENTRE A DEPRESSÃO E A ADESÃO AO TRATAMENTO MEDICAMENTOSO NO MEIO RURAL

Cleber Cavagnoli

Érika Eberlline Pacheco dos Santos

Camila Amthauer

Abel Petter

Cris Netto de Brum

Samuel Spiegelberg Zuge

A depressão acomete inúmeras pessoas no Brasil e é considerada a doença do século. Destaca-se, nesse contexto, a importância em aderir ao tratamento medicamentoso a fim de melhorar a condição dessa doença. Esta pesquisa objetivou analisar a relação entre a depressão e a adesão ao tratamento medicamentoso de adultos da zona rural de Guaraciaba, SC. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com delineamento quantitativo. A pesquisa realizou-se em uma zona rural de Guaraciaba, SC, entre os meses de julho e agosto 2016, abrangendo uma área determinada com 365 pessoas. O instrumento utilizado para a pesquisa contemplou: características sociodemográficas, econômicas e clínicas; Escala de Depressão de Beck, a qual contempla 21 itens, em escala likert; e a Escala de Adesão Terapêutica de Morisky (MMAS-8). A etapa de campo ocorreu após o parecer n. 1.622.022 do Comitê de Ética em Pesquisa da Unoesc e CAAE 56881616.4.0000.5367. Na relação entre a adesão ao tratamento medicamentoso e a classificação do nível de depressão de pessoas do meio rural com diagnóstico de depressão em um total de 90 pessoas, foi possível observar que grande parte dos participantes não apresenta uma boa adesão ao tratamento medicamentoso e, conseqüentemente, apresenta-se ainda em uma depressão grave. A partir da avaliação entre os níveis de depressão e a avaliação da adesão, foi possível identificar que a adesão ao tratamento medicamentoso apresentou correlação significativa moderada e inversa com a avaliação do nível de depressão ($r = -0,448$, $p \leq 0,01$). Dessa maneira, identifica-se que essas variáveis estão diretamente relacionadas, ou seja, quanto maior for a adesão, menor serão os níveis de depressão, bem como, quanto menor for a adesão, maior serão os níveis de depressão. A respeito da importância de o profissional estar em constante inovação/qualificação para prestar um atendimento diferenciado, observa-se a necessidade de implementações de ações de promoção de saúde, efetividade nos cuidados desenvolvidos e planejamento das buscas ativas dessa população, buscando orientar sobre os cuidados relacionados à adesão ao tratamento, a fim de reduzir a ocorrência de complicações associadas à depressão.

Palavras-chave: Enfermagem. Depressão. Transtorno depressivo. Adesão à medicação. Análise quantitativa.

clebercavagnoli@outlook.com.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA REALIZADA NO CENTRO DE REFERÊNCIA EM ASSISTÊNCIA SOCIAL DE UM MUNICÍPIO DO OESTE DE SANTA CATARINA

Aline Barros
Amanda Saraiva Angonese
Alisson Maurício Monteiro

O presente trabalho é um relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia, realizado no contexto do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) localizado em um município do Oeste de Santa Catarina. A prática de estágio no contexto universitário tem o objetivo de oferecer oportunidade de aprendizagem, contribuindo na formação do futuro profissional psicólogo, sendo, também, um espaço onde o acadêmico pode colocar em prática tudo aquilo que aprendeu ao longo da graduação. O CRAS trabalha em benefício da população do município, prevenindo a ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais, desenvolvendo as potencialidades, fortalecendo vínculos familiares e comunitários e ampliando o acesso à garantia de direitos, sendo esses os aspectos essenciais à condição de vida das pessoas, assim, o trabalho de estágio voltou-se para trabalhar e atender a essas demandas. A atividade contou com orientação acadêmica e supervisão local; inicialmente procurou-se conhecer a instituição e seus profissionais, as atividades ofertadas e seus propósitos. A partir disso, foram percebidas as necessidades e demandas do local, onde são atendidos grupos de idosos, crianças do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) e grupos com as famílias no Programa de Atenção Integral à Família (PAIF), e todas as atividades são realizadas com o intuito de garantir os direitos da população. Dessa forma, utilizando os conhecimentos adquiridos na graduação em Psicologia, procurou-se realizar escuta aos usuários do serviço, buscando a criação do vínculo e acolhimento para com eles, participando e auxiliando a equipe de profissionais no desenvolvimento das atividades e contribuindo no planejando para auxiliar no propósito inicial do serviço. Em seguida, transformando em conhecimento as experiências vividas até então e aprendendo por meio dos exemplos e orientações dos profissionais, realizaram-se diversas atividades com os grupos atendidos, o que possibilitou à estagiária perceber, também, que as atividades propostas devem se adaptar a cada contexto e demanda identificada, afim de se efetivar e proporcionar os aprendizados aos usuários. A prática de estágio é, assim, importante oportunidade para trabalhar e aprender a prática da Psicologia, pois possibilita vivenciar os desafios para atender às demandas de cada contexto, nesse caso, o da atuação profissional do psicólogo na política pública de assistência social.

aline_b@live.com

SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO BÁSICA: A PSICOLOGIA NO CAMPO DA PREVENÇÃO DAS DOENÇAS E DA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Greice Silva Ferreira
André Figueiredo Pedrosa

A Reforma Sanitária brasileira, iniciada na década de 1970 como um movimento social, resultou na criação do Sistema Único de Saúde (SUS) mediante a promulgação da Lei n. 8080/90 (VASCONCELOS; PAS-CHE, 2012). Desde a criação do SUS, percebeu-se a importância de promover a saúde mental aos usuários, já que esta afeta diretamente a saúde geral dos pacientes. A promoção de saúde mental na Atenção Primária em Saúde (APS) visa reduzir o sofrimento dos usuários em prol de uma melhor qualidade de vida. É no nível primário em saúde que ocorrerão as práticas e estratégias para reduzir os agravos e transtornos mentais (BRASIL, 2013). Objetivou-se com este trabalho compreender a inserção da psicologia na atenção primária em saúde. Trata-se de uma revisão bibliográfica que visa discorrer sobre a inserção da psicologia na APS. Cabe ressaltar que a APS teve sua importância destacada na conferência de Alma-Ata no ano 1978 na qual foi ressaltada a relevância dos cuidados em saúde voltados para a prevenção de doenças e a promoção de saúde. A APS, também conhecida por promover cuidados de saúde primários, é uma forma de intervir precocemente no processo natural das doenças, potencializando essa intervenção ou evitando sua necessidade (NEPOMUCENO; PONTES, 2017). Valorizando a APS do SUS, a Portaria n. 154, de março de 2008, instituiu a criação dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) com objetivo de ampliar a abrangência das Estratégias de Saúde da Família (ESF), aumentando a disponibilidade de serviços aos seus usuários e o foco principal de suas ações. Composto a equipe do NASF está presente o profissional psicólogo para trabalhar com as questões relativas à saúde mental na APS. Como ponderam Lanceti e Amarante (2012), a saúde mental é o eixo da ESF, dessa forma, a inserção do psicólogo nesse contexto revela-se fundamental para a prevenção e promoção da saúde na atenção básica. Diversos transtornos mentais, como transtornos de humor e de ansiedade, podem ser tratados pelo psicólogo na APS, evitando o encaminhamento dos usuários para serviços de saúde de média e alta complexidade. A realização de atividades por parte do psicólogo fortalece as práticas de saúde mental no nível primário, tornando esse profissional indispensável na APS, seja vinculado às equipes do NASF seja por meio da sua inserção nas equipes de ESF.

Palavras-chave: Psicologia. Atenção primária à saúde. Saúde mental.
andrefpedrosa@gmail.com

SENTIMENTOS E ATITUDES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM AO CUIDAR DE PESSOAS PÓS-TENTATIVA DE SUICÍDIO: REVISÃO NARRATIVA

Cleber Cavagnoli
Abel Petter
Tânia Dorneles
Camila Amthauer
Samuel Spiegelberg Zuge
Érika Eberlline Pacheco dos Santos

O preconceito na assistência às pessoas pós-tentativa de suicídio se torna acentuado. No entanto, a prática de enfermagem se designa por meio do cuidado no encontro com o outro, sendo reconhecida como imprescindível em momentos críticos da existência do ser humano. Assim, é necessário que a enfermagem evite que sua prática se torne mecânica, impessoal e até desumana ao cuidar de pessoas pós-tentativa de suicídio. Este artigo objetivou descrever por meio da literatura científica os sentimentos e atitudes dos profissionais de enfermagem ao cuidar de pessoas pós-tentativa de suicídio. Este trabalho trata-se de um recorte de um trabalho de conclusão de curso, realizado por meio de uma revisão narrativa da literatura e teve como questão orientadora de pesquisa: Como é o cuidado de enfermagem prestado às pessoas pós-tentativa de suicídio?. A busca ocorreu na base de dados LILACS, por meio do descritor em português tentativa de suicídio. Foram encontradas 533 produções. Por meio dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 13 artigos, dos quais somente cinco responderam à pergunta de pesquisa, compondo o corpus desta. A análise dos dados ocorreu por meio da análise temática proposta por Minayo. É possível observar que os enfermeiros não se sentem preparados para cuidar das pessoas pós-tentativa de suicídio e possuem atitudes que vão de acolhedoras até agressivas, de incompreensão e preconceituosas, passando pela tristeza, o medo e a raiva. Esses profissionais entendem a tentativa de suicídio como uma afronta, não explorando sistematicamente a ideação suicida, associam o comportamento suicida com a depressão e não se sentem à vontade em atender essas pessoas e preferem que o psiquiatria o faça. Além disso, os artigos analisados apontaram a falta de treinamento e habilidade para os enfermeiros realizarem tanto o cuidado quanto as atividades burocráticas deliberadas a eles. Compreende-se a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas que incentivem a capacitação dos enfermeiros para a atuação no cuidado às pessoas pós-tentativa de suicídio, fortalecendo uma atuação multiprofissional, a fim de prestar um cuidado integral e humanizado a essas pessoas.

Palavras-chave: Enfermagem. Suicídio. Tentativa de suicídio. Revisão narrativa.

clebercavagnoli@outlook.com.br

SENTIMENTOS EXPERIMENTADOS POR MULHERES QUE REALIZARAM MASTECTOMIA

Daiane Aparecida Bergamaschi

Paula Cristina Tasca

Sara Jane Noal

Considerando o aumento do número de novos casos de câncer de mama no Brasil e reconhecendo o momento do diagnóstico como um instante de crise, no presente estudo teve-se como objetivo identificar os sentimentos predominantes em mulheres que realizaram mastectomia, uma vez que um acometimento como o câncer de mama é visto como potencialmente estressor e provoca uma série de transformações na vida. Adotou-se abordagem qualitativa, a coleta de dados ocorreu a partir de entrevistas semiestruturadas. O processo de análise e interpretação dos dados foi baseado na análise de discurso. Como resultado, obtiveram-se quatro categorias: abalo emocional/desespero, fé, otimismo (pensamento positivo) e segurança/amparo. Esses sentimentos foram os predominantes nas participantes desta pesquisa.

sara-noal1@hotmail.com

UM TRABALHO POSSÍVEL DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: AÇÕES DE SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Álison Maurício Monteiro

Vislumbrar um trabalho possível da psicologia no contexto das políticas públicas implica uma perspectiva ampliada de atuação, refratária à concepção de uma clínica particular e individualizada. Pretende-se, neste trabalho, apresentar um relato de experiência da atuação do psicólogo na política pública de saúde, mais especificamente no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) do Município de Saltinho, SC, a partir do trabalho intersetorial envolvendo a promoção de saúde mental no contexto de uma escola de educação básica. A atividade foi orientada metodologicamente pelo modelo de pesquisa-intervenção envolvendo grupos, embasada nas metodologias participativas e em uma abordagem clínica sustentada pelos pressupostos da psicanálise. Foram realizadas intervenções com professores, estudantes e familiares. A atividade iniciou pelo diálogo com professores a respeito das dificuldades apresentadas pelos estudantes no contexto escolar, levantamento de informações e planejamento das ações. Os professores propuseram atividade na qual estudantes e familiares trocam cartas entre si expressando seus sentimentos, favorecendo o diálogo familiar. A inserção da psicologia ocorreu por meio de suporte profissional e realização de atividades grupais em três momentos diferentes: 1) anterior à escrita das cartas: fez-se intervenção com os estudantes acerca da saúde mental e rede de apoio, realizando pesquisa em relação aos problemas emocionais mais relevantes e identificação do perfil da rede de suporte emocional. Na pesquisa os problemas mais citados pelos estudantes foram irritabilidade, tristeza, necessidade de desabafar, baixa autoestima e problemas familiares. Na identificação da rede de suporte emocional, os vínculos de amizade predominaram como referência para 67% dos estudantes, sendo a família a segunda referência mais citada; 2) intervenção com os familiares: palestra sobre a família na contemporaneidade e a importância do diálogo na relação familiar; trilha dos sentidos aplicada à sensibilização para a afetividade; entrega das cartas dos estudantes aos familiares presentes e disponibilidade de materiais para que estes respondessem às cartas; 3) novamente com os estudantes, que receberam as cartas escritas pelos familiares e, em seguida, participaram da oficina de elaboração de um projeto pessoal, abrangendo reflexões sobre família, identidade, afetividade e autonomia. Transversal a esses três momentos, foram realizados atendimentos individuais com o objetivo de acolher as demandas por suporte psicológico. Avaliando as ações realizadas, considera-se importante a abertura de espaços para discussão e acolhimento das questões de saúde mental no contexto escolar, contemplando as relações familiares e sociais.

Palavras-chave: Psicologia. Saúde mental. Políticas públicas.

alisonmonteiro@unochapeco.edu.br

AUTÓPSIA PSICOLÓGICA FAMILIAR: COMPREENDENDO O PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E BIOPSISSOCIAL DO SUICÍDIO

Abel Petter¹

Verena Augustin Hoch²

RESUMO

Compreender o perfil epidemiológico e biopsicossocial das mortes por suicídio, em um contexto familiar e em uma determinada região, é fundamental para que se possa pensar em um estudo interpretativo das possíveis causas que estejam contribuindo para o fenômeno a fim de que se possa elaborar métodos eficientes para sua prevenção. Este estudo analisou o perfil epidemiológico de 186 casos de suicídio no Extremo-Oeste de Santa Catarina, no período de 2010 a 2015. Por meio da autópsia psicológica familiar, um roteiro de entrevista semiestruturada, com 12 famílias, compreendeu os aspectos biológicos, psicológicos e sociais envolvidos no fenômeno do suicídio. Os índices de suicídio apresentaram um total de 85% em homens e 15% em mulheres; as faixas etárias em que mais ocorreram as mortes estão entre 41 e 60 anos de idade, somando 86 casos no período estudado. Em relação aos meios empregados, o enforcamento representa 76%, seguido por arma de fogo, com 8,6%, intoxicação exógena, 3,76%, e arma branca, com 3,24%. O Extremo-Oeste catarinense apresenta altos índices de mortalidade por suicídio, estando acima da média nacional e estadual, sendo comparável aos maiores do País, o que evidencia a importância de o tema ser investigado em estudos seguintes.

Palavras-chave: Suicídio. Autópsia psicológica. Perfil Epidemiológico.

1 INTRODUÇÃO

O Estado de Santa Catarina é parte integrante da região Sul do Brasil. Os estudos realizados por Peixoto (2003) indicam que o coeficiente de mortalidade por suicídio nesse Estado gira em torno de 7/100.000 habitantes, o que representa quase o dobro da média nacional. Assim como no Brasil, as taxas de morte por suicídio em SC também apresentam variações regionais significativas. Um estudo divulgado pela Secretaria Estadual de Saúde apontou que a mortalidade por suicídio na região Extremo-Oeste de SC apresentou coeficiente de 11/100.000 habitantes no ano 2001, sendo superior ao coeficiente de mortes por homicídio na região.

Este artigo apresenta uma análise dos 186 casos de suicídio no período de 2010 a 2015 na região do Extremo-Oeste catarinense, compreendendo um total de 27 municípios, com seu núcleo localizado na Cidade de São Miguel do Oeste. Os dados analisados no Instituto Médico Legal (IML) foram elaborados por meio de um ponto de vista biopsicossocial dentro de um contexto familiar envolvendo 12 famílias entrevistadas. O método utilizado chamado autópsia psicológica incluiu um roteiro de entrevista semiestruturada, criado por Edwin Shneidman, amplamente difundido nos últimos 40 anos; foi concebido como meio para auxiliar médicos legistas a esclarecer a natureza de uma morte tida como indeterminada e que poderia estar associada a uma causa natural, acidental, suicídio ou homicídio. O método

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; abel.petter@hotmail.com

² Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina; verena.hoch@unoesc.edu.br

também foi utilizado para conhecer as razões que motivaram mortes autoinfligidas e para confortar os familiares dos que assim haviam falecido.

2 MÉTODO

Para se conhecer o perfil epidemiológico e compreender os aspectos biológicos, psicológicos e sociais implicados no suicídio da região Extremo-Oeste de Santa Catarina, foi utilizado o método de pesquisa descritivo que, segundo Cervo e Bervian (1983), tem como características observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir, com precisão, a frequência em que um fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores. A pesquisa descritiva buscou conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e nos demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo isolado quando de grupos e comunidades mais complexas, tratando estudo e descrição das características, propriedades ou relações existentes na realidade pesquisada.

A realização desta pesquisa foi caracterizada por um levantamento de dados documentais com todos os casos de suicídios registrados no período de 2010 a 2015 no Instituto Médico Legal de São Miguel do Oeste, o qual compreende 27 municípios da região. Também se desenvolveu um trabalho de campo, com realização de entrevistas baseadas no modelo de autópsia psicológica de Shneidman (2004), que é considerado um tipo de avaliação psicológica que enfoca o elemento que está faltando, ou seja, a intenção do morto em relação a sua própria morte, considerando que a maioria das vítimas comunica, de alguma maneira, as suas intenções, tendo como finalidade reconstituir a biografia da pessoa falecida por meio de entrevistas com terceiros.

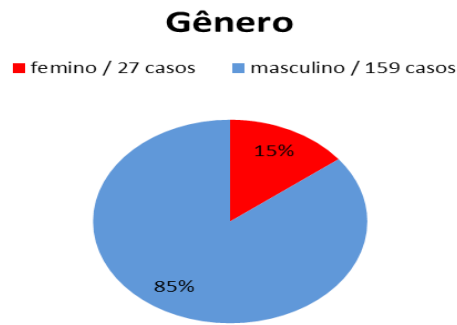
Esta pesquisa foi realizada em parceria firmada com o Instituto Geral de Perícias (IGP), no setor do Instituto Médico Legal (IML), e foram abordados na entrevista todos os casos de suicídio compreendidos no período de maio a outubro de 2015. O instrumento de autópsia psicológica foi aplicado logo após o deslocamento dos profissionais do IML até o local do fato (suicídio), auxiliando no reforço positivo para os peritos criminais e auxiliares de medicina legal. A entrevista realizada inicialmente com as pessoas próximas da vítima que estavam presentes no local do fato, sendo prosseguida no núcleo do IML, com o término das entrevistas. O número de familiares ou pessoas próximas entrevistadas esteve de acordo com o tempo disponível da perícia no local do fato e das pessoas envolvidas. Os entrevistados maiores de 18 anos e pessoas próximas da vítima, que aceitaram fornecer suas informações, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para os dados coletados nos registros do IML no período de 2010 a 2015, compreendendo um total de 186 casos de mortes por suicídio, foram realizadas análises das variáveis gênero, faixa etária, meios empregados, local (município) e data (mês) dos casos de suicídio.

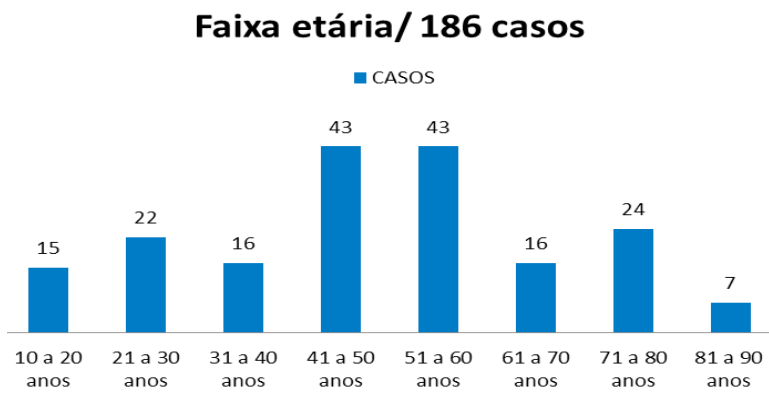
Em relação à idade e ao gênero, Cassorla (1985) e Kaplan, Sadock e Grebb (2003) comentam que o suicídio ocorre, em maior número, na velhice em decorrência da crise da meia-idade. É ocorrência três vezes maior entre homens do que entre as mulheres. Constatou-se que 159 casos são masculinos (85%) e 27 casos são femininos (15%) conforme se descreve no Gráfico 1. Em relação à faixa etária, 43 casos (23,12%) tinham de 41 a 50 anos de idade, e 43 casos (23,12%), de 61 a 70 anos, podendo ser concluído que o número maior de casos ocorreu em pessoas da meia-idade, entre 41 e 60 anos, conforme se visualiza no Gráfico 2.

Gráfico 1 – Gênero dos indivíduos analisados na pesquisa



Fonte: os autores.

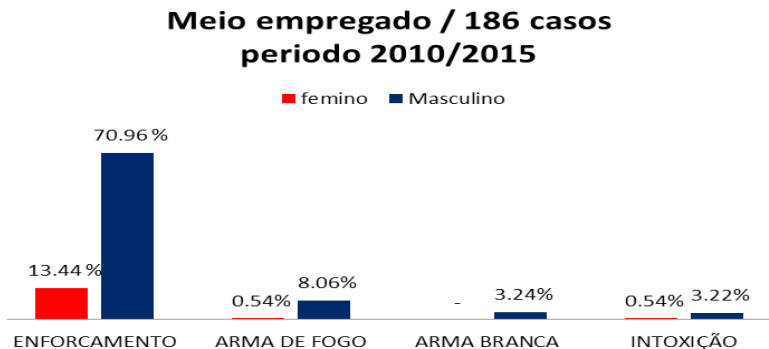
Gráfico 2 – Faixa etária dos indivíduos analisados na pesquisa



Fonte: os autores.

Ainda, de acordo com Mello, Mello e Kohn (2007), os atos mais violentos, como atirar-se de alturas, ferimentos por armas de fogo, enforcamento e acidentes de trânsito propositais geralmente ocorrem com pessoas mais velhas e com maior intencionalidade suicida. Os homens tendem a empregar métodos mais violentos, já as mulheres costumam escolher a intoxicação por medicamentos. Baptista (2004) e Kaplan, Sadock e Grebb (2003) comentam que, pelo fato de os homens utilizarem meios mais violentos que as mulheres, estes geralmente são mais bem-sucedidos em suas investidas. De acordo com essa pesquisa, o enforcamento foi o meio mais utilizado para o suicídio em homens e mulheres, somando um total de 84,4%, seguido de armas de fogo, com 8,6%, intoxicação exógena – envenenamento –, com 3,76%, e arma branca, com 3,24%. Essa distribuição dos meios empregados pode ser observada no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Meio de suicídio empregado

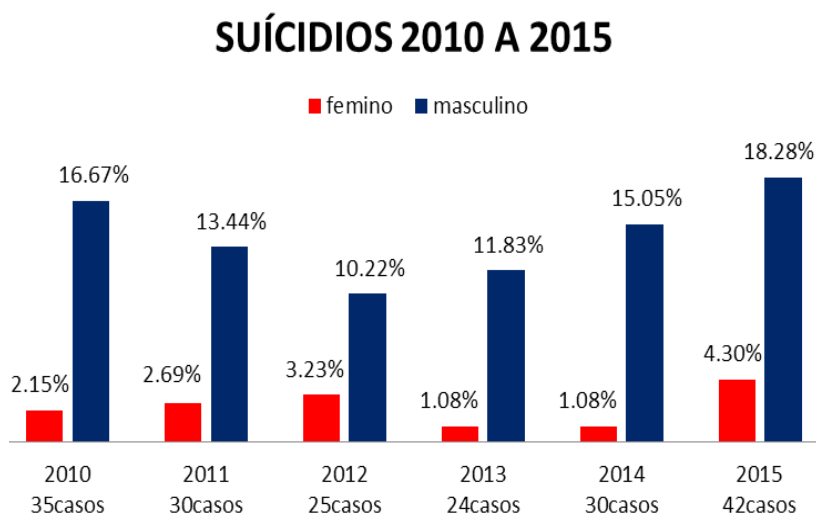


Fonte: os autores.

Dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que as mortes por suicídio aumentaram 60% nos últimos 45 anos, visto que o coeficiente de mortalidade mundial por suicídio no ano 1995 foi de 16 casos/100.000 habitantes. As estimativas da OMS apontam que cerca de um milhão de pessoas cometeu suicídio no ano 2000, o que representaria uma morte a cada 40 segundos.

A descrição do perfil epidemiológico do suicídio no Brasil vem crescendo significativamente nas últimas décadas. Em 2005, Mello-Santos et al. publicaram um estudo sobre as taxas nacionais de morte por suicídio entre os anos 1980 e 2000. Os autores encontraram uma média de três a quatro suicídios/100.000 habitantes no Brasil, sendo a incidência quatro vezes maior entre homens e com taxas crescentes nas faixas etárias mais jovens. No mesmo ano, o Ministério da Saúde concluiu um estudo que replicou esses achados e ainda revelou diferenças regionais nas taxas de suicídio no País. Os resultados revelaram que a região Sul e, mais especificamente, o Estado do Rio Grande do Sul (RS) detiveram os maiores coeficientes de mortalidade por suicídio no Brasil, chegando a 11/100.000 habitantes nesse Estado. Esta pesquisa apresenta um aumento considerável de mortes por suicídio nos últimos três anos, sendo 24 casos em 2013, 30 em 2014, e 42 em 2015, conforme Gráfico 4.

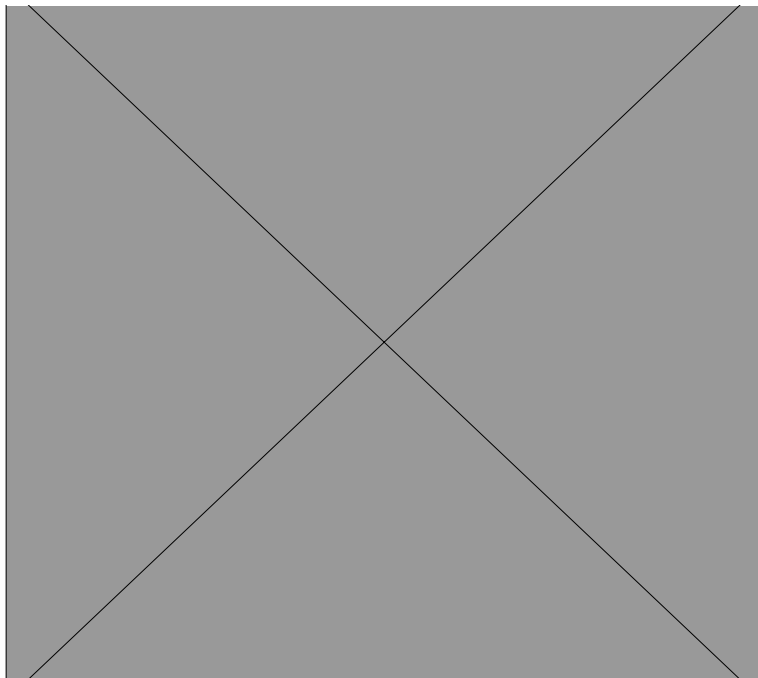
Gráfico 4 – Número de suicídios cometidos de 2010 a 2015



Fonte: os autores.

Considerando a relação de mês e número de casos de suicídios apresenta-se: fevereiro, com 24 casos, março e novembro, com 20 casos, agosto, com 18 casos, janeiro, com 17 casos, setembro, com 15 casos, abril e dezembro, com 14 casos, maio, com 13 casos, junho e outubro, com 12 casos, e julho, com sete casos.

Mapa 1 – Localização geográfica da região Extremo-Oeste de Santa Catarina



Fonte: Santa Catarina (2017).

A parte cinza do Mapa 1 representa os 27 municípios de abrangência onde foi realizada esta pesquisa.

A Tabela 1 mostra o estudo descritivo das seguintes características epidemiológicas dos óbitos por suicídio no Extremo-Oeste de SC no período de 2010 a 2015: municípios, número absoluto de casos, população de acordo com IBGE no ano 2010 e o percentual de acordo com o ranking, do maior para o menor:

Tabela 1 – Características epidemiológicas dos óbitos por suicídio no Extremo-Oeste de SC de 2010 a 2015

Município	Número de suicídios	Média da população IBGE (2010) (em habitantes)	%
Princesa	8	2.758	0,290
Iraceminha	10	4.253	0,235
Tigrinhos	4	1.757	0,228
São Miguel da Boa Vista	4	1.904	0,210
Bandeirante	4	2.906	0,138
Mondaí	13	10.231	0,127
Romelândia	7	5.551	0,126
Santa Helena	3	2.382	0,126
Flor do Sertão	2	1.588	0,126
Guarujá do Sul	6	4.908	0,122
Maravilha	25	22.101	0,113
Paraíso	4	4.080	0,098
Anchieta	6	6.380	0,094
Tunápolis	4	4.633	0,086
Riqueza	4	4.838	0,083
Palma Sola	6	7.765	0,077
Cunha Porã	8	10.613	0,075

Município	Número de suicídios	Média da população IBGE (2010) (em habitantes)	%
Iporã do Oeste	6	8.409	0.071
São Miguel do Oeste	24	36.306	0.066
Guaraciaba	6	10.498	0.057
Dionísio Cerqueira	8	14.811	0.054
Barra Bonita	1	1.878	0.053
Itapiranga	8	15.409	0.052
São José do Cedro	7	13.684	0.051
Descanso	4	8.634	0.046
Belmonte	1	2.635	0.038
São João do Oeste	2	6.036	0.033

Fonte: os autores.

Os municípios onde ocorreu os maiores números de casos de morte por suicídio no período de 2010 a 2015 foram Iraceminha, com 0,290%; Princesa, com 0,235%, e Tigrinhos, com 0,228%.

Os dados obtidos por meio das entrevistas de autópsia psicológica foram tratados a partir do método fenomenológico. Esse método, conforme Giorgi (2001), preenche os critérios fenomenológicos porque é um método descritivo que utiliza a redução fenomenológica, procurando a essência do fenômeno e presumindo uma relação intencional entre o sujeito e o objeto da experiência. Esse método também preenche aos “requisitos científicos porque produz conhecimento metódico, sistemático, crítico e potencialmente intersubjetivo.” (GIORGI, 2001, p. 134). Também são preenchidos os critérios psicológicos, porque a análise das descrições ocorre dentro da perspectiva psicológica, buscando-se essências psicológicas.

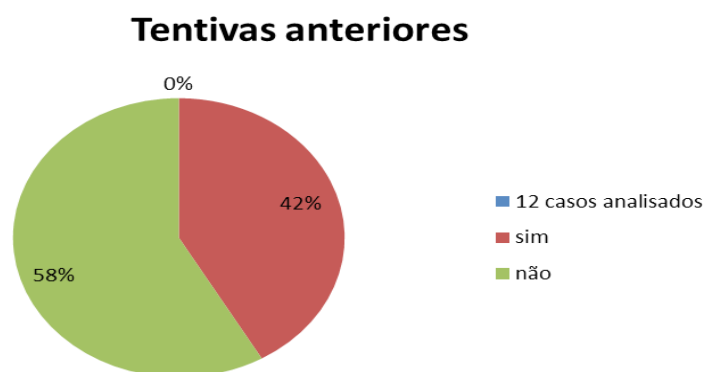
As tentativas incluem tanto os atos em que existe uma clara ou provável intenção de morrer, quanto aqueles atos em que não há nenhuma intenção. A linha entre pensamentos e ações suicidas não é tão clara quanto pode parecer. Um impulso potencialmente mortal pode ser interrompido antes de ser posto em prática, ou uma tentativa com intenção branda, mas com perigo de morte, pode ser executada, na esperança de que seja descoberta com garantia de sobrevivência.

Com frequência as pessoas querem ao mesmo tempo viver e morrer – o ato suicida é saturado de ambivalência. Alguns desejam escapar, mas apenas por instantes. Uns poucos usam ameaças ou tentativas suicidas para fazer com que as pessoas “paguem” por uma afronta ou rejeição, embora alguns as usem para provocar mudanças nas decisões e comportamentos de pessoas que conhecem (JAMISON, 2002).

Segundo um estudo de casos de suicídio, Clark e Fawcett (1992 apud BOTEGA et al., 2006), identificaram que aproximadamente 60% das pessoas mortas por suicídio nunca haviam tentado antes; 50 a 60% das pessoas que morreram por suicídio nunca consultaram um profissional de saúde mental ao longo da vida; w dois terços dos que cometem suicídio comunicaram claramente essa intenção a parentes próximos ou amigos na semana anterior. Metade dos que morrem por suicídio foi a uma consulta médica em algum momento no período de seis meses que antecederam a morte, e 80% foram a um médico no mês anterior ao suicídio. Mas ainda permanece correto que 50% dos que se suicidam nunca foram a um profissional de saúde mental.

A presente pesquisa, realizada com roteiro de entrevista com 12 famílias, apresentou cinco casos em que houve tentativas anteriores (42%) e sete casos em que não houve, conforme Gráfico 5.

Gráfico 5 – Tentativas de suicídio anteriores



Fonte: os autores.

Suominen et al. (2004) apontam que entre os principais fatores de risco do suicídio estão: certos transtornos mentais (depressão, alcoolismo); perdas recentes; perdas de figuras parentais na infância; dinâmica familiar conturbada; personalidade com fortes traços de impulsividade e agressividade; certas situações clínicas (como doenças crônicas incapacitantes, dolorosas, desfigurantes) e acesso fácil a meios letais.

4 ASPECTOS BIOPSISSOCIAIS

4.1 ASPECTOS BIOLÓGICOS RELACIONADOS

No grupo pesquisado, dois (16,67%) casos apresentaram doenças mentais diagnosticadas por psiquiatras, destacando-se a epilepsia e o transtorno bipolar, e 10 (83,88%) casos não apresentavam doenças mentais. No aspecto da depressão, obtiveram-se 10 casos diagnosticados e dois não diagnosticados. Quanto à dependência química (álcool), quatro eram dependentes e oito não. Em relação ao uso de cigarro (nicotina), oito eram não fumantes e quatro eram fumantes. Em relação a drogas ilícitas, nenhum caso foi detectado.

A depressão e os estados depressivos como fatores precipitantes do suicídio apareceram associados às seguintes causas: efeito cumulativo de perdas sociais como falência; negócio com pouco retorno lucrativo; perda do(a) companheiro(a); perda de safra e dificuldade para arcar com endividamentos; divisões no poder judiciário; e doação de um filho.

4.2 ASPECTOS SOCIAIS RELACIONADOS

O isolamento social esteve presente em oito dos casos e não presente em quatro deles. Em relação à etnia, destacam-se oito casos com descendência alemã e quatro com descendência italiana. Quanto ao trabalho, sete eram aposentados, um, desempregado e quatro estavam ativos no trabalho. Todos os casos pesquisados possuíam filhos (12 casos). Em relação à zona de habitação, seis casos ocorreram na área urbana e seis na área rural. Quanto à religiosidade, cinco casos apresentavam ligação a ela, e sete casos não. No estado civil destaca-se que sete eram casados, três, separados e dois eram viúvos.

4.3 ASPECTOS PSICOLÓGICOS RELACIONADOS

Destaca-se que, com unanimidade, os 12 casos estudados apresentaram desesperança, desespero e desamparo. A agressividade estava presente em quatro casos, e oito casos não apresentavam comportamentos agressivos. Em relação ao sofrimento psíquico com maus tratos e abusos, dois apresentaram e 10 não. Quanto à relação intrínseca com perdas recentes de familiares, cinco apresentavam e sete não. Sobre a ajuda profissional, 50% (seis casos) procuraram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisaram-se epidemiologicamente 186 casos no período de 2010 a 2015 e 12 casos com autópsia psicológica familiar. Embora não possam ser generalizados, os resultados refletem o que afirmam os estudos anteriores, como predominância de suicídio em homens, o enforcamento como principal meio para se matar, e concentração de casos em pessoas com isolamento social.

Diferenças de gênero marcaram a análise. Todos os casos entrevistados tinham filhos, 50% moravam na zona rural e 50% zona urbana. Os dados indicam que homens e mulheres estão igualmente em risco quando se isolam, se fecham, permanecem calados, deprimidos, introspectivos, solitários e tristes. Ambos os gêneros são afetados por estados depressivos e por conflitos familiares e conjugais. Entre os homens e mulheres encontram-se os efeitos do alcoolismo, da vida social conturbada, da sobrecarga financeira, da aposentadoria com queda de renda ou dos abusos físicos ou verbais.

Chama a atenção o modo como a dor e o sofrimento físico desempenham papel importante na fragilização e no desencadeamento do suicídio, associados aos fatores biopsicossociais. Ressalta-se, também, o papel da depressão interagindo com outras variáveis. Ela aparece ora como coadjuvante de complicações físicas e mentais, ora como principal causa quando associada a perdas, quedas abruptas na vida socioeconômica, aposentadoria, endividamento ou processos existenciais de tristeza e melancolia.

Recomenda-se ao setor saúde o estabelecimento de estratégias preventivas que busquem a qualidade de vida e combinem apoio social e programas voltados ao atendimento específico. O crescimento acelerado do número de casos levantados na pesquisa ano após ano, sobretudo dos grupos entre 41 e 60 anos, exige atenção redobrada na prevenção do suicídio.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. N. **Suicídio e depressão**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BOTEGA, N. J. **Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CASSORLA, R. M. S. **O que é suicídio**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: Para uso de estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

GIORGI, A. **Método psicológico fenomenológico: alguns tópicos teóricos e práticos**. **Educação**, Porto Alegre, a. 24, n. 43, p. 133-150, 2001.

IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 fev. 2016.

JAMISON, K. R. **Quando cai a noite: entendendo o suicídio**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

MELLO-SANTOS C. Epidemiology of suicide in Brazil (1980-2000): characterization of age and gender rates of suicide. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Psiquiatria**, p. 131-134, 2005.

MELLO, M. F. de; MELLO, A. de A. F. de; KOHN, R. **Epidemiologia da saúde mental no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Suicidios.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

OMS. Suicide Rates (per 100,000), by country, year, and gender. Mental Health. **Suicide data**. Disponível em <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Segurança Pública. **Núcleos regionais do IGP**. Florianópolis, Instituto Geral de Perícias. Disponível em: (http://www.igp.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=90&Itemid=116>. Acesso em:

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SANTA CATARINA. Disponível em: <www.saude.sc.gov.br/gestores/sala_de_leitura/doc_tecnicos>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE SANTA CATARINA. **Política de Saúde Descentralizada**. Secretaria Estadual de Saúde, 2008. Disponível em: <www.saude.sc.gov.br>. Acesso em: 20 fev. 16.

SHNEIDMAN, E. S. **Autopsy of a Suicidal Mind**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SUOMINEN, I. et al. Completed suicide after a suicide attempt: a 37-year follow-up study. **Am J Psychiatry**, p. 562-563, 2004.

GRUPO TERAPÊUTICO COM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Sara Jane Noal¹

Lisandra Antunes de Oliveira²

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais freqüente no mundo e o mais comum entre as mulheres. A cada ano, cerca de 22% dos casos novos de câncer em mulheres são de mama (BORGES-OSÓRIO, 2013, p. 410).

O presente projeto procura proporcionar um espaço onde essas mulheres possam compartilhar seus sentimentos frente ao câncer, onde elas se sintam acolhidas e amparadas e possam – com a ajuda dos psicólogos – trabalhar os sentimentos e medos que sentiram ao saber da doença.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GRUPOS TERAPÊUTICOS

Segundo Minicucci (2002, p. 77), “Há, na interação grupal, afinidades afetivas que unem os indivíduos [...]”

Pelo fato de todas as mulheres do grupo terapêutico terem câncer de mama, isso as coloca em igual situação perante as outras. Porém, o que difere uma da outra é a maneira como elas lidaram com o câncer. “[...] quem está num grupo, sempre influencia o comportamento deste e, por sua vez, também é por ele influenciado.” (WEIL; TOMPAKOW, 2004, p. 71).

O grupo terapêutico pretende acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e das relações interpessoais por meio de um processo experiencial (ROGERS, 2002, p. 5).

Segundo Rogers (2002, p. 13):

[...] a necessidade psicológica que atrai as pessoas para os grupos é uma fome de relações próximas e verdadeiras, em que sentimentos e emoções se possam manifestar espontaneamente, sem primeiro serem cuidadosamente censurados ou dominados; em que experiências profundas – decepções e alegrias – se possam mostrar; em que se arrisquem novas formas de comportamento e se levem até o fim; em que, numa palavra, a pessoa atinja a situação em que tudo é conhecido e aceito, e assim se torne possível uma maior evolução.

Observa-se, em vários estudos, que a partir das vivências no grupo emerge no indivíduo um processo de abertura conceitual sobre a consciência de si mesmo, seus limites e novas competências elaboradas ou em constante processo de re-elaboração.

Para Grandesso e Barreto (2007, p. 163),

A convivência em grupo vem permitindo a troca de conhecimentos, o esclarecimento de dúvidas com os profissionais e com outras mulheres que passaram pela mesma experiência, a abertura

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; sara-noal1@hotmail.com

² Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Especialista em Saúde Mental Coletiva pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; lisandra.oliveira@unoesc.edu.br

para a exposição de sentimentos como medos e angústias, a percepção de que suas angústias não são só suas e nem são únicas, proporciona um processo de identificação.

2.2 CÂNCER DE MAMA

O câncer de mama, no Brasil, ocupa o terceiro lugar em frequência, precedido apenas pelos cânceres de colo uterino e de pele, sendo a primeira causa de mortalidade por neoplasia entre as mulheres (BORGES-OSÓRIO, 2013, p. 410).

No Brasil o câncer de mama vem mostrando incidência e mortalidade ascendentes desde a década de 1960, a qual representou um marco social no País. A industrialização iniciada nas duas décadas anteriores passou a expressar seu reflexo na população: houve redução da taxa de natalidade, as mulheres passaram a se inserir de forma mais atuante no mercado de trabalho, a primeira gestação passou a ocorrer mais tardiamente, a urbanização alterou os hábitos alimentares da população, e a esperança de vida ao nascer aumentou. Todos esses fatores, em maior ou menor grau, parecem guardar alguma relação com o câncer de mama (KLIGERMAN, 1999 apud DUFLOTH, 2004, p. 33).

Também são encontrados outros fatores de risco:

Segundo Borges-Osório (2013), “Mulheres que apresentam mutação nos genes BRCA1 e BRCA2 têm 85% de probabilidade de desenvolver câncer de mama antes dos 70 anos.”

O BRCA1 é um gene supressor tumoral localizado no cromossoma 17q21, composto de 5.500 pares de bases distribuídas em 22 exons e codifica uma proteína de 1.863 aminoácidos (MIKI et al., 1994 apud DUFLOTH, 2004, p. 32).

O BRCA2 é um gene supressor tumoral localizado no locus 13q12, foi clonado em 1995 e é composto por 11.000 pares de bases dispostas em 27 exons que codificam uma proteína de 3.418 aminoácidos (WOOSTER et al., 1995 apud DUFLOTH, 2004, p. 32).

No entanto, o câncer de mama considerado esporádico, ou seja, sem associação com o fator hereditário, representa mais de 90% dos casos de câncer de mama em todo o mundo (TIEZZI, 2009, p. 1).

Também se identifica que mulheres com maior densidade mamográfica são mais suscetíveis à doença.

O aspecto radiográfico da mama varia entre as mulheres conforme a sua composição por gordura, estroma e epitélio tecidual, que possuem diferentes propriedades de atenuação radiográfica. Há mais de 30 anos, John Wolfe descrevia a associação de mamas com um padrão mamográfico de alta densidade, ou seja, maior proporção de tecido glandular e estromal em relação ao tecido gorduroso na mama ao aumento do risco para o câncer de mama – associação atualmente confirmada por muitos estudos bem conduzidos, que justificam a análise da incorporação da densidade mamográfica aos modelos de predição de risco individual de câncer de mama, [...] (MACCHETTI; MARANA, 2007).

Já para Padilha e Pinheiro (2004, p. 253),

A literatura é unânime ao destacar a importância da intervenção dietética na prevenção e recorrência da neoplasia mamária. Dietas baseadas no consumo de frutas, vegetais, grãos integrais e outras plantas parecem atuar na prevenção e controle, minimizando o impacto do acometimento por esta patologia, em decorrência de muitos compostos fitoquímicos, nutrientes ou não nutrientes, que são excelentes agentes quimiopreventivos, frequentemente encontrados nestes alimentos.

Segundo os autores, são vários os fatores que implicam tanto o surgimento quanto o tratamento do câncer de mama.

O câncer de mama é considerado de bom prognóstico se diagnosticado e tratado oportunamente, sendo o principal fator que dificulta o tratamento o estágio avançado em que a doença é descoberta (SILVA, 2008, p. 2).

O diagnóstico do câncer de mama ocorre por meio da mamografia e do autoexame. Segundo Zecchin (2004 p. 60), “cerca de 80% dos tumores de mama são descobertos pela própria mulher, palpando suas mamas incidentalmente. Quando isso ocorre, eles já apresentam um tamanho grande, o que dificulta o tratamento.” Ressalta-se que algumas mulheres não sabem fazer a palpação das mamas e que os nódulos que são perceptíveis na palpação, normalmente, já são tumores.

O exame ideal a ser realizado ainda é a mamografia, que é um tipo de radiografia realizada em aparelhos específicos para avaliação das mamas. A mamografia de rotina é a melhor maneira de detectar qualquer alteração nas mamas, antes mesmo que a paciente possa senti-la.

Diante do exposto, percebe-se que não há um único fator que desencadeia o câncer de mama, existem várias possibilidades/fatores que podem – interrelacionadas ou não – ocasionar o seu surgimento. No entanto, o diagnóstico precoce (por meio da mamografia) facilita o seu tratamento.

3 JUSTIFICATIVA

Este projeto justifica-se pela necessidade de um suporte psicológico e de um espaço onde as mulheres com diagnóstico de câncer de mama no Município de Serra Alta possam compartilhar os sentimentos e angústias sentidos em relação à doença. Segundo dados da Secretaria de Saúde, foram diagnosticadas no Município, nos últimos cinco anos, cerca de oito mulheres com esse câncer.

Tabela 1 – Número de mulheres diagnosticadas com câncer de mama

Ano	Número de casos
2011	02
2012	02
2013	02
2014	01
2015	01

Fonte: Cadastro individual de notificação do centro de saúde de Serra Alta.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Proporcionar às mulheres com câncer de mama grupos de encontro com psicólogos, bem como a troca de vivências relacionadas aos seus sentimentos em relação ao diagnóstico.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover a prevenção da saúde mental das pacientes e oferecer um suporte psicológico;
- Desenvolver um espaço de trocas de experiências, onde todas possam se sentir amparadas e acolhidas;
- Verificar quais são os desafios, as angústias e as dúvidas vivenciadas por elas;
- Auxiliar ou lidar com as dificuldades advindas da doença por meio do grupo psicoterapêutico.

5 POPULAÇÃO-ALVO

O projeto será desenvolvido com mulheres que têm ou tiveram câncer de mama, residentes no Município de Serra Alta, SC. Farão parte do grupo todas as mulheres que tiveram diagnóstico de câncer de mama, independentemente se foram mastectomizadas ou não. A participação será voluntária.

6 METODOLOGIA

Será formado um grupo psicoterapêutico com a participação voluntária de no mínimo cinco e no máximo 10 mulheres que tenham diagnóstico de câncer de mama. Serão realizados dez encontros com duração de duas horas, um a cada quinzena. O grupo terá duração de cinco meses, e as atividades acontecerão de acordo com o cronograma apresentado a seguir:

6.1 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES REALIZADAS

Atividades realizadas	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.
Inicialmente será apresentado o projeto aos gestores municipais. Havendo interesse e autorização para sua aplicação, será apresentado o projeto para as mulheres com câncer de mama.	X					
Levantamento da quantidade de diagnósticos com a secretaria municipal e apresentação do projeto às mulheres com diagnóstico de câncer de mama.	X					
Se alcançado o número mínimo de participantes, será iniciado o grupo terapêutico.	X					
Primeiro encontro: Apresentação da proposta ao grupo e dinâmica de apresentação entre as participantes (dinâmica: teia da amizade – apêndice 1).		X				
Segundo encontro: “Conhecendo o câncer!” Será apresentado às pacientes um pouco sobre o que é o câncer de mama.		X				
Terceiro encontro: “Prevenção e diagnóstico”. Serão apresentadas maneiras de se prevenir, o autoexame e como é feito o diagnóstico de câncer de mama.			X			
Quarto encontro: Aberto para as pacientes relatarem sobre suas vivências em relação ao diagnóstico.			X			
Quinto encontro: Aberto para as pacientes relatarem sobre suas vivências em relação ao tratamento.				X		
Sexto encontro: Que sentimentos experiencia uma mulher que recebe o diagnóstico de câncer de mama? As pacientes poderão relatar suas vivências, como foi receber o diagnóstico de câncer de mama.				X		
Sétimo encontro: O que mudou em sua vida após o diagnóstico? As pacientes apresentam ao grupo o que mudou em suas vidas após o diagnóstico.					X	
Oitavo encontro: O que mudou em relação à estética e à sexualidade? As pacientes apresentam ao grupo as mudanças ocorridas em relação à estética e à sexualidade.					X	
Nono encontro: “Trabalhando sentimentos”. O psicólogo usa o grupo para trabalhar as questões (identificadas por ele) que apareceram no grupo.						X

Atividades realizadas	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.
Décimo encontro: Feedback das participantes e encerramento.						X

6.2 PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NO PROJETO

Neste projeto serão necessários os seguintes recursos humanos:

Quantidade	Descrição	Remuneração	Total Mensal
01	Estagiário de Psicologia (oito horas semanais)	750,00	750,00
01	Psicólogo	1.500,00	1.500,00

A contratação do psicólogo ocorrerá por meio de processo seletivo.

6.3 MATERIAIS E ESPAÇO NECESSÁRIOS

Serão necessários uma sala bem arrejada e ventilada, 12 cadeiras, um notebook, um datashow, água para as participantes, canetas, um rolo fio de lã, lenços de papel e folhas de ofício.

7 ÁREA DE ABRANGÊNCIA DO PROJETO

A abrangência do projeto será destinada à unidade básica de saúde, especificamente a mulheres com câncer de mama do Município de Serra Alta.

8 DURAÇÃO DO PROJETO

O projeto se desenvolverá pelo período mínimo de seis meses, podendo ser prorrogado após a avaliação da sua execução.

9 RESULTADOS ESPERADOS

Mediante um grupo terapêutico, o projeto espera esclarecer dúvidas que as pacientes apresentam em relação ao câncer de mama e promover uma troca de vivências, proporcionando uma melhor saúde mental às participantes. Também procura fornecer um suporte psicológico e, por meio do grupo, mostrar às participantes que suas angústias não são únicas e também são vivenciadas por outras mulheres, proporcionando um processo de identificação.

10 DESPESAS COM O PROJETO

O psicólogo contratado receberá mensalmente um salário de R\$ 1.500,00, e o estagiário de psicologia receberá mensalmente R\$ 750,00 para executar o presente projeto. Também serão necessários R\$ 100,00 mensais para a compra dos materiais necessários. O valor para a compra do projeto será de R\$ 3.000,00.

11 FINANCIAMENTO

O presente projeto será financiado pela Prefeitura Municipal de Serra Alta, SC, e pela Secretaria Municipal de Saúde de Serra Alta, SC, podendo haver parcerias para custeá-lo.

REFERÊNCIAS

BORGES-OSÓRIO, M. R. **Genética Humana**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

DUFLOTH, R. M. **Carcinoma de mama hereditário em mulheres brasileiras**: mutações dos genes BRCA1 e BRCA2, polimorfismos dos genes de reparo do DNA e caracterização imunoistoquímica pela técnica de *tissue microarray*. 2004. 132 p. Tese (Doutorado em Tocoginecologia)–Universidade de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPO-SIP/313286/1/Dufloth_RozanyMucha_D.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

GRANDESSO, M.; BARRETO, M. R. **Terapia Comunitária**: Tecendo Redes para a Transformação Social Saúde, Educação e Políticas Públicas. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MACCHETTI, A. H.; MARANA, H. R. C. Densidade mamográfica como fator de risco para o câncer de mama. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032007001000001&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2015.

MINICICCI, A. **Dinâmica de Grupos e Teoria de Sistemas**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

PADILHA, P. de C.; PINHEIRO; R. de L. O Papel dos Alimentos Funcionais na Prevenção e Controle do Câncer de Mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 50, n. 3, p. 251-260, 2004. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/brrbcn_50v03pdfREVISA03.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

ROGERS, C. R. **Grupos de Encontro**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZECCHIN, R. N. **A Perda do Seio**: Um trabalho psicanalítico institucional com mulheres com câncer de mama. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SILVA, L. C. da. Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 ago 2015.

STEWART, M. et al. **Medicina Centrada na Pessoa**: Transformando o método clínico. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

TIEZZI, D. G. Epidemiologia do câncer de mama. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 5, maio 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032009000500001&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2015.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O Corpo Fala**: A linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 57. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

APÊNDICE 1

A TEIA DA AMIZADE

Objetivos: apresentação nos grupos; conhecimento mútuo; a importância de cada um assumir a sua parte na vida.

Participantes: mínimo cinco e máximo 10 pessoas.

Tempo Estimado: 10 a 15 minutos.

Material: um rolo (novelo) de fio ou lã.

Descrição: dispor as participantes em círculo. O coordenador toma nas mãos um novelo (rolo, bola) de cordão ou lã. Em seguida prende a ponta deste em um dos dedos de sua mão. Pede para as pessoas prestarem atenção na apresentação que ele fará de si mesmo. Assim, logo após se apresentar brevemente, dizendo quem é, de onde vem e o que faz, por exemplo, joga o novelo para uma das pessoas à sua frente.

Esta pessoa apanha o novelo e, após enrolar a linha em um dos dedos, repetirá o que lembra sobre a pessoa que terminou de se apresentar e que lhe atirou o novelo. Após fazê-lo, essa segunda pessoa irá se apresentar, dizendo quem é, de onde vem, o que faz, etc.

E assim será sucessivamente, até que todos do grupo digam seus dados pessoais e se conheçam. Como cada um atirou o novelo adiante, no final haverá no interior do círculo uma verdadeira teia de fios que une uns aos outros.

Pedir para as pessoas dizerem: o que observaram, o que sentem, o que significa a teia, o que aconteceria se um deles soltasse seu fio, etc.

Mensagem: Todos somos importantes na imensa teia que é a vida, ninguém pode ocupar o seu lugar.

EIXO 3

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Euarda Deitos
Giovana Maria Di Domenico Silva
Paulo Ricardo Bavaresco

Entende-se identidade e autonomia como um conhecimento progressivo que as crianças vão adquirindo de si mesmas. Identidade é conhecida como a ideia de distinção, a marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir, de pensar e da história pessoal. Autonomia refere-se à capacidade de se conduzir e de tomar decisões por si próprio, considerando regras, valores, perspectiva pessoal bem como a perspectiva do outro. Objetivou-se, com este estudo, conhecer como ocorre a construção da identidade e autonomia da criança na Educação Infantil. Partindo disso, o objetivo geral foi entender como o processo pedagógico na Educação Infantil pode contribuir para a construção da identidade e da autonomia da criança, procurando aguçar a curiosidade epistemológica. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e de abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos procuram explicar e responder problemas dentro de uma dimensão teórica. Com o estudo foi possível identificar e refletir situações de aprendizagem que favoreceram o desenvolvimento da identidade e autonomia nas crianças, no intuito de aguçar a curiosidade epistemológica, superando sua curiosidade ingênua, associada ao senso comum, tornando-a cada vez mais crítica. Para isso, torna-se fundamental desenvolver um processo pedagógico orientado para a emancipação da criança, e nessa perspectiva a construção de sua identidade e autonomia. Sabe-se que desde pequena a criança mostra interesse em querer saber como e o porquê de tudo; são curiosas e questionadoras, demonstrando curiosidade. Ao ingressar na Educação Infantil, cabe ao professor criar alternativas para transformar a curiosidade ingênua da criança em uma curiosidade epistemológica, cada vez mais crítica, capaz de refletir sobre a natureza, despertando o interesse e o desejo por querer saber mais, pesquisando, relacionando e refletindo com liberdade e autonomia, isto é, o que a criança faz de forma espontânea, a escola deve ajudá-la a fazer de forma científica.

Palavras-chave: Identidade. Autonomia. Educação Infantil. Curiosidade epistemológica.

duda.eduardadeitos@gmail.com

A CRIANÇA E O APRENDER: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA EM PSICOLOGIA ESCOLAR

Luciane Regina San Vito

Aline Bogoni Costa

Desde o nascimento, a criança inicia seu processo de descobrir-se como parte do mundo em que vive, produz cultura e contribui para a sua história, em processo dialético, em que modifica o ambiente e este a modifica. Durante a infância, em geral, domina os comportamentos de exploração do corpo, do cognitivo, da linguagem e do mundo. No presente trabalho apresenta-se o relato da experiência de uma atividade curricular do componente Psicologia Escolar, do quinto período do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Foram realizadas observações em dois encontros no espaço educacional Centro de Educação Infantil Cantinho Feliz, no Município de Maravilha, SC. No trabalho de observação teve-se como objetivo refletir sobre as práticas educativas realizadas pelos profissionais atuantes na Educação Infantil. O primeiro encontro foi a observação das crianças, professores e merendeiras no momento das refeições (café da manhã e lanche). O segundo foi a observação das crianças e professores brincando e interagindo no parque infantil da Instituição. No espaço observado pôde-se perceber que as crianças são estimuladas a imaginar, a cantar, expressando-se dessa forma e desenvolvendo a linguagem, principalmente por brincarem dentro e fora da sala de aula, visto que a imaginação e o brincar devem ser trabalhados com ênfase e motivação, pois ambos contribuem para a formação do pensamento. O estímulo é fundamental para o desenvolvimento biopsicossocial fazendo a criança ter ação, pensar “sobre”, analisar, criar possibilidades de transformação, enfim, todos esses aspectos são essenciais para a aprendizagem e conseqüentemente para o seu desenvolvimento. A criança passa por inúmeras descobertas e ampliação de experiências individuais, culturais, sociais e educativas. A realização da atividade possibilitou ampliar a compreensão da prática em Psicologia Escolar, o que contribuiu à experiência pessoal e profissional da pesquisadora.

Palavras-chave: Relato de experiência. Desenvolvimento infantil. Atividade acadêmica. Psicologia Escolar.

lucianereginasanvito@yahoo.com.br

aline.costa@unoesc.edu.br

A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: O SABER E O PODER NA PRODUÇÃO DE SUJEITOS

Fabíola Regina Ortega
Leila Tombini
Eduardo Nunes Jacondino

No presente estudo teve-se por objetivo a realização de uma pesquisa bibliográfica feita com a finalidade de discutir a temática da medicalização na educação bem como os poderes e saberes envolvidos na produção de discursos medicalizantes nas instituições escolares. O referencial teórico utilizado para embasar as reflexões advém da abordagem teórico-metodológica do pós-estruturalismo, centrando-se nos estudos de Michael Foucault; o uso da concepção tem por objetivo promover diálogos sobre a medicalização, a intenção não está em definir verdades ou instaurar concepções fechadas e acabadas, mas, sim, possibilitar reflexões à luz do referencial teórico citado. A medicalização é entendida como a redução de processos da vida social complexos, multifatoriais e marcados pela cultura e o tempo histórico para questões de ordem médica, vinculando aquilo que não está adequado às normas sociais a uma suposta causalidade orgânica, expressa no adoecimento do indivíduo. Na pesquisa abordaram-se temas como os processos medicalizantes utilizados na Educação, bem como o processo de biologização do comportamento e da aprendizagem. Além disso, analisaram-se o saber e o poder médico na produção da medicalização da educação, na atualidade. Pode-se concluir que a produção de discursos medicalizantes é oriunda de um saber e de um poder que foram se construindo na sociedade e que vêm adentrando o espaço educacional, contribuindo para a exclusão do diferente (no caso, aqueles que são medicalizados) e/ou para a produção de sujeitos que contribuirão para a manutenção do discurso e práticas ancoradas no saber hegemônico (no caso, aqueles que, ao atuarem como profissionais da educação, reproduzam um discurso e uma prática educacional específica adstrita a um saber/poder específico).

Palavras-chave: Medicalização. Educação. Saber/Poder.

ortegafabi@yahoo.com.br

leila.tombini@hotmail.com

A MONITORIA NO CONTEXTO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriel Afonso Costacurta

Abel Petter

Amanda Saraiva Angonese

Aline Bogoni Costa

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido pelos acadêmicos do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste no primeiro semestre letivo de 2017, durante a atividade de monitoria do componente curricular Avaliação Psicológica I. As atividades foram desenvolvidas visando ao auxílio no contexto de avaliação psicológica, além de proporcionar uma ampla experiência dentro das atividades desenvolvidas como: manuseio e contato com testes psicológicos, coordenação para orientação de relatórios das atividades, acompanhamentos para devolutivas das avaliações, entre outras. Consideraram-se as necessidades dos acadêmicos do quinto período, monitorando e auxiliando os alunos na construção, condução e orientação acerca dos testes psicológicos e, posteriormente, na elaboração dos relatórios. A experiência permitiu conhecer as peculiaridades do grupo e planejar orientações significativas aos acadêmicos. Com a realização dessas atividades, proporcionaram-se condições favoráveis para o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo dos acadêmicos e monitores. Assim, contribui-se para a formação de um profissional voltado não apenas aos aspectos biológicos, mas, sobretudo, ao contexto sociocultural que interfere no processo de avaliação psicológica.

gabiac7@hotmail.com

abel.petter@hotmail.com

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESENVOLVIMENTO DE UM AMBIENTE ACOLHEDOR POR MEIO DA PRÁTICA DOCENTE

Indianara Sissgler Teodósio
Giovana Maria Di Domenico Silva

Os espaços da infância marcam profundamente e influenciam definitivamente na maneira de ver o mundo e de se relacionar com ele. Nesse sentido, objetivou-se neste estudo compreender as possibilidades de a organização dos espaços favorecer o acolhimento no ambiente/espaço escolar respeitando a(s) infância(s) e a singularidade das crianças. Para isso, o estudo está organizado metodologicamente em uma pesquisa qualitativa, com base em estudo bibliográfico. Com a realização da pesquisa percebeu-se a importância do educador também no planejamento e na organização da escola, dos ambientes, dos espaços externos e internos. A qualidade do espaço é elemento encorajador da criança à ação e à autonomia, fazendo-a sentir-se parte do espaço, permitindo que explore os diversos ambientes em seu contexto escolar e, principalmente, sinta-se acolhida. O professor é uma referência para a criança e é ele quem precisa fazer a mediação do processo de aprendizagem de forma lúdica, por meio de incentivos e de carinho, ou seja, do acolhimento. Também é o responsável por organizar as rotinas, os espaços, os ambientes, a seleção de materiais, bem como o planejamento e a avaliação das crianças. Concluiu-se com o estudo quão significativas são a afetividade e a ludicidade no processo de acolhimento das crianças no ambiente escolar, produzindo interações que possibilitam aprendizagens significativas, no tempo de infância(s), respeitando as singularidades de cada criança.

Palavras-chave: Infâncias. Crianças. Organização dos espaços. Acolhimento.

indianara_teodosio@hotmail.com
giovana.silva@unoesc.edu.br

A PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOBRE AS SERPENTES (SQUAMATA, SERPENTES): UMA ABORDAGEM A PARTIR DA OFIDIOFOBIA

Jackson Fábio Preuss
Paula Corrêa

Normalmente muitos animais são símbolos para religiões, crendices e lendas. As serpentes são exemplos de animais mais relacionados ao sentimento de medo ou aversão (ofidiofobia). Neste trabalho teve-se por objetivo relatar o conhecimento e a percepção de alunos de um programa de educação ambiental sobre o grupo das serpentes. Foram realizadas palestras referentes ao tema a 40 alunos, com faixa etária entre 11 e 15 anos, participantes do Programa de Protetores Ambientais da Polícia Militar Ambiental de São Miguel do Oeste, SC. O trabalho ocorreu em duas etapas, nos dias 20 e 22 de junho de 2017. A primeira etapa compreendeu uma palestra, posteriormente os alunos responderam questões acerca do assunto, verificando o seu conhecimento sobre a temática. Levantaram-se opiniões e percepções sobre o grupo dos ofídios, foram utilizadas séries de fotos do autor, com o objetivo de facilitar o entendimento dos alunos, mostrando as características biológicas e comportamentais das espécies regionais, as diferenças morfológicas quanto à dentição, as práticas adotadas em casos de acidentes ofídicos, e, finalmente, a desmistificação do grupo. Na segunda etapa, os alunos participaram de uma atividade prática, envolvendo o manuseio de alguns espécimes. Após essas atividades, os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões, tirar dúvidas e relatar suas experiências e observações acerca dos animais. Após análise, percebeu-se que a visão popular geralmente explora o tema de maneira exagerada, mesclando científico com imaginário. Ficou evidente que lendas antigas ainda são vigentes, que o medo predomina quando o assunto é serpente, que métodos arcaicos de primeiros socorros ainda são utilizados. Destacaram-se os reflexos comportamentais e as atitudes negativas (destrutiva), característicos de biofobia. Esta é definida como uma predisposição genética à associação imediata, tendo por base uma exposição ou informação negativa, mantendo um sentimento de medo ou aversão a certos estímulos naturais. O estudo da percepção pode contribuir de forma significativa para subsidiar propostas de conservação de espécies animais. O debate permitiu confrontar crenças e esclarecer dúvidas, contribuindo para uma visão mais satisfatória sobre esse grupo zoológico, objetivando mudanças de atitudes/comportamentos biofóbicos.

Palavras-chave: Lendas. Biofobia. Comportamentos biofóbicos.

jackson_preuss@yahoo.com.br
paulinhacorr@gmail.com

AS DIFERENTES LINGUAGENS DO BEIJO

Sidinei Farias
Yan Werlang
Ângela Maria Bavaresco

O beijo é um gesto de afeição empática que envolve toque labioso humano em alguma região do corpo. Existem muitas definições, significados culturais e ressonâncias para esse gesto. Desde um símbolo de amor, tristeza, perda, conforto, intimidade, dedicação e desejo até uma saudação superficial. O que um beijo mostra? Ele potencializa o ser humano? Com essas indagações, na presente amostra fotográfica abordam-se as diferentes linguagens do beijo vivenciadas no Componente Curricular de Teorias de Grupo, na Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste, a fim de reelaborar sentimentos e experiências de vida nos acadêmicos do sexto período do Curso de Psicologia. O beijo, portanto, persiste ao longo do tempo, das gerações, nas diferentes culturas e experiências como uma palavra, um gesto ou sentimento silencioso que não se define. Um beijo, muitas vezes, celebra o que talvez seja a maior emoção ressignificadora de todas: o amor. Para a pessoa humana, o beijo faz parte da primeira vez que é apresentada ao Planeta Terra, e frequentemente também participa do nosso último e perene adeus.

fariaspedagogo@hotmail.com
angela.bavaresco@unoesc.edu.br

AS POSSIBILIDADES DA PSICOLOGIA ESCOLAR EM UMA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE: ATIVIDADE PRÁTICA ACADÊMICA

Ana Luiza Toaldo Nardi
André Marcos Spiecker Gasparin
Bruna Lunardi Belegante
Jaqueline Fabbi e Aline Bogoni Costa

No presente trabalho apresentam-se compreensões construídas por acadêmicos da quinta fase do Curso de Psicologia, no componente de Psicologia Escolar, realizadas a partir de observações e entrevistas em uma Universidade da Terceira Idade. A proposta da atividade ora descrita foi a inserção nesse campo de atuação profissional, possibilitando aos acadêmicos a prática de elaboração de diagnóstico e a formulação de possibilidades de estratégias de intervenção. Os participantes do projeto foram duas turmas da Universidade da Terceira Idade, nas quais se realizou cinco observações nas/das aulas e entrevistas com coordenadores do projeto. A partir dessas compreensões, explicadas com embasamento teórico acerca da educação de adultos, acredita-se ser possível criar estratégias para qualificar a forma de ensino-aprendizagem de cada instituição. Observou-se uma estrutura qualificada para a transmissão de conhecimentos úteis e com sentido para o público-alvo, permitindo uma metodologia cujo estudante constrói a aula com o professor, em um movimento de troca de conhecimentos/informações. As intervenções propostas abordam extensões na estrutura e no fornecimento de conhecimento da universidade voltado a intervenções no âmbito da psicologia, principalmente da psicologia escolar.

Palavras-chaves: Psicólogo escolar. Educação. Terceira idade.

ana.nardi@hotmail.com

andrespiecker@hotmail.com

ATELIÊ DE ARTE: RESSIGNIFICANDO HISTÓRIAS

Amanda Hoenisch Diehl
Luis Henrique Ramalho Pereira

Neste trabalho apresenta-se um relato de experiência clínico-institucional com pré-adolescentes em um ateliê de arte que funciona dentro de uma escola estadual na Cidade de Santa Maria, RS, um espaço que oportuniza atividades lúdicas e artísticas. A proposta de um ateliê de arte dentro do ambiente escolar consiste em um espaço no qual o sujeito possa expressar as suas angústias e os seus desejos que serão lentamente descortinados por meio da criação artística. É um local para incentivar a arte buscando promover tensão, os efeitos desta e suas consequências, pretendendo dar um suporte ao hiato existente nas relações do processo educativo enfrentadas pelos alunos. Nesse propósito, neste trabalho teve-se como objetivo efetivar um olhar sobre o ateliê de arte, enlaçando com a subjetividade do aluno em construção-criação que se encontra no campo do fracasso escolar, ou seja, transformar esse espaço de criação dentro do ambiente escolar em um espaço singular e ímpar, para desacomodar, desconstruir, construir, viver e morrer. Nesse espaço são propostas atividades que possibilitem ao estudante um encontro com o ato criativo, um desencontro com o processo educativo em que está inserido para que advenham produções que tenham um dizer de si. Este trabalho se justifica na medida em que se promove um espaço produtivo de criação o qual permite aos envolvidos nesse processo uma produção sobre si mesmo como se fosse uma nova tradução da sua história. O grupo composto por oito pré-adolescentes tem encontros semanais e iniciou a partir de encaminhamentos da Orientação Pedagógica da Escola. Como metodologia, trata-se de um grupo aberto que permite a saída e a entrada de novos participantes. Os encontros são marcados por um espaço de escuta e olhar, que endereçaram sentidos às vivências singulares. Especificamente, em um encontro, um pré-adolescente nomeado ficticiamente como Carlos, mencionou: “Gostaria de dizer que eu adoro vestir as roupas da minha mãe e da minha irmã. Visto as roupas e brinco de ser mulher, passo até maquiagem. Dizem que sou gay, mas eu não me importo. Continuo brincando.” Após esse relato, Joana, outra participante do grupo complementou: “Em muitos momentos eu penso que sou invisível na minha casa e aqui me sinto valorizada.” Esse espaço remete à questão: quais marcas são possíveis na medida em que os adolescentes constroem sua história? A partir da escuta clínica se pode promover visibilidades, é o que garante este, entre outros espaços de escuta.

amanda.diehl@ulbra.br

luis.ramalho@ulbra.br

AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM PROFESSORES ENGENHEIROS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA CIVIL

Sabrina Vieira
Ana Paula Rosa
Scheila Beatriz Sehnem

Habilidades sociais mostram-se como importante fator na prevenção de conflitos nas relações interpessoais e comportamentos problemáticos. O desenvolvimento de um amplo repertório de habilidades sociais acarretará relações pessoais e profissionais mais produtivas, satisfatórias e duradouras, além de melhor saúde física e mental. Por outro lado, déficits e comprometimentos em habilidades sociais resultam em uma pior qualidade de vida e em diversos tipos de transtornos psicológicos. Ao longo do desenvolvimento humano, vários grupos e, conseqüentemente, várias pessoas tornam-se modelos referenciais, entre os quais está a família, como primeiro grupo social significativo, e por seguinte a figura do professor, que tem seu papel social de estimular o indivíduo a aprimorar seu repertório de habilidades sociais. Os aprendizados dessas habilidades sociais se estendem ao longo da vida do ser humano. Este trabalho propôs-se a investigar o índice de habilidades sociais em professores engenheiros do Curso de Engenharia Civil de uma Universidade Comunitária do Meio-Oeste catarinense. Participaram da pesquisa 18 professores engenheiros, sendo nove engenheiros civis, e os demais que compreendem formação em outras engenharias afins. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados um questionário estruturado e a aplicação do teste Psicológico Inventário de Habilidades Sociais (IHS). Os resultados indicaram predominância de bom repertório de habilidades sociais. No entanto, há dificuldade no autocontrole da agressividade e na autoexposição a desconhecidos e situações novas, o que sugere necessidade de se trabalharem as habilidades sociais desses profissionais por meio de programas de treinamento de habilidades sociais. Observou-se que apesar dos sujeitos pesquisados apresentarem alto nível de qualificação e um bom repertório de habilidades, eles não conseguem empenhá-las de forma satisfatória. Sabendo que as habilidades sociais desses profissionais interferem de maneira direta na relação aluno-professor e também no desenvolvimento acadêmico desses alunos, evidencia-se a necessidade de esses profissionais aprimorarem constantemente suas habilidades sociais, uma vez que são modelos referenciais de futuros profissionais.

sabrina.vieira.psco@gmail.com

CLÍNICA-ESCOLA: ESPAÇO DE CRIAÇÃO, ESCUTA E SILÊNCIO

Amanda Hoenisch Diehl
Luis Henrique Ramalho Pereira

Este relato refere-se à Clínica de Estudos e Práticas Psicológicas da Universidade Luterana do Brasil (CEPPSI), situada na Cidade de Santa Maria. A CEPPSI proporciona ao acadêmico do Curso de Psicologia o contato com as práticas clínicas, de pesquisa e formação; é um espaço de criação, intervenções e estudos, onde a teoria é confrontada com a prática. Comprometida com a formação dos acadêmicos, oportuniza condições para que a prática profissional se constitua em uma oportunidade singular de aprendizagem, de reflexão e questionamento, tanto no nível das teorias que embasam a prática, quanto no nível da própria prática. A Clínica tem como objetivos oportunizar aos acadêmicos a prática clínica supervisionada e oferecer eixos formativos e projetos que proporcionam suporte teórico para a realização do estágio. No decorrer de 2017, o Curso de Psicologia propôs como tema anual *A adolescência e seus estranhamentos contemporâneos*, por intermédio do olhar concernente à Psicologia; essa proposta surgiu de interrogações do percurso acadêmico e tem como finalidade a interlocução de diferentes olhares. Com o objetivo de debater esses diversos olhares referentes à temática em questão é que a Semana Acadêmica do Curso de Psicologia (SAPSI), o evento anual da Clínica (CEPPSI) e os eixos formativos são pensados. Estes são formados por acadêmicos do Curso, professores e psicólogos de acordo com seus interesses. Os referidos eixos são: Cine Psi: tem por objetivo articular conteúdos teóricos, das mais diversas ramificações da psicologia, a obras cinematográficas. Propiciando laço entre cinema e psicologia, a fim de discutir temas caros à formação, como aspectos sociais e históricos na constituição do sujeito, reflexões sobre subjetividade, arte e identificações com personagens percebidas pelo espectador, bem como aproximar os acadêmicos aos espaços destinados à sua formação. Fórum Psicossocial: promove a troca de experiências entre profissionais da área da psicologia e de outras áreas quanto às suas práticas e posicionamentos relacionados à adolescência, discutindo, desse modo, as questões inerentes à interdisciplinaridade e intervenções possíveis nos diferentes campos de atuação a respeito da temática. Clube do Livro: é notabilizado por promover espaços de discussão transversais entre literatura e psicologia, fomentando, assim, uma aproximação mais contundente entre o saber psicológico e a nossa cultura. Estudos Teóricos: Visa à abertura de espaços de discussão entre as teorias que embasam a psicologia e os aspectos mais prementes da adolescência hoje. A CEPPSI ainda conta com o Ateliê da Escrita: espaço para promover a escrita em companhia, e o NAE, o Núcleo de Apoio às Escolas.

amanda.diehl@ulbra.br

CONTROLE DE DADOS DO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS (NAE)

Iara de Fatima Martins Wiethan
Maria da Conceição Ferreira Gonçalves
Magda Bicca Viera
Shaista Santos Lautenschlager
Amanda Dihel
Luiz Henrique Ramalho Pereira

Mediante a criação do Núcleo de Apoio às Escolas (NAE), que tem como objetivo atender à demanda de crianças encaminhadas pelas escolas da região Oeste, sentiu-se a necessidade de realizar um controle quantitativo do trabalho que está sendo desenvolvido. Para tanto, foi criada uma planilha detalhada em Excel que fornecesse os dados gerados a partir dos primeiros registros coletados diariamente durante as triagens, como: idade, sexo, nome dos responsáveis, motivo do encaminhamento, uso de medicação, se fez atendimento psicológico (anterior), data de encaminhamento e o motivo da demanda. A referida planilha contém informações para controle de atendimentos, realização de trabalhos, pesquisas comparativas, bem como buscas rápidas, através dos filtros, sem a necessidade de buscar informações nos prontuários ou pastas. Ela é disponibilizada em arquivo eletrônico na secretaria da clínica-escola à disposição dos atuais e futuros estagiários e também para registros estatísticos das triagens realizadas pelo NAE em 2017, pois há uma riqueza de dados gerados pelos atendimentos. O registro eletrônico tem seu significado para o próprio estagiário que o faz e para a instituição como um todo, mantendo os dados sempre atualizados tanto para o presente quanto para o futuro. Segundo Witter (1996), a escola produz diariamente uma grande quantidade de dados que podem ser analisados pelos psicólogos, gerando conhecimentos da própria realidade. Esses dados poderão ser usados por aqueles que atuam no espaço, visando a uma articulação entre conhecimento e experiência, por meio de uma organização mais adequada às necessidades de trabalho. Pesquisas semelhantes são encontradas nos trabalhos de Térziz e Carvalho (1988) e Barbosa (1994) sobre a identificação da população atendida em clínicas escola. Com a criação da planilha de controles dos dados evita-se realizar tabulações manuais sobre material bruto de prontuários e informações incompletas por falta de registro de dados. Conforme Perfeito e Melo (2004), a rotina das clínicas-escolas é complexa e envolve diversos segmentos e atividades diferentes com objetivos também diferentes, embora interdependentes. Conforme os autores, uma articulação perfeita entre a pesquisa, a extensão e o ensino deveria fundar-se em pesquisas epidemiológicas que mapeiam a clientela e os atendimentos oferecidos pelos serviços de Psicologia aplicada das universidades.

REFERÊNCIAS

- LOUZADA, R. de C. R. Caracterização da clientela atendida no Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Espírito Santo. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, 451-457, 2003.
- PERFEITO, H. C. C. S.; MELO, S. A. de. Evolução dos processos de Triagem Psicológica em uma Clínica Escola. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 33-42, jan./abr. 2004.
- SCORTEGAGNA, P.; LEVANDOWSKI, D. C. Análise dos encaminhamentos de Crianças com queixa escolar da rede municipal de ensino de Caxias do Sul. **Interações**, São Paulo, v. 9, n. 18, jul./dez. 2004.

luis.ramalho@ulbra.br

CUIDADOS COM A HIGIENE CORPORAL, BUCAL E MENTAL

Gabriela Gattringer
Mirian Marques
Scheila Beatriz Sehnem

A higiene física e mental é um dos principais fatores para uma vida saudável, pois é por meio dela que criamos as condições necessárias para uma saúde de qualidade. É na infância que devemos aprender a cuidar do nosso corpo e também do emocional. Os principais responsáveis para ensinar a criança a se cuidar é a família, mas também cabe à escola orientá-la nessa fase tão importante, pois a criança precisa de ajuda para desenvolver habilidades e manter atitudes de higiene consigo e com o ambiente e precisa aprender que a nossa saúde vai muito além do aspecto físico, envolvendo aspectos psicológicos que também merecem a nossa atenção para que possamos ter saúde no aspecto global. Tratar de higiene e saúde tem sido um desafio para a educação no que se refere à possibilidade de garantir uma aprendizagem efetiva e transformadora de atitudes e hábitos. Acredita-se que na escola a criança consegue aprender e relacionar rapidamente o conteúdo, pois recebe o apoio de forma descontraída e capta a mensagem com mais precisão. Em casa, os pais, além de criarem rotinas, devem conversar com seus filhos esclarecendo e explicando a importância de cada hábito em relação à higiene física e também em relação aos nossos sentimentos/emoções, uma vez que estas estão diretamente relacionadas à autoestima e ao bem-estar do sujeito. Este trabalho foi uma atividade de extensão realizada na turma do primeiro ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Angelo Anzollin na Cidade de Vargem Bonita, SC, pelos acadêmicos do Curso de Psicologia da Unoesc de Joaçaba e teve como objetivo estimular na criança a consciência da importância da saúde corporal e mental e seus cuidados e prevenções para uma vida melhor e saudável. Foram realizados três encontros com atividades de contação de histórias (palitoches), atividades de colorir, vídeos animados e com a presença de profissionais da área da saúde com a entrega de um kit de higiene bucal. A atividade foi de grande valia, pois possibilitou às acadêmicas a aplicabilidade da teoria psicológica na prática escolar.

gabigattringer@hotmail.com

DEPENDÊNCIA DE INTERNET: ESTUDO COM JOVENS DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO MÉDIO NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Lucas Franco Tumeleiro
Aline Bogoni Costa
Geovana Debastiani Halmenschlager
Marcia Garlet

As ferramentas de internet são utilizadas em grande parte das atividades cotidianas, a exemplo do trabalho, dos estudos e do lazer. A agilidade na comunicação e o acesso a conhecimentos diversos são aspectos que favorecem o interesse dos usuários e, desse modo, sua disseminação. Entretanto, o uso excessivo da internet pode levar a psicopatologias, as quais ainda se encontram em uma lacuna da literatura psiquiátrica e psicológica, carecendo de maior embasamento científico. O estudo aqui apresentado foi realizado no ano 2016 e objetivou identificar o grau de dependência de internet em jovens com idades entre 15 e 19 anos que cursavam o último ano do Ensino Médio nas escolas públicas estaduais das cidades de São Miguel do Oeste, Maravilha e Pinhalzinho, SC. O método adotado foi o quantitativo, com amostra não probabilística. Participaram da pesquisa 504 estudantes, por meio de questionário contendo o instrumento *Internet Addiction Test (IAT)*. Os dados foram analisados com o auxílio do software *Statistical Package for Social Science for Windows (SPSS)*, versão 17, tendo por base a estatística descritiva, com distribuição de frequências, média e desvio padrão. As possíveis associações entre as variáveis pautaram-se no teste qui-quadrado, com nível de significância de 5%. Os resultados indicaram que 8,9% dos participantes vivenciam interferências moderadas e severas em razão do uso excessivo da internet. Evidenciou-se que o tempo de permanência diário na internet é elevado entre os pesquisados, visto que os principais motivos de utilização são a navegação em redes sociais, estudos e diversão. A dependência de internet tende a não ser percebida, ou pode ser negada, ou, ainda, compreendida como normal por um percentual significativo dos jovens pesquisados, embora apresentem características e comprometimentos psicopatológicos importantes, os quais não aparecem de modo isolado. Concluiu-se que a dependência de internet requer maior atenção científica e social, por se constituir em um adoecimento que interfere na constituição da subjetividade e na dinâmica das relações sociais desses jovens. Cientificamente, necessita ser compreendida de modo ampliado e contextualizado, o que aponta a relevância da continuidade das pesquisas, em especial na realização de estudos longitudinais comparativos e qualitativos, com vistas à ampliação descritiva do fenômeno e à indicação de possibilidades de intervenção. Ao mesmo tempo, considera-se fundamental que a Psicologia, interdisciplinarmente, promova debates com a sociedade sobre esse adoecimento, que se constitui como uma problemática emergente e importante, que interfere nos diversos âmbitos de vida pessoal, da carreira e relacional.

Palavras-chave: Dependência de internet. Jovens. Ensino médio. Psicologia.

luquinhasft@hotmail.com

DESENVOLVIMENTO DO BRINQUEDO PODE NÃO PODE

Josiane Romancini
Giovana Sandri
Viviane Paetzold
Ana Paula Risson

Desde os primeiros meses de vida, a criança pratica várias tentativas de ver, sentir e descobrir o mundo à sua volta. Ela vai assimilando as informações que lhe chegam à limitada série de esquemas sensório-motores com que nasceu, como olhar, escutar, sugar e agarrar e acomoda esses esquemas baseada em suas experiências. Os momentos que ela explora o mundo à sua volta são importantes para treinar sua corporeidade, lateralidade, percepção e outras potencialidades necessárias no decorrer da vida, por isso não se deve impedir a criança de brincar, pois é a partir da brincadeira que ela treina seus movimentos motores, desenvolve sua independência e maturidade e vivencia novas situações, bem como interage com outras crianças e pessoas, desenvolvendo sua inteligência interpessoal (SANTOS, 2011). Pode-se dizer que o lúdico faz parte do cotidiano infantil, pois a criança, por meio do faz de conta, cria um mundo que é só seu, imitando muitas vezes a sua vivência com os adultos, porém, quando inserida na escola, a rotina da criança muda e caberá ao professor ter a sensibilidade e a missão de ser um mediador nos processos de aprendizagem, do ensino e também do lúdico. Dessa forma, a equipe está montando um jogo denominado “Pode Não Pode” o qual abordará um assunto delicado como o abuso sexual infantil por meio de uma brincadeira em que professores e psicólogos poderão, por intermédio de um jogo, explicar para as crianças o que os adultos podem ou não podem fazer com o seu corpo, bem como detectar crianças que foram ou estão sendo abusadas sexualmente. Sabe-se que abuso sexual infantil é um evento traumático para qualquer criança, sendo um fator de risco para o seu desenvolvimento e causando sequelas emocionais, cognitivas e sociais. Quanto mais divulgado e falado, mais casos podem ser descobertos, bem como mais crianças podem compreender o que se pode ou não fazer com ela. O jogo proposto vem ao encontro de uma necessidade diagnosticada em conversas informais com professores e psicólogos que não sabem como abordar um tema real, mais comum do que se possa imaginar, sobre o qual muito se é discutido, no entanto há poucos trabalhos na prática escolar e psicológica. Por isso, a proposta de um jogo sobre esse assunto vem ao encontro dessa necessidade, abordada de forma lúdica, para que a criança consiga entender o tema brincando, sem constrangimentos e pudores dos adultos.

REFERÊNCIA

SANTOS, Ismael dos. A importância do brincar para o desenvolvimento infantil. **Redepsi**, 14 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2011/03/14/a-importancia-do-brincar-para-o-desenvolvimento-infantil/>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

jromancini@uol.com.br

DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR INFANTIL: ESTÍMULOS POR MEIO DO BRINQUEDO, LIBERDADE COMO PORTA PARA A CRIATIVIDADE

Ana Paula Risson
Claudia Backes
Karolina Ida Neu

Este trabalho é resultado de uma atividade avaliativa desenvolvida ao longo do segundo semestre de 2017, no componente curricular Psicologia da Aprendizagem do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), unidade de Pinhalzinho. A atividade consistia na elaboração de um brinquedo ou jogo educativo que pudesse desenvolver alguma habilidade psicomotora ou social no processo de aprendizagem. Para a construção do brinquedo, considerou-se o desenvolvimento infantil com base na teoria de Piaget, que estruturou em estágios o desenvolvimento infantil: sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-6), operatório-concreto (7-12) e operatório-formal (a partir de 12 anos). Assim, o objetivo deste trabalho foi sistematizar a experiência desta atividade. O objetivo do brinquedo construído era desenvolver o raciocínio, organização, linguagem, interação criança-família/escola e criatividade. O brinquedo foi desenvolvido para ser brincado por crianças em desenvolvimento na fase operatório-concreto. Nessa fase, a criança é caracterizada por agir sobre um mundo concreto e real, começa a criar seus valores, é menos egocêntrica, desenvolve habilidades como pensamento espacial, causa e efeito, categorização, seriação e inferência transitiva, raciocínios indutivo, dedutivo, conservação e números. Nessa fase, segundo Papalia (2009, p. 337), “o vocabulário aumenta, as crianças usam cada vez mais verbos para a descrição de uma ação (bater, esbofetear, atacar, sacar). Aprendem que uma palavra como *manga* pode ter mais de um significado.” Nos anos de escola uma das áreas que mais se desenvolve é a pragmática, o uso prático da linguagem para comunicar, é a habilidade de conversação e narração e pode ser estimulada pela família. Para a elaboração do brinquedo, utilizaram-se isopor, imagens, palito de picolé e tinta. O brinquedo possui 20 cartões com imagens diversas e adaptado a deficientes visuais. É jogado da seguinte maneira: no início a criança escolhe 10 cartões; mostra-se a ela uma imagem, e ela começa a contar uma história, conforme ela vai contando mostra-se mais uma imagem, e assim sucessivamente. O brinquedo foi testado com duas crianças, uma de oito e a outra de 10 anos. Concluiu-se que a criança precisa ser estimulada de diversas maneiras e ter um espaço para expressar sua criatividade e capacidade de raciocínio. Nesse sentido, o brinquedo pode auxiliar no processo de desenvolvimento e na interação do professor com o aluno, bem como entre as crianças.

backesclau@gmail.com

EMPATIA E DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DE MEDICINA: UM ESTUDO EM DUAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA

Regina Pinho Gomig
Suely Grosseman

A empatia médica vem sendo amplamente estudada na literatura como uma característica que promove a relação do médico com o paciente e pode interferir na competência clínica; apesar desse consenso, autores divergem sobre a evolução da empatia durante a formação e ainda apontam que estudantes de medicina estão mais susceptíveis a desenvolver transtornos de humor do que outros estudantes. O objetivo deste estudo foi analisar a empatia e a depressão e sua associação entre estudantes de medicina (1º, 3º, 5º, 7º, 9º, 11º e 12º semestres) de duas universidades de Santa Catarina. O estudo será transversal e descritivo com alunos do Curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, e da Universidade do Oeste de Santa Catarina, em Joaçaba, no ano 2017. Os dados foram coletados por questionário de variáveis sociodemográficas, a Escala Jefferson de Empatia (JSE-S) e o Inventário de Depressão de Beck. Os dados foram analisados por estatística descritiva, sendo utilizado teste t-Student e Qui-quadrado para verificar associações entre variáveis contínuas e categóricas, respectivamente. A consistência interna dos questionários foi determinada pelo coeficiente Alfa de Cronbach, e o nível de significância admitido foi $p < 0,05$. A análise foi realizada com recurso ao programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Version 15.0 for Windows.

Palavras-chave: Empatia. Formação médica. Depressão. Relação médico-paciente.

rginapinho@hotmail.com

ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS NO BRASIL: REVISÃO INTEGRATIVA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS ENTRE 2006 E 2016

Aline Bogoni Costa
Daniela Zeppe
Dolores Beatriz Schutz Wendling
Gustavo Pivatto dos Santos
Helen Junara Balbinotti Zangrande
Loridane Meotti

A escolha profissional é uma das mais importantes e complexas decisões humanas, pois está relacionada à história e às características pessoais, às habilidades, ao mercado de trabalho, aos grupos sociais e a outros tantos aspectos, em permanente interação e transformação. O campo da Orientação Profissional (OP) pode facilitar decisões mais assertivas de carreiras ao longo do ciclo de vida. Nesta proposição, serão apresentados os resultados de uma revisão integrativa da produção de artigos científicos brasileiros sobre o tema escolha profissional de jovens, com recorte temporal de 2006 a 2016. Trata-se de um estudo qualitativo e teórico, que seguiu três etapas principais: a) busca sistemática de literatura nas bibliotecas eletrônicas das coleções de periódicos Scielo e Lilacs, a partir dos descritores “escolha profissional”, “jovens” e “jovem”. Nessa etapa, identificaram-se 15 publicações vinculadas à Scielo e 136, à Lilacs; b) seleção das publicações, mediante leitura do título, resumo e palavras-chaves, que resultou em 44 publicações; e c) análise integrativa das 44 publicações. Verificou-se regularidade nas produções anuais sobre o tema, com predominância de estudos empíricos, especialmente quantitativos (21) e qualitativos (12), e concentração das publicações em periódicos de Psicologia (43). Em relação aos participantes dos estudos, a maioria era estudantes do Ensino Médio (31) e acadêmicos desistentes de cursos superiores (5). Os estudos analisados aproximaram-se de temas recorrentes à escolha profissional, como: influências da família (9), do contexto econômico (6) e das relações sociais (5). Destacaram-se, ainda, estudos para validação de instrumentos psicológicos (4) e programas de OP (12) como facilitadores do processo de escolha. Constatou-se como central à maioria dos estudos (25) que a OP deve construir-se articulada ao campo da Educação e das Políticas Públicas. O estudo integrativo possibilitou ampliar a compreensão acerca do constructo, bem como favorece aproximações e releituras de pesquisadores e outros profissionais interessados no tema.

Palavras-chave: Escolha profissional. Jovens. Revisão integrativa. Psicologia.

danii_zeppe@hotmail.com

EXPERIÊNCIA DOCENTE DE PROFESSORES DE PSICOLOGIA EM TURMA DA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE

Amanda Saraiva Angonese

Angela Maria Bavaresco

Sandro Rodrigo Steffens

Contribuindo para a promoção da qualidade de vida e do desenvolvimento cultural e social dos participantes envolvidos nas atividades, a Universidade da Terceira Idade (Uniti) é um programa de extensão ofertado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), em seus diversos campus, que privilegia a autodescoberta, permitindo experiências de aprendizagens e incentivando os idosos ao exercício pleno da autonomia, da autogestão, da criatividade e da solidariedade. Seu público-alvo são pessoas com idade superior ou igual a 50 anos que saibam ler e escrever, sendo que a Uniti tem como objetivo integrar o grupo e refletir sobre aspectos motivacionais, autoestima, valores e entusiasmo. O curso tem duração de um ano e meio, e, durante esse período, os alunos participam de atividades focadas em três grandes eixos: conhecimento e cuidado; revisão de vida; e da reflexão à ação. A experiência da docência de temas relacionados à Psicologia para esse grupo seletivo e diferenciado é desafiadora, fantástica e revigorante. Os alunos têm interesse e entusiasmo indescritíveis, e a cada novo encontro é despertada no idoso a reflexão de temas referentes ao processo de envelhecimento com qualidade de vida, a conquista e a manutenção de uma vida com independência e autonomia. Ainda, mostra-se considerável indicar que participar da Uniti é uma oportunidade única para esses alunos ampliarem horizontes executando atividades prazerosas, e que antes não era possível fazer por conta do trabalho e outros projetos de vida. É importante ressaltar que os planos, sonhos e desejos existem por toda uma vida e não somente quando se é jovem, portanto, continuar sonhando, planejando e idealizando é fundamental para que o indivíduo continue a se realizar como pessoa. Finalizando, a educação na terceira idade tem o propósito de rever estereótipos e preconceitos em relação à velhice, o que possibilita a promoção da autoestima desses idosos, incentivando a autonomia, a independência e a autoexpressão em busca de um envelhecimento bem-sucedido, saudável e ativo, tornando-se, dessa forma, uma experiência docente de desafios e realizações, uma experiência plena, no sentido amplo de ser professor.

amanda.angonese@unoesc.edu.br

GRUPO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COM ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Catiele dos Santos
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Este relato de experiência disserta a respeito de um estágio curricular obrigatório, durante o qual foi assumida a coordenação de um grupo de orientação profissional com as turmas do segundo e terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual localizada na Cidade de Santa Maria, RS. Esse grupo possuía caráter fechado, contemplando cinco participantes com idades entre 16 e 18 anos. Os encontros eram semanais, realizados às quintas-feiras, com duração de 2 horas e 30 minutos; foram realizados, no total, cinco encontros efetivos com o grupo. No primeiro encontro foi realizada uma entrevista aberta, como forma de acolher e esclarecer as características da orientação profissional. No segundo encontro, a dinâmica do emboladão foi aplicada com objetivo de integração e entrosamento enquanto grupo. No terceiro, a dinâmica dos interesses e frases para completar serviu para estimular o conhecimento de si, em articulação com o desenvolvimento da escolha profissional. No quarto, a dinâmica da caixa de bombom e a do “crachá” promoveu integração e conhecimento das profissões, além de fazer pensar em competências e características pessoais. No quinto e último encontro, a dinâmica do sorvete serviu para discutir o processo de escolha como um ato de coragem, que implica assumir certos riscos e responsabilidades, e não como algo “certo” ou “errado”. A partir desses encontros foi possível pensar e refletir com o grupo sobre alguns elementos. O momento da escolha profissional é um longo processo, consistindo em uma das tarefas principais das etapas da adolescência. Durante a orientação profissional, os integrantes oscilavam entre uma posição mais autônoma, quando era dito que eles deveriam escolher, mas, ao mesmo tempo regrediam a ponto de dizer que “minha mãe quer que eu seja” e “às vezes penso que ela está certa, afinal, sempre quis o melhor para mim.” (informações verbais). Apesar dos poucos encontros em razão da greve escolar, foi reforçada a ideia de que a escolha deveria ser realizada da forma mais independente possível de influências externas e é preciso efetuar atividades voltadas ao autoconhecimento, principalmente em relação às suas próprias inclinações, interesses, limitações e competências. Conclui-se que, apesar das dificuldades, o grupo “funcionou” como um ego auxiliar, espaço abarcador e contingente dos sentimentos e da ansiedade gerados pela própria fase da adolescência, mas, essencialmente, pela decisão da futura profissão, possuindo, assim, função preventiva. No entanto, essa demanda pode, também, ser atendida em outras e amplas oportunidades, as quais concedam atenção e acolhimento adequados. Palavras-chave: Orientação profissional. Grupo. Adolescentes.

catieli.lb@hotmail.com

IMPLANTAÇÃO DE LUDOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS NAS APAES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alessandra Ludwig
Lisandra Antunes de Oliveira

O objetivo deste projeto foi propor a criação de um espaço para Ludoterapia em APAEs, a fim de garantir o direito de brincar, que é assegurado pela Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, buscando promover qualidade de vida para essas crianças com deficiências. Este estudo se trata de um relato de experiência realizado a partir de vivências de uma estagiária de psicologia que integrou a equipe da APAE de Pinhalzinho, SC, durante os anos 2016 e 2017, aplicando o presente estudo. O projeto possibilitou às crianças com deficiência um espaço para brincar, garantindo a elas esse direito, um maior desenvolvimento e autonomia. A aplicação do projeto resultou em uma maior e melhor compreensão dos processos do brincar para a criança com deficiência, e quando aplicado de forma individual proporcionou uma melhor relação interpessoal, desenvolvimento da fala, bem como compreensão e concentração na brincadeira, possibilitando a exposição das vivências dessas crianças para com a estagiária.

alessandra_lud@hotmail.com

INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriel Afonso Costacurta
Gilberto Oliveira Rodrigues
Álvaro Cielo Mahl
Lisandra Antunes de Oliveira

Trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é descrever a utilização do teste AIP (Avaliação dos Interesses Profissionais), de Rosane Schotgues Levenfus e Denise Ruschel Bandeira, na orientação da escolha profissional de adolescentes. Em relação a esse teste, o livro de exercícios é composto por 200 frases, e cada um dos 10 campos profissionais está representado por 20 frases referentes a atividades que o caracterizam. Dessa forma, as atividades são atribuídas de tal forma que cada campo seja confrontado com os outros e com ele mesmo duas vezes. Quanto à validade de conteúdo, os 200 itens foram avaliados por três professores doutores de universidades federais da área de Orientação Vocacional quanto à pertinência do conteúdo das frases ao campo vinculado. No processo de testagem, o diferencial está no fato de permitir que o sujeito sinalize quando não tiver interesse em nenhuma das duas atividades propostas, possibilitando diferenciar os interesses reais dos relativos. A intervenção foi solicitada pelas escolas, na Unoesc campus São Miguel do Oeste, com a finalidade de prestar suporte para orientação profissional aos alunos. Participaram da pesquisa estudantes do ensino médio de escolas públicas do Extremo-Oeste do Estado de Santa Catarina. Após a aplicação do AIP, os resultados evidenciaram muitas incertezas quanto à escolha de qual profissão seguir. Os principais motivos foram influência dos familiares, pouco conhecimento das profissões e do mercado de trabalho, além do desejo de serem bem remunerados. Torna-se nítida a necessidade de que o processo de orientação profissional não seja realizado apenas no último ano escolar, mas que possa ser efetivado desde o primeiro ano do ensino médio. Assim, pode-se proporcionar ao aluno o autoconhecimento, o auxílio no processo de amadurecimento da escolha profissional e a sabedoria para saber lidar com as influências que o cercam.

gabiac7@hotmail.com

INTERVENÇÃO EM GRUPO DE FAMILIARES DE CRIANÇAS PARTICIPANTES DO LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM – SIGNIFICATIVA VALENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Carina Motta Klein

Dirce Stein Backes

Jerônimo Costa Branco

Laura Morais Machado

Natielen Jacques Schuch

Nícolas Guarese Garske

As dificuldades de aprendizagem podem ser externalizadas pelas crianças de diversas formas, mas na grande maioria dos casos estão associadas a problemas de comportamento e questões emocionais. As crianças podem vivenciar suas dificuldades como fracasso, gerando, assim, uma série de consequências e impactos negativos na sua vida, podendo resultar em evasão escolar. Neste artigo teve-se como objetivo relatar a experiência de intervenções realizadas no grupo de pais de crianças participantes do laboratório de aprendizagem significativa. Por meio das intervenções, uma série de troca de saberes entre os pais e/ou responsáveis foi realizada, auxiliando em suas relações familiares. Concluiu-se que é indispensável pensar a aprendizagem como um processo abrangente que envolve o emocional, o social e a família.

Palavras-chave: Dificuldade de aprendizagem. Crianças. Pais e/ou responsáveis.

anacarinamklein@gmail.com

backesdirce@unifra.br

MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

Angela Maria Bavaresco

Esta atividade consiste em refletir sobre o desenvolvimento infantil, considerando a história de vida dos acadêmicos e relacionando-a ao componente curricular Desenvolvimento Humano. A atividade é desenvolvida individualmente mediante a elaboração de um texto que contemple lembranças da infância, considerando o estudo do desenvolvimento infantil e os objetivos específicos do componente curricular, os quais visam descrever as fases do desenvolvimento infantil, identificando as características e influências dos fatores na determinação do comportamento, identificar comportamento atípico no desenvolvimento físico e cognitivo infantil e, ainda, identificar o papel da família e da escola no desenvolvimento da personalidade, considerando a formação de vínculos nas relações humanas afetivas e sociais. A escrita da própria história e os relatos de acontecimentos significativos são fundamentados à luz das principais teorias e de autores trabalhados no componente curricular. Esta atividade leva os participantes a um exercício de reflexão sobre sua existência em relação aos estudos propostos, permitindo maior compreensão acerca de sua trajetória de vida e atribuindo, assim, novos significados e conceitos. Percebe-se, ainda, maior compreensão e assimilação das teorias trabalhadas, bem como de alguns comportamentos característicos da fase em que os participantes se encontravam. Na maioria das vezes, envolve a participação da família ao se questionarem os pais sobre seu desenvolvimento físico e cognitivo, como ocorreu o ingresso na escola, etc. É perceptível que esta atividade propicia o diálogo e favorece as relações interpessoais, sensibilizando os acadêmicos diante de algumas atitudes tomadas pelos pais quando eles eram crianças, que até então eram vistas como erradas.

ambavaresco@hotmail.com

MULTICULTURALISMO: A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

Daiane Paula Tacca
Paim Lacerda Alice Pandolfo
Ângela Carmen Lazarotto
Marisete Camini
Izanir Zandoná

O presente texto versa sobre as experiências vivenciadas na prática pedagógica de estágio supervisionado na Educação Infantil, realizado no Curso de Pedagogia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). O estágio foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Aurélio Pedro Vicari, no Município de São Miguel do Oeste, do qual participaram 14 crianças de quatro e cinco anos, e teve por objetivo vivenciar a importância do estágio na formação docente, bem como desenvolvê-lo tendo como tema Multiculturalismo: a diversidade cultural na escola. Nessa perspectiva, procurou-se entender e conhecer como a criança constrói sua identidade e como os educadores podem valorizar uma educação heterogênea e contribuir para a não existência de preconceitos e ações de exclusão no espaço escolar. A identidade neste estudo é tratada em um contexto sociocultural, privilegiando as dimensões pessoais e sociais dos sujeitos. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (2001, p. 13), a identidade é “uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, do modo de agir e de pensar e da história pessoal.” Assim, o multiculturalismo reconhecer a diferença é reconhecer que existem indivíduos e grupos que são diferentes entre si, mas que possuem direitos correlatos e que a convivência em uma sociedade democrática depende da aceitação da ideia de ser composta uma totalidade social heterogênea na qual não poderá ocorrer a exclusão de nenhum elemento da totalidade e a diferença deverá ser respeitada. A proposta de trabalho foi fundamentada com pesquisa qualitativa e bibliográfica, utilizando-se de livros e artigos. Os resultados obtidos a partir do estágio e de estudos teóricos foram essenciais para se perceber o quanto é importante desenvolver um trabalho articulado e interdisciplinar que propicie descobertas, diálogo, senso crítico, curiosidade e aprendizagens. Diante deste estudo, observou-se que no ambiente escolar é preciso encontrar uma forma de trabalhar com a questão da identidade, pois somente quando as pessoas se assumirem da forma como são e acolherem o diferente, haverá a interculturalidade. Um modo de trabalhar esse conteúdo é, também, por meio da ludicidade, pois desde pequenas as crianças podem vivenciar momentos de valorização da própria identidade, de aceitação e valorização do outro. Desse modo, profissionais da educação comprometidos com a qualidade de sua prática pedagógica reconhecem a importância do lúdico como veículo para o desenvolvimento social, intelectual e emocional dos estudantes.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Diversidade cultural. Identidade. Valorização do outro.

carmen.lazarotto@unoesc.edu.br

O ADOLESCENTE E SUA BUSCA PELO MUNDO ADULTO: REFLEXÃO SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL

Bruna de Rocco Guimarães
Karol Elli Fehn
Luana Pacheco da Silva
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Ao final da adolescência chega o tão esperado momento da decisão da escolha profissional, o adolescente se vê imerso em um misto de emoção, empolgação e ansiedade, muitas vezes, pressão familiar e a cobrança de si mesmo. Surge a dúvida se agrada ou não aos outros com sua decisão, em especial a seus pais, entre outras dúvidas. Este trabalho buscou promover uma reflexão sobre a escolha profissional do adolescente e seus atravessamentos, por meio de uma revisão ampliada de literatura, utilizando livros e artigos científicos. A adolescência se caracteriza por ser uma fase de limbo, na qual o jovem vivencia diversos conflitos, perdas, além do “problema vestibular”. Em relação a este último, o adolescente sente-se desafiado não somente no seu desempenho, mas também no sentido que dá a difícil tarefa de escolha, já que o vestibular pode ser visto como uma porta de entrada ao mundo dos adultos, no qual o trabalho ocupa um papel central. Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável à medida que viver e se afirmar como independente, autônomo – como os adultos dizem que são. A escolha profissional, que é uma das tarefas comuns da adolescência, pode ter a função de motivar o adolescente a estudar e definir um planejamento que o leve ao sucesso no vestibular. Por outro lado, pode ser um importante aspecto ansiogênico: escolher a profissão exige conhecimento sobre as áreas, mercado de trabalho, salário e tudo o que acompanha a vida profissional. Além disso, a influência da família é, muitas vezes, determinante na escolha, podendo ou não estar de acordo com os reais desejos e a vocação do adolescente. Em relação à ansiedade, esta configura-se como sendo uma antecipação receosa de algo que no futuro se apresentará, sendo uma condição caracterizada por apreensão, tensão ou insegurança. Portanto, a intensidade em que a ansiedade se manifesta está relacionada à pressão imposta sobre o indivíduo. A tomada de decisão sobre uma escolha profissional é, sim, geradora de ansiedade, pois determinará o futuro do adolescente e a vida adulta. Assim, o momento antes imaginado se torna real na adolescência, uma escolha deve ser feita e várias outras possibilidades devem ser deixadas para trás. As responsabilidades aumentam, assim como a autonomia e a independência do adolescente, o qual passa a ser reconhecido pela sociedade como adulto.

Palavras-chave: Adolescência. Escolha. Orientação profissional.

brunaguimaraes@gmail.com

O BRINCAR FAVORECENDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Vinicius Ferreira
Giovana Maria Di Domenico Silva

O brincar é parte integrante e fundamental do ser criança, pois contribui para o desenvolvimento integral do sujeito. Partindo disso, com o presente estudo objetivou-se entender de que forma o brincar pode favorecer a aprendizagem das crianças. A pesquisa classifica-se como qualitativa, de cunho bibliográfico. Os procedimentos metodológicos procuram explicar e responder problemas dentro de uma dimensão teórica. O estudo abordou como o processo de aquisição de conhecimento acontece a partir das brincadeiras, considerando a criança como um ser biológico que aprende nas interações. Com a pesquisa pôde-se perceber que a ação do brincar ajuda a criança no processo de aquisição de conhecimentos e, sobretudo, no processo de socialização e interação da vida cotidiana. Brincando a criança desenvolve iniciativa, imaginação e interesse. Basicamente, é o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, o emocional e o corpo. Considerando toda a pesquisa, compreendeu-se que os pais e professores têm papel fundamental nesse processo. A partir do momento em que eles estimulam as crianças durante as brincadeiras, acabam tornando-se mediadores do processo de construção do conhecimento. Também, ao brincar com a família, a criança pode se beneficiar de uma sensação de segurança e liberdade, o que pode contribuir para o melhor desenvolvimento de sua autoestima e independência. Portanto, conclui-se com o estudo que a grande relevância do ato de ensinar brincando está visivelmente ligado a uma educação de qualidade. Existem inúmeras maneiras de se construir conhecimentos, se não pensarmos apenas em transmiti-lo, mas também pensarmos na melhor maneira de construí-lo. Por fim, vale ressaltar que é preciso tomar ciência de que este estudo deve ser sempre aprofundado em razão de que o ser humano é um constante devir.

Palavras-chave: Brincar. Aprendizagem. Criança. Desenvolvimento. Favorece.

vine.buttowski@hotmail.com

O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE EM USUÁRIOS DA APAE EM SANTA MARIA, RS

Francieli Rodrigues de Freitas
Nayana Maria Schuch Palmeiro

Este estudo objetivou observar as formas de expressão da criatividade em trabalhos artísticos, verificar como a criatividade se evidencia através da arte, e averiguar o desempenho da atividade criativa em indivíduos com déficit intelectual. Participaram da pesquisa dois indivíduos entre 18 e 21 anos, alunos da Associação de Pais e amigos dos Excepcionais (APAE) de Santa Maria. A Instituição é uma associação que busca prover socialização e tratamentos para pessoas com deficiência motora e/ou intelectual, além do bem-estar e desenvolvimento da pessoa com deficiência. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratório. Foi realizada uma observação sistemática (DANNA; MATTOS, 2011) na própria Instituição. No primeiro momento, foi realizado o contato com a direção da Instituição para obter a autorização para a realização da pesquisa, quando foram passadas informações a respeito dos objetivos desta, conforme especificado na Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A análise de conteúdo qualitativa (BARDIN, 2011) foi empregada com vistas a observar o desenvolvimento da criatividade. As categorias de análise foram determinadas a posteriori. A partir da análise das observações, originaram-se três categorias: a) expressão da criatividade: conforme May (1975), ser criativo requer certa dose de coragem e exige que o indivíduo se coloque como veículo de novas visões do mundo, mostrando que a condição básica de ser criativo é a liberdade; b) interação com colegas: conforme Vygotsky (1997), o homem é um ser social desde seu nascimento, que se desenvolve pela existência de um outro social. Ainda que não empregue o uso da linguagem oral, esse sujeito vai interagir e se familiarizar com a atmosfera em que vive; c) trabalhando com a motricidade fina: para Gonçalves (2009, p. 63), “[...] a mão é o instrumento central da práxia fina, pois através dela construímos nossa experiência de ação no mundo.” Ela é o maior órgão exploratório existente e o grande diferencial da espécie humana. O objetivo primordial da pesquisa realizada com usuários da APAE foi observar as formas de expressão da criatividade em trabalhos artísticos. Por meio da observação de uma atividade feita com argila pôde-se perceber o quanto a vivência deles se manifestava por meio de seu trabalho e o quanto a estimulação da criatividade pode auxiliar no seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, V. Da filogênese à ontogênese da motricidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- GONÇALVES, F. Do andar ao escrever: um caminho psicomotor. Cajamar: Cultura, 2009.
- MANTOAN, M. E. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo, 1997.
- MAY, R. A coragem de criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- VIGOTSKI, L. S. Obras escogidas. Madrid: Visor, 1997. t. 5.

fran_rodrigues94@hotmail.com

O DIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA RETRATADA PELAS LENTES DA FOTOGRAFIA

Ângela Carmen Lazarotto
Samara Mileski
Eduarda Marina Flack
Alice Pandolfo Paim Lacerda
Izanir Zandoná
Marisete Camini

Esta pesquisa foi desenvolvida por estudantes do segundo ano do Ensino Médio, na Escola de Educação Básica de Santa Helena, no Município de Santa Helena, com o tema “O dia da família na escola retratado pelas lentes da fotografia”, com o objetivo de contribuir para o êxito da parceria escola-família no Dia da Família na Escola, a partir de pesquisas, bem como exposições iconográficas, com o fim de narrar, pelas lentes da fotografia, a representação das diferentes organizações familiares e da comunidade escolar ao longo da história. Considerando que as transformações sociais e culturais levaram a uma reorganização familiar, muitos são os conceitos atribuídos a essa palavra. A educação, nesse processo de construção e formação social, busca, além de compreender realidades, criar condições para que as inserções sociais sejam cada vez mais exitosas. Assim, o sistema educacional precisa corresponder às necessidades desencadeadas pelas transformações da sociedade. Ou seja, é preciso atender a uma estruturação que se caracteriza pela diversidade e não mais pela homogeneidade de conceitos e valores. A sociedade está vivendo um momento de complexas mudanças, assim, família e escola, que fazem parte dessa sociedade, também estão vivendo momentos de mudanças. O perfil das famílias brasileiras está se transformando, ou seja, surgiram novos arranjos familiares, e as famílias são apontadas pelos brasileiros como os principais responsáveis por ensinar os valores. A passagem desses conceitos, contudo, independe das diversas e dinâmicas estruturas familiares, pois é o afeto o ponto nevrálgico. “O ponto central é a carga de afetividade gerada pela família, que permite aos pais a influência, pelo menos inicial, na formação dos valores dos filhos”, aponta estudo divulgado pelo jornal Gazeta do Povo. Segundo Comim (2010), coordenador do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, “Nossa definição de família é de uma rede de cuidados e de afeto. Se não houver isso, não adianta ser criado por pai e mãe ao lado dos irmãos.” Para este estudo foi realizado levantamento fotográfico de diferentes organizações familiares ao longo da história, em diferentes obras de arte, seguido da releitura de fotografias das famílias dos estudantes participantes do projeto e discussões sobre as diferentes visões de famílias representadas ao longo da história, além da sensibilização para a diversidade cultural e histórica que está presente no cotidiano escolar. Tal pesquisa proporcionou, além do conhecimento histórico-cultural, a valorização e compreensão das diferentes realidades relacionadas à estruturação familiar.

Palavras-chave: Família e Escola. Fotografia. Aprendizagem.

alice.pandolfo@unoesc.edu.br

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE DE ESTUDO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Patrícia Aparecida Stürmer
Janaína Damasco Umbelino

O crescente aumento de crianças com dificuldades no seu processo de aprendizagem levanta uma questão muito importante a qual faz refletir se essa dificuldade está na própria criança, no seu processo de aprendizagem ou no processo de ensino ao qual ela é submetida. Assim, por meio deste artigo serão abordados alguns aspectos do desenvolvimento da criança para, dessa forma, elucidar a importância da atividade de estudo como a principal atividade nos anos iniciais. Com o intuito de obter uma melhor compreensão do conceito de atividade de estudo, também serão abordados os conceitos de atividade e de atividade principal, sendo estes fundamentados na perspectiva teórica histórico-cultural, entendendo que por meio dessa teoria será possível demonstrar que a aprendizagem não é apenas um comportamento, mas, sim, a chave de todo o desenvolvimento da criança e da formação de sua personalidade, e que a escola, em conjunto com o trabalho do Psicólogo e o professor, tem papel fundamental principalmente no que diz respeito aos métodos de ensino, uma vez que é por meio deles que a criança irá se apropriar dos conhecimentos.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Aprendizagem. Atividade de estudo.

patriciasturmer@yahoo.com.br

O QUE PENSAR DA EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE?

Elen Sabrina Oliveira de Sousa Yasin

O trabalho consiste em discorrer sobre a temática do Eixo3 – Psicologia e Educação em forma de apresentação oral, fazendo uma revisão teórica, a fim de problematizar as questões inerentes ao rumo da educação. Considerando as transformações que vêm ocorrendo ao longo da história, seja pela entrada do capitalismo e da globalização, seja pelo avanço científico e tecnológico, foi possível observar alterações na forma como o homem tem estabelecido relações consigo e com o mundo. A evolução marca uma nova temporalidade, mais escassa e veloz, que imprime nas relações sociais um tempo determinado por uma lógica mais efêmera, causando efeitos sobre a singularidade de ser sujeito. É um tempo marcado por um saber que advém da disseminação veloz da informação e do conhecimento científico; este último cumpre com a função de um absolutismo em suas proposições, não deixando espaço para as experiências do sujeito que, por sua vez, precisam de um tempo maior para sua construção, assim como para o processo de educar. No âmbito educacional, no interior das escolas e fora delas, vê-se um tempo pressionado pelo saber científico, em que conhecimento, informação e formação se confundem. Entretanto, para ensinar um saber que de fato possa transformar alguém, ou seja, formar, é preciso transmitir a experiência. A formação pressupõe a transmissão da experiência num fio de laço que interliga aquele que educa àquele que aprende; desse modo, a educação precisa constituir-se numa temporalidade diferente do tempo fugaz da modernidade. A psicanalista e educadora Roséli Cabistani (2013) afirma: “A Possibilidade de a educação resgatar sua função de produzir laço social passa pela inclusão da dimensão da experiência, processo pelo qual ela poderia retomar seu caráter formador e transformador.” Pretende-se pensar sobre a possível contribuição que outras áreas do conhecimento possam acrescentar, uma vez que a necessidade da educação diz respeito ao desenvolvimento e à formação das crianças para convívio em sociedade. O homem é o único ser que precisa ser educado, contudo desde antes de seu nascimento ele é marcado pelo campo da linguagem, cuja transmissão é feita por mitos, crenças, valores, interditos, com a finalidade de ingressá-lo na cultura. E é desse modo que é inaugurada a entrada do homem no campo da educação. Propor uma reflexão sobre os caminhos que a educação tem seguido nos últimos tempos faz-se necessário, à medida que ao interrogar os impasses educacionais seja possível trilhar novos caminhos. Propor novas aberturas mediante as trocas de saber não se trata de enfatizar suas fragilidades, mas de permitir reatualizar a questão da educação em um tempo que apresenta outras formas de estabelecer laços.

elen.sabrina@hotmail.com

OFICINA DE ARTETERAPIA EM UMA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS

Vanessa Cristina Nascimento Coelho
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

A arteterapia é um dispositivo terapêutico que absorve saberes das diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando a resgatar o homem em sua integralidade por meio de processos de autoconhecimento e transformação. A Associação Brasileira de Arteterapia a define como um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. O presente estudo teve como objetivo descrever atividades de arteterapia realizadas na oficina intitulada Criação e arte em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Foram realizados 13 encontros semanais com um grupo de 20 adolescentes. Realizou-se o trabalho com teatros, criações de máscaras, decorações para festas de Halloween e Natal; os alunos protagonizaram teatros e montaram histórias para a publicação de um livro no final de 2017. O trabalho com arteterapia em uma APAE trouxe muitos benefícios, como a estimulação da criatividade dos alunos. No trabalho com o teatro os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a história do teatro, escolher a temática que gostariam de encenar, podendo-se trabalhar a inclusão, a liberdade de escolha e a desinibição. A cada ensaio, eles conseguiam expressar o que sentiam, e vários deles, embora com aparente dificuldade de falar, tornaram-se mais desinibidos. Um dos teatros encenados relatava a história de uma família baseada no afeto e outra no consumo. Nesse momento foi possível trazer a discussão sobre valores com os alunos. Na organização das festas priorizou-se o quê e como os adolescentes gostariam de fazer, além de estimular a fantasia e a psicomotricidade. Os sujeitos ficaram empolgados e contentes com a possibilidade de criar a decoração, pois era algo que tinha relação com eles, com a subjetividade de cada um no grupo. No trabalho com máscaras foram incentivados à dramatização e à descontração entre colegas. Escolheram uma máscara e encenaram algo para os colegas e na criação das histórias projetaram seus medos, auto aceitação, sensibilização e empatia para com os demais. Nas histórias eles incluíam-se como protagonistas e descreviam cenários e momentos baseados em suas vontades, sonhos e experiências. Conclui-se que a arteterapia possibilita estimular a criatividade e a autoestima de pessoas que, muitas vezes, sentem-se excluídas, marginalizadas e inferiorizadas perante os outros. O mundo da arte combinado com a terapia ajuda o indivíduo a exteriorizar seus afetos e suas dificuldades, facilitando o processo de aprendizagem e a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Oficinas. Arteterapia. APAE.

nessa.coelho@hotmail.com

OS ATAQUES AO CORPO NA ADOLESCÊNCIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA AUTOINFLIGIDA

Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

Há muito tempo as marcas corporais na adolescência têm sido reconhecidas como ritos de iniciação, manifestando-se, sobretudo, no período de reclusão que precede as cerimônias de passagem ou por ocasião da saída dessas fases. Nos períodos que precedem os ritos de iniciação, as marcas corporais são verdadeiros atos de submissão à lei do grupo, inscrições simbólicas que caracterizam a passagem da infância para a idade adulta. A partir da literatura e experiência clínica da pesquisadora com adolescentes, buscou-se promover uma reflexão sobre os aspectos subjetivos envolvidos na escolha da automutilação como sintoma de uma adolescente. A clínica tem sido surpreendida por adolescentes que praticam automutilação de diversas formas: cabelos arrancados, unhas e peles de dedos comidos, cortes e ferimentos em diferentes partes do corpo. A importância atribuída à dor corporal nos casos de mutilação remete aos primórdios da psicanálise, à histeria, lugar onde o sofrimento psíquico se dirige ao corpo. Pode-se tratar, aqui, da tentativa de apagamento ou, ao contrário, do reaparecimento do corpo, ao marcar por meio de cerimônias a integração do sujeito jovem a seu grupo social. Atualmente essas marcas corporais, sobretudo quando se fala das violências autoinfligidas, parecem ter perdido seu alcance simbólico. É frequente a ideia de comportamentos suicidas que terminam por se enraizar nos funcionamentos alexitímicos, em que a sensação toma a dianteira da dinâmica emocional e fantasmática. Se há, muitas vezes, uma intimidade com a morte nessas automutilações, a menina púbere parece muito mais procurar projetar suas tensões em seu corpo para dominá-las melhor, tentando expulsá-las sobre ele. Depois dos comportamentos de automutilação, por exemplo, a jovem fala sobre ter a sensação de recuperar o domínio sobre essa violência interna. Todavia, esse sentimento vivido é um engodo, porque a jovem revive de forma contínua essas ameaças traumáticas, com a impressão de se instalar de maneira duradoura em uma vulnerabilidade narcísica quando, ademais, falham os objetos internos e o apoio narcísico parental. A clínica psicanalítica prioriza a fala. Quem adoece e sofre é, antes de tudo, um sujeito em sua singularidade, e não um corpo. O começo do trabalho clínico requer falar como condição de escuta, de remanejamento de efeitos de sofrimento, até onde for possível. Em cada caso de automutilação, cabe salientar, importa não o acontecimento em si, mas o modo como ele incide sobre o psiquismo de alguém e por este é processado.

Palavras-chave: Adolescência. Corpo. Automutilação.

cristiana.rezende@ulbra.br

PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: PREVENINDO O *BULLYING*

Shaísta Santos Lautenschlager
Maria da Conceição Ferreira Gonçalves
Andressa Baggio Mayer
Amanda Hoenisch Diehl
Luiz Henrique Ramalho Pereira

Este trabalho visa à promoção de um estudo sobre intervenção nas escolas, com foco em prevenir a violência em âmbito escolar. Partindo desse pressuposto, busca-se identificar o *bullying* como principal tipo de violência nas escolas. A escola, enquanto instituição social, é um espaço onde todas as diferenças se encontram e, nesse sentido, também um local permanente de conflitos, pelas inúmeras formas de educação e valores distintos, como os familiares, os culturais, os étnicos e os religiosos, cujo direcionamento acaba no ambiente escolar. É reconhecido e noticiado pela mídia que a escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violências, incluindo brigas, invasões, depredações e até mortes. Dessa forma, é um espaço em que os alunos, em plena fase de desenvolvimento, deparam-se com experiências de violência. Há duas formas básicas de violência na escola: física (brigas, agressões físicas e depredações) e não física (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento), sendo a última, muitas vezes, disfarçada, mascarada e de difícil diagnóstico. A existência de *bullying* nas escolas tem sido tema reiteradamente investigado nos últimos anos, no exterior e no Brasil. O termo *bully* provém do verbo intimidar, sendo que pode ser utilizado como substantivo ao se referir a uma pessoa considerada provocadora. Esses atos agressivos, que tendem a ocorrer sem motivação evidente, em desigualdade de poder, caracterizam o comportamento *bullying*. Esse fenômeno apresenta-se como um comportamento agressivo que ocorre entre colegas dentro do contexto escolar. O *bullying* pode ser classificado em direto e indireto; considerados *bullying* direto apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais, mais comuns entre meninos, e identificado como tapas, murros e chutes. Já o *bullying* indireto é marcado por atitudes de indiferença, isolamento e difamação, mais comuns entre meninas e crianças menores, e identificado como rumores degradantes sobre a família da vítima. Dessa forma, considera-se necessário que dentro da escola haja políticas de prevenção a esse tipo de violência, sendo um espaço aberto para falar sobre o tema, investigar e intervir em ações de violência. Uma estratégia a se promover é a elaboração de grupos com jovens, crianças e a comunidade escolar sobre psicoeducação do tema, promovendo um canal para falar sobre os conflitos e, principalmente, sobre as diferenças.

shaista.santos@ulbra.br

PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO *BULLYING* NA ESCOLA MUNICIPAL DE MODELO

Jéssica Cristina Weiler Kegler
Lisandra Antunes de Oliveira

O *bullying* é a forma mais comum de violência escolar e é muito destrutiva para o bem-estar da criança que, na maioria das vezes, sofre as agressões calada. Este projeto foi desenvolvido para a Escola Municipal de Modelo, SC, em razão da percepção da necessidade de ser trabalhada, com pais, alunos e professores, a temática *bullying* na escola. O projeto teve como objetivo principal proporcionar aos alunos a conscientização das consequências ao praticarem o *bullying* e por meio das atividades desenvolvidas promover um sentimento de pertença e aceitação nas crianças, para que estas se sentissem acolhidas no ambiente escolar. As atividades foram pensadas e planejadas envolvendo toda a comunidade escolar, conforme a realidade da escola. O projeto contaria com a participação das crianças em montar medidas socioeducativas e regras para o combate e eliminação do *bullying*, produção de textos, músicas e desenhos coletivos e individuais sobre a problemática com as turmas e elaboração de atividades para promover debates sobre como lidar com esse comportamento entre pais, professores e funcionários. Sabe-se que esta problemática já terminou em tragédias pelo grande transtorno que causa na vida das pessoas, por esse motivo foi desenvolvido este projeto, com a intenção de trabalhar o tema com as crianças, para que estas, desde cedo, fiquem conscientes de todo o mal que o *bullying* provoca. O projeto foi apresentado à comunidade acadêmica e amplamente aceito, com perspectivas de utilização pela objetividade e pertinência da proposta.

jess.kegler@hotmail.com

PROGRAMA PREVENÇÃO ÀS DEFICIÊNCIAS NA APAE DE SÃO MIGUEL DO OESTE, SC, COMO POTENCIAL DE HUMANIZAÇÃO

Juliana Camini Oliveira
Marisete Camini
Cristiane Magrini Dutra

A Federação Catarinense das APAEs, ainda em 2012, criou o Programa de Prevenção às Deficiências, objetivando contribuir para a diminuição dos índices de pessoas com deficiências. O programa baseia-se no estudo divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (2011), que revelou que mais de um bilhão de pessoas no mundo apresentam algum tipo de deficiência. Pela OMS, poucos países implementaram, nos últimos anos, mecanismos que respondam às necessidades de quem vive com deficiência. Entre as ações necessárias estão a superação da discriminação, os cuidados à saúde, os serviços de reabilitação e a implementação de transportes e construções acessíveis. Em países subdesenvolvidos, as pessoas com deficiência gastam três vezes mais com saúde. Crianças com deficiência têm menos chance de entrar na escola, além de terem pior desempenho escolar (SASSAKI, 1998). No Brasil, estima-se que 1,6% da população apresentam deficiências, fato suficiente para ser considerado problema de saúde pública. O Programa de Prevenção às Deficiências tem foco na promoção e na prevenção da deficiência intelectual e múltipla, e esse enfrentamento possibilita uma mudança na cultura e nas formas de prevenção. Nunes (1995) afirma que as ações preventivas dos atrasos e distúrbios do desenvolvimento podem ocorrer nos níveis primário, secundário e terciário. Na prevenção primária as informações são oportunizadas para o processo de conscientização e identificação precoce, uma alternativa para a prevenção e para suprimir condições que possam limitar o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e indivíduos (FONSECA, 1991). O programa da APAE objetiva promover a prevenção às Deficiências Intelectual e Múltipla e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em São Miguel do Oeste e municípios conveniados. As ações são desenvolvidas em parceria com órgãos e instituições públicas e privadas das áreas da Saúde, Educação e Assistência Social e com a comunidade em geral. As atividades envolvem palestras socioeducativas, informações na mídia, mobilização em escolas e famílias, bem como disponibilização de informações em folders e redes sociais. Em 2015, em parceria com o Curso de Design da Unoesc, desenvolveu-se a logomarca do Programa: “As mãos que protegem o bebê contra os riscos na gravidez e no desenvolvimento infantil. ‘É melhor prevenir do que remediar’”, a qual sugere que o custo do tratamento de uma deficiência é maior quando comparado à prevenção. O grande desafio é manter as ações de forma continuada, pois, assim, o trabalho da prevenção primária terá resultados e maior visibilidade, contribuindo para a diminuição dos índices de deficiência e minimização de agravos daquelas já instaladas, potencializando e humanizando a sociedade.

Palavras-chave: Programa de prevenção. Deficiência intelectual. Humanização. Deficiências.

marisete.camini@unoesc.edu.br

PROJETO NÚCLEO DE APOIO ÀS ESCOLAS (NAE)

Maria da Conceição Ferreira Gonçalves

Iara de Fatima Martins Wiethan

Magda Bicca Viera

Shaista Santos Lautenschlager

Amanda Dihel

Luiz Henrique Ramalho Pereira

O Núcleo de Apoio às Escolas (NAE) visa oportunizar grupos terapêuticos de apoio a crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de relacionamento e comportamento, bem como grupos de orientação aos pais visando oferecer suporte de orientação e acompanhamento na escola, no sentido de articular a prevenção e promoção da saúde mental da criança. Além disso, procura possibilitar uma parceria entre escola e psicologia em um vínculo que viabilize uma melhor relação entre esses campos. A escola é um dos principais ambientes de socialização infantil e compõe uma etapa importante do desenvolvimento da criança. É ela que efetua o encaminhamento de crianças com necessidade de atendimento psicológico. Diante desse quadro, optou-se por desenvolver uma forma de atendimento que pudesse fornecer suporte às famílias que demandam apoio psicológico e que foram encaminhadas pelas escolas da região Oeste da cidade. Neste trabalho, inicialmente, é feito o atendimento individual dos pais, bem como da criança, em dia e horário específicos, contemplando a formação de grupos terapêuticos de crianças e pais ou responsáveis. Com duração de uma hora, cada encontro, que busca a interação entre as crianças, pais ou responsáveis e a troca de experiência em seus relatos relacionados aos filhos, traz uma significativa relevância. Conforme Foulkes (1972/1963), são quatro os fatores terapêuticos de grupo: estimulação da integração; reação de espelho, que aparece de modo característico, quando as pessoas se encontram e agem umas sobre as outras; comunicação, em que os participantes podem expressar e aprender a lidar com seus medos e também a compreender os outros; e interdependência, pois as modificações que ocorrem no grupo e em seus participantes são consequência da integralização psíquica do grupo, oferecendo a cada participante a possibilidade de se perceber no grupo, o que, de certa forma, ocorre também no grupo de crianças. Segundo Cunha (2007), a clínica ampliada é a transformação da atenção individual e coletiva, que possibilita a compreensão e o trabalho de múltiplos aspectos do sujeito na sua complexidade. O trabalho está em andamento neste segundo semestre de 2017, e, agora, com a atuação dos Acompanhantes Terapêuticos (ATs) que trabalharão nas escolas da região Oeste da cidade que encaminharam suas crianças, ele será realizado com direção, professores e funcionários na prevenção e promoção da saúde.

maria.goncalves@ulbra.br

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Gabriela Paludo
Paim Lacerda Alice Pandolfo
Izanir Zandoná
Ângela Carmen Lazarotto
Marisete Camini

O presente texto trata sobre as experiências vivenciadas na sexta fase do Curso de Pedagogia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), no componente curricular Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, envolvendo crianças de cinco e seis anos idade, com o tema Relação Família e Escola: uma parceria fundamental ao processo de ensino-aprendizagem, e com o subtema Cantigas da Vovó. O objetivo foi proporcionar às crianças vivências com brincadeiras e brinquedos que fizeram parte da história dos avós, possibilitando a participação e a valorização da relação da família com a escola como uma parceria fundamental ao processo de ensino-aprendizagem lúdico. Na família acontece o primeiro contato social da criança, na qual ela aprende valores e conhecimentos básicos para poder conviver em sociedade; na escola também são ensinados conhecimentos para viver na sociedade, mas além destes, saberes científicos que visam ao desenvolvimento pleno, à criticidade e às potencialidades da criança. A partir de observações no campo de estágio, pôde-se perceber a importância da roda de conversa com os avós, que foi proporcionada como forma de interação entre escola e família. A roda de conversa foi um momento de descoberta que proporcionou a ampliação do conhecimento das crianças sobre como viviam e com o que brincavam as gerações passadas. Percebeu-se que um dos debates mais frequentes que vêm sendo realizados nas últimas décadas na educação é a relação da integração entre família e escola como processo de trocas e parcerias no desenvolvimento de múltiplas aprendizagens. O dia a dia escolar apressado e, às vezes, um planejamento inadequado quanto ao acolhimento e envolvimento das famílias a fim de inseri-las nas atividades e discussões que envolvam a rotina da criança, atividade relaxantes e divertidas, valorizando a participação da vida escolar da criança vem atrapalhando a interação da família com a escola, sendo essa interação de extrema importância para o desenvolvimento da criança. No momento do estágio na Educação Infantil buscou-se fortalecer essa relação com o auxílio de duas avós e um avô, o que possibilitou uma aproximação com outras gerações, ideias, culturas e valores. Enfatiza-se, ainda, que o estudo não pode e não deve ser visto de maneira conclusiva, mas deve ser entendido de forma processual, pois é mais uma pesquisa que se agrega a outras buscando a melhoria do caminho para o início da ação docente.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Cantigas. Família e escola. Educação infantil.

marisete.camini@unoesc.edu.br

izanir.zandona@unoesc.edu.br

RELATO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA MENINA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Renati Marques Campos
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

A inclusão de crianças com deficiências intelectuais nas escolas regulares é um tema polêmico que enfrenta grandes desafios na realidade educacional. O acesso à educação por portadores de deficiências tem sido lentamente conquistado, na medida em que se ampliam as oportunidades educacionais para a população geral. Mas as produções científicas na área de psicologia ainda são escassas, sobretudo aquelas que registram experiências de inclusão no contexto escolar. O presente estudo teve como objetivo contribuir com reflexões a respeito da inclusão escolar, tomando como exemplo o caso de uma menina com deficiência intelectual por meio de um relato de prática profissional. O relato baseia-se na experiência de um estágio extracurricular no período de setembro de 2016 a agosto de 2017, em uma escola de ensino fundamental, por meio de uma monitoria que tem como finalidade acompanhar individualmente crianças com algum tipo de deficiência, viabilizando a mobilidade no ambiente escolar. Entretanto, durante o acompanhamento da menina, observou-se que ela possuía muitas dificuldades que inviabilizavam sua inclusão. Ela não conseguia se adaptar à rotina de horários da escola, passava a maior parte do tempo andando pelos corredores, e o processo de socialização não acontecia. Revisando seus históricos escolares, todos descreviam os mesmos tipos de comportamentos atuais, sem qualquer progresso no sentido de adaptar-se à proposta de aprendizagem e enfatizando a dificuldade em mantê-la na sala de aula. O educador especial, elemento fundamental nesse processo, também demonstrava dificuldade em mantê-la focada em alguma atividade, fosse essa de nível lúdico, de aprendizagem, ou até mesmo tecnológico. As atitudes em relação àquela criança também pareciam um desafio. Os professores tinham dificuldades com ela. Por vezes, os sentimentos e emoções deles pareciam de não se importarem com a presença de um sujeito que demandava investimento. Rendimento escolar inexistia naquele caso. Diante disso, questionava-se a respeito da educação inclusiva, uma vez que seus pressupostos se baseiam na promoção de condições que favoreçam a autonomia, a apropriação do saber e o enriquecimento da identidade sociocultural, funcionando como um espeço real de integração para as crianças inclusas. Espera-se que este relato de prática profissional possa contribuir para reflexões a respeito de inclusão com crianças portadoras de necessidades especiais no sistema regular.

Palavras-chave: Inclusão. Escola. Limitações.

renaticampos@gmail.com

SOBRE A ARTE DE ENSINAR: A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NO CONTEXTO DOCENTE

Chancarlyne Vivian
Lisandra Antunes de Oliveira

Na atividade docente, muitos profissionais são acometidos por uma disfuncionalidade no seu manejo laboral. Tais características podem decorrer de uma dificuldade em estabelecer inovadoras e convincentes técnicas no contexto escolar capazes de despertar no aluno, de forma geral, a capacidade de se sentir motivado para um processo de ensino-aprendizagem cada vez mais complexo e desafiador. Diante desse cenário, percebe-se a importância de uma escuta qualificada, bem como de um processo de avaliação psicológica para esses profissionais que diariamente precisam traçar instigantes estratégias para despertar no aluno a relevância do ensino em sua formação biopsicossocial. Diversos profissionais enfrentam processos de desconfortos físicos e/ou emocionais decorrentes de altos níveis de estresse. Em decorrência de tal sintomatologia, analisou-se a importância da avaliação psicológica em professores na prática docente dos profissionais de escolas do estado e suas capacidades de enfrentamento diante dos desafios. Para explicar os dados, utilizou-se o método qualitativo, que busca compreender os significados e características situacionais. A partir da análise dos resultados, espera-se mensurar a importância da avaliação psicológica em docentes nas suas práticas profissionais. O estudo realizado teve como objetivo analisar a importância da avaliação psicológica em professores na prática docente dos profissionais de escolas do estado e suas capacidades de enfrentamento diante dos desafios. A pesquisa expõe a abordagem do problema de caráter qualitativo. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, que foram gravadas mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a fidedignidade dos dados e o sigilo, observações e aplicação de teste. Para a análise e interpretação dos dados coletados será utilizada a análise descritiva, o que permite apresentar com detalhes os resultados do conjunto de técnicas que serão utilizadas para a investigação. Espera-se, com esta pesquisa, justificar a importância da avaliação psicológica em docentes, pontuando detalhadamente em quais situações esta se aplica. Afinal, vendo o ser humano em sua totalidade, nota-se que a educação é um dos pilares mais importantes para que tal desenvolvimento aconteça de forma complexa e assertiva. Desenvolver pesquisas dentro dessa área nos coloca diante de muitos desafios, que podem ser psicológicos, emocionais ou pessoais. Os profissionais da psicologia, em alguns momentos, são um subsídio importante para que os entrevistados sintam confiança para revelar os maiores desafios que se encontram armazenados em seus mundos internos, o que nos coloca diante de uma situação extremamente cuidadosa e profissional.

chancarlyne_mh@hotmail.com

TRANSTORNO DE ANSIEDADE INFANTIL NA TERCEIRA INFÂNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Bruna Dreyer
Paola Andressa Kohn
Paula Cristina Tasca

A terceira infância é marcada pelo início das atividades escolares e outras dinâmicas importantes para o desenvolvimento cognitivo da criança, além de ser um período em que o olhar desta está voltado às pessoas e aspectos que a cercam. Por ser um período em que serão iniciadas novas socializações e ao mesmo tempo serão separadas de seus cuidadores, as crianças podem desenvolver algum transtorno de ansiedade. Sabe-se que a terceira infância é uma fase de grandes mudanças físicas e psicológicas. Dentro dessa perspectiva, é necessário compreender alguns fatores que possam interferir no desenvolvimento psíquico dessas crianças. A relevância do presente estudo parte do sofrimento vivenciado pela criança a partir dos sintomas gerados pela ansiedade. Os objetivos do presente artigo são especificar quais os principais causadores da ansiedade infantil e como a psicologia da saúde pode auxiliar no processo terapêutico dessas crianças. O presente artigo faz uma revisão bibliográfica acerca dos principais agentes causadores da ansiedade infantil, no qual se delimitou a terceira infância como foco da pesquisa. Foram consultadas várias literaturas relativas ao assunto em estudo, como livros e artigos publicados na internet que possibilitaram que este trabalho tomasse forma para ser fundamentado. A ansiedade infantil é muito frequente na terceira infância, tendo causas variadas, como separação dos pais, traumas múltiplos, mudança de escola e aumento do convívio social. Também apresenta vários sintomas que se diferenciam conforme o tipo de transtorno, como medos exagerados, comportamento de apego excessivo, retraimento social, apatia, tristeza, dificuldade de concentração nas brincadeiras, acessos de raiva, preocupações em excesso e fobias específicas; também pode gerar alguns sintomas físicos característicos da ansiedade, como suor, náuseas e aumento do ritmo cardíaco, os quais podem gerar consequências secundárias para a criança e seus familiares, como no caso da criança que se recusa a ir à escola ou a se afastar dos pais. Os transtornos variam entre ansiedade de separação, ansiedade generalizada, fobia específica, entre outros. Com base nas referências consultadas, é possível, ainda, apontar as situações estressantes advindas da infância como fator de grande influência para o diagnóstico de ansiedade infantil. Diante disso, faz-se necessário estar atento aos sintomas advindos das crianças no intuito de antecipar o tratamento e, assim, promover o bem-estar desses indivíduos enquanto crianças, evitando possíveis complicações futuras.

Palavras-chave: Ansiedade infantil. Crianças. Psicologia da saúde.

bru.psicologia@hotmail.com

UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE UMA ABORDAGEM EDUCACIONAL EM AMBIENTES ABERTOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UMA CRIANÇA AUTISTA

Luciane Regina San Vito
Lisandra Antunes de Oliveira
Jackson Preuss

O indivíduo com autismo, o mais conhecido e prevalente tipo de transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), apresenta desvios na interação social recíproca, na comunicação verbal e não verbal e nas manifestações de padrões restritos de interesses, atividades e condutas repetitivas e estereotipadas. Diante de algumas das características que definem o autismo, atualmente desafios surgem na área da Educação, principalmente ao trabalhar com os processos educativos de ensino e aprendizagem. As atividades realizadas em ambientes otimizados, fora da sala de aula mostram resultados positivos propiciados pela relação entre o ambiente natural e a inclusão. O presente trabalho traz um relato de experiência desenvolvido durante o primeiro semestre de 2017 em uma classe de educação infantil que possuía um aluno autista de quatro anos de idade. As características gerais desse aluno autista estão relacionadas à sua linguagem e comunicação, observando que a linguagem verbal pouco existe. Quanto às suas habilidades motoras, a professora relatou que ele esquiva-se de qualquer atividade prática proposta por ela. Partindo do fato que o aluno possuía interesse em fazer o traçado da brincadeira Amarelinha, além de brincar na caixa de areia, sugeriu-se o desenvolvimento dessas atividades em um ambiente externo da sala de aula. O aluno apresentou melhor interação e desenvoltura nesse tipo de ambiente, até mesmo desenvolveu outras atividades que não eram realizadas rotineiramente, escrevendo seu nome e os números dentro do traçado estipulado para a brincadeira. A mudança ambiental proporcionou uma alteração emocional e comportamental, despertando no aluno o desejo de aprender. Houve uma evidente melhora na aprendizagem, na interação e na comunicação com as outras crianças e os educadores que frequentam o espaço. Visto que o processo de ensino e aprendizagem é complexo, são necessárias mediações e adaptações. É preciso possibilitar diferentes ambientes de aprendizagem; considerando a grande necessidade que os indivíduos com autismo possuem em desenvolver sua autonomia, é de suma importância sua interação com outras pessoas em contextos naturais (abertos). As atividades desenvolvidas abrem caminhos para que outros profissionais se sintam motivados a buscar recursos por meio de novas propostas lúdicas, estimulando e fazendo-nos enxergar além do senso comum. Palavras-chave: Autismo. Ambientes. Aprendizagem.

lisandra.psi@gmail.com

UMA ESCOLA: DIVERSAS VIOLÊNCIAS

Leila Tombini
Eduardo Nunes Jacondino

O trabalho em questão é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve a intenção de desvelar as categorias da violência no ambiente escolar. Em uma perspectiva pós-estruturalista, o estudo não pretende definir conceitos fechados e universais, mas, sim, propor o diálogo das diversas formas de violência que assolam a instituição, promovendo diversos prejuízos para o andamento educacional. De acordo com as leituras amparadas em autores como Michel Foucault e Pierre Bourdieu, foi possível identificar que o fenômeno se desdobra em várias formas. Tais autores acreditam que existe poder nas instituições, em especial na escola, que é responsável por normatizar o comportamento, como afirma Foucault. O poder, nesse meio, assim como em outros, não pode ser visto apenas na forma negativa, pois a organização é mantida por meio dele, e para que seja possível colher os frutos dessa relação entremeada pelo poder, capaz de proporcionar bons frutos, é preciso liberdade, pois, caso contrário, a relação será mediada pelo medo. O problema relacionado com o poder aparece quando ele é usado de forma opressiva, reprimindo e impondo verdades. Há vários tipos de violência escolar: existe a violência contra a escola, que são os atos de vandalismos, em geral, produzidos por excluídos do processo educacional; a violência recebida por parte governamental, como falta de investimentos físicos e capacitação; e a violência simbólica, produzida por aqueles que fazem parte da escola e a constituem como instituição de ensino, é marcada pelo poder opressivo, falta de liberdade, imposição de valores de qualquer natureza, e até mesmo discriminação sexual, religiosa, étnica, etc. Ainda, existem as agressões físicas e verbais por parte dos alunos e professores. Todas as formas de violência apresentadas constituem a violência escolar porque acontecem dentro do ambiente escolar. A pretensão da pesquisa não está em desvendar as razões que desencadeiam os atos de violência, nem mesmo explicar quais aspectos negativos esses atos promovem no andamento educacional, mas, sim, apresentar teoricamente a classificação do fenômeno no ambiente escolar.

Palavras-chave: Escola. Violência. Poder.

leila.tombini@hotmail.com

VALENTE – INTERVENÇÕES EM APRENDIZAGEM: COMO FUNCIONA O LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Ana Carina Motta Klein
Deise Agne Souza Leal Mohr
Francielle Gonçalves de Mendonça
Jaqueline Soares Toledo
Nícolas Guarese Garske

O Laboratório de Aprendizagem Significativa, denominado Valente, é um projeto de extensão do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) campus de Cachoeira do Sul, que propõe estratégias de intervenção psicológicas diante da problemática família-escola-alunos com dificuldades de aprendizagem, promovendo um trabalho interdisciplinar, sistêmico e direcionado às especificidades dessa problemática. A organização do trabalho ocorre em quatro grupos operativos de trabalho, sendo dois grupos com crianças, um grupo com seus familiares e um com os professores. A intervenção com as crianças é denominada o ABC das emoções e tem como meta capacitar e encorajar as crianças a expressar seus sentimentos, bem como o manejo de suas emoções frente ao aprendizado. O encontro com os familiares visa ao acolhimento de dúvidas dos pais relativas às dificuldades de aprendizagem de seus filhos, oferecendo-lhes um novo olhar. O grupo operativo com os professores busca o resgate da importância do seu papel de educador na formação e desenvolvimento socioemocional dos alunos. A equipe técnica conta com 15 integrantes entre estagiários de Psicologia curriculares, estagiários de Psicologia voluntários e profissionais voluntários conveniados na Parceiro Voluntários. Atualmente, são atendidas 14 famílias e sete escolas do município local. Os resultados do trabalho apontam para o sofrimento estendido da escola até a família em decorrência do não desempenho atingido. Foi constatado que pais e professores estão dispostos a construir novos caminhos. As crianças vêm crescendo na expressividade, criatividade e senso de pertencimento e, com isso, sentem-se capazes de aprender. Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Intervenção. Interdisciplinaridade.

anacarinamklein@gmail.com

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA DOCÊNCIA SUPERIOR: INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Rosilei dos Santos Rodrigues Kepler¹

Arnaldo Nogaro²

RESUMO

No artigo proposto apresentam-se alguns pressupostos teóricos que tratam da relação professor-aluno no Ensino Superior e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de um estudo teórico-bibliográfico que inclui o desenvolvimento de temas vinculados à História do Ensino Superior no Brasil, o processo de ensino e aprendizagem e a relação professor-aluno. A relação professor-aluno é constituinte do processo pedagógico e, por consequência, do processo de ensino e aprendizagem. Precisa ser de cooperação, de respeito e de crescimento para ambos. A boa relação é fundamental para o processo de aprendizagem, pois a partir da forma de agir do professor é que o aluno pode se sentir mais receptivo com a disciplina, independente da idade e nível de formação. Do professor que atua no Ensino Superior se espera que tenha habilidades para conduzir o processo pedagógico e, além disso, saiba refletir sobre seu fazer e suas atitudes. A formação dos professores e a forma como se relacionam com os alunos têm sido bastante discutidas e estudadas por diversos autores. Entre muitas concepções, a formação pode ser compreendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários para a atividade profissional com o objetivo de oferecer um ensino de melhor qualidade aos educandos. As universidades como espaços de formação não trabalham somente na perspectiva do futuro desempenho profissional, formam também seres humanos, trabalham na perspectiva do social. Nesse sentido, o aprender está relacionado a um conjunto de saberes que vão além do exercício da profissão. A docência é um ato complexo, pois exige dos profissionais preparo pedagógico, conhecimento sobre as formas de desenvolvimento da ação docente, adequando-a às exigências do mercado de trabalho. O professor deve estar ciente que trabalha com pessoas de diversas culturas, idades e diferentes contextos sociais; precisa, então, adotar estratégias que melhor se adaptem a certas situações e necessidades. A relação professor-aluno está no centro do processo de ensino e aprendizagem, pois dá sentido a ele. Palavras-chave: Docência no Ensino Superior. Relação professor-aluno. Ensino e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A formação integral dos professores e o seu relacionamento com os alunos têm sido bastante discutida, essa formação pode ser compreendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários para a atividade profissional, com o objetivo de oferecer um ensino de melhor qualidade aos educandos.

Com este artigo objetivou-se analisar o processo de ensino e aprendizagem nas bibliografias já existentes. Para tanto, foram consultadas bibliografias escolhidas de forma aleatória, variando de artigos científicos atuais a livros clássicos e tradicionais sobre o tema.

1 Mestranda em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões de Frederico Westphalen; rosilei@kepler.inf.br

2 Professor Orientador no Mestrado em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões de Frederico Westphalen.

Segundo Aquino (1996 p. 34), a relação professor-aluno é muito importante e estabelece posicionamentos pessoais: se a relação entre ambos for positiva, há probabilidade de um maior aprendizado.

Estudos realizados por pesquisadores interessados na área, como Pimenta (1997, 2002), Anastasiou (2002) e Veiga (2010) apontam que professores capazes de refletir sobre sua prática educativa, adequando-a à realidade e direcionando-a aos interesses e necessidades dos alunos, tornam o aprendizado um desafio cada vez mais estimulante.

Para um bom aprendizado é necessário existir afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos.

As universidades não trabalham para formar apenas o profissional, formam também seres humanos, trabalham para formar gente para inovar: o aprender está relacionado como um conjunto de saberes para o exercício da profissão.

O professor é um mediador, deve estar apto a criar certas facilidades para aumentar a autoestima dos alunos, buscar novos valores, verificar a dificuldade de aprendizagem, readaptando seu modo de ensinar, incentivando a busca de conhecimentos e interesse de aprender, sua missão é buscar alternativas viáveis para fazer desaparecer o desinteresse dos alunos que não querem se envolver.

O exercício da docência é complexo pois exige dos profissionais a formação, o conhecimento sobre as formas de desenvolvimento da ação docente, adequando-os às exigências do mercado de trabalho. Diante desse contexto, surge a busca por saberes e competências com os quais se busca administrar situações cotidianas da profissão.

Nesse sentido, não basta ter apenas uma bagagem de conhecimentos científicos, é necessário desenvolver habilidades para lidar com questões rotineiras. O docente necessita desenvolver um olhar humano, cuidadoso e diferenciado, pois irá trabalhar com seres humanos que precisam de compreensão.

O professor deve estar ciente que trabalhará com pessoas de diversas culturas, idades e diferentes contextos sociais, precisará então adotar posições que melhor se adaptem a certas situações e necessidades.

A relação professor-aluno é uma condição do processo de ensino e aprendizagem, pois dá sentido ao processo educativo. Se antigamente, para ser um bom professor bastava transmitir o conhecimento e ter autoridade em sala de aula, hoje o perfil do educador mudou e seu papel inclui o de ser capaz de interagir, discutir e refletir sobre o seu processo de aprendizado, bem como o do educando, tanto na teoria quanto na prática em sala de aula.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica que se segue, apresentando brevemente os pressupostos teóricos utilizados neste artigo, inclui o desenvolvimento de temas como a História do Ensino Superior no Brasil, o Processo de Ensino e Aprendizagem e, por fim, o tema central deste trabalho, a Relação Professor-aluno.

2.1 HISTÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

No início do século XXI a educação continua na pauta das discussões, afinal, o sistema educacional brasileiro está inserido no contexto social e capitalista. Como tal, tanto as universidades públicas quanto as privadas são responsáveis pela formação dos novos professores (ZITKOSKI; MORIGI, 2013, p. 7).

Segundo Demo (2004) o conhecimento sempre foi importante para a humanidade, desde os primórdios. A educação e o conhecimento constituem a estratégia decisiva do desenvolvimento e da inovação do mundo moderno.

Para situar historicamente a educação no Brasil, consideramos de início o período marcado pela influência dos jesuítas, principais educadores da época colonial. Nesse período, a educação não era valorizada socialmente e servia de instrumento de dominação e de aculturação dos nativos, sendo que para a elite colonial era oferecido tratamento diferente. (BASÍLIO, 2010, p. 42).

A educação sempre foi privilégio da elite brasileira. Com o ensino superior não foi diferente, pois a elite cursava em Portugal ou outros países europeus. Havia a preocupação com a formação intelectual e política da classe dominante, que pretendia manter o Brasil colônia. Com a vinda da Coroa e do Rei de Portugal e o distanciamento da Europa, houve a necessidade de formação de pessoal que atendesse à demanda da educação superior na colônia. Dessa forma, surgiram as primeiras universidades que supervalorizavam as áreas exatas e tecnológicas, e que se inspiraram no modelo de organização curricular francês (MASETTO, 2002).

As primeiras universidades instaladas no Brasil tinham como objetivo formar pessoal competente para o desempenho da profissão e somente se ministravam aulas que interessavam diretamente ao exercício da profissão. Entendia-se que um bom professor era aquele que sabia fazer, pois se sabia fazer, saberia ensinar bem o que fazia (MASETTO, 2002).

Após a Proclamação da Independência houve um crescimento de escolas de nível superior no Brasil, sempre voltadas para formação profissional. Assim, em 1889, a República se desenvolve, com a criação de 14 Escolas Superiores. Dessa forma, quando do seu surgimento, o ensino superior no Brasil, era dotado de forte natureza profissionalizante, sendo ofertado por faculdades isoladas e servindo apenas aos interesses da elite. (BASÍLIO, 2010, p. 43).

Toda a organização curricular do ensino superior se voltava para a transmissão de conhecimentos e experiências profissionais. E, assim, procuravam-se para trabalhar como professor nessas universidades profissionais competentes em suas áreas de atuação, pois eles sabiam ensinar e formar bons profissionais (MASETTO, 2002).

A formação do profissional para exercer a função de docente modificou-se. Hoje se entende que o processo de ensino aprendizagem deve estar focado no aluno, o aluno é o centro do processo de ensino e sua aprendizagem é o objetivo central. O papel do professor continua sendo fundamental e se espera que oriente, facilite e incentive a aprendizagem (MASETTO, 2002).

De acordo com Basílio (2010), entendemos que a formação pedagógica é indispensável para o exercício da docência; deve estar aliada a outras competências necessárias para a construção do perfil do educador.

Nesse contexto, as instituições de educação superior devem estar atentas para acompanhar e oferecer suporte necessário aos seus professores, não servindo apenas de local de geração de novos saberes, mas também atuando também como agenciadoras para a capacitação dos seus docentes.

Não sendo mais o processo de ensino centrado no professor, mas na aprendizagem do aluno, considerando sua integralidade, necessita-se, também, de uma nova postura de aluno no ensino superior; um aluno pesquisador. Percebe-se que existem muitos desafios para se chegar a uma educação superior almejada, com professores pesquisadores que se atualizam com frequência e que formem alunos éticos, talentosos e produtivos (MASETTO, 2002).

De acordo com Demo (2004), a aprendizagem é sempre um fenômeno reconstrutivo político, nunca apenas reprodutivo, isto é, o estudante que as universidades devem formar não é apenas técnico, mas fundamentalmente cidadão, que encontra na competência reconstrutiva de conhecimentos seu perfil decisivo, que tem pela frente o desafio de fazer seu conhecimento progredir.

Segundo Cunha (1997, p. 81), a aula universitária é sempre uma síntese, não pode ser vista em uma perspectiva fracionada. Quando se propõe estudar a aula universitária se está compreendendo que ela é um espaço inovador, carregado de valores e contradições. Destaca também que é preciso adotar o tema em que professor, aluno e conhecimento constroem uma ciranda de mãos dadas, percorrendo o caminho da construção coletiva.

2.2 UM PROCESSO RECÍPROCO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido por meio da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, é um processo de organização das informações e de integração do material e da estrutura cognitiva, é o que os cognitivos denominam aprendizagem (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Na obra de Bock et al. (1999), a abordagem cognitivista fala de dois tipos de aprendizagens, a mecânica e a significativa, e diferencia-as:

Aprendizagem mecânica – refere-se à aprendizagem de novas informações com pouco ou nenhuma associação, com conceitos existentes na estrutura cognitiva, podemos dizer; aquilo que apenas é decorado, sem compreender, sem ligar a conceitos específicos.

Aprendizagem significativa – refere-se à aprendizagem que processa quando um novo conteúdo (idéias e informações) relaciona-se com conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva.

A aprendizagem é considerada um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do indivíduo. A teoria da instrução de Jerome Bruner, representante da abordagem cognitiva, traz contribuições significativas ao processo de ensino e aprendizagem, principalmente à aprendizagem desenvolvida nas escolas (BOCK et al., 1999).

Sendo uma teoria cognitiva, apresenta a preocupação com os processos centrais do pensamento, como organização do conhecimento, processamento de informação e raciocínio e tomada de decisão; a aprendizagem se caracteriza como um processo interno, mediado cognitivamente, mais do que como um produto direto do ambiente, de fatores externos ao aprendiz.

A aprendizagem é definida como um processo mútuo, em que o aprendiz se utiliza de inúmeras maneiras e diferentes mecanismos para aprender.

A ideia de desenvolvimento intelectual desenvolvida pelo psicólogo e educador Jerone Seymour Bruner caracteriza-se por:

- a) independência crescente da resposta em relação à natureza imediata do estímulo;
- b) o desenvolvimento intelectual baseia-se em absorver eventos, em um sistema de armazenamento que corresponde ao meio ambiente;
- c) o desenvolvimento intelectual é caracterizado por crescente capacidade para lidar com alternativas simultaneamente, atender a várias sequências ao mesmo tempo e distribuir tempo e atenção, de maneira apropriada, a todas essas demandas múltiplas.

Segundo Bock et al. (1999), Bruner distingue três modos de representação do mundo pelos quais passa o indivíduo: a representação ativa, a representação icônica e a representação à teoria de Bruner; o processo de aprendizagem implica captar as relações entre os fatos à simbólica, conforme se adquirem novas informações, transformando e transferindo essas novas relações para novas situações.

Nessa teoria, o aprendizado é um processo ativo, no qual os aprendizes constroem novos conceitos baseados em seus conhecimentos passados e atuais. Para isso, é necessário que os professores e alunos conheçam a estrutura de uma determinada área do conhecimento.

Quando o aluno está acomodado com os conhecimentos, o professor pode lhe propor dúvidas, com isso, desperta o interesse de descobrir novos princípios. Bruner afirma que se pode ensinar qualquer criança em qualquer estágio de desenvolvimento, pois o fundamental é a interação entre o aprendiz e o assunto e o modo pelo qual é apresentado, assim, o aluno pode transferir a aprendizagem para uma nova situação. “O ensino envolve a organização da matéria de maneira eficiente e significativa para o aprendiz, assim o professor deve se ocupar não só com a extensão da matéria, mas principalmente com a estrutura.” (BRUNER apud BOCK, 1999).

A necessidade da aprendizagem é algo inerente em qualquer indivíduo desde o nascimento, não importando o grau de capacidade ou de dificuldade que apresenta, portanto, essa necessidade deve ser estimulada. Existem várias teorias que podem ser seguidas, como inatismo, empirismo, behaviorismo, construtivismo, interacionismo e outras que servem de apoio para o processo de aprendizagem.

De acordo com Vygotsky (1978), todas as funções psicológicas superiores são geradas na cultura da nossa aprendizagem e respondem não apenas a um desenho genético, mas principalmente a um desenho cultural. Em observação ao nosso sistema orgânico e psíquico, somos projetados para captarmos de forma rápida e clara as informações acerca da nossa cultura, bem como seus usos e costumes.

Pelo menos alguns dos genes humanos que participam da criação da linguagem devem ser ativos na formação e no funcionamento de um pequeno setor do cérebro humano batizado em homenagem ao cientista Paul Broca; as estruturas dessa região estão intimamente relacionadas à capacidade de falar e compreender um idioma, e próximas de estruturas responsáveis pelos movimentos repetitivos de braços e dedos. (POLLACK, 1997, p. 155).

Cada ser humano é portador de experiências pessoais únicas, por sua vez, torna a aprendizagem um processo único e diferenciado para cada indivíduo, contudo, todos possuem esquemas gerais de aprendizagem, que é a base do trabalho das instituições de ensino.

Segundo Muller (2002), para facilitar o processo de aprendizagem, o professor deverá incentivar a motivação dos alunos, incentivando-os a experimentarem a importância da aprendizagem para sua vida.

O aprender é uma combinação de vários fatores, como emocionais, pedagógicos e biológicos, é uma capacidade adquirida desde o momento em que se nasce e permanece por toda a vida.

Davidoff (2001) afirma que durante o processo de aprendizagem ocorrem mudanças, às vezes permanentes, pois ao ser atribuída a experiência, quando se aprende algo novo, o comportamento se modifica em vários aspectos.

O trabalho do professor é um trabalho de tradução, da linguagem da ciência para a linguagem do aluno. Além dessa tradução o professor necessita motivar seus alunos, pois a motivação é o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente.

A motivação é algo complexo; particularmente para a teoria da aprendizagem e ensino, ela é atribuída tanto à facilidade quanto à dificuldade para aprender.

O estudo da motivação considera três tipos de variáveis: ambiente; forças internas ao indivíduo, como necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso e instinto; e objeto, que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza (BOCK et al., 1999).

A preocupação do ensino tem sido criar condições para que o aluno fique a fim de aprender, não é uma tarefa fácil, pois precisa haver a necessidade ou o desejo, e o objeto precisa surgir como solução para a necessidade (BOCK et al., 1999).

Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente, o processo para uma aprendizagem eficaz depende de alguns fatores, entre os quais, o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola e as perspectivas futuras de vida do aluno.

Além da motivação, da parceria entre professores e alunos, é importante a parceria entre os professores do curso e da área de atuação, pois ele não trabalha sozinho, podendo trocar informações e desenvolver o trabalho em parceria com os demais colegas.

O professor deve transmitir o conhecimento buscando proporcionar ao aluno a compreensão do que foi exposto, permitir que este dê um novo sentido, não é dar respostas prontas, mas criar possibilidades, abrir oportunidades de reflexões e sugestões, de raciocínio, de opiniões.

Segundo Freire (1996), o docente não deve apenas se limitar ao ensinamento dos conteúdos, mas, sobretudo, ensinar a pensar. “[...] pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas.” (FREIRE, 1991, p. 28).

O pensar permite aos educadores se conhecerem e a conhecerem o mundo em que se inserem, é refletir para intervir, com isso, aprende-se a partir dos conhecimentos existentes e daqueles que surgirão a partir da reflexão.

Para Freire (1991), ensinar é buscar, indagar, constatar, intervir, educar. O ato de ensinar exige conhecimento e, conseqüentemente, a troca de saberes. É a presença de saberes que juntos trocarão experiências de novas informações adquiridas.

O professor, assim como o aluno, também é movido pela curiosidade, a curiosidade é que promove o aprendizado do educando e do educador, da construção e produção de conhecimentos, proporciona o diálogo entre professor e aluno, e esse diálogo é necessário que seja reflexivo, não apenas um vai e vem de perguntas (FREIRE, 1991).

2.3 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

É de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem a qualidade do relacionamento entre professor e aluno em sala de aula, e isso é observado pela qualidade do aprendizado do aluno. Para que exista um bom aprendizado, é necessária a existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos (SIQUEIRA, 2015).

Segundo Freire (1991), o bom professor é aquele que enquanto fala consegue trazer o aluno até a intimidade do pensamento.

O professor não deve se preocupar somente com o conhecimento por meio da absorção de informações, mas também com o processo de construção do aluno. Seu papel é o de facilitador da aprendizagem. Para tanto, tem de estar aberto às novas experiências, procurar compreender a realidade, os sentimentos e os problemas de seus alunos para tentar levá-los à autorrealização, para que ocorra assimilação.

Todo educador deve se apresentar como uma referência para a formação do aluno. É muito importante a forma como se relaciona com este, a forma de contato é fundamental, muitas vezes se busca nos professores referências de comportamentos, valores e atitudes e quando esse vínculo se torna positivo, leva-se como exemplo de conduta (FREIRE, 1991).

O professor não está apenas na sala de aula para ensinar conteúdo escolar, ele também precisa ensinar sobre a vida, mediar a questão de relacionamentos, desenvolver o cuidado com o aluno; um dos fatores que é de extrema importância nessa relação é a paciência. “Ninguém nasce educador ou marca-

do para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.” (FREIRE, 1991, p. 58).

É importante que o professor saiba agir como um administrador de conflitos, a fim de estabelecer, da melhor forma possível, um equilíbrio entre todas essas personalidades.

Freire (2005) afirma que qualquer aluno, ao entrar em uma escola, já possui uma bagagem de conhecimentos, experiências e determinados valores construídos ao longo de suas vivências. Cabe à instituição de ensino aprimorar os conhecimentos desse estudante, em um ambiente confortável, prazeroso e significativo.

O professor tem que desenvolver a didática, aprender a organizar a aula para atrair a atenção do aprendiz, sempre procurar demonstrar os conteúdos de forma mais clara e objetiva.

De acordo com Gadotti (1999), o educador precisa colocar em prática o diálogo e a reflexão, reconhecer que todos são portadores do conhecimento, e do mais importante: a vida.

O Plano Nacional da Educação, Lei n. 10.172/001, estabelece a obrigatoriedade de formação superior para os professores em exercício que tem o curso normal. Isso também exige um aumento na aprendizagem do aluno, um reconhecimento de que o processo de ensino e aprendizagem vai além da transmissão de conhecimentos.

A vivência simultânea de uma dupla condição, por parte dos sujeitos envolvidos, professor-aluno, coloca novos desafios para a formação, enquanto estudantes, na sua relação com a aprendizagem, e enquanto professores, na relação com seus alunos no processo de mediação de suas aprendizagens.

A aprendizagem e o ensino são aspectos distintos, primeiro desenvolvidos pelo aluno, segundo pelo professor, mas deveriam ser complementares de um único processo: a formação (MASETTO, 2002, p. 35).

O termo “ensinar”, segundo Masetto (2002, p. 36), é associado a instruir, comunicar, conhecimentos ou habilidades, fazer, saber, mostrar, guiar, dirigir, ações do próprio professor. O termo aprender significa buscar informações, rever sua própria experiência, adquirir habilidades, adaptar-se às mudanças, descobrir significados nos seres, nos fatos e fenômenos e nos acontecimentos.

Masetto (2002) também defende a ideia de que a docência existe para que o aluno aprenda, a ênfase no ensino ou na aprendizagem fará com que os resultados da relação professor-aluno sejam completamente diferentes; no ensino superior a ênfase deve ser dada às ações do estudante para que ele possa aprender o que se propõe.

A relação professor-aluno é facilitada quando se estabelece a partir da autoridade pedagógica na qual o professor tem consciência de suas limitações, trabalhando no sentido de superação da autoridade própria da condição profissional (ZUIN, 2008, p. 37).

Segundo Gadotti (1999, p. 2), o educador, para pôr em prática o diálogo, não deve se colocar na posição de detentor do saber, deve antes se colocar na posição de quem não sabe tudo. Dessa forma, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula.

O professor não deve se preocupar somente com o conhecimento por meio da absorção de informações, mas também mediante o processo de construção da cidadania do aluno.

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade. (ABREU; MASETTO, 1990, p. 115).

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Apesar da importância da existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor (SIQUEIRA, 2015, p. 1).

A qualidade da relação professor-aluno na educação superior não depende somente do professor e do aluno, depende também de todo o contexto didático, técnico, pedagógico e institucional. Para isso há também a necessidade de compreender o cotidiano universitário.

A relação professor-aluno na educação superior está sujeita a normas e escolhas pedagógicas, como objetivos dos alunos, dos professores e do curso.

Para Mello (2013), a aprendizagem está associada a fatores que vão além do ensinar, de ampliar metodologias; para ele o afeto é determinante para o processo de aprendizagem.

Segundo Muller (2002), o ensino e a aprendizagem estão na relação entre professor e aluno, mesmo se submetendo a regras, prazos e objetivos; a interação entre ambos se transforma no ponto central do processo de ensino e aprendizagem.

A disciplina e o equilíbrio devem ser mantidos entre o professor e o aluno para que o aprendizado não seja prejudicado; o professor deve estar atento para que certas situações não fujam de seu controle, deve utilizar liderança controlando-a para não inibir a criatividade dos alunos.

Segundo Freire (1999), a educação constitui-se de relações interativas entre professores e alunos, a qualidade dessa relação influencia no processo de ensino e aprendizagem. Para Freire, “a afetividade é um compromisso a ser selado entre professor e aluno, não comprometendo seu dever enquanto profissional.”

A prática pedagógica não se faz somente com ciência e técnica, a educação envolve a construção da alteridade, os diálogos são importantes, a construção de laços de afetividade entre professores e alunos favorece a harmonia no processo educativo [...] “Para pôr em prática o diálogo, o educador deve colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo.” (GADOTTI, 1999, p. 69).

Os laços afetivos são importantes e constituem a interação professor-aluno, esses laços são necessários para a aprendizagem e não dependem da definição social do papel escolar ou de um maior número de teorias pedagógicas.

Segundo Aquino (1996), esses laços são muito importantes a ponto de estabelecerem posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e a conteúdos.

Para Freire (1999), o ensinar exige rigorosidade metódica à exigência ética, permeia toda a atividade educativa, corresponde ao compromisso ético e afetivo com o educando como ser histórico que compõe um conhecimento.

Ainda segundo o autor supracitado, a ultrapassagem do senso comum exige uma atitude afetiva de respeito e qualificação da experiência do educando, e o cuidado e o desafio à sua capacidade criadora por meio da consciência crítica. “Pensar certo implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação. Implica o compromisso do educador com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente.” (FREIRE, 1999, p. 32-33).

Os laços afetivos são importantes e constituem a interação professor-aluno, esses laços são necessários para a aprendizagem e não dependem da definição social do papel escolar ou de um maior número de teorias pedagógicas.

Segundo Fernandez (1991), aprendizado acontece quando há duas pessoas, e para que isso ocorra, o aprendiz tem que adquirir confiança, é preciso que desenvolva um vínculo de afetividade com o que ensina; se não houver esse vínculo entre ambos nada se aprende.

De acordo com Freire (1999), ensinar precisa de ética, e a ética emerge da mais profunda experiência afetiva com o outro. Assim, a vivência afetiva é a raiz da ética, e também a base estrutural do pensar certo, é a fonte que nutre a inteligência afetiva, o conhecimento racional é diretamente ligado ao nosso instinto afetivo, às emoções e aos sentimentos de atração, empatia.

O ensinar exige a aceitação do novo e a rejeição a qualquer forma de discriminação. Essa abordagem está cheia das dimensões afetivas do comprometimento ético do professor com seus alunos.

O pensar certo tem como própria a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo é uma atitude nutritiva e afetiva, mais profundamente ativa do que o falar (FREIRE, 1999).

Segundo Freire (1999), não há pensar certo sem entendimento, e não há entendimento sem ser uma construção coparticipada. Nessa questão entra novamente o processo afetivo de qualificação do aluno pela valorização da sua experiência e dos seus conhecimentos.

De acordo com os autores já citados, a afetividade constitui-se como facilitadora no processo de ensino e aprendizagem, é de extrema importância desenvolver esse vínculo na relação professor-aluno.

Para Cunha (2008), educar não é apenas transmitir conhecimentos, mas também dar oportunidade para o aluno aprender; para isso, devemos buscar outros meios para que o aluno tenha o prazer de estudar, o afeto é uma importante ferramenta no auxílio do professor.

O primeiro caminho para a conquista do aprendiz é o afeto, ele é um facilitador para a educação. O afeto pode agir muitas vezes em lugares em que estão fechadas as possibilidades acadêmicas (CUNHA, 2008, p. 51).

É por meio da interação afetiva do aluno com o professor e seus colegas de classe que ocorre a troca de informações, e mediante o diálogo que o aluno vai se desenvolver intelectualmente na interação das atividades (SALTINI, 2008).

Se professores e alunos mantêm um bom relacionamento em sala de aula, o aprendizado se torna mais eficiente e passa a ter um maior desenvolvimento de ambas as partes.

Há certas atitudes dos professores que incidem na relação professor-aluno, por isso há necessidade de uma formação continuada.

O exercício da docência é complexo, exige dos profissionais formação e conhecimento sobre as formas de desenvolvimento da ação docente, é necessária a busca de saberes e competências. “Sabemos que não basta graduar-se e exercer determinada profissão para estar habilitado a ensinar.” (BASÍLIO, 2010, p. 16).

O professor precisa buscar informações sobre a importância e a pertinência para os propósitos educacionais do curso, deve estabelecer uma boa compreensão sobre sua função.

Se surgirem dúvidas, tem que buscar recursos para esclarecê-las, é preciso estar ciente de seus propósitos e papéis, deve ter sempre em mente que o diálogo com os seus alunos é a melhor resposta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa revisão bibliográfica objetivou contribuir com a compreensão do processo de ensino e aprendizagem, com ênfase na relação professor-aluno.

A aprendizagem é adquirida desde o momento em que o indivíduo nasce e permanece durante toda a vida, ela ocorre por meio das interações sociais, por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros.

A aprendizagem é o resultado da experiência, é a aquisição de novos conhecimentos, se a reciprocidade entre professor e aluno for positiva, gera bons resultados; o professor deve estar ciente da influência que exerce na vida do aluno.

Para que ocorra um bom aprendizado é necessário que exista um bom relacionamento entre professor e aluno, o professor deve conhecer as particularidades dos alunos, cada um aprende de diferentes maneiras.

O professor deve ser reflexivo, estar apto a refletir sobre seu modo de ensinar, sobre sua prática em sala de aula.

O professor não é aquele que sabe tudo, mas pode construir um processo que leva aprendizagem com seu aluno, considera-se que a partir dessa troca gera-se um vínculo de amizade, proporcionando a vontade de aprender e ensinar.

Neste artigo ressaltou-se a importância da relação professor-aluno, destacando que é fundamental no processo educativo o papel do professor como incentivador e encorajador do aluno para despertar a vontade de aprender.

O docente deve estar preparado para as situações que compreendam as demandas exigidas e que garantam a eficácia do seu papel como educador; precisa conhecer seus propósitos, buscar novos saberes, é necessário que desenvolva um olhar mais humano em relação à questão de aprender e de ensinar.

É de extrema importância considerar a relação entre professor e aluno; no processo de ensino e aprendizagem a relação de empatia com os alunos, a capacidade de ouvir, de refletir e de discutir melhora a compreensão deles e incentiva sua participação em sala de aula.

Compreende-se que a qualidade de ensino na instituição não depende exclusivamente da vontade do professor. É necessária a participação conjunta da instituição de ensino.

Ressalta-se também a importância do afeto na relação professor-aluno. Os laços afetivos constituem a interação entre eles e não dependem da definição social do papel escolar ou de um maior número de teorias pedagógicas.

O professor deve estar apto a reflexões, de uma forma continuada, sobre sua prática educativa e pedagógica; por meio dessas reflexões pode-se, muitas vezes, encontrar respostas e soluções para os problemas que surgem no cotidiano educacional, que podem resultar em benefícios para a relação professor-aluno.

Pelo o que foi observado neste estudo bibliográfico, a relação professor-aluno deve ser trabalhada, os conflitos da relação humana devem ser desenrolados, a aula não deve ser considerada apenas uma transmissão de conhecimentos, deve haver também a preocupação com o conteúdo emocional e afetivo que se faz presente na relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: Editores Associados, 1990.

ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

AQUINO, J. G. **A relação professor-aluno: do pedagógico institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

BASÍLIO, V. H. **A Prática no Ensino Superior: O Desafio de tornar-se professor**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Piauí, Teresina, 2010.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Pearson Education, 2001.

- CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- CUNHA, M. I. **Aula universitária: inovação e pesquisa**. In: LEITE, D. B. C.; MOROSINI, M. (Org.). Universidade futurante. Campinas: Papirus, 1997.
- DEMO, P. **Sociologia da educação**. Brasília, DF: Plano, 2004.
- FERNANDEZ, A. **A Inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MASETTO, M. T. **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 2002.
- MELLO, T.; RUBIO, J. A. S. A Importância da Afetividade na Relação Professor-Aluno no Processo de Ensino-Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.facsaooroque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- MULLER, L. S. A Interação Professor-Aluno no Processo Educativo. **Integração Ensino-Pesquisa-Extensão**, Universidade de São Judas Tadeu, ano 8, n. 31, nov. 2002. Disponível em: <http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- PIMENTA, S. G. (Org.). **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez. 2002.
- POLLACK, R. **Signos da vida. A linguagem e os significados do ADN**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- SIQUEIRA, D. C. T. **Relação professor e aluno: uma revisão crítica**. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, 2015.
- VEIGA, I. P. A. **Docência como atividade profissional**. In: VEIGA, I. P. A.; D'AVILA, C. (Org.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. 2. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente**. 5 ed. Paulo: Martins Fontes, 1978.
- ZABALSA, M. **Formação do docente Universitário**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ZITKOSKI, J. J.; MORIGI, V. **Experiências Emancipatórias e Educação**. Porto Alegre: Corago, 2013.
- ZUIN, A. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 2008.

A TENDÊNCIA ATUALIZANTE DOS EDUCANDOS EM LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM

Sidinei Farias¹

RESUMO

Neste estudo teve-se como tema a tendência atualizante dos educandos em laboratório de aprendizagem e propõe-se investigar práticas humanistas não diretivas em anos iniciais do Ensino Fundamental por meio do desenvolvimento de projetos que colaborem no processo de ensino-aprendizagem e na ressignificação de experiências. Além disso, neste trabalho trata-se a respeito do surgimento da abordagem centrada na pessoa, com suas principais características de aplicabilidade. Posteriormente, discute-se como a escola Lassalista, via projeto, pode obter posturas humanistas não diretivas oriundas dessa abordagem para desenvolver educandos com dificuldades de aprendizagem. Diversas referências bibliográficas de autores como Rogers (1977), Farias (2016) e Tassinari (2011) foram utilizados para o estudo em causa, além de documentos como a Proposta Educativa Lassalista-Projeto Político-Pedagógico (2004) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96. A pesquisa justifica-se por maior divulgação do pluralismo de vertentes, vinculado à expansão da terceira força humanista, no Oeste Catarinense e em Universidades daquela região que possuem graduação em Psicologia. Ademais, fomenta a inclusão com práticas mais qualificadas e a garantia dos direitos humanos universais. A pesquisa revelou que a psicologia humanista, fundada por Carl Rogers, provoca a sociedade ao defender uma educação acessível e não diretiva, como principal caminho de emancipação da pessoa, embasada em uma antropologia global que acredita na otimização da pessoa humana. Os sistemas de ensino podem reaprender a olhar de forma abrangente o corpo discente e perceber que as correntes psicológicas de caráter humanista lutam por educação mais humanitária e emancipação de habilidades e competências para que a inclusão escolar e a cidadania melhor se efetuem.

Palavras-chave: Psicologia humanista. Projeto escolar. Aprendizagem. Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia foi oficializada como ciência em 1789 na Alemanha, e certificada somente em 1962 no Brasil. Apesar de recente, postula uma gama de terapias e técnicas que, reconhecida ou não, e de modo consistente, evita fazer julgamento de valor sobre o que o cliente fez, está fazendo ou fará. Nesse arcabouço, converge a denominada psicologia humanista com destaque a Carl Rogers, enfoque deste artigo. A pesquisa partiu do seguinte problema: o que é Psicologia Humanista para Rogers? Quais legados essa corrente, nominalmente conhecida na literatura científica como experiência não diretiva, trouxe para o desenvolvimento da Educação que converge com a Psicologia?

A relevância deste trabalho se pautou na expansão dessa abordagem, sobretudo no Extremo-Oeste catarinense, mais precisamente na Universidade do Oeste de Santa Catarina, que a contempla como uma das linhas norteadoras da matriz curricular do Curso de Psicologia. Vários profissionais, ao se formarem, tem buscado especialização clínica nessa abordagem para aperfeiçoarem a compreensão do comportamento humano e a subjetividade de maneira humanizada, menos cartesiana e mais sistêmica. Gradativamente, percebe-se ainda uma conquista dessa concepção nos espaços escolares, como complemento às abordagens pedagógicas menos diretivas, diante das competências e habilidades necessárias para a Educação do século XXI, enaltecidas pela Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; fariaspedagogo@hotmail.com

(Unesco) e pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Além disso, os recentes estudos nessa linha, para produção de conhecimento interdisciplinar e evolução da humanidade, com a maior consolidação da Psicologia como Ciência, justificam a importância desse conciso estudo com a escola.

O objetivo geral com este estudo foi descrever propostas para a atualização do ser humano em projetos escolares, e os específicos propõem-se a caracterizar a abordagem centrada na pessoa e a exemplificar o trabalho humanista no Laboratório de aprendizagem.

A pesquisa provém de estudos e experiência facilitadores do Laboratório de Aprendizagem na Cidade de São Miguel do Oeste, SC, entre 2014 e 2016, um projeto que media crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental com dificuldades “de” e “na” aprendizagem. O desenvolvimento é impulsionado por uma mediação que facilita o potencial de desenvolvimento de cada criança para o acompanhamento dos componentes curriculares e também para a ressignificação de experiências humanas. A pesquisa consiste em um relato trienal de experiências e fundamenta-se em bibliografias, isto é, livros, artigos e revistas científicas contemplando autores como Carl Rogers a fim de fundamentar as práticas psicopedagógicas mediadoras para o êxito do processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento do ser humano.

2 CARL ROGERS: VIDA E OBRAS

Carl Rogers (1902-1987) nasceu em Ilionis, Estados Unidos da América (USA), obteve uma infância isolada e era oriundo de família cristã. Tornou-se liderança religiosa como pastor e posteriormente abandonou sua carreira eclesiológica. Contudo, consagrou-se à Psicologia e à Psiquiatria, gestando uma abordagem revolucionária para a centralidade na pessoa. Essa sua escolha justifica-se principalmente pelo conturbado contexto de pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945) estadunidense, que clamava pelo reerguimento sociocultural e otimismo humano em oposição à psicanálise (SCHULTZ; DUANE, 2009).

Um de seus primeiros trabalhos voltados à Psicologia foi no Centro de Educação Infantil de seu país com infantes que sofriam abusos e maus-tratos. Fundou um Centro de Aconselhamento na Universidade de Chicago, além de começar suas observações acentuadas em pessoas para desenvolver teorias sobre personalidade e prática terapêutica, que mais tarde denominou Terapia Centrada no Cliente. Gradativamente foi democratizando a Psicologia com um viés mais social.

Obteve experiências expoentes com educandos e acadêmicos, mas recebia diversas críticas institucionalistas pela sua postura diferenciada de ensino, com divergência sobre os direitos estudantis. Embora não fosse pedagogo, obteve influência educacional de John Dewey e legou uma proposta de aprendizagem significativa, na qual o educando deve ser visto em sua totalidade, além de ser o centro no processo de ensino-aprendizagem, diante da postura magistocêntrica exacerbada daquela época.

Consolidou suas ideias por meio das inúmeras publicações apresentadas em livros e artigos científicos. Entre os livros, em suas publicações originais, destacam-se: O Tratamento Clínico da Criança Problema (1939), Terapia Centrada no Cliente (1951), Tornar-se Pessoa (1961) e Um Jeito de Ser (1980). O norte-americano totalizou 16 livros publicados, ultrapassando 200 artigos escritos sobre a atualização e o amadurecimento da personalidade, na descoberta do Eu e no crescimento pessoal. Seu trabalho, sobretudo com grupo, centrado em mediação de conflitos e na crença de que este trabalho estaria ajudando a sociedade na busca pela paz, fez com que ele tivesse seu nome indicado para o Prêmio Nobel da Paz no ano 1987. Enfim, uma personalidade pioneira que democratizou a psicologia para além de uma atuação meramente clínica.

3 A PSICOLOGIA HUMANISTA: CONTEXTO HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

A Psicologia Humanista surgiu na década de 1930 e ganhou força nos anos 1960 e 1970, como uma reação às ideias de análise apenas do comportamento, defendidas pelo behaviorismo ortodoxo que aceitava a ideia do ser humano como máquina ou animal, e do enfoque no inconsciente defendido pela psicanálise.

Ela é compreendida como uma abordagem que enfatiza a pessoa toda e seu escopo para a mudança. Os humanistas rejeitam a abordagem reducionista de muitos pesquisadores, a qual vê a ação humana simplesmente como coleção de mecanismos separados, como se posicionam contra a desumanização e a objetivação do comportamento humano, produzidas por investigações triviais em laboratório e atitudes behavioristas na Psicologia. Ao contrário, eles defendem a tese de que os psicólogos devem atentar mais para a pessoa toda, englobando atitudes, valores e respostas a situações sociais, inclusive os experimentos. Segundo eles, o esforço de estudar as pessoas de uma forma fragmentada consiste em ignorar a essência do que é o ser humano (STRATON; HAYES, 2009).

Essa linha tem como um dos principais teóricos Abraham Maslow, que acreditava na tendência inata que cada pessoa traz em si para se tornar autorrealizadora, onde esse nível seria o mais alto da existência humana. Outras sumidades também gestaram linhas provenientes da vertente humanista, entre eles, Carl Rogers, que concebeu a teoria Abordagem Centrada na Pessoa. Entretanto, antes de essa teoria ser denominada assim, houve diversas denominações, por exemplo, Psicoterapia Não Diretiva ou Aconselhamento Não Diretivo e Terapia Centrada na Cliente. Cada nome foi uma pré-concisão de diversas fases que esse autor estudava, construía e aperfeiçoava no seu trabalho ao longo da vida, as quais não serão detalhadas nesta pesquisa.

4 A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UMA TEORIA DAS RELAÇÕES HUMANAS

Durante o seu percurso, Carl Rogers convenceu-se de que as próprias pessoas devem dar rumo às suas vidas, e que elas mesmas teriam a capacidade consciente e racionalmente de mudar seus pensamentos e comportamentos, do indesejável para o desejável (SCHULTZ; DUANE, 2009). Com essa visão, ele consolida a Abordagem Centrada na Pessoa a fim de promover relações interpessoais autônomas e consequentemente humanizadas. Tal consolidação tem como pressuposto filosófico a Fenomenologia e o Existencialismo do filósofo francês Jean-Paul Sartre.

O Psicólogo norte-americano sugere o desenvolvimento de três principais atitudes ao profissional que clinica nessa abordagem. Uma delas é a aceitação positiva incondicional, ou seja, aceitar como é o cliente. A outra atitude seria a empatia que consiste na capacidade de entender e/ou colocar-se no lugar do outro. Além disso, a congruência que estabelece a importância de se sentir bem para conseguir atender com êxito a pessoa (TASSINARI et al., 2011).

A abordagem rogeriana elenca “uma aceitação calorosa de cada aspecto da experiência do Cliente.” (WOOD et al. 2008, p. 149). Não há sentimentos que não possam ser expressos e “isto significa um cuidado com o cliente, mas não de forma possessiva [...] implica numa forma de apreciar o cliente como uma pessoa individualizada.” (WOOD et al., 2008, p. 150).

Resumindo, é acolher e sentir que ele apresenta um jeito próprio de ser, com escolhas e caminhos singulares. O foco é o indivíduo e não o problema, e isso faz toda a diferença, pois muitas linhas se focam no problema e/ou fragmentações e esquecem o restante da subjetividade otimista do homem. Logo, “O objetivo não é resolver um problema particular, mas auxiliar o indivíduo a crescer, de modo que possa enfrentar o problema presente e os posteriores de uma maneira mais bem integrada.” (ROGERS, 1977, p. 6).

5 O LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM: UMA ATUALIZAÇÃO DE PESSOA

As escolas são desafiadas ao longo de seu percurso a reconfigurarem suas características para um ensino que contemple cada educando dentro de suas peculiaridades. A dificuldade e a deficiência, relacionadas ou não à aprendizagem, foram tratadas e representadas socialmente de diferentes maneiras ao longo da história. Atualmente as organizações de ensino regular, ao acolherem o estudante especial, incorporam a ideia de que a inclusão é um movimento orientado a partir das legislações nacionais e internacionais como a Declaração de Salamanca e as Diretrizes Curriculares Nacionais que visam melhorar as respostas educativas para todos, além disso, têm o dever de se preocupar com a remoção das barreiras de aprendizagem e participação (CARVALHO, 2006).

Para essa proposta que o autor menciona, as Diretrizes Curriculares Nacionais, no que se refere à Educação Especial, no seu artigo 29, abordam que esta deve ser prevista no projeto político-pedagógico da unidade escolar (BRASIL, 1996). Logo, o atendimento educacional especializado, complementar ou suplementar, oferta-se em salas de recursos multifuncionais, espaços que têm por objetivo, segundo a Portaria Normativa n. 13, de 24 de abril de 2007, no Art. 1º, [...] apoiar os sistemas públicos de ensino na organização e oferta do atendimento educacional especializado e contribuir para o fortalecimento do processo de inclusão educacional nas classes comuns de ensino.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2007). Dessa maneira, o ambiente deve contemplar, na concepção dessa normativa, em seu parágrafo único: “[...] equipamentos de informática, ajudas técnicas, materiais pedagógicos e mobiliários adaptados, para atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2007).

Buscando alternativas de inclusão convergentes às legislações em vigor, algumas escolas da Rede La Salle vêm implantando o laboratório de aprendizagem, uma proposta que integra o projeto político-pedagógico, mais conhecido como plano global das escolas lassalistas, entre elas a de Sapucaia do Sul, RS e a de São Miguel do Oeste, SC. Enquanto na sala de recursos há uma equipe multidisciplinar que pensa e executa um currículo adaptado aos alunos especiais e àqueles que possuem alguma dificuldade “de” e “na” aprendizagem, conforme diagnóstico, no laboratório há um profissional da educação especializado, geralmente um pedagogo que recorre, sempre que precisar, a outros profissionais para efetuar o trabalho escolar a fim de garantir oportunidades para desenvolver ferramentas e junções cognitivas (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2015).

Para a construção dos recursos da tecnologia assistiva, a fim de contribuir ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência, são consultados os terapeutas ocupacionais, haja vista que é uma área que o pedagogo pouco domina, mas que precisa incrementar no laboratório. Nessa perspectiva é um local que oferece atividade paralela à sala de aula, ou seja, um projeto da escola que visa um apoio pedagógico qualificador ao educando, visando maior foco e desenvolvimento de competências no processo de ensino-aprendizagem (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2015).

No laboratório, sob docência de um pedagogo, acontecem as revisões de conteúdos vigentes e supressão de dúvidas. Ademais, trabalha-se com arte, manualidades, jogos, brincadeiras, etc. Em outras palavras, diante da dificuldade e necessidade de cada um, buscam-se, por meio da diversidade metodológica, alternativas criativas e abrangentes de desenvolvimento e aprendizagem (PROVÍNCIA LA SALLE BRASIL-CHILE, 2015). Dessa forma, a proposta substitui e transforma concretamente ao que se chamava de reforço escolar, nomenclatura questionada pelos críticos da Educação em que soa como aluno defasado, que não aprende e que precisa que alguém venha e dê reforço. É um termo que se estudar a Pedagogia Tecnista e Tradicional, faz refletir sobre uma outra forma de concepção de escola e educando não

mais cabível ao século XXI (CARDOSO, 1995). Reforço, revestir algo que está fraco, em que os próprios pais comentam e se sentem incomodados quando se fala esse termo ultrapassado. Aliás, algo bem importante é evitar termos e nomenclaturas que reforcem preconceito (portador, deficiente, mongoloide) e aspectos negativos. Evidentemente, não é apenas alterando palavras que se altera todo um quadro de segregação existente; não se trata apenas de um problema verbal, mas também estrutural, pois a própria sociedade está organizada de forma necessariamente excludente e clama por posturas mais humanistas.

6 A OTIMIZAÇÃO PEDAGÓGICA HUMANISTA

O trabalho do laboratório de aprendizagem deve ser construído em alguma abordagem na qual o profissional acredite a partir de sua visão de mundo e ser humano. Portanto, nas escolas supracitadas anteriormente que possuem o projeto de inclusão denominado laboratório de aprendizagem, o profissional contratado busca seguir a linha da psicologia humanista para atendimento deste trabalho.

A seguir será apresentado, segundo Farias (2016), um exemplo organizado em nove itens de como seria a abordagem rogeriana de uma criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e também outras dificuldades para o processo de letramento e alfabetização no laboratório de aprendizagem com crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental. Em outras palavras, ilustra-se uma estratégia comumente utilizada do psicólogo e do pedagogo a fim de desenvolver o trabalho em uma perspectiva humanista de Rogers para a atualização.

- a) Estimular o educando em alguma atividade de marcenaria, pintura e tecelagem a fim de que gradativamente se expresse mais, busque centralidade e amplie sua relação com o profissional. O profissional no laboratório é um facilitador e o cliente vai desenvolvendo o processo sem impor;
- b) Na postura de facilitador, vai anexando nesse trabalho o processo de escrita a ser adquirido. Podem-se trabalhar as letras de forma artística e com psicomotricidade. Envolver movimentos físicos e lúdicos, que configurem a estrutura das letras;
- c) O facilitador motiva o educando por meio de músicas e parlendas que o animem com o objetivo de que a relação e a aprendizagem se tornem prazerosas e significativas;
- d) O profissional reorganiza e implanta no laboratório didáticas e metodologias com propostas de alfabetização mais incentivadoras, a partir da intervenção ocupacional que vai aplicando e ao observar o nível de dificuldade “de” e “na” aprendizagem;
- e) O educador valoriza as características próprias de cada cliente e potencializa isso para a aprendizagem e o desenvolvimento;
- f) O mediador não é autoritário, mas facilitador, estabelece relações afetivas sem causar dependências no cliente, pautadas na confiança e que gerem autonomia;
- g) O profissional está em constante autoavaliação de sua postura congruente enquanto profissional da educação, bem como avaliação de seu trabalho;
- h) Adapta e readapta recursos de tecnologia assistiva que fomentem formas alternativas de alfabetização para a ressignificação de experiências (cognitiva, social, cultural, física, etc.);
- i) Ciente, conforme mencionava Carl Rogers, de que somente pessoas é que desenvolvem pessoas, o profissional de laboratório compreende que ele e seu cliente são as principais ferramentas que se automeciam.

Paralelo a esses itens que não se esgotam, mas que facilitam e impulsionam a atualização do educando, o projeto também se otimiza ao convergir antropologicamente com o Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI) também adotado no laboratório. Esse programa, composto por 14 instrumentos, é um apoio porque acredita na modificabilidade humana, segundo Feuerstein, Feuerstein e Falik (2014), ao modificar as crianças que voltaram dos campos de concentração nazista, segundo sua teoria, Modificabilidade Cognitiva Estrutural, consolidada em Israel e em demais continentes.

A postura humanista na escola, inspirada em Rogers, também é capaz de convergir e acolher outros autores e abordagens que acreditam no potencial do ser humano relacionado a um ambiente qualificador, mediador, facilitador, profissional e principalmente empático para que o educando aprenda de maneira respeitada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem humanista busca aperfeiçoar e tornar o homem mais humano. Rogers, seus sucessores e predecessores humanistas enfatizam um aspecto menos diretivo e não buscam definir a pessoa, mas apresentam um processo terapêutico facilitador ao qual o cliente consiga se conhecer por si só, “tomar-se nas mãos” e corresponsabilizando-se. Em outras palavras, muito mais que tratar problemas ou querer se omitir, faz-se importante ampliar os recursos no processo terapêutico para as relações horizontalizadas. Ademais, deixar de perceber o sujeito como problema, mas olhar o problema em sua globalidade e singularidade simultaneamente porque o todo é maior que as somas das partes. Carl deixa implícito em suas ideias que a principal dificuldade da humanidade está na forma como as relações humanas se estabelecem e somente pessoas podem desenvolver pessoas com o desafio da congruência. Frente a isso, ele provocou e provoca os tradicionais modelos clássicos da psicologia que não enfatizam essa possibilidade inovadora para o trabalho desafiador da subjetividade humana.

Desde a gênese, a psicologia humanista de Carl Rogers, na sua fidelidade criativa, quer provocar a sociedade ao defender uma educação acessível como principal caminho de emancipação da pessoa, embasada em uma antropologia global. Todo sistema de ensino pode olhar de forma abrangente a História da Educação e perceber que as correntes psicológicas de caráter humanista também lutam por educação mais humanitária e emancipação de habilidades e competências para que a inclusão se efetue.

O laboratório de aprendizagem, com os processos de inclusão que fomenta, provoca e desafia sistemas de ensinamentos reducionistas e técnicos que perduram, em um século marcado por tantas conquistas, domínios, e revoluções, sobretudo, tecnológicas que ainda se distanciam da singularidade humana e espiritual. A cultura ativista e massificadora que predomina parece desarticular o desenvolvimento humano atrelado ao materialismo reducionista com o sistema capitalista que foca a pessoa no “ter” em detrimento do “ser”. Portanto, uma psicologia humanista e uma pedagogia também humanista entrelaçadas, que busquem promover o educando, vocacionado a “ser mais”, tornam-se um bem necessário e urgente para que a pessoa viva com saúde e resiliência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

CARDOSO, C. **A canção da inteireza**: uma visão holística da educação. São Paulo: Summus, 1995.

CARVALHO, R. É. **Removendo barreiras da aprendizagem**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FARIAS, S. **Os processos de inclusão na pedagogia lassalista**. Brasília, DF: Instituto AVM Faculdade Integrada, 2016.

FEUERSTEIN, R.; FEUERSTEIN, R. S.; FALIK, L. H. **Além da inteligência: aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Normativa n. 13**, de 24 de abril de 2007. Brasília, DF: MEC, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/multifuncional.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CEB n. 2**, de 11 de setembro de 2001. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2001.

ROGERS, C. R.; KINGET, M. **Psicoterapia e relações humanas: teoria e prática da terapia não diretiva**. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

STRATTON, P.; HAYES, N. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

TASSINARI, M. A. et al. A inserção da abordagem centrada na pessoa no contexto da saúde. **Rev. NUFEN**, v. 3, n. 1, p. 183-199, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S217525912011000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 maio 2015.

WOOD, J. K. et al. (Org.). **Abordagem Centrada na Pessoa**. 4. ed. Vitória: Edufes, 2008.

ATIVIDADE PRINCIPAL, ATIVIDADE DE ESTUDO E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Leila Tombini¹

Fabiola Ortega²

RESUMO

Este trabalho busca identificar alguns conceitos básicos do desenvolvimento psíquico da criança na concepção da teoria Histórico-cultural. O estudo possui caráter teórico, por meio da revisão bibliográfica foi possível compreender conceitos importantes do desenvolvimento intelectual dos estudantes considerando alguns autores como Vigotski, Leontiev e Davidov. Após identificar a atividade principal em diferentes idades, chega-se até o momento em que a criança vai para a escola, a atividade de estudo passa a ser a atividade principal. Diante da mudança entre elas é importante destacar o papel do professor diante do avanço dos estudantes e por quais caminhos ele deve percorrer para amparar a descoberta do conhecimento e como fazer com que o estudante descubra o mundo pela via pedagógica. Diante de tal função, o professor mediador permite possibilidades para que o estudante seja capaz de pensar, criar por si só e estabelecer relações e generalizações, usando o conceito aprendido em outras áreas em sua vida prática ativo na construção de seu conhecimento. A mediação acontece entre o objeto e aquele que busca compreender, o professor, neste sentido, é parte fundamental na aquisição e construção de conceitos sobre o objeto. Seu discurso e atos estão carregados de intencionalidade e possibilitam a efetivação do conhecimento. É interessante que o professor conheça a visão apresentada pelos autores sobre concepção de desenvolvimento psíquico, e valorizar as relações existentes no ambiente educacional e social, visto que não há aprendizado fora das relações vividas, sendo assim, conseguirá promover e compreender em quais caminhos trilhar sua atuação pautada na construção omnilateral dos estudantes.

Palavras-chave: Atividade. Estudante. Mediação. Professor.

1 INTRODUÇÃO

Estudos e reflexões buscam compreender o desenvolvimento da mente humana e despertam o interesse em muitos estudiosos. Tenta-se explicar o funcionamento dos mecanismos psíquicos para que seja possível auxiliar o desenvolvimento da criança pela via pedagógica.

A organização do trabalho docente e as práticas escolares devem ser pautados de acordo com a concepção de formação de sujeito desejada. A profundidade do conhecimento adquirido pelos docentes é o que proporciona atividades de estudo elaboradas para o desvelamento do objeto. Nesse sentido, o docente mediador possui o conhecimento capaz de instigar a curiosidade nos alunos, deixando espaço para questionamentos, e viabiliza a busca da essência pela própria capacidade intelectual do aluno.

Na teoria histórico-cultural, os conceitos de atividade, atividade principal e atividade de estudo possuem grande peso para que o docente consiga planejar sua atuação com clareza nas possibilidades e desafios a serem cumpridos no espaço educativo.

A atividade acontece na vida da criança desde seu nascimento, já a atividade principal é aquela que regula sua passagem de uma fase para outra. Cada uma possui espaço especial na infância; é como uma escala gradativa até chegar na atividade escolar, quando assim for a necessidade social.

1 Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; leila.tombini@hotmail.com

2 Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; ortegafabi@yahoo.com.br

De acordo com a teoria histórico-cultural, o meio em que o indivíduo se desenvolve é determinante na sua formação, por esse motivo as vivências são valorizadas e estimuladas. O convívio fora da escola faz com que a criança adquira o conhecimento caótico; partindo deste, a função da instituição de ensino é elaborá-lo com a cientificidade, desvelar o objeto estudado, organizar conceitos e chegar à essência do conhecimento.

O desempenho das atividades escolares depende de fatores que foram se transformando ao longo do tempo de vida da criança, a brincadeira, por exemplo. Brincar é algo sério para os pequenos, eles brincam de verdade, isso é seu trabalho. Os adultos, que até esqueceram como o “faz de conta” acontece, podem acabar deixando de agregar a devida importância à atividade pré-escolar. Assim, compreender teoricamente as atividades realizadas pelos pequenos possibilitará a melhor atuação do professor mediador.

2 ATIVIDADE E ATIVIDADE PRINCIPAL

Transformar a natureza dos indivíduos ou fazer com que ela evolua por meio do conhecimento é uma ação complexa e conta com diversos mecanismos. Para que a transformação de fato ocorra é preciso ter clareza da lei geral do desenvolvimento, a qual, como o próprio nome faz referência, consiste na norma que gerencia a aquisição de conhecimento e transformação por meio da aprendizagem.

Em realidad, las investigaciones soviéticas contemporáneas muestran que los procesos psíquicos internos representan acciones ideales, en particular, mentales, formadas como reflejo de las acciones externas, materiales y que reciben su forma definitiva como resultado de consecutivas transformaciones y abreviaciones. La formación por etapas de las acciones, que las lleva a su conversión de externas, materiales, en internas, ideales, constituye el contenido fundamental del proceso de asimilación; la determinada organización de la actividad objetiva externa del alumno, que asegura tal transformación, es el principio fundamental por el que debe guiarse la dirección racional del proceso de estudio. (GALPERIN; ZAPORÓZHETS; ELKONIN, 1987, p. 302).

A aprendizagem acontece na relação com outras pessoas e objetos construídos pela humanidade, o que é externo ao sujeito é identificado como intersíquico e passa a ser intrapsíquico ao estabelecer contato com aquilo que o cerca; o conhecimento é resultado das relações. O que é concreto passa aos poucos a possuir representação mental, a formar objetos mentais.

O aprendizado e o desenvolvimento sempre foram alvo de estudos para importantes autores, como Piaget e Vigotski. Para Piaget, o desenvolvimento do pensamento da criança acontece de forma completamente independente do processo de aprendizagem. Para Vigotski (2001), a aprendizagem promove o desenvolvimento em um processo de interdependência, um alimentando o outro.

As transformações que ocorrem na vida psíquica da criança não acontecem de forma independente, elas estão relacionadas de acordo com cada estágio. Antes de ingressar na escola, as crianças já estão rodeadas de relações sociais que estimulam seu desenvolvimento. Ao adentrar o espaço escolar acontece formalmente o processo de ensino e acesso à consciência por meio da atividade.

A infância pré-escolar é o período da vida em que criança se relaciona com o mundo, produzindo algumas ações que são desenvolvidas de acordo com as pessoas em diversos ambientes sociais; essas relações determinarão como será sua relação com o resto do mundo. Geralmente essas pessoas são divididas em dois grupos: o primeiro é formado por pai e mãe, ou aquelas pessoas que ocupam esse lugar junto na vida da criança, e o segundo grupo é mais amplo, formado pelas demais pessoas que a cercam.

O desenvolvimento da atividade na criança vai depender de fatores reais de sua vida. A transição de um estágio do desenvolvimento para outro é caracterizada pela mudança de atividade principal. Define-se atividade, em sentido geral, como movimento das ações elementares e superiores na intenção de fazer alguma coisa. Há diferença entre as duas formas de atividade: “a atividade principal é então a

atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes da personalidade da criança, em um certo-estágio de seu desenvolvimento.” (LEONTIEV, 2001, p. 65).

Nem todos os processos podem ser denominados como atividade, apenas são assim designados os processos que “realizam as relações do homem com o mundo, satisfazem uma necessidade especial correspondente a ele.” (LEONTIEV, 2001, p. 68)

As condições históricas influenciam no estágio de desenvolvimento e também no processo de forma geral:

Assim, embora os estágios de desenvolvimento também se desdobrem ao longo do tempo de uma certa forma, seus limites de idade, todavia, dependem de seu conteúdo e este, por sua vez, é governado pelas condições históricas concretas nas quais ocorre o desenvolvimento da criança. Assim, não é a idade da criança que determina o conteúdo de estágio do desenvolvimento; os próprios limites de um estágio, pelo contrário, dependem de seu conteúdo e se alteram *pari passu* com a mudança das condições histórico-sociais. (LEONTIEV, 2001, p. 65, grifo do autor).

As condições em que a criança vive também determinarão qual atividade se tornará mais importante em cada estágio de desenvolvimento. Com o passar do tempo, as potencialidades se transformarão por meio da superação de um modo de vida para outro, algumas atividades perdem o sentido e a força estimuladora e são deixadas de lado, mas outras ganham maior espaço na vida da criança. Ocorre um avanço na psique infantil e uma reinterpretação das atividades anteriores. Para cada nova atividade principal há um novo estágio de desenvolvimento.

A atividade conta com meios e técnicas para sua realização, assim, definem-se elementos que a compõem: o motivo, a ação e a operação.

O motivo é definido pela necessidade de fazer alguma coisa, como compreender uma teoria ou ler um livro para prova. Ele pode ser elencado como interno (eficaz) ou externo (compreensível). Interno quando se faz a ação pelos próprios ideais, pela internalização da necessidade ou querer, e externo quando algo é imposto, colocado como verdadeiro, apenas repetido, mas sem sentido internalizado.

A ação consiste no uso da criação, atenção, memória, percepção, imaginação, etc. Estas são usadas para compor a atividade e mudam de acordo com a finalidade. Para conseguir executar as ações é preciso realizar uma operação.

O item operação é definido como “modo de executar um ato. Uma operação é o conteúdo necessário de qualquer ação, mas não é idêntico a ela.” (LEONTIEV, 2001, p. 74). A operação também pode ser definida como habilidade. Por exemplo: para brincar de cozinhar a operação usada (habilidade) será cortar os alimentos. Para cada ação se define a operação, para decorar (ação) é preciso ler (operação) muitas vezes, ou então posso escrever, repetindo as palavras para mim mesmo. Os dois conceitos andam juntos, pois algo, antes de ser operação, foi ação. Uma operação vai depender do objetivo a ser alcançado pela ação.

Desde o nascimento a atividade principal acontece, porém não é atividade de estudo, a troca entre uma e outra acontece quando a criança entra na escola. A necessidade de adquirir conhecimento científico ao ocupar uma nova posição faz com que as crianças assumam um papel socialmente construído e aprendam aquilo que foi construído historicamente.

As crianças se desenvolvem de forma gradativa, primeiro vem a apropriação da palavra e ocorre o desenvolvimento da memória e da imaginação que são usadas na brincadeira de papéis sociais (atividade pré-escolar), que é a base para o desenvolvimento do pensamento abstrato necessário para a atividade de estudo, quando a criança estiver com idade próxima aos sete anos. Quanto se amplia a linguagem, amplia-se também a imaginação. Se a criança for muito pequena, o objeto dado a ela não poderá ser usado de outra forma se não como o próprio objeto é em essência, à medida que se desenvolve

a autonomia das funções psíquicas há o desprendimento da coisa em si, um único objeto vai assumir diferentes papéis além da essência, e isso somente acontece quando a imaginação estiver avançada, juntamente com a linguagem.

Caso o desenrolar das etapas não aconteça de forma efetiva ou sofra cortes no seu decorrer, o problema surgirá no aprendizado da fase escolar, pois consiste no entrelaçamento das relações vividas, e a brincadeira possui uma posição essencial na vida da criança, é seu trabalho, é o mecanismo principal para seu desenvolvimento. Surgirão necessidades específicas que conduzem diretamente à brincadeira. A busca pelo não realizável será o ponto principal da brincadeira. A criança observa a realidade vivida e vai colocar isso na sua representação, é a forma encontrada de tentar ser aquilo que ainda não pode, é a realização do irrealizável naquele momento.

A composição da brincadeira é feita por regras, e o comportamento deve ser de acordo com aquilo que é estabelecido para aqueles que estão participando. Além das regras, a brincadeira está ligada às situações reais vividas. Ela não se submete ao impulso imediato, Mas às regras, recusa seu impulso imediato em nome da satisfação máxima, e o próprio cumprimento da regra gera o sentimento de satisfação. Se não houver regras a brincadeira não tem sentido, a regra é o objetivo da brincadeira, quando mais difíceis elas são, maior será a satisfação.

A brincadeira cria na criança a zona de desenvolvimento iminente, o que significa que ela vai se comportar acima de sua capacidade real, acima de sua idade. Por meio da imaginação haverá atenção voluntária e formação de uma nova forma de vida, com motivos diferentes, elevando seu desenvolvimento e formando suas funções psíquicas superiores.

Por meio da brincadeira a criança adquire consciência de seus atos e atribui significado aos objetos; o pensamento imaginário é precursor do pensamento abstrato. Ocorre uma nova relação no campo semântico, a situação pensada e a situação real.

Na idade escolar algumas brincadeiras antes realizadas na idade pré-escolar mudarão, mas não se apagarão, elas serão misturadas com a realidade. O significado das ações acaba mudando, há interesse em novas atitudes e outras acabam perdendo a validade. Ao adentrar o ambiente escolar, as crianças são colocadas diante de uma nova forma de atividade, a atividade de estudo.

É importante que essas atividades busquem o trabalho criador o mais cedo possível, incluindo o caráter problemático para assegurar a transmissão da experiência criadora como elemento principal, podendo ser apoiada na autonomia em resolver tarefas. O conjunto de ensino estará dirigido ao desenvolvimento de sua personalidade. Com a realização da atividade é possível promover o pensamento autônomo e criador, e o resultado pode ser ainda melhor quando ocorrerem interações entre os estudantes. A troca de experiências favorece a assimilação de conhecimentos e habilidades.

O conhecimento surge a partir da atividade, em relação a ela entrelaçada com a reflexão. É com a atividade de estudo que os alunos conseguem abstrair o mundo para a consciência, fazer reflexões e compreender a realidade.

3 ATIVIDADE DE ESTUDO E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

A relação atividade de estudo como processo de assimilação do conhecimento e reflexão precisa da ajuda de um professor, um mediador que auxiliará no entendimento do objeto, mediando abstrações do pensamento do geral para o específico, considerando que existem várias particularidades que formam a unidade, o concreto real. Quando auxiliado, o pensamento avança ainda mais, é por meio dele que os estudantes podem ir além da aparência, buscando encontrar a essência do objeto científico, e o real vai sendo construído na consciência do estudante.

O conhecimento não é passado para os alunos de forma pronta e terminada, ele deve ser transmitido para que eles usem a autonomia e a criatividade que foi desenvolvida com as atividades de estudo e habilidades na solução autônoma das tarefas. O processo de aprendizado precisa ser pensando pelo professor, as atividades devem ser dirigidas com um determinado propósito, de buscar, distinguir e descobrir a relação de um objeto real. Nem todas as ações realizadas podem ser chamadas de atividade de estudo, apenas aquelas que fazem a relação universal de certo objeto e promovem a análise mental para compreendê-lo.

Mesmo o professor conhecendo as teorias que permeiam a atividade escolar e seguindo-as, não é garantido que o processo de ensino ocorrerá de forma regular para todos os estudantes. Para cada aluno a relação de estudo possui diferentes afetos. Os acontecimentos externos à escola também influenciam o andamento do aprendizado, não há como negar a importância do ambiente social vivido no desenvolvimento das funções mentais. O conjunto de fatores favoráveis ao desenvolvimento é necessário para o andamento da apropriação do aprendizado.

A atividade transforma as funções elementares em superiores, como imaginação, memória, percepção, atenção e pensamento, tornando-se voluntárias. Enquanto atividade pré-escolar, a brincadeira de papéis sociais se encarrega da função, atua em especial na linguagem e na imaginação, que são funções essenciais para alcançar a atividade de estudo quando assim for a necessidade social. Sem as funções desenvolvidas o rendimento educacional não será o desejado em razão de falhas na formação desses mecanismos. A linguagem é uma forma de dizer quando as funções evoluíram para superiores.

Quando a criança se torna aluno, adentra o espaço escolar, sua atividade principal é a atividade de estudo, e o mundo será descoberto pela via pedagógica. A intenção escolar é desenvolver o estudante omnilateral na plena forma de conhecimento. O que será aprendido nessa fase escolar é identificado como conhecimento teórico, formado pelas diversas formas de conhecimento, como arte, ciência e cultura de forma geral. Esse ponto é a forma mais desenvolvida da consciência que a humanidade conseguiu alcançar, assim, a função da escola consiste em desenvolver o conhecimento teórico, consciente das especificidades das crianças, sendo elas sujeitos que reproduzem e aprendem e são produtoras de cultura.

A atividade de estudo buscará, neste momento, fazer com que as próprias crianças operem como o cientista fez para produzir ciência. Para isso, elas precisam se apropriar do conhecimento de forma que não seja a memorização e usar o pensamento e a capacidade psíquica para modelar o objeto na mente.

Pode-se afirmar que por meio da atividade prática se desenvolve o pensamento, é de suma importância que ele esteja em movimento para que possa se desenvolver, o real trabalho acontece na execução dele, visto que somente se aprende a ler no ato prático da leitura. A atividade prática é também pensar sobre, não apenas coisas que se possa manusear, coisas palpáveis, mas a produção do pensamento sobre o objeto.

A estrutura do pensamento conta com algumas formas organizacionais compostas pelo concreto caótico, que é definido pelo saber simplificado das coisas, este evolui para o conhecimento específico, que são saberes refinados e aprimorados sobre determinado objeto de estudo. A passagem de um ponto para outro é possível pela mediação, elemento primordial para a elevação da forma de compreender o que é estudado, identificando o que não é instantaneamente percebido.

A atividade de estudo possui como ponto de partida o concreto caótico (tácito, empírico, cotidiano), passa pelo processo de abstração (mediação) e é definido pela busca da essência saindo da aparência, é conhecer de forma aprofundada conceitos envolvidos no objeto. Depois da abstração o resultado será o concreto pensado, saiu da visão geral e chegou ao particular, compondo, assim, a atividade de estudo plena. Usar a mesma forma na criança como o pesquisador fez para produzir o conceito é a ideia de partir do caótico para o concreto pensado.

Considera-se que existe avanço psíquico por meio da atividade de estudo, assim, é de suma importância a capacidade de abordagem e condução por parte do professor.

La enseñanza es el sistema de organización y los médios por los que se transmite al individuo la experiencia socialmente elaborada (em la escuela se diferencia habitualmente la enseñanza, o sea lo que hace el maestro, y el eprendizaje, es decir, lo que hace el alumno). Es eficiente aquella enseñanza que se adelanta, se orienta hacia el mañana del desarrollo. (GALPERIN; ZAPORÓZHETS; ELKONIN, 1987, p. 322).

O aprendizado na escola diferencia-se pela forma dada pelo professor ao adiantar o ensino, possibilitando avanço dos estudantes a cada etapa escolar. A mediação caracteriza-se por conduzir o estudante para que ele, com sua própria capacidade intelectual, seja capaz de desvelar aquilo que não está aparente. Não há apenas uma forma de chegar até a essência dos objetos de estudo, esse é o grande papel do professor mediador, usar o conhecimento pedagógico adquirido para melhor formular explicações e situações que promovam o aprendizado. Sem a experiência no campo prático, possuidora de sentido útil, não há, ou será mais doloroso, o aprendizado. O conhecimento efetivamente acontece por meio das experiências, no contato com o mundo e com o objeto.

No livro *A formação social da mente*, Vigotski (1991, p. 78-79) reforça a importância do trabalho docente no seguinte trecho:

Non negamos a possibilidade de se ensinar leitura e escrita às crianças em idade pré-escolar; pelo contrário, achamos desejável que crianças mais novas entrem para a escola, uma vez que já são capazes de ler e escrever. No entanto, o ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças. Se forem usadas apenas para escrever congratulações oficiais para os membros da diretoria da escola ou para qualquer pessoa que o professor julgar interessante (e sugerir claramente para as crianças) então o exercício da escrita passará a ser puramente mecânico e logo poderá entediá-las; suas atividades não se expressarão em sua escrita e suas personalidades não desabrocharão. A leitura e a escrita devem ser algo de que a criança necessite. Temos, aqui, o mais vívido exemplo da contradição básica que aparece no ensino da escrita, não somente na escola de Montessori, mas também na maioria das outras escolas; ou seja, a escrita é ensinada como uma habilidade motora e não como uma atividade cultural complexa. Portanto, ensinar a escrita nos anos pré-escolares impõe, necessariamente, uma segunda demanda: a escrita deve ser “relevante à vida” da mesma forma que requeremos uma aritmética “relevante”.

A forma com que o professor aborda e mostra a necessidade do aprendizado como a leitura e escrita no processo real é o que possibilita o despertar dos estudantes para aprender. Quando o professor proporciona o pensamento criador e o estimula, o processo de construção do conhecimento é beneficiado. Vale ressaltar que o professor precisa ter um filtro diplomático para ser coerente com suas práticas, pois, como afirma Vigotski, em alguns casos o que é interessante para o professor nem sempre possui o mesmo sentido para o aluno, no entanto se ele compreender a finalidade do objeto é possível o assunto ser instigante.

La formación de la actividad de estudio es la dirección, por el adulto (el maestro, el psicólogo experimentador, los padres) del proceso de formación de la actividad de estudio del escolar; la dirección plena del proceso de estudio siempre presupone: la elaboración y el perfeccionamiento em el escolar de cada componente de la actividad de estudio, de su interacción, la transmisión paulatina de componentes aislados de esta actividad al niño que los realice automáticamente sin ayuda del maestro, etc. (GALPERIN; ZAPORÓZHETS; ELKONIN, 1987, p. 325).

A atividade de estudo apenas terá resultado expressivo diante da direção promovida pelo professor de forma clara e direta, assim, um dos pontos para que isso seja possível está na utilização do método como um dos componentes da prática pedagógica para que o estudante consiga fazer generalizações.

Esse conceito consiste em usar a mesma ação em várias funções. Quando a criança aprende a somar, ela usará isso em outros lugares para as mais variadas necessidades ao longo da vida, não é preciso começar a compreender de forma inicial porque se tornou generalizado, porque houve o aprendizado verdadeiro. A generalização conta com a escola na função de operacionalizar os conceitos e possibilitar a expansão daquilo que foi aprendido na escola para ser usado fora dela.

Para que seja possível a transformação psíquica por meio da atividade de estudo a criança precisa da base orientadora da ação, que consiste em aprender para poder aprender, são os conhecimentos usados para conseguir aprender novas coisas partindo do que já possui, como uma escala de aprendizagem. Para cada ação existe uma base orientadora, a qual não é única para todas as atividades porque estas usam habilidades e conhecimentos diferentes. Quando a intenção é andar de bicicleta, a base usada é diferente de resolver cálculos matemáticos, porém algumas funções psíquicas superiores permeiam ambas as atividades, como a atenção voluntária que é necessária tanto para se equilibrar quanto para efetuar cálculos.

La etapa inicial de la asimilación consiste en revelar al niño las propiedades de la realidad, cuyo estudio constituye el contenido de cada área concreta del conocimiento, en formar la base orientadora de las acciones del pequeño en esta área. De lo correcta y completa que sea la base orientadora de la acción, que se forma desde el inicio mismo del proceso, depende en gran medida el éxito de toda la asimilación. (GALPERIN; ZAPORÓZHETS; ELKONIN, 1987, p. 307).

A base orientadora de ação depende que o processo de assimilação seja efetivado com êxito. A assimilação consiste em produzir em si as características da humanidade a partir de um conhecimento histórico, mudar a natureza própria de cada indivíduo, tornar seu, transformar a realidade interna. O desenvolvimento acontece pela assimilação, mas quando as ações acontecem apenas como hábito, elas não promovem o desenvolvimento psíquico, é preciso que a ação faça pensar para produzir seu objetivo. “*En el caso del hombre, el aprendizaje no transcurre por adaptación a las condiciones habidas de existencia, sino a través de la asimilación de la experiencia social, acumulada por las generalizaciones precedentes.*” (GALPERIN; ZAPORÓZHETS; ELKONIN, 1987, p. 300).

A assimilação é resultado do ensino, ensinar é a forma de organizar os meios como o professor transmite para o aluno as experiências que foram elaboradas pela humanidade, o ensino é a organização da transmissão do conhecimento que possibilita a assimilação e, conseqüentemente, a transformação das ações iniciais. Para que isso seja possível as atividades pedagógicas devem ser elaboradas e planejadas de acordo com métodos que possibilitem a aquisição do conhecimento e que se saiba como a aprendizagem de fato acontece com os alunos. Mais uma vez a função do professor é expressada em razão da grande importância de suas ações e discursos mediando o processo de aprendizado.

O que é assimilado pelo aluno do decorrer do ensino é usado fora dele em várias outras situações, porém na escola ela possui caráter específico e fora dela é um produto derivado. O conteúdo principal da atividade de estudo está na assimilação dos procedimentos generalizados das ações. Com a assimilação é possível a conversão entre material-objetal para mental-objetal, do concreto como objeto externo para a modelagem do objeto produzido mentalmente.

A atividade pedagógica forma uma unidade entre atividade de estudo e atividade de ensino, não há uma sem a outra, e como resultado dessa dualidade está a formação da omnilateralidade. A educação é a ferramenta que tem a possibilidade de atuar na mudança das práticas iniciais dos indivíduos que formam a sociedade, sem ela não há consciência da realidade nem possibilidade de mudança.

4 CONCLUSÃO

A escola possui papel fundamental na vida de cada criança, e as transformações e descobertas vivenciadas por ela proporcionam aprendizado dividido com os colegas e somado com o docente. A passagem de uma etapa de atividade para outra precisa ser mediada pelo adulto, que acompanha e compreende qual a melhor maneira de atuar na formação psíquica dos estudantes.

A atividade de brincar é de suma importância para o desenvolvimento das funções elementares para superiores, se o decorrer adequado desse desenvolvimento não for possível, a atividade de estudo não será efetiva para o estudante. As habilidades são progressivas, dependem de fatores anteriores para uma nova evolução, e assim, para servirem de base para outra.

A formação omnilateral do sujeito apenas será possível quando o ambiente escolar estiver preparado para ela, a condução do ensino precisa de planejamento pelo docente que, por meio de sua intervenção, proporciona o despertar da criatividade e a liberdade de escolhas dos estudantes, formando um espaço de liberdade sem qualquer tipo de opressão.

A atividade de estudo realizada na escola busca formar no estudante o mesmo que o cientista fez para produzir o conceito. Por meio da mediação as características que não são vistas no primeiro olhar aparecem com a elaboração feita pelo professor. Assim, a abordagem teórica realizada por ele conduzirá o processo educacional. Não há apenas uma forma de chegar à essência das coisas, este é o ponto chave, métodos e técnicas apropriados proporcionam melhor rendimento das atividades de estudos, as quais que não devem ser simplesmente passadas de forma pronta, mas que desamarrem o pensamento para a resolução ou cumprimento da tarefa pedagógica; o estudante, nesse ponto, vai usar o conhecimento adquirido para finalizar a tarefa.

A teoria histórico-cultural estreita a relação entre a cultura e a formação do sujeito, não há aprendizado fora das relações, a experiência com o concreto proporciona aprendizado, e compartilhar com o outro multiplica a possibilidade de adquirir conhecimento.

REFERÊNCIAS

DAVIDOV, V. La actividad de estudio en la edad escolar inicial. In: DAVIDOV, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**. Moscou: Editorial Progreso, 1988.

DAVIDOV, V. **La Psicología Evolutiva y Pedagogia em la URSS – Antologia**. Moscú: Editorial Progreso, 1987.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, abr. 2008.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

EIXO 4

AS DIRETIVAS ANTECIPADAS DA VONTADE E O DIREITO FUNDAMENTAL DE MORRER COM DIGNIDADE

Gracieli Baumgarten Bauer

As Diretivas Antecipadas da Vontade correspondem a um documento no qual o indivíduo pode, de forma espontânea, manifestar a sua vontade acerca dos tratamentos e intervenções que deseja receber quando estiver impossibilitado para se comunicar em caso de enfermidade. Trata-se de um instituto de origem norte-americana, que tem como objetivo defender os interesses individuais de cada pessoa quando estiver na condição de paciente, sendo, portanto, a forma de manifestar a sua vontade sobre os tratamentos e os cuidados gerais que deseja, bem como os procedimentos aos quais não queira ser submetido no momento que não puder mais se manifestar de forma autônoma. A importância do tema é fundamentada no consentimento voluntário do paciente, considerado essencial e absoluto quando houver a necessidade de submetê-lo a qualquer intervenção medicinal. A preocupação maior gira em torno das evoluções tecnológicas, que permitem ao médico operar com certo grau de superioridade sobre os tratamentos de saúde, assim, aquele que está na qualidade de paciente, por muitas vezes, não consegue exercer a sua autonomia. A natureza das Diretivas é classificada como um negócio jurídico unilateral, no qual os princípios da autonomia privada e da dignidade da pessoa humana são considerados um dos principais argumentos para fundamentar e convalidar essa prática no Brasil, considerando que eles estão positivados na Constituição brasileira, inseridos no rol de Direitos Fundamentais. Assim, por meio da autonomia privada, é concedido ao ser humano o direito de autogovernar os próprios interesses. Todo paciente que está acometido a uma doença grave acaba sendo ferido na sua integridade física em decorrência dos sintomas, ferimentos ou desfigurações com perdas significativas que afetam a vida do enfermo principalmente no aumento da carga emocional. As Diretivas devem estabelecer de forma antecipada os limites entre o médico e o paciente, conseqüentemente aceitos pelo respectivo profissional, que, por sua vez, tem a liberdade de aceitar ou não o paciente. Defende-se intensamente a garantia do direito à vida, entretanto, discute-se a qualidade e a dignidade em razão de pacientes que se mantêm vivos apenas porque estão se mantendo por aparelhos de forma mecânica. Desse modo, o paciente, de forma autônoma, por meio das diretivas, tem a liberdade de escolha perante um diagnóstico de terminalidade, avaliando também as suas conseqüências a partir dos esclarecimentos prestados pelo profissional.

gracielibauer@yahoo.com.br

AS PERCEPÇÕES DE CASAIS ADOTANTES ACERCA DA ADOÇÃO TARDIA

Jussara Consoladora Colle
Juliano Correa da Silva

A adoção tardia é ainda um tema polêmico, o qual para os casais adotantes pode significar um desafio de complexidade maior. Nesse cenário, a adoção em geral surge como alternativa para a realização do desejo da parentalidade. Nesta pesquisa objetivou-se conhecer quais percepções são predominantes no imaginário de casais adotantes acerca da adoção tardia. Dessa forma, buscou-se evidenciar as razões que levaram os casais à decisão pela adoção, os fatores relevantes que influenciaram na escolha do perfil da criança, qual a compreensão de adoção tardia e a percepção destes quanto ao acompanhamento psicológico. Participaram quatro casais habilitados, sendo dois adotantes precoces, e dois casais adotantes tardios, que estão no Cadastro Único Informatizado de Adoção e Abrigo (CUIDA). Os entrevistados não possuem filhos em razão da infertilidade, sendo essa a motivação para a adoção. A metodologia desenvolvida teve enfoque qualitativo, a coleta de dados foi conduzida por meio de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, as quais foram gravadas e transcritas para posterior análise de dados mediante análise de conteúdo de Bardin. Os resultados da pesquisa confirmaram que a adoção tardia envolve preconceitos, inseguranças e preocupações. Os casais adotantes se referem à questão da continuidade, na busca de uma criança imaginária, idealizada, projetando nos filhos seus próprios desejos, o que pode não condizer com a realidade da criança que virá. Em decorrência do longo tempo de espera e do avanço da idade, os casais adotantes tardios possuem maior flexibilidade e consideram a possibilidade de mudança de perfil, enquanto os adotantes precoces são menos flexíveis. O que passa no imaginário dos adotantes é que a história de crianças menores se torna menos evidente, não estão moldadas pelas circunstâncias da vida anterior. Todavia, a tendência a idealizações condiciona os adotantes a não pensarem no filho real que virá. Em nenhum momento os entrevistados fizeram referência à adoção como uma opção “pura”, estando a motivação sempre relacionada à impossibilidade de gerar filhos biológicos. Os postulantes à adoção identificaram, ainda, a importância de apoio psicológico durante o processo adotivo.

Palavras-chave: Adoção tardia. Casais adotantes. Infertilidade.

jussaracolle@hotmail.com
correajuliano@hotmail.com

O ADOLESCENTE CONFLITANTE DIANTE DA LEI COMO FIGURA DE AUTORIDADE

Bruna De Rocco Guimarães
Karol Elli Fehn
Cristiana Rezende Gonçalves Caneda

O sujeito, quando transita da infância para a adolescência, acredita ser capaz de possuir total independência, mas é barrado pelas figuras de autoridade de sua casa, ou seja, aqueles que exercem as funções parentais. Tal fato pode gerar rebeldia, raiva e até disputa. Alguns reflexos disso com figuras de autoridade iniciais podem ser observados na relação dos adolescentes com outras figuras de autoridade com quem precisam lidar no dia a dia. Este estudo trata-se de uma revisão ampliada de literatura por meio de livros e artigos científicos que citam alguns dos principais motivos pelos quais alguns jovens necessitam conflitar com a lei. O adolescente, na procura de reconhecimento, é culturalmente seduzido a se engajar por caminhos tortuosos nos quais, paradoxalmente, ele se marginaliza logo no momento em que viria a se integrar, pois o que lhe é proposto é tentar, ou melhor, forçar sua integração justamente se opondo às regras da sociedade. É nesse momento, então, que o adolescente pode entrar em conflito com seus pais e também com figuras de autoridade que representam o Estado. A adolescência, por suas próprias características, pode ser considerada uma fase do desenvolvimento de risco máximo para o desenvolvimento de problemas de externalização. As principais mudanças nos níveis de agressividade e violência ocorrem na adolescência. Quanto à etiologia da delinquência, do confronto do adolescente com a lei, há dois tipos distintos de causas. Existem aquelas em longo prazo, cujo efeito cumulativo somente pode ser compreendido com o passar dos anos, e aquelas em curto prazo, que aumentam a probabilidade de comportamentos violentos, especialmente para certos jovens (que já têm altos níveis de comportamento agressivo), e que atuam junto às de longo prazo. Buscando a compreensão de meninos que se tornam adolescentes agressivos e até violentos, é importante conhecer o que pensam e sentem os jovens sobre o mundo e sobre si mesmos, porque é sobre e com esse mundo interno que as influências ambientais exercem influência, levando à violência. Assim, percebe-se, com essa reflexão, que a família exerce um papel fundamental para o desenvolvimento ou não de comportamento delinquente no adolescente. Quando a família consegue desempenhar bem sua função de acolhimento e imposição de limites, ela reduz as chances de a criança se tornar um adolescente agressivo/violento. Os adolescentes costumam desafiar e por isso devem ser acolhidos com cuidado.

Palavras-chave: Adolescente. Autoridade. Conflito com a Lei.

karolfehn@gmail.com

O ATO DE PROFERIR MENTIRAS SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA

Vanessa Cristina Nascimento Coelho

Bruna Sangoi Schmitz

Matheus Rizzatti

Thamires Pereira Barbosa

Andrea de Fátima Machado da Silva

Silvio José Lemos Vasconcellos

A palavra mentir é sinônimo de uma falsificação quanto às informações transmitidas para outra pessoa ou para um grupo maior de pessoas. O engano que se faz possível por intermédio do ato de mentir relaciona-se à própria possibilidade de evitar que a verdade seja explicitada, (HIPPEL; TRIVERS, 2011). O presente artigo teve como objetivo apresentar uma revisão narrativa sobre o papel da mentira a partir dos principais estudos desenvolvidos na área da psicologia evolucionista. O artigo discorre sobre a filogênese e a ontogênese da capacidade de mentir, discutindo os mecanismos que viabilizam a ocorrência da mentira na espécie humana. Foi realizada uma revisão narrativa da literatura, utilizando-se descritores relacionados à psicologia evolucionista, mentira, enganação e evolução. A partir da revisão narrativa realizada, pode-se concluir que a ação de proferir mentiras é propagada por diferentes espécies. A mentira, nesse caso, muitas vezes, aparece como um recurso com o objetivo de garantir a subsistência animal e de seus descendentes, diferente dos seres humanos (*homo sapiens*), que utilizam a comunicação e seus recursos linguísticos para enganar uns aos outros. Nesse sentido, destaca-se que o ato de proferir mentiras é entendido como uma prática social, considerando que ele ocorre mediante mecanismos cognitivos desenvolvidos pela espécie *homo sapiens* e apresenta diferenças específicas; além disso, existe uma diferença entre gêneros no que diz respeito ao reconhecimento da enganação. Pode-se concluir neste estudo que não somente a espécie humana profere o ato de mentir, mas outros organismos conseguem ludibriar indivíduos pertencentes à própria espécie e gêneros de uma forma que seja adaptada às suas próprias necessidades. Portanto, o ato de proferir mentiras pode ser compreendido como um comportamento desenvolvido por diferentes espécies, com suas peculiaridades e em contextos diferentes. Dessa forma, destaca-se a importância do aprofundamento do tema na psicologia, a fim de subsidiar novas práticas no contexto judiciário, local onde a temática abordada é mais presente.

Palavras-chave: Psicologia evolucionista. Mentira. Enganação. Evolução.

Nessa.Coelho@hotmail.com

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DO AGRESSOR

Daniela Baldissera
Scheila Beatriz Sehnem

A violência abrange qualquer ato que envolva transgressão do direito da outra pessoa, impondo desejos no outro e empregando força física ou verbal. Ao longo da história da humanidade, uma das classes vítima desse processo, em razão de questões culturais, é a das mulheres. A violência contra a mulher é um fenômeno histórico que vem ocorrendo há milênios. Nos últimos anos, o tema tem tomado destaque na mídia, segurança e saúde pública. A violência compreendida contra a mulher em geral parte de um homem, na maioria das vezes parceiro íntimo da vítima e que um dia já foi assegurado por lei para agredir sua esposa. O sujeito que pratica a violência doméstica não fica mais impune e responde criminalmente por seus atos. Este estudo objetivou verificar qual olhar que o sujeito transgressor tem acerca de seus atos, estando em processo de investigação por violência doméstica em uma delegacia especializada da região Meio-Oeste de Santa Catarina. Os dados foram obtidos mediante a realização de uma entrevista semiestruturada e da aplicação do Teste de Personalidade Palográfico, na sua forma individual, com quatro sujeitos do sexo masculino, de um total de seis que prestaram depoimento após abertura de inquérito policial, de fevereiro a abril de 2017. A delegacia realiza a abertura de inquéritos policiais para investigação e apuração dos fatos, condicionados ou não à representação das vítimas, em seguida, os sujeitos são intimados a prestar depoimento. Encontrou-se grande dificuldade no comparecimento dos sujeitos à delegacia nos dias marcado. Verificou-se, a partir desta pesquisa, que os sujeitos em processo de investigação estão com restrição de aproximar-se da vítima, fazem e/ou fizeram uso de álcool e outras drogas, possuem filhos, trabalham, temem a penalização decorrente de seus comportamentos, estão divorciados, culpabilizam a vítima pelos fatos e não se arrependem de seus atos. Conclui-se, a partir dos dados analisados, que o estigma acerca do comportamento da mulher ainda é frequente e que os traços de personalidade dos sujeitos corroboram estruturas características de impulsividade e agressividade.

Palavras-chave: Violência contra mulher. Agressor. Percepção.

danielabaldissera3@gmail.com